



CAMINHOS DE SANGUE

DUSTLANDS: LIVRO 1

"Forte... Perfeito para os fãs de Jogos Vorazes."

Publisher Weekly

MOIRA YOUNG



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

SINOPSE

Saba passou a vida inteira na Lagoa da Prata, uma imensidão de terra desértica assolada por constantes tempestades de areia. O lugar não a incomoda, contanto que o irmão gêmeo, Lugh, esteja por perto. Quando, porém, uma gigantesca tempestade chega trazendo quatro cavaleiros de mantos negros em seu rastro, a vida que Saba conhece chega ao fim: Lugh é raptado e ela tem que embarcar em uma perigosa jornada para resgatá-lo. Repentinamente jogada na realidade selvagem e sem lei do mundo além da Lagoa da Prata, Saba não consegue pensar no que fazer sem Lugh para guiá-la. Por isso, talvez a maior surpresa seja o que descobre sobre si mesma: é uma lutadora incansável, uma sobrevivente feroz e uma oponente perspicaz. Com a ajuda de um audacioso e atraente fugitivo e de uma gangue de garotas revolucionárias, Saba se torna a protagonista de um confronto que vai mudar o destino de sua civilização. Com ritmo arrasador, ação constante e uma história de amor épica, Caminhos de Sangue é uma aventura grandiosa ambientada em um mundo futurista e violento.

Para meus pais e para Paul...

O Lugh nasceu primeiro. No solstício de inverno, quando o sol fica bem baixinho no céu.

Depois fui eu. Duas horas depois.

Isso já diz tudo.

O Lugh vai primeiro, sempre primeiro, e eu venho atrás.

E assim tá bem.

Assim tá certo.

É assim que tem que ser.

Porque tá tudo definido. Tá tudo determinado.

A vida de todo mundo que já nasceu.

A vida de todo mundo que ainda tá esperando pra nascer.

Tava tudo escrito nas estrelas no momento que o mundo começou. A hora de você nascer, a hora de você morrer. Até o tipo de pessoa que você vai ser, boa ou ruim.

Se você sabe ler as estrelas, pode ler a história da vida das pessoas. A história da sua própria vida. O que já passou, o que tá acontecendo agora e o que ainda tá por vir.

Quando o Pai era menino, ele conheceu um viajante, um homem que sabia um monte de coisa. Ele aprendeu o Pai a ler as estrelas. O Pai nunca fala o que vê no céu da noite, mas dá pra ver que ele sente isso muito forte.

Porque num dá pra mudar o que tá escrito.

Mesmo que o Pai fosse falar o que sabe, mesmo que ele fosse avisar pra você, ainda assim a coisa ia acontecer.

Eu vejo o jeito que ele olha pro Lugh às vezes. O jeito que ele olha pra mim.

E queria que ele dissesse pra gente o que ele sabe.

Acho que o Pai num queria ter conhecido aquele viajante.

Se você já viu a gente junto, nunca que ia dizer que eu e o Lugh temos o mesmo sangue.

Nunca que ia pensar que a gente cresceu junto no mesmo ventre.

Ele tem cabelo louro. O meu é preto.

Olho azul. Olho castanho.

Forte. Magrela.

Bonito. Feia.

Ele é a minha luz.

Eu sou a sombra dele.

O Lugh reluz que nem o sol.

Por isso que deve ter sido tão fácil acharem ele.

Só precisaram seguir a luz dele.

LAGOA DE PRATA

O dia tá quente. Tão quente e tão seco que só consigo sentir gosto de poeira. É o tipo de dia tão quente, mas tão quente, que parece que dá pra ouvir a terra rachar.

Num cai nem uma gotinha de chuva já faz quase uns seis meses. Até o riacho que desemboca na lagoa tá começano a secar. Agora a gente tem que andar um bocado pra encher um balde. Daqui a pouco num vai ter razão pra usar o nome dela.

Lagoa da Prata.

Todo dia o Pai tenta outra simpatia ou feitiço. E todo dia, nuvens grandes e barrigudas se juntam lá no horizonte. O coração da gente até bate mais depressa e a gente fica cheio de esperança quando elas vêm flutuano devagarzinho na nossa direção. Mas aí, muito antes de alcançarem a gente, elas se desfazem, se dissolvem e somem. Toda vez.

O Pai nunca fala nada. Ele só olha pro céu, o céu claro e terrível. Aí ele junta as pedras, os galhos ou o que tinha colocado no chão dessa vez e separa pra amanhã.

Hoje ele empurra o chapéu pra trás. Levanta a cabeça e fica um tempão estudano o céu.

— É, acho que vou tentar um círculo, — ele diz. — É, aposto que um círculo é a coisa certa.

O Lugh tem falado isso já faz um tempo. O Pai tá piorano. A cada dia seco que passa, parece que um pouco mais do Pai... Acho que desaparece é a melhor palavra.

Antigamente sempre dava pra pescar um peixe na lagoa ou pegar um bicho com as nossas armadilhas. Pro resto, a gente plantava um pouco, pilhava um tanto e, no fim das contas, conseguia se virar. Mas nesse último ano, por mais que a gente faça, por mais que a gente tente, num basta. Não sem chuva. A gente fica veno a terra morrer, um pouquinho de cada vez.

E com o Pai é igual. Um dia de cada vez, o que tem de melhor nele vai murchano. Sabe, ele já num tá bem faz tempo. Desde que a Mãe morreu. Mas o Lugh tá certo. Que nem a terra, o Pai tá ficano pior e os olhos dele observam cada vez mais o céu em vez de enxergar o que tá aqui na frente dele.

Acho que ele nem vê mais a gente. Não pra valer.

Hoje em dia, a Emmi corre solta por aí, com o cabelo imundo e o nariz escorrenho. Se num fosse pelo Lugh, acho que nem banho ela tomava.

Antes de a Emmi nascer, quando a Mãe ainda tava viva e tudo era feliz, o Pai era diferente. A Mãe sempre conseguia fazer ele rir. Ele corria atrás de mim e do Lugh, ou então jogava a gente pro alto até a gente gritar pra ele parar. E ele contava pra gente como o mundo pra além da Lagoa da Prata era mau. Naquela época, eu achava que nunca tinha existido ninguém mais alto nem mais forte nem mais inteligente que o nosso Pai.

Fico veno ele pelo canto do olho enquanto eu e o Lugh consertamos o telhado do barraco. As paredes até que são resistentes, porque são de pneus, tudo empilhado um no outro. Mas aqueles ventos quentes do diabo que batem na lagoa se enfiam pelas menores frestas e levantam pedações do telhado duma vez só. A gente tá sempre consertano o troço.

Então, depois do vento quente de ontem de noite, eu tava com o Lugh no lixão assim que o sol nasceu procurano coisa. A gente cavou numa parte que nunca tinha tentado antes, e vou contar que a gente conseguiu arranjar umas tralhas de primeira dos Devastadores. Uma bela folhona de metal, não muito enferrujada, e uma panela ainda com o cabo.

O Lugh trabalha no telhado enquanto eu faço o de sempre, que é subir e descer a escada e passar o que ele precisar.

O Nero faz o de sempre, que é se empoleirar no meu ombro e gritar bem alto no meu ouvido, pra me dizer o que ele tá pensano. Ele sempre tem uma opinião, o Nero, e ele é muito esperto mesmo. Eu acho que se a gente entendesse a língua dos corvos a gente ia descobrir que ele tava dizeno uma ou duas coisas sobre o melhor jeito de consertar um telhado.

Ele já pensou nisso, pode apostar. Já tem cinco anos que ele fica veno a gente consertar o troço. Desde quando caiu do ninho e eu achei ele sem mãe nenhuma por perto. O Pai num gostou nem um pouquinho de me ver trazeno um filhote de corvo pra casa. Ele me disse que tem gente que acha que corvo traz morte, mas eu tava decidida a cuidar dele, e se eu boto uma coisa na cabeça ninguém tira.

E tem a Emmi. Ela tá fazeno o de sempre, que é me infernizar e infernizar o Lugh. Ela fica no meu calcanhar enquanto eu vou e volto da escada até a pilha de lixo.

— Eu quero ajudar, — ela fala.

— Então segura à escada, — digo.

— Não! Eu quero ajudar de verdade! Toda vez você só me deixa segurar a escada!

— Bom, — falo — Vai ver que é porque você só serve pra isso. Já parou pra pensar nisso?

Ela cruza os braços no peito magricelo e faz cara feia pra mim.

— Você é má, — ela fala.

— Você sempre diz isso, — respondo.

Eu começo a subir a escada, com um pedaço de metal enferrujado na mão, mas só subo três degraus e ela pega a escada e começa a sacudir. Eu me agarro pra num cair. Nero reclama e sai voano, soltano pena pra todo lado. Olho feio pra Em.

— Para com isso! — grito — Tá tentano fazer o quê, quebrar meu pescoço? A cabeça do Lugh aparece de cima do telhado. — Tudo bem, Em, — ele fala — Agora já chega. Vai ajudar o Pai.

Na mesma hora ela solta a escada. A Emmi sempre faz o que o Lugh manda.

— Mas eu quero ajudar vocês, — ela fala com a cara amarrada.

— A gente num precisa da sua ajuda, — falo — A gente tá ino muito bem sem você.

— Você é a irmã mais horrível que já existi! Eu odeio você, Saba!

— Que bom! Porque eu odeio você também!

— Chega! — Lugh fala. — Vocês duas!

A Emmi põe a língua pra fora e sai pisano duro. Eu subo até o telhado, me arrasto e entrego a folha de metal pra ele.

— Juro que mato ela um dia desses — digo.

— Ela só tem nove anos, Saba, — Lugh diz. — Você bem que podia tentar ser boazinha com ela de vez em quando.

Eu resmungo e fico agachada perto dele. Aqui de cima do telhado consigo ver tudo. A Emmi andano na bicicleta destrambelhada que o Lugh encontrou no lixão. O Pai no círculo de feitiçaria dele.

O círculo é só um pedacinho do terreno que ele nivelou pisano no chão com as botas. A gente num tem permissão pra chegar perto, só se ele deixar. Ele tá sempre mexeno por ali, varreno pra tirar os gravetos ou a areia que soprar ali dentro. Ele ainda num espalhou nenhum dos gravetos no círculo da chuva dele. Eu fico olhando ele colocar a vassoura de lado. Então ele dá três passos pra direita e três pra esquerda. Então faz tudo de novo. E de novo.

— Você viu o que o Pai tá fazendo? — pergunto pro Lugh.

Ele num levanta a cabeça. Só começa a martelar a folha pra endireitar ela.

— Eu vi, — ele diz. — Ele fez isso ontem também. E anteontem.

— E pra que isso? — pergunto. — Vai pra direita, pra esquerda, sem parar.

— E eu vou saber? — ele responde.

Os lábios dele tão bastante apertados e ele tá com aquela cara de novo. O olhar vazio que aparece quando o Pai diz alguma coisa ou pede pra ele fazer alguma coisa. Eu vejo isso nele cada vez mais hoje em dia.

— Lugh! — O Pai levanta a cabeça, protege os olhos. — Preciso da sua ajuda aqui, filho!

— Velho idiota, — Lugh resmunga. Ele dá uma martelada bem forte na folha de metal.

— Num fala assim, — digo. — O Pai sabe o que faz. Ele lê as estrelas.

O Lugh olha pra mim. Balança a cabeça como se num acreditasse no que eu acabei de falar.

— Você ainda num entendeu, não? Isso é coisa da cabeça dele. Tudo inventado. Num tem nada escrito nas estrelas. Num tem grande plano nenhum. O mundosegue em frente. A gente vai viver a vida nesse fim de mundo. E só. Até agente morrer. Eu tô falando, Saba, já aturei tudo o que podia.

Eu fico olhando pra ele.

— Lugh! — Pai berra.

— Tô ocupado! — Lugh berra de volta.

— Agora, filho!

O Lugh solta um palavrão baixinho. Ele joga o martelo lá embaixo, me empurra pra fora do caminho e desce a escada quase correnho. Ele vai rápido até o Pai, pega os gravetos dele e joga tudo no chão. Eles se espalham pelo círculo todo.

— Pronto! — grita o Lugh. — Tá aí! Isso deve ajudar! Isso deve fazer esse diabo de chuva chegar! — Ele chuta o círculo de feitiço que o Pai tinha acabado de varrer até a poeira levantar. Mete o dedo com força no peito do Pai. — Acorda velho! Você tá vivo num sonho! A chuva nunca vai vir! Esse buraco dos infernos tá morrenho e a gente vai morrer também se ficar aqui. Então adivinha só? Num vou mais aguentar isso! Vou embora!

— Eu sabia que isso ia acontecer, — o Pai fala. — As estrelas disseram que você tava infeliz, filho. — Ele põe a mão no braço do Lugh, mas ele dá um safanão nele com tanta força que o Pai cambaleia pra trás.

— Você é doido, sabia? — Lugh grita bem na cara dele. — As estrelas disseram?! Por que você num tenta simplesmente escutar o que eu digo pelo menos uma vez?

Ele sai correnho. Eu desço a escada rápido. O Pai fica olhando pro chão, com os ombros caídos.

— Num enteno, — ele diz. — Eu vejo a chuva chegando... Eu leio isso nas estrelas, mas... Ela num vem. Por que ela num vem?

— Tudo bem, Pai, — Emmi fala. — Eu ajudo você. Eu coloco eles onde você quiser.

Ela ajoelha e começa a catar todos os gravetos. Fica olhando pro Pai com um sorriso ansioso.

— O Lugh num quis dizer aquilo, Pai, — ela diz. — Eu sei que não.

Eu passo direto por eles.

Eu sei pra onde o Lugh foi.

Eu encontro ele no jardim de pedra da Mãe.

Ela tá sentado no chão, no meio dos desenhos em espiral, os quadrados e círculos e caminhozinhos feitos de tudo quanto é tipo de pedra, cada uma duma cor e dum tamanho. Cada pedrinha foi posta ali pelas mãos da Mãe. Ela num deixava ninguém ajudar.

Ela colocou a última pedra cuidadosamente no lugar. Sentou nos calcanhares e sorriu pra mim, passano a mão no barrigão inchado com bebê dentro. O cabelo comprido dourado tava numa trança sobre o ombro.

— Pronto! Viu Saba? A beleza pode existir em qualquer lugar. Até mesmo aqui. E se num estiver lá, você mesma pode criar.

No dia seguinte, a Emmi nasceu. Um mês antes do normal. A Mãe sangrou durante dois dias e aí morreu. A gente construiu uma pira funerária bem alta e mandou o espírito dela de volta pras estrelas. Depois que a gente espalhou as cinzas dela pros ventos, tudo o que restou foi a Em.

Um tiquinho de gente, feia e vermelha, com um coraçãozinho que batia fraco como um sussurro. Tava mais pra ratinho recém-nascido que pruma pessoa. Ela num devia ter durado mais que um ou dois dias. Mas de algum jeito ela aguentou e ainda tá aqui. Mas é pequena pra idade, mirradinha.

Por muito tempo, eu num conseguia nem olhar pra ela. Quando o Lugh fala que eu devia ser boazinha com ela, respondo que, se num fosse pela Emmi, a Mãe ainda tava aqui com a gente. Pra isso ele nunca tem resposta, porque sabe que é verdade, mas sempre balança a cabeça e diz alguma coisa tipo: Tá na hora de você superar isso, Saba, e essas coisas.

Eu suporto a Emmi hoje em dia, mas num passa disso.

Agora sento na terra dura e apoio as costas nas do Lugh. Eu gosto de quando a gente senta assim. Consigo sentir a voz dele trovoano dentro do meu corpo sempre que ele fala. Deve de ter sido assim que a gente ficou junto dentro da barriga da Mãe. Só que nenhum dos dois sabia falar na época, é claro.

A gente fica ali sentado um pouco, sem falar nada.

A gente já devia ter ido embora faz muito tempo, ele fala. — Tem que ter lugar melhor que esse aqui. O Pai devia ter levado a gente embora.

— Você num vai embora de verdade, — falo.

— Não? Num tenho motivo pra ficar. Num posso ficar aqui sentado à toa, esperano pra morrer.

— Pra onde você iria?

— Num importa. Pra qualquer lugar, desde que num seja Lagoa da Prata. — Mas você num pode. É perigoso demais.

— Isso foi o Pai que falou. Você sabe que a vida inteira a gente nunca foi pra lugar nenhum que seja mais de um dia de caminhada em qualquer direção. A gente nunca vê ninguém além da gente.

— Isso num é verdade, — falo. — E aquela maluca dos remédios montada num camelo no ano passado? E... A gente vê o Pete das Panelas. Ele sempre tem uma ou outra história sobre onde ele foi ou quem ele viu.

— Num tô falano de nenhum vendedor ladrão que para aqui a cada dois meses, — ele diz. — Aliás, eu ainda tô ardido por causa daquelas calças que ele tentou empurrar pra cima de mim da última vez.

— Elas tavam fedidas mesmo, — falo. — Como se um gambá tivesse usado antes. Ah, você esqueceu o Procter.

Nosso único vizinho fica a quatro léguas a norte daqui. Ele é solitário e se chama Procter John. Ele se assentou bem na época que o Lugh e eu nascemos. Aparece por aqui mais ou menos uma vez por mês. Não que ele chegue a parar, sabe. Ele nem desce do cavalo, o Hob. Só chega perto da cabana e aí diz a mesma coisa, toda vez:

— *Dia, Willem. Como tão os pequenos? Tudo bem?*

— Tão bem, Procter, — o Pai fala. — E você?

— *Bem o suficiente pra aguentar um pouco mais.*

Aí ele faz um cumprimento com o chapéu e a gente fica mais um mês sem ver ele. O Pai num gosta dele. Ele nunca disse isso, mas dá pra saber. Em vez de ficar contente por ter alguém pra conversar além da gente, o Pai nunca convida o Procter pra ficar e beber alguma coisa.

O Lugh fala que é por causa do chaal. A gente só sabe que o nome é esse porque uma vez perguntei pro Pai o que o Procter tava sempre mastigano, e o Pai fez a

maior cara feia e foi como se ele num quisesse contar. Mas aí ele disse que aquilo era chaaal e que era veneno pra mente e pra alma, e que se alguém algum dia oferecesse pra gente era pra dizer não. Mas como a gente nunca vê ninguém, essa oferta num parece muito provável. Agora o Lugh balança a cabeça.

— O Procter John num conta, — ele fala. — O Nero fala mais do que ele. Eu juro Saba, se continuar aqui, ou vou ficar maluco ou vou acabar matano o Pai. Eu tenho que ir embora.

Eu levanto toda atrapalhada e ajoelho na frente dele. — Eu vou com você, — falo.

— É claro, — ele fala. — E a gente vai levar a Emmi junto.

— Acho que o Pai num vai deixar a gente fazer isso, — falo. — E ela num vai querer ir mesmo. Ela prefere ficar com ele.

— Você quer dizer que você prefere que ela fique, — ele responde. — A gente tem que levar ela junto, Saba. A gente num pode deixar ela pra trás.

— E se... Talvez, se você falasse com o Pai, ele pudesse criar juízo, — falo. — Aí a gente podia ir todo mundo junto prum lugar novo.

— Ele num vai, — Lugh diz. — Ele num vai deixar a Mãe. — Como assim? — falo. — A Mãe morreu.

— É que... — Lugh fala, — Ele e a Mãe fizeram esse lugar juntos, e, na cabeça dele, ela ainda tá aqui. Ele num pode deixar a memória dela, é disso que eu tô falano. Mas é a gente que ainda tá vivo, digo. Você e eu.

— E a Emmi, — ele fala. — Eu sei. Mas você sabe como ele tá. É como se a gente num existisse. Ele num dá a mínima pra gente.

O Lugh pensa por um minuto. Então diz, — O amor faz você ficar fraco. Quando você se importa com alguém tanto assim, você num consegue pensar direito. Olha o Pai. Quem é que quer acabar assim que nem ele? Eu nunca vou amar ninguém. É melhor assim.

Num digo nada. Só fico fazendo círculos na terra com o dedo. Sinto um nó nas tripas. Como se uma mão malvada se enfiasse bem dentro de mim e apertasse.

Aí pergunto, — E eu?

— Você é minha irmã, — ele diz. — Num é a mesma coisa.

— Mas e se eu morresse? Você ia sentir a minha falta, num ia?

— Hmm, — ele resmunga. — Até parece que você ia morrer e me deixar em paz. Sempre me seguino pra tudo quanto é lado, me deixano maluco. Desde o dia que a gente nasceu.

— Num é culpa minha se você é a coisa mais alta por aqui, — falo. — Você faz uma sombra boa.

— Ei! — Lugh responde. Ele me empurra, e caio de costas.

Eu empurro de volta com os pés.

— Ei você! — falo. Eu me apoio nos cotovelos. E aí, digo. — Você ia?

— O quê? Sentir minha falta.

— Num seja idiota, ele diz.

Eu ajoelho na frente dele. Ele olha pra mim. O Lugh tem os olhos tão azuis quanto o céu do verão. Azuis como a água mais limpa do mundo. A Mãe costumava dizer que os olhos dele eram tão azuis que ela sentia vontade de navegar neles.

— Eu ia sentir sua falta, — digo. — Se você morresse, eu ia sentir tanto sua faltaque ia querer me matar.

— Num fala besteira, Saba.

— Promete que você num vai, — digo.

— Num vou o quê? Morrer.

— Todo mundo morre um dia, — ele diz.

Eu estico a mão e toco a tatuagem de lua do nosso nascimento. Bem no alto da maçã direita do rosto dele, igualzinha à minha, mostra como a lua tava no céu na noite em que a gente nasceu. Ela tava cheia naquele solstício de inverno. Isso é raro. Mas gêmeos nasceno numa lua cheia na virada do ano, isso é ainda mais raro. Foi o Pai mesmo que fez as tatuagens, pra marcar que a gente era especial. Nosso último aniversário foi de dezoito anos. Isso deve ter sido uns quatro meses atrás, mais ou menos.

— Quando a gente morrer, — falo — Você acha que vamos acabar virano

estrela junto, uma do lado da outra?

— Você tem que parar de pensar essas coisas, — ele diz. — Eu já falei, isso é maluquice do Pai.

— Então tá, se você sabe tanto, o que acontece quando a gente morre?

— Eu num sei. — Ele dá um suspiro e cai de novo no chão, espremendo os olhos pra encarar o céu. — Você só... Para. Seu coração num bate mais, você num respira e aí você... Foi.

— E pronto, falo.

— É.

— Mas isso é idiota, falo. Quer dizer, a gente passa a vida fazendo isso tudo... Dormino e comeno e consertano o telhado e aí tudo... Acaba? Num parece que vale muito a pena.

— Bom, é assim, — ele fala.

— Você... Ei, Lugh, você num iria embora sem mim, iria?

— É claro que não, — ele fala. — Mas, mesmo que eu fosse, você ia vir atrás de mim mesmo.

— Eu vou atrás de você... Pra onde quer que você vá! — Quando eu falo isso, faço uma cara de maluca, com os olhos arregalados, porque ele fica assustado sempre que faço isso. — Até o fundo da lagoa, falo, até o fim do mundo... Até a lua... Até as estrelas...!

— Cala a boca! — Ele levanta com um pulo. — Aposto que você num vem atrás de mim pra jogar pedra na lagoa, — ele diz e sai correndo.

— Ei! — grito. — Me espera!

A gente corre um tempão no leito seco da lagoa até achar água suficiente pra fazer a pedra quicar. Passa pelo esquite que eu e o Lugh construímos com a

ajuda do Pai quando a gente era pequeno. Agora ele tá ali, parado e seco, onde a linha da margem ficava.

A gente anda até perder o barraco, o Pai e a Emmi de vista. O sol do meio-dia tá forte, então enrolo minha shima na cabeça pra num me queimar demais. Eu queria ter puxado à Mãe, que nem o Lugh, mas eu puxei o Pai. É estranho, mas, mesmo com o cabelo preto, nossa pele queima se a gente num se cobrir.

O Lugh nunca usa shima. Diz que se sente preso com ela, e de qualquer maneira ele num se incomoda nem um pouquinho com o sol. Num é como eu. Quando eu falo que vai ser bem-feito se ele cair morto de insolação um dia, ele fala, — Bom, se isso acontecer, você pode dizer que avisou. — E eu vou fazer isso mesmo.

Logo de cara eu acho uma pedra muito boa. Esfrego os dedos e sinto que é lisinha. Sinto o peso dela.

— Achei uma boa aqui, — falo.

O Lugh fica procurano uma pra ele. Enquanto isso, eu vou dum lado pro outro plantano bananeira. É a única coisa que eu consigo fazer e ele não. Ele finge que num liga, mas eu sei que isso num é verdade.

— Você fica engraçado de cabeça pra baixo, — falo.

O cabelo dourado dele brilha no sol. O Lugh deixa ele amarrado pra trás numa trança que vai quase até a cintura. Eu prendo o meu igual, só que ele é preto que nem as penas do Nero.

O colar do Lugh reflete um pouco de luz. Eu que achei o anelzinho brilhante de vidro verde no lixão e amarrei numa tira de couro. Dei pra ele no nosso aniversário de dezoito anos, e ele nunca mais tirou.

O que ele me deu? Nada. Como sempre.

— Ei, eu achei uma boa, — ele grita.

Eu vou correno pra olhar.

— Num é melhor que a minha, — falo.

— Vai quicar oito hoje, — ele fala. — Tô sentino.

— Vai sonhano. Eu vou chegar a sete.

Giro o braço e faço a pedra raspar na água. Ela pula uma, duas, três vezes. Quatro, cinco, seis...

— Sete! — falo. — Sete! Viu?

Nem consigo acreditar. Nunca tinha feito mais de cinco antes.

— Desculpa, — o Lugh fala. — Eu num tava olhando. Acho que você vai ter que fazer de novo.

— O quê! Meu melhor lançamento e você num... Seu peste! Você viu, sim! Você tá é louco de inveja. — Eu cruzo os braços. — Vai. Vamos ver você fazer oito. Aposto que num consegue.

Ele faz sete. Ai eu faço os meus cinco de sempre. Ele tá girando o braço pra outra tentativa quando, do nada, Nero aparece voando direto pra cima da gente, grasnando feito louco.

— Pássaro maluco, — o Lugh diz, — Me fez perder a pedra. Ele ajoelha pra procurar.

— Sai! — falo, agitando as mãos pro Nero. — Xô, menino mau! Vai encontrar outro pra...

Uma nuvem de poeira surge no horizonte. Uma montanha gorda de poeira cor de laranja. Ela é tão grande que parece que encosta no sol. Tá vindo bem depressa. Direto na nossa direção.

— Ahn... Lugh, — falo.

Deve ter alguma coisa na minha voz. Ele levanta a cabeça como um raio. Deixa cair a pedra que tava segurando. E fica de pé devagar.

— Droga! — ele fala.

A gente fica ali parado. Parado e olhando. Aqui a gente tem todo tipo de clima. Corrente de ar quente, ciclone de incêndio, tornado, e uma ou duas vezes a gente teve até neve no meio do verão. Então eu já vi muita tempestade de poeira. Mas nunca igual a essa aí.

— Aquela nuvem é pra lá de grande, — falo.

— É melhor a gente sair daqui, — o Lugh fala.

A gente começa a recuar devagar, ainda olhano.

— Corre Saba! — o Lugh grita.

Ele agarra minha mão, me puxano até meus pés se mexerem, e aí a gente corre. Corre pra casa, rápido que nem cão lobo caçano.

Olho pra trás e levo um susto. A nuvem de poeira tá no meio do lago.

Nunca vi nenhuma nuvem se mover tão rápido. A gente tem um minuto, no máximo dois, antes dela alcançar a gente.

— Num vamos conseguir fugir dela! — grito pro Lugh. — Tá vindo muito rápido!

O barraco aparece e a gente começa a gritar e balançar os braços.

Emmi ainda tá andano de bicicleta.

— Pai! — a gente grita. — Pai! Emmi! Tempestade de poeira!

O Pai aparece na porta e protege os olhos com a mão. Então ele corre na direção da Emmi, agarra ela e dispara pro abrigo subterrâneo.

O abrigo fica a menos de cinquenta passos do barraco. Ele levanta a porta de madeira armada no chão e larga a Emmi lá dentro. Depois ele acena pra gente, frenético.

Olho pra trás. Perco o fôlego. A grande montanha de poeira laranja vem rugindo pra cima da gente. Como uma fera cheia de fome, engolino o chão por onde passa.

— Mais rápido, Saba! — o Lugh grita. Ele arranca a camisa e começa a enrolar no rosto.

— Nero! — falo. — Paro e olho em volta. — Cadê o Nero?

— A gente num tem tempo pra isso!

O Lugh agarra meu pulso e me puxa.

O Pai grita alguma coisa que num escuto. Ele entra no abrigo e fecha a porta.

— Num posso deixar ele aqui fora! — Eu me solto do Lugh com um puxão. — Nero! — grito. — Nero!

— É tarde demais! — o Lugh fala. — Ele vai se salvar sozinho! Bora!

Uma forquilha de relâmpago dispara do céu e cai com um estalo enorme e um chiado.

Um, dois, três...

Um trovão mal-humorado ronca.

— Tá muito perto! — o Lugh fala.

Tudo fica escuro. A nuvem tá em cima da gente. Num consigo ver nada. — Lugh! — grito.

— Segura firme! — ele grita. — Num solta!

Então sinto minha pele formigano. Perco o fôlego. Lugh deve ter sentido também, porque solta a minha mão como se tivesse sido escaldado.

— Tá vino um raio! — ele grita. — Abaixa!

A gente agacha, um pouco afastados. E fica encolhido o mais rente possível do chão. Meu coração tá quase saindo pela boca.

— Mais uma vez, Saba. Se o raio pegar você do lado de fora, o que é que você faz?

— *Eu agacho, cabeça baixa, pés juntos, mãos nos joelhos. Num deixo nem as mãos nem os joelhos tocarem o chão. É isso mesmo, num é, Pai?*

— *E nunca deite. Num se esquece disso, Saba, nunca deite.*

Eu ouço a voz do Pai alta e clara na minha cabeça. Ele foi atingido por um raio quando era menino. Quase morreu porque num sabia qual era a coisa certa a fazer, então fez questão de que a gente soubesse bem o que...

Crec! A escuridão se rasga com um clarão intenso e uma explosão enorme. Eu saio voano. Bato a cabeça no chão... Com força. Tento levantar mas caio de novo. Tonta. Minha cabeça fica rodano e rodano. Solto um gemido.

— Saba! — o Lugh grita. — Você tá bem? — Outro clarão e outra explosão rasgam o escuro. Eu acho que tão se afastano da gente, mas num dá pra ter certeza de tanto que a minha cabeça tá rodano. Meus ouvidos apitam. — Saba! — o Lugh grita. — Cadê você?

— Aqui! — grito, minha voz fininha e trêmula. — Eu tô aqui!

E então o Lugh aparece, ajoelha do meu lado e me ajuda a sentar.

— Você tá machucada? — ele pergunta. — Tá tudo bem? — Ele passa o braço pela minha cintura e me ajuda a levantar. Minhas pernas tão molengas. — Ele acertou você?

— Eu... Ahn... O raio... Me derrubou, só isso, — falo.

Então, com a gente parado ali, a escuridão vai embora.

E a gente vê que o mundo ficou vermelho.

Vermelho-vivo que nem o coração duma fogueira. Tudo. O chão, o céu, o barraco, eu, o Lugh — tudo vermelho. Uma poeira vermelha fina enche o ar, gruda em cada coisinha. Um mundo vermelho, vermelho. Nunca antes eu vi nada assim. Eu e o Lugh olhamos um pro outro.

— Parece o fim do mundo, — falo. Minha voz sai abafada, como se tivesse falano debaixo dum cobertor.

E aí, de dentro daquela névoa de poeira vermelha, os cavaleiros aparecem.

São cinco. Montano mustangues grandes e peludos.

Mesmo numa época normal a gente num vê ninguém passano pela Lagoa da Prata, então é um choque quando estranhos aparecem logo depois da pior tempestade de poeira em anos. Os cavaleiros param perto do barraco. Num desmontam. A gente vai até eles.

— Deixa que eu falo, — o Lugh diz.

Quatro deles usam manto preto comprido com colete de couro pesado fechado com cinta por cima, e shima enrolada na cabeça. Eles tão cobertos de terra vermelha da cabeça aos pés. Quando a gente se aproxima, vejo que o quinto homem é o nosso vizinho, Procter John. Ele tá no cavalo dele, o Hob.

A gente chega mais perto e o Lugh fala alto, — Dia estranho pra dar um passeio, né, Procter John?

Ninguém diz nada. As shimas cobrem o rosto dos cavaleiros de um jeito que a gente num consegue ver a expressão deles.

Agora a gente tá bem na frente deles.

— Procter, — o Lugh diz, fazem um cumprimento com a cabeça. — Quem são os seus amigos?

Procter continua sem falar nada. Só fica olhando pras próprias mãos, que tão segurando as rédeas.

— Olha, — sussurro pro Lugh. — Tem sangue escorrendo por baixo do chapéu do Procter John, descendo pelo rosto dele.

— O que tá acontecendo aqui? — o Lugh pergunta. — Procter? — Pela voz dele, eu sei que ele acha que tem alguma coisa errada nisso tudo. Eu também acho. Meu coração começa a bater mais rápido.

— Esse é ele? — um dos homens pergunta pro Procter John. — O Menino de Ouro aí? Foi ele que nasceu no solstício de inverno?

O Procter John continua olhando pras mãos. Ele balança a cabeça.

— É ele sim, — diz baixinho.

— Quantos anos você tem, garoto? — o homem pergunta pro Lugh.

— Dezoito, — ele responde. — Por que é que você quer saber?

— E você nasceu mesmo no solstício de inverno?

— Foi. Escuta, pra que tudo isso?

— Eu falei que ele é o garoto certo, — o Procter John diz. — Eu sabia. Fiquei de olho nele esse tempo todo, como vocês tinham mandado. Posso ir agora?

O homem faz que sim com a cabeça.

— Desculpa Lugh, — o Procter John diz, ainda sem olhar pra gente. — Eles num me deram escolha.

Ele esporeia o Hob e vira pra ir embora. O outro homem tira uma garrucha de

dentro do manto. Eu sei que ele deve tá se movendo rápido, mas tudo parece acontecer muito devagar. Ele aperta o gatilho e atira no Procter. O Hob se assusta e empina. Procter escorrega e cai num montinho de terra no chão. Ele num se mexe.

Sinto um calafrio na espinha. A gente tá em apuros. Agarro o braço do Lugh. Os quatro homens começam a vir na nossa direção.

— Vai buscar o Pai, — o Lugh fala. — Depressa. Eu vou levar eles pra longe de casa.

— Não, falo. É muito perigoso.

— Vai porcaria!

Ele vira e começa a correr na direção da lagoa. Os homens esporeiam os cavalos e vão atrás dele.

Eu corro que nem uma louca até o abrigo de tempestade, o mais rápido que as minhas pernas aguentam.

— Pai! — grito. — Depressa, vem!

Olho pra trás. Lugh tá a meio caminho da lagoa. Os quatro cavaleiros tão se espalhando pra formar um círculo grande. Lugh continua correndo, mas fica preso no meio. Eles começam a se aproximar, a fechar o círculo. Eles tão prendendo ele. Um deles pega uma corda na sela.

Eu bato o pé na porta do abrigo.

— Pai! — berro. — Pai! Abre!

A porta se abre com um rangido. A cabeça do Pai aparece.

— Eles tão aqui? — ele pergunta. — Eles vieram?

— Você viu que isso ia acontecer. Você leu isso nas estrelas.

— Quatro homens! — digo. — Rápido! A gente tem que impedir eles!

— Emmi, fica aqui! — O Pai sai rápido do porão. — Eles num podem ser impedidos, Saba. Já começou.

Os olhos dele parecem vazios. Mortos.

— Não, — digo. — Num fala isso.

Agora o Lugh tá preso no meio do círculo de cavaleiros. Ele tenta correr por uma brecha. Eles bloqueiam. Ele tropeça, cai, levanta de novo. Na poeirada vermelha, aquilo num parece real. — Num fica parado aí! — grito pro Pai. — Ajuda!

Eu me jogo dentro do barraco. Pego minha besta, penduro a aljava nas costas. Agarro a garrucha do Pai. Vazia. Jogo ela no chão, xingano. Pego a besta e a aljava dele. Saio correno.

— Pai! — grito. — Eles pegaram o Lugh! — Agarro o braço dele e chacoalho com força. — Isso é pra valer! Você tem que brigar com eles!

É aí que ele acorda. Ele fica reto, os olhos se agitam, e o Pai que eu conheço tá de volta. Ele me puxa pra perto e me dá um abraço tão apertado que mal consigo respirar.

— Minha hora tá chegando, — ele diz depressa.

— Não, Pai!

— Escuta. Eu num sei o que vai acontecer depois disso. Só consegui ver fragmentos. Mas eles vão precisar de você, Saba. O Lugh e a Emmi. E vão ter outros também. Muitos outros. Num se entregue ao medo. Seja forte, como eu sei que você é. E nunca desista, entendeu? Nunca. Num importa o que aconteça.

Eu fico olhando pra ele.

— Num vou desistir, — falo. — Num sou de desistir, Pai.

— Essa é a minha garota.

Ele pega a besta. Pendura a aljava nas costas.

— Pronta? — ele pergunta.

— Pronta, — digo.

A gente começa a correr. Na direção do Lugh e dos homens a cavalo. Um dos cavaleiros tá fazendo um laço com a corda.

— Carregar! — o Pai grita. Ele e eu pegamos uma flecha. — Carregar.

O homem da corda gira o laço uma, duas vezes. Joga. — Apontar! — o Pai berra.

O laço agarra a perna do Lugh. O homem da corda dá um puxão e derruba ele.

— Atirar! — o Pai grita.

A gente dispara. As flechas num alcançam eles.

— Carregar! — o Pai diz aos berros de novo.

O homem da corda e outro sujeito saltam dos cavalos. Eles viram o Lugh de costas. Um senta em cima dele, o outro puxa os braços pra cima da cabeça, amarra os pulsos junto, depois os tornozelos.

— Parem! — o Pai pede. — Soltem ele!

A gente ainda tá correno. A gente mira. Um dos cavaleiros montados vira. Vê a gente vino. Levanta a garrucha. Dispara. O Pai grita. — Ele levanta os braços.

— Pai! — grito.

Ele cambaleia. E cai.

— Pai! — Eu me jogo no chão do lado dele. O disparo atravessou o coração dele. Eu agarro ele pelos ombros, puxo pra cima. A cabeça dele tomba pra frente.

— Não! — Sacudo ele. — Não não não não não não! Num faz isso, Pai! Você num pode morrer! Por favor, num morre! — Eu sacudo ele de novo. A cabeça dele balança pra trás. — Pai, — sussurro.

Tô paralisada. Num consigo me mexer. Ele tá morto. Eles mataram o meu Pai. Uma raiva louca cresce dentro de mim. Quente como brasa. Ela me invade. Sufoca. Eu agarro minha besta. Levanto dum pulo e começo a correr na direção dos homens. Enquanto eu corro, vou recarregano a besta.

— Aaaaaah! — grito. — Aaaaaah!

Miro. Disparo. Mas a raiva faz minhas mãos tremerem tanto que eu disparo sem enxergar direito. A flecha passa longe.

Um tiro vem assoviano até mim. Dor aguda. Mão direita. Eu grito. Minha besta voa da minha mão. Continuo correno.

Passo rápido pelos cavalos, me jogo no homem que tá amarrano o Lugh. A gente rola no chão, várias vezes. Eu chuto ele, soco ele, grito. Ele me empurra. Fica de pé. Segura meu braço, me levanta, me bate. Eu caio de costas.

Fico sem ar. Sem ar. Num consigo respirar. Num consigo respirar. Num consigo recuperar o fôlego.

Então. Então.

Eu levanto e encaro eles, cambaleano.

Todos os quatro cavaleiros tão no chão agora. Em pé. Eles cercam o Lugh. Nem olham pra mim. É como se eu nem tivesse aqui. Como se eu num existisse.

Aperto a minha mão ensanguentada no peito.

— Solta ele, — falo. Eles num me dão atenção.

O Lugh levanta a cabeça. Olhos arregalados. Rosto branco. Apavorado. Como eu nunca vi. Eu me aproximo.

— Me levem com vocês, — peço.

O homem que tá no comando vira a cabeça. Eles levantam o Lugh e jogam ele por cima dum dos cavalos.

— Por favor, — falo. — Por favor... Me levem com vocês. Eu num vou criar caso. Só num me deixem aqui sem ele.

Eles amarram ele no cavalo. O cavaleiro segura as rédeas do animal e pula atrás dum dos outros homens. Eles vão embora num rodadoiro de poeira vermelha.

— Lugh! — grito. Corro do lado dele. Engasgo. Num consigo respirar. O Lugh levanta a cabeça. Nossos olhos se encontram. Os olhos do Lugh. Azuis que nem o céu do verão. Eu agarro as mãos dele.

— Eu vou encontrar você, — falo. — Pra onde quer que eles levem você, juro que vou encontrar.

— Não, — ele diz. — É perigoso demais. Fica segura. Você e a Emmi. Me promete que vai fazer isso.

Eles seguram a corda do Hob quando passam. Vão levar ele também. Começam a trotar.

Num consigo acompanhar. Minha mão escorrega e solta a do Lugh.

— Promete Saba, — o Lugh diz.

Continuo correno atrás deles.

— Eu vou achar você! — grito. Eles desaparecem na poeirada vermelha.

— Lugh! — grito. — Lugh! Volta! Minhas pernas perdem a força. Eu caio de joelhos.

A Emmi vem correno do abrigo. Ela para. Olha pro mundo vermelho enevoadado. Pro Procter John, caído perto da cabana. Então ela vê o Pai.

— Pai! — ela grita e vai correno até ele.

Num consigo falar. Num consigo respirar.

O Lugh foi embora.

Embora.

Meu coração de ouro foi embora.

Eu ajoelho na poeira.

As lágrimas escorrem pelo meu rosto.

E uma chuva vermelha e forte começa a cair.

Tenho uma faca nas minhas tripas.

Ela torce e me rasga inteira. A cada batida do meu coração, ela entra um pouco mais. Num consigo sentir tanta dor e continuar vivo. Abraço meu corpo e me curvo. Minha boca se abre num grito silencioso.

Fico ali por um bom tempo. A chuva num para. No meu redor, a terra seca se transforma num mar de lama.

Olha, Pai, tá chovendo.

Tarde demais.

O Nero desce voano e pousa no meu ombro. Bica o meu cabelo.

Eu me endireito. Me mexo devagar. Tô dormente. Num sinto nada. Levanta. Você tem coisa pra fazer.

Minha mão. Eu olho pra ela. Parece que tá muito longe. Parece que é de outra pessoa. O tiro fez um arranhão fundo e comprido na pele. Deve tá doeno.

Fico de pé. Faço meus pés se mexerem. Direito. Esquerdo. Muito pesados. Eu me arrasto pela lama até o barraco. O Nero voa e se abriga embaixo das vigas.

Mão. Limpa a mão.

Eu derramo água nela. Ponho uma folha de epilóbio em cima e amarro com um pano.

O Pai morreu. Você tem que queimar ele. Liberta o espírito dele pra viajar de volta até as estrelas de onde veio.

Olho no depósito de lenha. Num tem o bastante pra fazer uma pira adequada. Mas preciso queimar ele.

Pensa. Pensa.

Encontro nosso carrinho de mão pequeno. Levo até a lagoa. Empurro ele pela lama até chegar onde a Emmi tá do lado do Pai.

Ela tá descalça. Encharcada até os ossos. O cabelo molhado parece feito de rabos de rato e fica pingano pelo rosto e pelo pescoço.

Ela num se mexe. Num olha pra mim. Num olha pra nada.

Seguro ela pelos braços e sacudo.

— O Pai morreu, — falo. — A gente tem que tirar ele daqui.

Ela se inclina pra frente e vomita. Eu espero terminar. A Emmi me olha de banda, limpa a boca com a mão tremendo. Ela tá chorando.

— Tudo bem? — pergunto.

Ela faz que sim. — Pega os pés dele, — falo.

Eu pego ele por baixo dos braços e puxo. A Emmi pega os pés. O Pai emagreceu nos últimos seis meses. Ficar sem chuva por tanto tempo tornou mais difícil achar comida, e quase impossível plantar.

Você ainda num terminou a janta, Pai. Num tá com fome?

Ah, já comi bastante, filha. Aqui. Divide o resto aí entre vocês.

Ele sabia que num tava enganando a gente, mas mesmo assim a gente fingia.

O Pai pode ser magro, mas é um homem adulto. Pesado demais pra ser levantado por mim e por uma garotinha magricela. A gente tem que levantar ele um tempinho de cada vez. A Em escorrega e desliza. Ela num para de chorar. Num instante ela já tá toda coberta de lama vermelha.

Finalmente a gente consegue pôr ele no carrinho. O Pai é alto, então só a metade de cima dele cabe. As pernas ficam balançando pra fora.

— Cadê o Lugh? — a Emmi pergunta soluçando. — Eu quero o Lugh.

— Ele num tá aqui, — falo.

— Ca-ca-cadê ele?

— Foi embora, — digo. — Uns homens levaram ele.

— Ele tá morto, — ela diz — Você só num quer me falar. Ele tá morto! O Lugh tá morto! Ele tá morto, ele tá morto, ele tá morto, ele tá morto, ele tá...

— Cala a boca! — grito.

Ela começa a gritar. Engasga, soluça e grita e grita e grita.

— Emmi! — berro. — Para com isso!

Mas ela num consegue. Tá maluca. Descontrolada.

Então dou um tapa nela. Aí ela para.

A Emmi até perde o fôlego com o susto. Começa a respirar fundo, tremendo toda, até se acalmar. Limpa o nariz na manga da camisa. Olha pra mim. Fica uma marca vermelha na bochecha dela. Eu num devia ter feito isso. Sei que num devia. O Lugh num teria feito isso. Ela é pequena demais pra apanhar.

— Desculpa, — falo. — Mas você num devia ter falado aquilo. O Lugh num tá morto. Nunca diga isso. Agora segura os pés do Pai e tira eles da lama. Segura pelos cadarços. É mais fácil. Ela faz o que eu pedi.

Viro e começo a puxar o carrinho atrás de mim. É difícil avançar na lama com a chuva. A água entra nos meus olhos, na minha boca, nas minhas orelhas. A lama cobre as minhas botas, e eu escorrego.

A Em, como sempre, num tem jeito. Ela fica caíno o tempo todo, mas sempre que ela cai eu paro e ajudo ela a levantar, e a gente continua. Pelo menos ela num tá mais chorano. A gente chega no barraco. Empurra e puxa o carrinho com o Pai pra dentro.

As paredes do barraco são feitas de pneus.

O lar que o Pai construiu com as próprias mãos vai ser a pira funerária dele. Aposto que ele nunca imaginou uma coisa dessas.

A Emmi me ajuda a virar de cabeça pra baixo nossa mesa grande de madeira, e a gente puxa o Pai pra fora do carrinho e coloca ele na mesa.

Vou até o baú onde a gente guarda as nossas roupas, que num são muitas. Quando levanto a tampa, sinto cheiro de sálvia ressecada.

Tiro a túnica grossa de inverno do Pai e jogo pra Emmi.

— Rasga em tiras, — falo.

Pego a túnica de inverno do Lugh. Enterro o rosto nela e respiro fundo. Mas ela tá limpa. Tem cheiro de roupa lavada e de sálvia. Num tem o cheiro dele. Começo a rasgar a túnica em tiras.

Quando a gente acaba, tem uma pilha de bom tamanho. Pego o garrafão de uísque de raiz que o Pai destilou quando os tempos tavam melhores. A gente encharca todas as tiras de roupa com ele. Então eu mando a Em enfiar elas nas paredes, nos espaços entre os pneus. Coloco o resto em volta do corpo do Pai.

Começo a encher minha mochila com coisas necessárias. Canivete vermelho com um monte de função, pederneira, ervas de remédio, uma camisa reserva.

— Os mesmos homens que mataram o Pai levaram o Lugh, — falo. — Eu vou atrás deles. Num sei pra onde levaram ele. Pode ser muito longe daqui. Posso demorar um tempo pra encontrar ele. Mas eu vou. Vou trazer ele de volta.

Coloco na mochila um odre de água, uma corda de fibra trançada e bolinhos desidratados e carne curada com semente de sumagre suficiente pra durar alguns dias. Quando acabar, eu vou ter que caçar.

— Eles tão adiantados e andano em quatro pernas, não duas, — digo. — Vou precisar viajar rápido.

Pego o odre, a túnica e a capa de pele de cachorro da Emmi. Falo sem olhar pra ela, — Vou deixar você com a Mercy lá em Dois Riachos.

— Não, — Emmi fala.

Coloco as coisas dela noutra mochila.

— O Pai e o Lugh me mandaram proteger você, — falo, — E lá você vai ficar protegida. A Mercy era amiga da Mãe. Ela ajudou quando eu e o Lugh nascemos. Ela veio quando você nasceu também

— Eu sei, — Em diz.

O que nós duas sabemos mas num dizemos é que a Mercy chegou tarde demais. Emmi nasceu mais cedo, a Mãe morreu e a Mercy bem que podia ter se poupado duma caminhada de três dias.

— A Mercy é uma moça boa, — falo. — O Pai sempre disse que, se alguma coisa acontecesse com ele, à gente devia falar com ela. Ele explicou pra mim e pro Lugh o caminho pra Dois Riachos. Ela pode até ter uma criança pra brincar com você.

— Eu num ligo, — a Emmi diz. — Eu vou com você.

— Você num pode, — digo. — Num sei pra onde eu vou nem quanto tempo vou demorar. Além disso, você é muito pequena. Você só vai me atrasar.

A Emmi cruza os braços e faz um bico daquele jeito teimoso dela.

— O Lugh é meu irmão também! — ela fala. — Eu tenho direito de procurar ele, que nem você.

— Num cria dificuldade, Emmi. — Eu pego a bonequinha que o Pai fez pra ela e jogo na mochila. — É melhor assim. Quando eu achar o Lugh, eu prometo que a gente volta pra pegar você.

— Num vai não, — ela fala. — Você me odeia. Você ama o Lugh e me odeia.

Eu queria que eles tivessem levado você no lugar dele!

— Bom, eles num levaram, — falo. — O Pai e o Lugh me deixaram tomano conta de você, e tô dizeno que você vai pra casa da Mercy. E fim de papo.

Enfio a atiradeira do Lugh no cinto. Guardo a faca do Pai numa bainha dentro da bota. Penduro minha aljava e a besta nas costas.

Uma luz vermelha suave passa pela janelinha. Bate no rosto do Pai.

Eu ajoelho do lado e seguro a mão dele. A Emmi ajoelha na minha frente e pega a outra mão.

— Ele ainda tá quente, — ela sussurra. Depois dum tempinho ela fala, — Você precisa falar as palavras agora.

Ela tem razão. Sempre se dizem palavras especiais pra deixar uma pessoa morta seguir adiante.

O Pai disse alguma coisa pra Mãe, antes de acender a pira funerária dela tantos anos atrás, mas num consigo lembrar o que era. Acho que eu era muito nova pra prestar atenção direito. Agora é a vez dele receber palavras, e num consigo pensar em nenhuma.

— Vai, — Emmi diz.

— Sinto muito, Pai, — falo então.

Num era o que eu queria dizer, mas minha boca mexeu e as palavras que saíram foram essas. Mas percebo que sinto muito mesmo. De verdade. — Sinto muito você ter morrido, — falo.

— Sinto muito que tenha sido tão difícil aqui, especialmente nos últimos tempos. Principalmente, sinto muito que você tenha perdido a Mãe mesmo amano tanto ela. Eu sei que você num teve mais alegria desde que ela foi. Bom... Agora você vai ficar feliz. Vocês vão ficar juntos de novo. Duas estrelas, uma do lado da outra. Eu vou atrás do Lugh. Vou trazer ele de volta, Pai. Num vou descansar até encontrar ele. Prometo.

Olho pra Em.

— Você quer... Dar um beijo de despedida nele? — pergunto.

Ela beija a bochecha dele, então risco minha pederneira e acendo as tiras em

volta do corpo dele.

— Willem da Lagoa da Prata, — falo, — eu liberto o seu espírito pra voltar pro seu lar entre as estrelas.

As chamas começam a lamber a mesa.

— Tchau, Pai, — a Emmi sussurra. — Vou sentir saudade.

A gente levanta. Eu entrego as mochilas pra ela. — Vai lá pra fora, — falo.

Acendo as tiras enfiadas nas paredes. Espero até os pneus pegarem fogo, até as chamas começarem a subir pelas paredes.

— Tchau, Pai, — falo.

Saio e fecho a porta.

A chuva para. Um vento quente começa a soprar do sul. O sol da tarde tá forte.

Nero fica voando acima da gente, planando nas termas em círculos preguiçosos. Bem como o Lugh disse que ele ia fazer, o Nero fugiu da tempestade pra se salvar. Quem dera se a gente pudesse ter feito a mesma coisa.

Parece um dia como qualquer outro. Podia ser ontem, semana passada, um mês atrás. Mas num é. Num é um dia qualquer. Eu nunca soube. Eu num sabia que tudo podia tá bem num momento e então no momento seguinte ficar tão ruim que parece que antes era tudo um sonho.

Ou talvez esse seja o sonho. Um grande sonho horrível sobre uma tempestade e uns homens de roupas pretas que mataram o Pai e levaram o Lugh. Talvez eu acorde daqui a pouco. Vou contar o sonho pra todo mundo e a gente vai ficar impressionado com como os sonhos podem ser estranhos.

Sinto uma pulsação fraca na mão direita. Olho pra ela. Têm um pano amarrado, todo sujo e rasgado. Eu cutuco ele. Uma dor aguda se espalha pelo meu braço. Parece ser de verdade.

Tem alguém dizeno alguma coisa.

— Saba? — É a voz da Emmi. — Saba?

— Hein?

— E o Procter John?

Eu olho pra baixo. O corpo dele tá todo esparramado no chão, o rosto retorcido de dor. Acho que ele num morreu rápido.

— *Eu falei que ele é o garoto certo. Eu sabia. Fiquei de olho nele esse tempo todo, como vocês tinham mandado.*

— Deixa ele pros urubus, — falo.

O cheiro de pneu queimano no vento. Minha cabeça coça. O cheiro parece ser de verdade.

Penduro a mochila no ombro. Começo a andar. Num olho pra trás. Nunca mais vou voltar pra esse lugar.

Lagoa morta. Terra morta. Vida morta.

TRILHA DOIS RIACHOS

Só existe uma trilha estreita que sai da lagoa da prata.. De resto, é tudo descampado por aqui. Mato baixo, pedregulhos e as ruínas dum ou outro prédio dos Devastadores.

A trilha segue pro nordeste. Por acaso, Dois Riachos, onde eu vou deixar a Emmi com a Mercy, fica há três dias a nordeste daqui. Quer dizer, três dias pela conta do Pai. Num vão ser três dias pras perninhas curtas da Emmi. E ela anda tão devagar.

— Bora, Emmi, — falo. — Quero ver você andano com disposição.

Começo a caminhar. Depois duns dez passos, eu olho pra trás, pra conferir se ela tá acompanhano. Ela parou. Tá em pé no meio da trilha, com os braços cruzados na frente do peito magricelo. A mochila tá caída do lado dela, na lama.

— Bora! — grito. Ela balança a cabeça. Solto um palavrão e volto até onde ela tá. Chego perto e pergunto, — Que foi?

— A gente num devia ir, — ela fala.

Ela levanta o queixinho pontudo, toda teimosa. Eu conheço bem essa cara. Ela vai criar caso.

— Por que não? — pergunto.

— A gente precisa ficar aqui, — ela fala. — Se o Lugh voltar e a gente num tiver aqui, ele vai ficar preocupado.

— Ele num vai voltar, — falo.

— Ele vai fugir dos homens, — ela fala, — Vai sim, eu sei que vai. E vai voltar pra cá, e a gente num vai tá aqui, e ele num vai nem saber onde procurar a gente nem nada.

— Escuta, você num viu eles. Eu vi. Quatro homens pegaram o Lugh. Amarraram as mãos e os pés e colocaram ele em cima dum cavalo. Ele num tem como fugir sozinho. É por isso que eu tô ino atrás dele. Sozinha. Eu prometi que ia encontrar ele, e é isso que vou fazer.

— Depois que você encontrar ele, — ela fala, — A gente volta pra cá. Né?

Dá pra ver pela cara dela que ela sabe que a gente nunca mais vai voltar, mas

ela vai me fazer falar com todas as letras.

— Esse lugar num é bom pra morar, — falo. — Você sabe disso. A gente vai achar um lugar novo pra ficar. Um lugar melhor. Eu e o Lugh e... você.

O olho dela se enche de lágrimas.

— Mas é aqui onde a gente mora, — ela fala. — É a nossa casa.

Balanço a cabeça. — Num é mais não. Num pode ser mais.

Depois dum tempo ela fala, — Saba?

— Quê? — respondo.

— Eu tô com um pressentimento ruim. Acho que a gente num devia ir. Eu... Eu tô com medo.

Abro a boca pra dizer pra ela num ser tão idiota, mas me seguro antes das palavras saírem. Agora eu que tô responsável pela Emmi, e num quero que ela discuta toda vez que eu mandar ela fazer alguma coisa. Tento pensar no que o Lugh faria se tivesse aqui. Ele provavelmente ia fazer uma brincadeira, convencer ela.

— Como assim com medo? — Eu faço cara de surpresa. — Como é que você e tá com medo se você tá comigo?

Ela dá um sorrisinho.

— Você num tá com medo não? — Ela fala isso quase como se tivesse com vergonha de mim.

— Eu? — respondo. — Não. Eu num tenho medo de nada. Num tenho medo de ninguém.

— Verdade? — ela pergunta.

— Verdade, — falo. Eu vacilo. Aí estendo a mão. Ela segura. Bom, falo. — Vamos andano.

A gente num anda mais de meia légua antes de dar com marca de casco na lama seca. Cinco cavalos. Os homens passaram por aqui com o Lugh.

Eu ajoelho e passo os dedos nas bordas duma das pegadas. Fico até tonta de tanto alívio. Tava com medo de que eles pudessem ter saído da Lagoa da Prata atravessano pelo descampado.

Se eles tivessem feito isso, eu ia perder um tempão levano a Emmi pra Dois Riachos e depois voltano pra Lagoa da Prata, pra tentar achar o rastro deles.

Os cascos vão direto em frente. Nordeste. A mesma direção pra onde a gente tá ino. Nosso primeiro golpe de sorte.

— Bora, — falo pra Em. — A gente precisa correr.

Num dou trégua pra ela. Eu ando rápido, com passo bem largo. Num tenho tempo a perder.

Ela tem que correr pra me acompanhar, com a mochila bateno nas costas. O Nero vai voano na frente.

O Lugh passou por aqui. Por esse caminho.

O Lugh vai primeiro, sempre primeiro, e eu venho atrás. Eu vou alcançar ele. Sempre alcanço. Sempre alcançei.

Eu vou encontrar você. Pra onde quer que eles levem você, juro que vou encontrar.

Eu aperto o passo.

Meio da tarde. Segundo dia na estrada.

Tenho que me segurar pra num gritar. Pra num andar rápido. Pra num sair correno.

Emmi.

A gente num tem como andar mais devagar que isso, e a culpa é toda dela.

Quero deixar ela na beira da trilha e esquecer que ela nasceu. Que ela sumisse da face da Terra. Mas num posso querer isso. Num devia querer isso. É maldade demais. Ela é sangue do meu sangue, que nem o Lugh.

Não, num é que nem o Lugh.

Ninguém é que nem o Lugh.

Nunca é que nem o Lugh.

A gente sai dum conjunto ralo de pinheiros quase mortos.

As marcas de cascos saem da trilha aqui. Partem pro norte.

— Espera aqui, — falo pra Emmi.

Sigo as pegadas até o chão duro virar uma grama rasteira e seca. As pegadas somem. Eu cubro os olhos. Olho pra frente. Tem um cinturão estreito de matagal, mas depois disso num consigo ver nada além de vastidão. Terra plana. Deserto. Eu nunca tive aqui, mas sei o que é.

Mar de Areia.

Um lugar morto e horrível, cheio de vento e dunas que nunca ficam paradas. Uma terra difícil. Uma terra de segredos.

Antes da Emmi, quando a Mãe ainda fava viva e tudo era feliz, o Pai contava pra mim e pro Lugh histórias sobre a época dos Devastadores. Algumas delas eram sobre o Mar de Areia. Ele falava de povoados inteiros cobertos pelas dunas errantes. Então, certo dia, os ventos mudavam e a duna se mexia e tudo o que sobrava eram os barracos. Ninguém. Todo mundo sumia. Nenhum sinal deles, nem mesmo ossos. Só as almas mortas, transformadas em espíritos da areia que uivam na noite, chorano pelas vidas perdidas. O Pai dizia que se a gente num se comportasse ele ia levar a gente lá e ir embora.

Empilho umas pedras. Um marco pra eu conseguir encontrar o lugar de novo. Ando de volta até a trilha.

A Em tá sentada na terra, de cabeça baixa. Ela tirou as botas.

— A gente precisa continuar, — falo.

Olho pra baixo. Pro cabelo castanho dela, curto e fino, crescem em tufo. Com o pescocinho fino e os chumaços de cabelo, a Emmi parece mais um passarinho

que uma menina.

É impressionante que ela num tenha quebrado o pescoço quando bati nela. Só de pensar nisso já fico mal, então tento num pensar. Eu sei com certeza que, antes de eu levantar a mão pra Em, ela nunca tinha apanhado na vida. O Lugh nunca teria feito isso, num importa o que acontecesse. Nunca. Ele ia ficar louco de raiva se soubesse o que eu fiz.

Eu agacho do lado dela.

— Qual é o problema? — pergunto.

Então olho pros calcanhares dela. Eles tão em carne viva. Ela num tá acostumada a andar tanto. Deve tá doeno pra caramba, mas ela num soltou um pio.

— Por que você num me contou? — pergunto.

— Eu num queria que você gritasse comigo — ela fala.

Olho pra ela, o rosto dela tão pequeno e magro. Ouço a voz do Lugh na minha cabeça.

— *Ela só tem nove anos, Saba. Você bem que podia tentar ser boazinha com ela de vez em quando.*

— Você devia ter dito alguma coisa, — falo. Eu lavo os machucados e enrolo os pés dela em tiras de pano limpas. — Tudo bem, — falo, — põe os braços no meu pescoço.

Eu levanto a Emmi. Carrego ela tanto quanto eu aguento pelo resto do dia, mas até uma menina magrela de nove anos fica pesada depois dum tempo. Também tô carregando as mochilas, então preciso colocar ela no chão de tempos em tempos. Ela acaba caminhando um bocado. Ela chora baixinho de noite.

Meu coração fica apertado quando ouço. Eu encosto no braço dela, mas ela me dá um safanão e vira de costas.

— Eu odeio você! — ela grita. — Eu queria que tivessem matado você em vez do Pai!

Depois disso, puxo meu manto por cima da cabeça pra num ter que ouvir ela chorar.

A gente tem que continuar em frente.

Tenho que encontrar o Lugh.

Terceiro dia. Amanhecer.

Eu limpo os pés da Emmi de novo e a gente sai. Ela dá dois passinhos minúsculos e cai no chão. Hoje ela num vai conseguir andar nada. Acho que num tô surpresa. Pego Em no colo e deito ela numa sombra na grama. Eu passo as mãos no cabelo dela. Olho pro céu. Quero gritar ou sair correndo ou... Qualquer coisa pra me livrar desse aperto todo dentro de mim. Chuto o chão com tanta força que machuco o dedão. Solto um palavrão bem alto. — Desculpa Saba, — Emmi sussurra.

Eu tento sorrir, fazer de conta que num me importo, mas num consigo. Viro a cabeça pro outro lado.

— Num é culpa sua, — falo. — Eu vou dar um jeito.

Passo o restante da manhã fazendo uma maca. Corto dois galhos dos mais compridos e fortes que acho. Coloco eles no chão e cruzo com galhos menores, pra deixar bom e firme pra Em deitar. Amarro tudo com corda de fibra trançada. Aí faço uma alça pra pôr nos meus ombros e coloco as túnicas de reserva pra proteger.

Acabo lá pelo meio da tarde. Amarro a Emmi e as nossas mochilas em cima da maca. Enrolo pano nas minhas mãos. A direita ainda tá doendo por causa do tiro, então primeiro faço uma atadura limpa. Num quero que piore.

Então começo a puxar. A maca vai batendo e chacoalhando no chão, mas a Emmi num reclama nem geme ou chora. Ela num faz nenhum barulho.

O sol castiga a gente. Sem piedade. Cruel. Ele me faz ter pensamentos cruéis. Tipo:

Por que eles num mataram a Emmi em vez do Pai?

Por que eles num levaram a Emmi em vez do Lugh?

A Emmi num tem serventia pra ninguém. Nunca teve. Nunca vai ter.

Ela tá me atrasano. Me fazeno perder tempo.

Meu cérebro sussurra. Meu coração sussurra. Meus ossos sussurram.

Deixa ela... Deixa ela... Vai embora e deixa ela. O quê... Pra morrer? Nem pensa nisso... Ela num interessa... O que interessa é o Lugh... Volta pro montinho de pedra... Sai pro Mar de Areia... Foi pra lá que eles foram... Você podia tá lá em duas horas se andasse depressa...

Eu me obrigo a parar. Tampo as orelhas pra num ouvir o sussurro. Num posso deixar a Emmi. Preciso levar ela pra Dois Riachos, pra Mercy.

O Lugh disse que eu tinha que proteger ela. Quando eu encontrar ele, tenho que poder dizer que ela tá bem. Que eu cuidei dela tão bem quanto ele.

Enquanto puxo a maca, imagino onde ele deve tá. Se ele tá com medo. Se sente falta de mim que nem eu sinto dele.

A saudade que tenho dele faz meu corpo inteiro doer. É que nem... Vazio. Um vazio que tá do meu lado, dentro de mim e em volta de mim, em todos os lugares onde o Lugh costumava estar. Eu nunca fiquei sem ele. Nem por um instantinho desde o dia em que a gente nasceu. Desde antes da gente nascer.

Se eles puserem as mãos nele, se machucarem ele, eu mato eles. Mesmo se num fizerem nada, eu talvez mate eles mesmo assim, de castigo por terem levado ele.

Meus ombros doem. Minha mão machucada lateja. O sol castiga. Eu trinco os dentes e me obrigo a ir mais depressa.

Por que a Emmi num chora? Por que ela num reclama?

Eu queria que ela fizesse isso.

Aí podia gritar com ela. Aí podia odiar ela.

Eu empurro os pensamentos ruins pra longe, lá pro fundo dos cantos mais escuros dentro de mim, onde ninguém pode ver.

E a Emmi num chora. Nem uma vezinha sequer.

Quinto dia. Meia-noite.

A gente deita no chão, num buraco do lado da trilha. Enroladas nos nossos mantos de pele de cachorro. A Emmi se enfiou do meu lado. O Nero se aconchegou do outro e dormiu rapidinho, com a cabeça enfiada embaixo da asa.

É primavera e a noite tá quente. Uma brisa suave levanta o cabelo na minha testa. Em algum lugar, um cãolobo uiva e outro responde. Eles tão muito longe. A gente num precisa se preocupar.

Eu olho pro céu. Pros milhares e milhões de estrelas que enchem a noite. Eu procuro a Ursa Grande. A Ursa Pequena. O Dragão. A Estrela do Norte.

Penso no Pai. No que ele falou pra gente. Que o nosso destino, a história da nossa vida tá escrita nas estrelas. E que ele sabia ler elas.

E aí penso no que o Lugh falou:

— *Você ainda num entendeu, não? Isso é coisa da cabeça dele. Tudo inventado. Num tem nada escrito nas estrelas. Num tem grande plano nenhum. O mundo segue em frente. A gente vai viver a vida nesse fim de mundo. E só. Até a gente morrer.*

Penso no Pai montano os círculos de gravetos dele e fazeno os feitiços e cantos, tentano trazer a chuva. Ele ficava dizenho que lia nas estrelas, que as estrelas diziam que a chuva tava chegando, e a chuva nunca chegava.

Bom, só chegou depois que o Pai morreu. Só quando já era tarde demais. Isso quer dizer que ou o Pai tava lendo as estrelas errado ou as estrelas tavam mentindo pra ele.

Ou talvez a verdade seja a seguinte: o Pai num sabia ler as estrelas porque num tem nada lá pra ler. E todos os feitiços e cantos eram só ele tão desesperado pela chuva que ele queria tentar qualquer coisa antiga, por mais maluca que fosse.

Eu gostava de olhar pro céu de noite.

Gostava de pensar que um dia o Pai talvez me ensinasse a ler o que as estrelas tinham pra dizer. Agora elas parecem só frias e distantes.

Eu tremo. Aposto que o Lugh tem razão. Ele sempre tem.

Num tem nada escrito nas estrelas.

Elas são só luzes no céu. Pra mostrar o caminho na escuridão.

Mas.

O Pai sabia sobre os homens. Sabia que eles tinham vindo pegar o Lugh. Antes de eu dizer pra ele.

— *Eles tão aqui?*

— *Eles vieram?*

— *Eles num podem ser impedidos, Saba.*

— *Já começou.*

E ele sabia que ia morrer. Sabia que a história dele tava prestes a acabar.

Minha hora tá chegando. Eu num sei o que vai acontecer depois disso.

Se o Pai num conseguia ler as estrelas, se as estrelas num têm nada pra dizer, e tal...

Como é que ele sabia?

DOIS RIACHOS

Sexto dia. Fim da tarde.

Uma brisa sopra, e de algum lugar lá no alto ouço uns estalinhos secos. Eu paro. Olho pra cima. Três ossos de cervo tão pendurados juntos no alto duma árvore.

Ouço a voz do Pai na minha cabeça.

— *Depois de três dias, a trilha vai levar você pra uma floresta cheia de pinheiros. Fique com os olhos bem abertos. Quando vir os sinos de vento na árvore, vai saber que chegou em Dois Riachos.*

Sem a brisa eu num teria reparado neles. Passo a língua pelos lábios rachados.

— Emmi, — falo. Os sinos de vento. — Chegamos.

Nunca na vida fiquei tão feliz de chegar em algum lugar. Desde ontem de tarde, cada poço e cada córrego no caminho tava seco ou tinha uma água ruim coberta de espuma amarela e pegajosa. E a última vez que a gente comeu foi ontem de manhã. A gente num ia ter conseguido continuar por muito mais tempo.

— Isso aqui é Dois Riachos? — Emmi pergunta.

Ponho a maca no chão pela última vez.

Fecho os olhos e fico parada por um minuto. Meu corpo tá tão dolorido, duro e cansado que eu queria nunca mais precisar me mexer.

Tento abrir e fechar os dedos, mas eles continuam dobrados. Eles seguraram aqueles galhos desgraçados durante tanto tempo que devem ficar assim até o dia que eu morrer. Nunca pensei que ia ter que carregar minha irmã e as mochilas por três dias. E a Em tá coberta de machucados da cabeça aos pés, então num foi exatamente fácil pra ela também.

Desfaço os nós da maca e ajudo a Emmi a ficar de pé. Faço que vou pegar ela no colo, mas ela fala, — Não. Eu vou andar.

— Tem certeza? — pergunto. Ela concorda acenando com a cabeça. Penduro as mochilas no ombro. Enfio a maca bem no meio do mato, onde ninguém vai ver.

— *Sai da trilha. Vai pelo caminho que desce o morro até o vale.*

Num é bem o que eu chamaria de trilha. Se você num soubesse que tava aqui,

nem ia descobrir. A gente passa por entre as árvores. O chão tá macio, coberto de agulhas de pinheiro, e levanta aquele cheirinho gostoso quando a gente pisa. O Nero voa de galho em galho acima da gente. Ele grita, todo animado, dizem pra gente ir depressa.

O terreno começa a ficar inclinado numa descida. Vai ficano cada vez mais inclinado. E depois mais ainda. Vai ficano difícil descer com as agulhas dos pinheiros fazendo a gente escorregar. Pego a Emmi pela mão pra ela num cair. Às vezes a gente tem que escorregar de bunda, e outras vezes descer de lado. A gente segue.

Aí. Um cheiro de comida chega no meu nariz. Carne. Minha boca enche d'água.

— Isso é cozido? — Emmi pergunta.

— Espero que seja, — falo.

Finalmente a gente chega no pé do morro. Saíno da floresta numa clareira, de repente a gente tá noutro mundo.

Um pônei peludo tá pastano num gramado bem verde ali perto. Ele levanta a cabeça pra olhar um pouco pra gente, e depois volta a comer.

A gente tá no vale que o Pai falou, no fundo do vale dum riozinho. Bem na nossa frente, o chão sobe numa ladeira suave. Dois córregos descem lá do alto. Perto do chão, eles se juntam num só. Dois Riachos. Ele percorre o vale todo, brilhante e cheio de curvas.

Tem uma ponte simples cruzano o riacho, e lá na outra margem, na sombra dos pinheiros, fica uma cabaninha de madeira. É a cabana da Mercy. Tem um banco vermelho do lado da porta aberta. Um caldeirão tá pendurado em cima da fogueira.

Num tem nenhum barulho, só o sussurro da água rasa passano nas pedras. É como se o lugar inteiro tivesse dormino, quieto feito um gato no sol da tarde. Nunca vi um lugar como esse.

Nunca tinha nem imaginado que podia existir uma coisa assim nesse mundo. Meus olhos ficam cheios d'água. O Pai nunca disse que era assim. Ele nunca disse pra gente.

Mas ele sabia que esse lugar tava aqui. Ele sabia e deixou a gente na beira duma lagoa moribunda esses anos todos, com a comida rareano e a vida ficano cada

vez mais difícil. E tudo isso aqui, só a uns dias de caminhada. Eu não entendo. Por que ele não trouxe a gente aqui? Acho que o Lugh tinha razão. O Pai não queria saber da gente, não queria saber o que ia acontecer com a gente.

Vou andar bem devagar, como se tivesse num sonho.

— *Se a Mercy não tiver lá, sente no banco vermelho do lado da porta e fica escutando o riacho enquanto espera. Ela não vai demorar. Ela nunca tá longe.*

Cruzo a ponte, solto as mochilas. Desamarro as botas e tiro elas com os pés. Entro no riacho. Ele vai até os tornozelos. Fico de joelhos e pego um pouco de água. Limpa. Fria. Bonita. Eu bebo. Jogo ela na cara, na nuca, na cabeça.

Então deito. Deito de costas e deixo a água correr em volta de mim.

Fecho os olhos.

— Não é todo dia que encontro alguém dormindo no meu riacho, — a voz fala.

Abro os olhos. Tem um rosto em cima de mim. Virado de ponta-cabeça. Pisco. Tô lerda. Idiota. Devo ter dormido por um segundo ou dois.

— Você tá de cabeça pra baixo, — falo, — ou sou eu?

— Acho que isso depende do seu ponto de vista.

Uma cara peluda de cachorro vem pra cima de mim. Uma língua cor-de-rosa comprida lambe o meu rosto.

— Ei! — falo.

— Tracker! Calma, garoto! — Alguém estende a mão forte. Eu seguro e sou puxada até ficar de pé. Enquanto levanto, a água escorre do meu cabelo e das roupas.

É uma mulher. Em pé no meio do córrego. Alta. Magra. Bronzeada. Rosto enrugado com olhos castanhos atentos. Maçãs do rosto marcadas. Cabelo branco bem curto. Nove anos atrás, era castanho e brilhoso e na altura dos joelhos. Um cão-lobo de olhos azuis e orelha caída se encostou do lado dela.

— Quase num vi os sinos de vento, — falo. — Você num facilita mesmo o trabalho de encontrar você.

Ela encosta o dedo na minha tatuagem de lua.

— Saba da Lagoa da Prata. — Um canto da boca dela se torce pra cima. — Você cresceu um bocado desde a última vez que vi você. Sou a Mercy.

— Mais um pouquinho, Emmi? — Mercy fala.

— Uhum! — A Emmi enfia uma última colherada na boca, que já tá cheia.

Ela estende a tigela pra Mercy.

— Seu pai num lhe ensinou boas maneiras? — Mercy pergunta.

— Emmi, — falo, olhando pra ela de cara feia. — Você tem que pedir por favor.

A Emmi mastiga, engole e mastiga mais um pouco.

— Ah, — ela murmura. — Sim, por favor. Mais, por favor.

— Ela come que nem um chagal, — falo. — O Pai deixava ela correr solta.

— Essa criança tá magra feito um caniço, — Mercy fala. — E me desculpa dizer isso, mas você também tá com carne de menos nos ossos. Tempos difíceis na Lagoa da Prata?

Faço uma careta.

Não, respondo.

— Quer mais um pouquinho?

Empurro minha tigela vazia pra ela.

Ela olha pra mim com uma sobrancelha levantada.

— Hmm... Sim, por favor, — falo.

A gente sentou do lado de fora pra comer. Eu e a Mercy no banco vermelho, a Emmi no degrau da frente. O Nero engoliu a porção dele, e agora tá empoleirado no teto da cabana, alisano as penas.

— Tragam as tigelas, — Mercy fala. — Eu num sou sua empregada.

Ela anda mancando até o fogo, e a Em e eu vamos atrás com as tigelas. Ela mexe no caldeirão e serve mais um bocado do ensopado de coelho e raiz. Eu sigo ela de volta pro banco, comeno enquanto ando. A gente senta, e eu aponto pro pé dela com a cabeça.

— O que você teve aí? — falo com a boca cheia.

— Quebrei o tornozelo, hmm... Já faz mais de um ano. Tive que me virar sozinha, é claro, e fiz um trabalho porco... Bem... Como você pode ver.

— Como é que você consegue ficar aqui sozinha?

Ela dá de ombros. — Conseguindo. Num tive escolha.

— Deve ser difícil, — falo.

— Você é muito velha.

Ela faz uma cara bem feia pra mim.

— E você é muito mal-educada, — ela fala. — Alguém já falou isso?

Eu sinto que tô ficando toda vermelha. A pele pinica inteira.

— Falo isso pra ela o tempo todo, — Emmi diz. — Mas ela num me escuta. O Lugh é o bonzinho. Você ia gostar dele.

— Fecha essa matraca, Em, — falo. — Escuta. A gente veio aqui... A gente num veio só pra falar pra você do Pai e do Lugh. — Eu num achava que fosse isso, — Mercy fala.

— Entre a gente tem uma bacia de água limpa. — A Mercy derrama ali um líquido numa garrafinha de vidro marrom, mergulha um pano na bacia e começa a limpar minha mão machucada.

— Vou atrás do Lugh, — digo. — Vou trazer ele de volta. Tô pretendendo sair de manhã. Vou deixar a Emmi aqui com você.

— Sei, — ela fala. Olha pra mim. Como se tivesse esperano mais.

— O Pai sempre disse que, se alguma coisa acontecesse com ele, a gente devia vir procurar você, — falo.

— Ah, ele disse isso, é? — Mercy balança a cabeça. — Sei não... O Tracker e eu temos a nossa vida aqui. A gente num tá acostumado a ter companhia.

— Mas você era amiga da Mãe, — falo. — Por favor, Mercy. Você é a única que pode ajudar a gente.

Ela fica um bom tempo sem responder. Aí solta um suspiro.

— A Emmi vai ter que trabalhar pra merecer o sustento, — ela fala.

— Ela vai trabalhar, — digo.

— E qual é a opinião dela? — Mercy fala. — Emmi?

A Emmi num fala nada. Ela se curva em cima da tigela, a cabeça baixa, comeno devagar. Eu sei que ela tá ouvino.

— Para de se fazer de surda, Emmi, — falo. — A Mercy tá perguntano se você quer ficar aqui e ajudar ela enquanto vou procurar o Lugh.

A Emmi levanta a cabeça e faz uma cara de nada. Dá de ombros. E abaixa o rosto pra tigela de novo. Balanço a cabeça.

— Ela vai mudar de ideia, — falo.

— Assim espero, — Mercy fala.

— Ela num vai dar trabalho, — falo. — Prometo.

— Como é que a nossa mãe era? — Emmi pergunta.

O Tracker tá com a cabeça no colo da Mercy. Ela esfrega as orelhas dele, e ele fecha os olhos de felicidade. O Nero cochila, empoleirado no meu ombro.

— É mesmo, — a Mercy fala, — Você nunca conheceu sua mãe. Mas a Saba deve se lembrar.

— Não muito, — respondo. — Num lembro mais. É como se... Ela tivesse sumido.

— Ela ria mais do que qualquer pessoa que já conheci, — Mercy diz. — Num a muito do que rir nessa vida, mas a Allis sempre encontrava alguma coisa. Acho que era por isso que o Willem... Por isso que o seu pai, amava tanto ela.

— O Lugh é assim, — digo. — Ele puxou à Mãe. O Pai nunca mais riu depois que a Mãe morreu. Não que eu lembre, pelo menos.

— Não, — Mercy fala. — Acho que ele num riu mesmo. A gente fica quieta um tempo.

— É culpa minha que ela morreu, — Emmi fala.

Ela tava desenhando na terra com um graveto, e agora ela faz força no chão. O pau quebra no meio.

A Mercy olha pra mim com dureza. Desvio o olhar.

— Bom, o parto é uma coisa perigosa, — Mercy fala. — E você chegou um mês antes da hora. Vou lhe dizer que às vezes acho que a culpa foi minha.

— Culpa sua? — Emmi pergunta, com cara de surpresa.

— É, — Mercy fala. — Eu tava preparada pra ajudar. Tava tudo planejado. Eu ia chegar lá duas semanas antes de você vir e ajudar com o parto, do mesmo jeito que fiz com a Saba e o Lugh. Às vezes eu penso que, se tivesse chegado antes, se eu tivesse lá, talvez a Allis tivesse sobrevivido. Mas você num pode pensar assim. Senão vai ficar maluca. Cheguei lá a tempo de ajudar a manter você viva, o pedacinho vermelho de gente que você era, e me consolo com isso. Pensando que a Allis pode ter morrido, mas a filha dela vive. Eu vejo ela em você.

— É mesmo? — Em pergunta, arregalando os olhos.

— Com certeza sim. A num ser pelos olhos, você parece com o seu pai, mas você é igual a ela aqui. E aqui. A Mercy toca o coração dela, e depois a cabeça. Eu consigo ver. E quer saber de mais uma coisa?

— Sim, — Emmi fala.

— Sua mãe queria tanto você, — Mercy diz. — Ela num podia ter ficado mais feliz quando soube que você tava vindo... Ela e o seu pai.

— Eu nunca soube disso, — Em sussurra.

— Bom, — Mercy fala, — Agora você sabe. E eu sei que ela ficaria orgulhosa de ver que você cresceu tão bem.

A Emmi olha pra mim e depois volta rapidinho a olhar pro chão.

Eu sempre culpei a Emmi pela Mãe ter morrido. Nunca escondi isso. Agora, ouvino a Mercy, começo a pensar que ninguém pede pra nascer nesse mundo. E ninguém pode se impedir de nascer. Nem mesmo a Emmi.

— Os bebês têm seu próprio tempo, — Mercy fala. — Ela pega a mão da Emmi. Num é culpa de ninguém que a sua mãe morreu. Ninguém foi responsável.

— O Pai disse que tava escrito nas estrelas, — Emmi diz.

— Ah, criança, — Mercy fala, — Num existe plano nenhum escrito no céu. Algumas pessoas simplesmente morrem cedo demais.

— Mas o Pai lia as estrelas, — falo. — Ele sempre dizia pra gente que tudo já tava determinado nas estrelas no momento que o mundo começou. A história da vida de todo mundo tá bem lá em cima.

— Era nisso que o Willem e eu discordávamos, — ela responde.

— Por isso que num ficamos todos juntos quando deixamos Vila Esperança. Ele procurava respostas no céu. Eu olho pro que tá na minha frente, no meu redor, dentro de mim.

— O Lugh acha que isso é tudo só uma coisa que o Pai inventou na cabeça dele, — falo.

— O que você acha? — ela pergunta.

— A Saba sempre acha o que o Lugh diz pra ela achar, — Emmi fala.

— Num acho não! — digo.

— Acha sim, — ela responde.

— Bom, — Mercy fala, — Talvez seja hora de você começar a ter a sua própria

opinião sobre as coisas. Até onde eu sei, as estrelas são só... Estrelas.

Ela inclina a cabeça pra trás. Fica olhando pro céu por tanto tempo que é quase como se tivesse lá em cima com as estrelas e a lua e os planetas, como se tivesse se esquecido da gente aqui. Eu solto um pigarro. Ela se espanta. E sorri pra gente.

— É claro, — ela fala, — Sempre é possível que eu teja enganada.

A Emmi levou uma eternidade pra deitar na cama da Mercy, mesmo que tivesse quase dormindo em pé. A Mercy deitou no banco vermelho, com os braços cruzados atrás da cabeça. O Tracker se esticou perto dela.

Fico sentada perto da fogueira. Mexo nas brasas com a ponta da bota.

— Por que o Pai num trouxe a gente pra cá? — pergunto, com a voz baixa pra num acordar a Emmi.

A Mercy comenta, — Então as coisas tavam mal na Lagoa da Prata.

— É, — respondo. — E ficam cada vez pior.

— Eu pedi pra ele vir, — ela fala. — Depois que a Allis morreu. Posso num ser a pessoa mais sociável do mundo, mas nunca daria as costas pra um amigo necessitado. Aqui teria espaço pra todos vocês. A gente poderia ter se virado bem. Mas ele nem quis saber. Disse que num queria minha ajuda.

— O Lugh acha que ele num queria sair da Lagoa da Prata por causa da Mãe, — falo.

A Mercy suspira.

— Em parte é verdade, — ela fala. — Mas num era só isso. Ele achava que vocês estariam a salvo lá. Os dois achavam.

— A salvo? — pergunto. — A salvo do quê?

A Mercy num diz nada por um instante, pensano.

— Você num sabe nada do mundo, — ela fala finalmente. — É um lugar difícil.

Um lugar perigoso. A sua mãe e o seu pai conheciam um pouco dele. O bastante pra fazer eles se assentarem tão longe de tudo, lá na Lagoa da Prata. Pouca gente passa por ali. Sem vizinhos. Como aqui, em Dois Riachos.

Penso em como a Mercy tá escondida aqui. Sem caminho saíno da trilha, sem maneira de saber pra onde ir se você num soubesse dos sinos de vento na árvore.

— Você tá... Se escondendo de alguém, Mercy? — pergunto.

— Eu num diria escondendo, — ela fala. — É mais como... Ficando fora do caminho.

Enrugo a testa.

— Fora do caminho do quê? Foi por isso que o Pai num tirou a gente da Lagoa da Prata? Pra manter a gente fora do caminho?

— Era a intenção dele, — Mercy fala. — Mas num foi isso que aconteceu, foi?

Alguma coisa na voz dela, na maneira como ela fala me deixa toda assustada por dentro. Eu levanto fechano os punhos.

— Você sabe de alguma coisa? — pergunto. — Sobre quem pegou o Lugh?

— Eu num sei, — ela diz — Eu...

— Me fala!

Ela olha pra cabana, onde a Emmi tá dormino.

— Vamos dar uma volta, — Mercy fala.

O Tracker faz que vai levantar. A Mercy ergue a mão.

— Fica, garoto, — ela fala, e ele deita de novo com um suspiro.

Ela atravessa a ponte e entra na campina, eu vou atrás. A gente vai subino o valezinho perto da margem do riacho. A lua ilumina o caminho de prateado. O riacho cintila e murmura pelas pedras. Respiro o ar frio e doce da noite. — Conte

o que aconteceu naquele dia, — Mercy pede.

— Conte tudo. Num deixe nada de fora, mesmo que você num ache importante.

Então eu conto. Falo pra ela o que aconteceu naquele dia. O Lugh e eu ino até o lixão de manhãzinha, o Lugh gritano com o Pai e, depois a tempestade de poeira e os quatro cavaleiros apareceno com o Procter John.

— Quatro, — ela fala. — Estavam vestidos como?

— Com mantos pretos e compridos, — falo, — com... Tipo coletes pesados de couro por cima, e faixas de couro que iam do pulso até o cotovelo.

— Armadura, — ela diz.

— Parecem os Tonton.

— Os... O quê? — pergunto.

— Os Tonton — ela fala. — Eles são... Bem... Eles são muitas coisas: mensageiros, espiões, informantes, guarda-costas. Às vezes até carrascos.

— O quê? Eu num sei do que você tá falano. Como é que você sabe desses... Tonton?

— A sua mãe e o seu pai num moraram sempre na Lagoa da Prata, Saba. E eunum morei sempre aqui em Dois Riachos. Nós nos conhecemos num lugar chamado Vila Esperança.

— Nunca nem ouvi falar, — digo.

— É uma cidade, — ela diz. — Se você tiver sorte, dá pra chegar lá em uma semana de caminhada a passo rápido. Isso se você tiver sorte. Você precisa cruzar o Mar de Areia, e aquele é um lugar que num gosta de ninguém.

— O Mar de Areia, — falo. — O Pai contava histórias de lá pra gente. Os homens... Os Tonton... Entraram nele com o Lugh. As pegadas saíram da trilha pro norte. Você acha que levaram ele pra Vila Esperança?

— Podem ter levado, — ela fala. — Vila Esperança é onde a escória da Terra vai parar. Todo ladrão, todo vigarista, todo miserável que esfaquearia alguém só por olhar esquisito pra ele... Todos acabam indo parar lá. Ela é governada por gente ruim que só se importa com os próprios interesses. E os Tonton servem pra tomar conta dessa escória toda. Eles controlam o lugar com violência e uma

coisa chamada chaal.

— Essas são aquelas folhas que o Procter John mascava, — falo. — O Pai falou pra gente nunca encostar nelas.

— Ele tinha razão, — ela fala. — O chaal deixa você mais devagar. Faz você achar que é inteligente quando num é. Chaal demais deixa você toda alterada, nervosa. A Allis, o Willem e eu num ficamos ali por muito tempo. A gente viu como o lugar era e saiu de lá antes que a gente fosse sugado. Fomos pro lugar mais distante possível. Nunca mais quisemos ouvir falar de chaal ou da Vila Esperança.

— Mas por que os... Tonton iam pegar o Lugh?

— Me conte mais sobre aquele dia, — ela pede.

— Eles apareceram procurando por ele, — digo. — Um deles perguntou pro Procter John, "Esse é ele? Foi ele que nasceu no solstício de inverno?" Então perguntaram a mesma coisa pro Lugh, pra ver se ele tinha dezoito anos. O Procter John disse pra eles, "Eu falei que ele é o garoto certo." Então... Eles sabiam tudo sobre o Lugh. Foram lá pra encontrar ele.

A Mercy num fala nada. Só fica olhando pro céu escuro.

— Mas como eles poderiam saber? — falo. — E o que tem de tão importante ele ter nascido no solstício de inverno? A gente é gêmeo. Por que eles num me levaram também?

— Eu num sei, — ela diz. — Mas vamos pensar com calma. — A gente fica quieta um tempo. Então ela fala, — Talvez eles num quisessem uma garota. Talvez quisessem um garoto. Um garoto nascido no solstício de inverno dezoito anos atrás.

— Mas por quê? — pergunto. — E como é que os cavaleiros sabiam onde encontrar ele? Como você falou, a Lagoa da Prata é no meio do nada. Além de você e da gente, ninguém nunca foi lá além do caixeiro-viajante e do Procter John. O Pai falou.

— Seu pai mentiu, — Mercy fala.

— O Pai mentiu? — pergunto.

— Talvez isso num seja justo, — ela fala. — Talvez "mentiu" seja a palavra errada. Talvez ele simplesmente... Num lembrasse.

— Tudo bem, — falo. — E aí?

— Você sabe que eu tava lá quando sua mãe pariu você e o Lugh.

— Aham, — digo. — Bem... Eu num era a única.

— Tinha mais alguém lá? Quem?

— Um homem, — ela fala. — Um desconhecido. Ele parou na Lagoa da Prata dois dias antes de vocês nascerem. Num falava muito. Num disse de onde era nem pra onde tava indo. E com certeza num tinha nada. Tava morto de fome, só com a roupa do corpo e olhe lá. Disse que se chamava Trask, mas quem sabe se tava falando a verdade? O Willem ficou desconfiado, mas o homem parecia inofensivo, então o alimentaram e até deram pra ele umas roupas velhas do Willem.

— E ele tava lá quando a gente nasceu, — falo.

— Você não, — ela fala. — Ele já tinha ido embora. Você nasceu duas horas depois do Lugh, sabe. Foi estranho. Ali tava o Lugh, berrando e chutando pra avisar pra gente que havia chegado no mundo, e na mesma hora o Trask ficou todo animado. Num parava de dizer que um garoto nascido no solstício de inverno era uma coisa rara, uma coisa maravilhosa. E ficou repetindo isso. Como se fosse importante sei lá por quê. Então, quando procurei por ele um pouco depois, ele tinha sumido. Nem disse tchau. Engraçado, mas eu tinha me esquecido dele até agora.

— Por que o Pai num falou pra gente? — pergunto.

— Talvez ele tenha esquecido, — ela comenta, — como eu. Num parecia ser nada muito importante. A gente pensou que ele fosse só um viajante maluco.

— Então você acha que o Trask é um dos homens que levaram o Lugh? Um dos Tonton?

— Ah, não, ele seria velho demais. Os Tonton são homens na flor da idade. O Trask devia ter pelo menos uns quarenta anos, e isso dezoito anos atrás.

— Ele deve ter contado pra alguém sobre o Lugh, — digo.

— É o que parece, — ela fala. — E o seu vizinho?

— O Procter John? — Eu franzo a testa. — Tem alguma coisa dançano no fundo da minha mente, uma coisa que eu num tô conseguino pescar. E então, Agora lembrei! — falo. — Ele disse uma coisa estranha... Ele disse pros homens, Eu sabia quantos anos ele tem, fiquei de olho nele esse tempo todo, como vocês tinham mandado.

A Mercy solta o ar bem devagar.

— Um espião, — ela fala. — Os Tonton fizeram ele vigiar o Lugh. Provavelmente mantinham ele na linha com chaal e ameaças.

— Então o Trask deve ter contado pros Tonton, — falo. — Mas num entendo por que eles tinham que levar o Lugh. Por que esperaram até ele fazer dezoito anos.

— Eu também num entendo, — ela diz. — Mas se você descobrir isso pode ser que encontre o seu irmão.

O dia tá nasceno quando eu saio da cabana.

— Queria que você deixasse eu lhe dar mais, — Mercy pede. — Um pouco de carne-seca e inhame num vão durar mais do que alguns dias.

— A sua despesa num tá exatamente transbordano, — respondo. — E, graças à gente você agora tem duas bocas pra alimentar.

— Eu num vou ter problema pra cuidar da criança, — ela fala.

— E eu vou cuidar de mim mesma, — falo. — Tenho bastante água. Quanto ao resto — dou uma palmadinha na besta —, Tenho isso aqui.

— Se você tem certeza, — ela fala.

— Num se preocupe.

A Mercy põe o braço em volta da Emmi.

— O que você acha da gente acompanhar a Saba pela campina? Se despedir dela?

A Emmi dá de ombros. Fica mexeno no vestido da boneca dela.

— Se você quiser, — ela responde.

Eu sei que num sou a pessoa preferida da Emmi, por deixar ela aqui com a Mercy, mas pelo menos ela num parece tão braba hoje. Enfim, logo, logo ela vai se acostumar com a situação. E vai ficar segura aqui com a Mercy e o Tracker. Pode até se divertir um pouco, andano de pônei e brincano no riachinho. Uma criança precisa se divertir um pouco.

Elas cruzam a ponte comigo. O Nero vai voano na frente, e o Tracker corre atrás dele. A grama alta da campina roça na nossa perna.

Paro. Viro pra trás. Dou uma última olhada nesse vale verde e tranquilo, com água limpa e ar puro. Meu peito tá todo apertado. Meus olhos se enchem de lágrima. Num posso. Num vou conseguir achar ele. Num posso fazer isso sozinha.

— Saba? — A Mercy toca o meu braço de leve.

Eu respiro fundo duas vezes. Fico com uma raiva danada da minha fraqueza. Enxugo os olhos. O Lugh tá contano comigo. Só comigo.

— *Eles vão precisar de você, Saba. O Lugh e a Emmi. E vão ter outros também. Muitos outros. Num se entregue ao medo. Seja forte, como eu sei que você é.*

— *Num sou de desistir, Pai.*

— O que foi Saba? — Emmi pergunta.

Eu viro.

— Nada, — digo.

— Quero dar uma coisa pra você, — Mercy fala. — Me dê à mão.

Faço o que ela disse. Ela põe uma coisa na palma e fecha os meus dedos.

— O que é? — Emmi pergunta.

Abro a mão. Uma pedrinha rosada tá aninhada ali. Lisa, com a forma dum ovo de pássaro, mais ou menos do tamanho do meu polegar. É fria. Gelada, até. Tá

presa num cordão de couro pra pendurar no pescoço. Eu levanto a mão e a luz brilha através da pedrinha, leitosa e embaçada.

— É bonita, — Emmi diz.

— É uma pedra do coração, — Mercy fala. Ela levanta a pedra acima da minha cabeça. — Sua mãe deu esse colar pra mim, e agora eu tô dando ele pra você.

Eu toco a pedra. Um presente da Mãe. Eu nunca tive nada dela.

— O que é uma pedra do coração? — Emmi pergunta.

— Ela avisa quando você encontra aquilo que o seu coração deseja, — Mercy responde.

— Como ela faz isso? — Emmi pergunta, franzino a testa.

— Tá sentindo como ela tá fria agora? Mesmo perto da pele da Saba?

— Aham, — ela fala, tocano a pedra.

— Uma pedra normal ficaria quente perto do corpo. Essa aqui não. Ela continua fria até você chegar perto daquilo que o seu coração deseja. Aí fica quente. Quanto mais perto você chegar do que o seu coração deseja, mais quente a pedra fica. E é assim que você sabe.

Eu franzo a testa.

— Num achava que você acreditava nesse tipo de coisa, — falo.

— Num acredito, — Mercy fala, — Não de verdade, mas a sua mãe acreditava. Ela disse que a pedra mostrou o caminho até o Willem, até o seu pai. Então ela deu a pedra pra mim. Disse que esperava que a pedra me mostrasse aquilo que o meu coração desejava.

— E mostrou? — pergunto.

— Bem, — Mercy fala, — Eu achei esse vale. Acho que se pode dizer que é o que o meu coração desejava.

— Mas a pedra do coração ficou quente? — pergunto.

A Mercy demora um pouco pra responder.

Então ela fala, — Já faz muito tempo. Num lembro.

Olho pra ela. Num dá pra dizer se tá mentino.

— Por que você tá dano ela pra Saba? — Emmi fala.

— A Allis sempre disse que ninguém é dono de uma pedra do coração, — Mercy fala —, Você apenas se torna o guardião dela por um tempo. Assim que você consegue o que o seu coração deseja, você passa a pedra pra outra pessoa. Alguém que precise da ajuda dela.

— Eu num preciso de ajuda, — falo. — Já sei o que o meu coração deseja. É achar o Lugh e trazer ele de volta.

— Tenho certeza de que você sabe, — Mercy diz. — De qualquer maneira, quer você acredite ou não, é bom ficar com uma coisa que foi da sua mãe. Isso tinha algum significado pra ela.

— Obrigada, — falo. — Quer dizer, por isso e por... Bom, pelo resto todo. É melhor eu ir andano.

— Quando você chegar em Vila Esperança, num comece a fazer perguntas, — ela fala. — Você só vai chamar atenção, e isso significa problemas. Fique atenta. Num confie em ninguém.

— Eu sei tomar conta de mim mesma, — falo.

— E, Saba... Cuidado na hora de atravessar o Mar de Areia. Aquele é um dos lugares selvagens. Ouça os ventos. — Ela me abraça com força. — Eu queria que você seguisse meu conselho e viajasse de noite.

Olho pra Em. Ela fica encarano o chão.

— A gente vai voltar bem rapidinho, — falo. — Eu e o Lugh.

Estico a mão pra despentear o cabelo dela, mas ela se afasta. — Bom, — falo. — Melhor eu ir logo.

Pego a minha mochila e começo a caminhar. Num dou nem dez passos e escuto, — Saba!

A Emmi vem correno e me abraça pela cintura, com força. — Volta logo! — ela fala.

— E você seja uma boa menina pra Mercy, — peço — Tô contano com você.

Eu me afasto.

— Tchau, Em, — falo.

— Tchau, Saba, — ela diz.

Quando chego na floresta, no segundo em que fico fora de vista, tiro a pedra do coração do pescoço e enfio no bolso.

Eu sei o que o meu coração deseja.

Num preciso de pedra nenhuma pra me avisar que eu encontrei.

MAR DE AREIA

Outro amanhecer.

Tô viajano rápido. Às vezes quase corro. Desde que saí de Dois Riachos ontem de manhã, tô tão ansiosa pra compensar o tempo perdido que tô andano o dia e a noite toda, e só parei umas horinhas pra dormir. Num tô cansada. Nem um pouco. Queria nunca mais ter que dormir de novo. Pelo menos não até encontrar o Lugh.

O meu montinho de pedras tá aqui. O marco que deixei pra lembrar onde as marcas dos cascos terminam. Meu coração se anima. Bem no fundo tava com medo de que ele num tivesse aqui. De que eu só tivesse sonhado que tinha deixado ele pra me guiar.

As marcas de cascos ainda tão aqui. O último vestígio do Lugh. Se num vier chuva e apagar, vai levar muito tempo até o vento sumir com elas. Talvez ainda tejam aqui quando eu voltar com ele.

Largo as coisas no chão — mochila, besta, aljava. O Nero tá voano faz um tempinho, subino e mergulhano em cima da minha cabeça pra se divertir. Agora ele pousa no equipamento pra descansar.

Relaxo os ombros enquanto abro a tampa do odre e tomo um gole bem grande. Derramo um pouco nas mãos e lavo a poeira do rosto quente. Me enxugo com as pontas da shima. Derramo um pouco d'água na minha marmita e ponho no chão pro Nero.

Olho pro deserto, enorme e vazio. Mar de Areia. Ele se estende na minha frente até onde a vista alcança. Nenhuma árvore, nenhuma colina, nada a num ser terra seca e plana por dias e dias. Assim que eu passar dessa pilha de pedras, vou entrar num mundo desconhecido. Vila Esperança fica pro norte, debaixo das Montanhas Negras, segundo a Mercy. Se tiver sorte, chego lá em uma semana. Uma semana, ela disse. Se tiver sorte.

Sem eu me dar conta, minha mão escorrega pra dentro do bolso. Encontro a pedra do coração e tiro ela do bolso. Os meus dedos sentem a frieza dela, esfregam a superfície lisa.

Aquilo que o meu coração deseja. Como se uma pedrinha pudesse me dizer isso. Balanço a cabeça. Se o Lugh tivesse aqui, eu e ele íamos rir disso. Enfio ela bem no fundo do bolso e penduro o equipamento nas costas. — Bora, — falo pro Nero. Passo pelo montinho de pedras. Um passo mais perto do Lugh. Num olho pra

trás.

É um povoado dos Devastadores. Igual aos lugares das histórias que o Pai contava pra assustar a gente.

Povoados engolidos pelas dunas errantes, ondas enormes de areia que cobrem um lugar em minutos. Então, meses ou às vezes anos depois, as areias se movem de novo, e o lugar ainda ia tá lá.

Aqui tem doze barracos de metal ainda de pé. E também tem uns dois carros enferrujados, um cata-vento e alguns amontoados de tralhas dos Devastadores. É um lugar árido, ruim, acabado. Mas nada foi saqueado. Se tivesse sido, num teria portas nem paredes nem nada sobrano nos barracos, e tá tudo aqui ainda, só que empenado e quebrado, provavelmente pelo peso da areia.

Num ter sido saqueado quer dizer que num faz muito tempo que a areia saiu daqui. É estranho pensar que, se eu tivesse passado aqui semana passada ou ontem, ou até umas duas horas atrás, isso tudo ainda podia tá enterrado e eu nem teria visto. Eu podia passar direto por cima e nunca nem perceber.

Vou caminhar devagar, com o Nero no ombro. Fico de olho bem aberto. Você sempre tem que ficar de olho aberto. Nunca se sabe quando vai achar alguma coisa pra poder usar. Mas num tô disposta a pegar nada deste lugar. Ele me deixa nervosa.

Tem um poço. A água provavelmente tá ruim, como na maioria desses poços antigos dos Devastadores, mas no deserto você num pode se dar ao luxo de num conferir. Começo a levantar a tampa enferrujada e vejo os desenhos velhos nela. Caveira e ossos cruzados. Água venenosa. Eu solto a tampa e ela cai com um barulhão. É tão alto no silêncio do deserto que levo um susto. O Nero sai voano em pânico.

Então vejo elas. Três fileiras de cruzeiros cravadas na areia. A madeira tá quase prateada de tão desbotada pelo sol, bem corroída, algumas viraram só toquinhos. A peça que atravessa uma delas tá torta, prestes a cair.

Um vento sacana começa a soprar, querendo fazer estrago. A areia começa a

rodopiar em volta dos meus pés, cai nos meus olhos e faz eles arderem. Tira um gemido lá do fundo do poço.

Sacode as portas dos barracos. É como se alguém pudesse abrir e convidar o vento pra entrar. A peça de madeira frouxa é levada pelo vento. Cai no chão sem fazer barulho. É soprada pra longe.

Água venenosa. Areias errantes.

Coitados.

Vivem aqui.

Morrem aqui.

Quando tô saindo do povoado, o Nero mergulha na direção de alguma coisa no chão. Começa a fazer o maior estardalhaço, gritano e bateno as asas feito um louco. Corro até lá pra ver qual o motivo da confusão.

— O que foi agora, passarinho maluco? —falo.

Ele tá segurano no bico um anelzinho de vidro verde liso. Meu coração para.

— Ai meu deus, — falo. Caio de joelhos do lado do Nero. Estendo a mão. Ele coloca o anel na minha palma. Gentilmente.

É do Lugh. Do colar que fiz pra ele no nosso aniversário. Ainda tá preso na tirinha de couro, arrebetada nas pontas. Ele deve ter arrancado do pescoço quando os homens num tavam olhando.

O Nero grasna.

— Eu sei, — falo. — Ele tá deixano um rastro pra gente seguir.

— *Eu vou encontrar você. Pra onde quer que eles levem você, juro que vou encontrar.*

— *Não, é perigoso demais. Fica segura. Você e a Emmi. Me promete que vai fazer isso.*

Ele me conhece. Sabia que eu ia vir atrás dele.

— A gente tá no caminho certo, — falo. Abraço o Nero e beijo a cabeça dele. Ele tem cheiro de penas quentes e poeirentas. — Você é o pássaro mais inteligente que já existiu. Você sabe disso, né?

Ele faz um tchuc tchuc tchuc baixinho que quer dizer que ele tá orgulhoso dele mesmo. Então começa a se contorcer pra se soltar. O Nero num é muito de abraço e coisa do tipo.

O vento começa a uivar pra eu seguir em frente, levantano punhados de deserto e jogano na minha cara.

— Tá na hora de continuar, — falo.

Depois de andar mais ou menos meia légua, eu viro e olho pra trás.

O povoado sumiu. Desapareceu.

Engolido pelas areias mais uma vez.

Vejo o platô lá longe por volta do meio da manhã. Pedra vermelha poeirenta, alta e sem árvores. Do alto deve dar pra ver bem em qualquer direção. Talvez até consiga ver a Vila Esperança e as Montanhas Negras dali.

O Nero voa até o topo do platô e desce de novo, tentano me apressar. Ele num consegue acreditar em como sou lenta, em quanto tempo levo pra chegar nos lugares. Acho que ele sente pena de mim e das minhas duas pernas.

Alcanço o platô no final do dia. Começo a subir até o topo, passano por rochas e pedrinhas soltas. O Nero vai na frente, pulano de pedra em pedra sem se esforçar, depois voltano pra gritar e grasnar pra me apressar.

— Seu exibido, — falo pra ele.

Faço força pra subir o último trecho e fico caída de barriga pra baixo no topo do platô. Recupero o fôlego e então levanto. É mais estreito do que eu pensava, num tem mais de cinquenta passos no ponto mais largo.

Chego no outro lado num instante. Prendo a respiração.

Até onde a vista alcança, até o horizonte e além, é areia. Cristas enormes, montes gigantescos de areia dourada moldadas em forma de ondas, morros, picos, vales. Lisas dum lado, irregulares do outro. Vastas. Infinitas.

Num tem sinal de cidade nenhuma.

Num tem sinal de montanha nenhuma. Num acredito. Achei que tava cruzano o Mar de Areia tinha dois dias. Mas o que acabei de fazer num foi nada. Aquilo foi só o começo. Aqui. Agora. É aqui que a travessia começa.

Meu coração quase para. Meu estômago dá um nó. Passo a língua nos lábios secos.

O Nero desce agitano as asas e pousa no meu ombro.

— É grande, — falo. — O que você acha?

Ele grasna e balança a cabeça pra cima e pra baixo.

— Sem problema, é? Pra você é fácil falar. Olho de novo pro Mar de Areia.

— É grande demais, — falo. — Grande pra caramba.

— *Num se entregue ao medo, Saba. Seja forte, como eu sei que você é.*

— *Num sou de desistir, Pai.*

Se eu tomar cuidado, a água e a comida que tenho devem durar mais uns três dias. Depois disso, tenho minha besta e minha esperteza.

O Nero se joga da borda do platô. Ele voa pelo deserto e grasna, impaciente pra que eu vá logo.

— Ok — falo. — Tô ino. É melhor você ter certeza disso.

E começo a descer.

Lusco-fusco. Daqui a pouco vou precisar montar acampamento pra passar a noite.

De repente, o vento aumenta. Vem do nada, uivano e resmungano. Levanta a areia de cima duma duna ali perto e joga pra longe. O que foi que a Mercy falou?

— *Cuidado na hora de atravessar o Mar de Areia. Aquele é um dos lugares selvagens. Ouça os ventos.*

Dou mais um passo pro topo da duna que tô subino. Paro. Olho em volta. Por toda a parte, as dunas tão começano a se mover, a mudar de forma.

— Caraca, — falo. Enrolo bem a shima em volta do nariz e da boca.

O vento tá ficano mais forte. Mais atrevido. Ele me puxa, tenta me derrubar. Ele me quer. Voa areia nos meus olhos, faz eles arderem. Meu manto se enrosca nas minhas pernas e sacode com o vento.

— Nero! — grito. — Nero! Cadê você? — As palavras são arrancadas da minha boca.

O Nero aparece voano e mergulha, grasnano freneticamente. Grito no meio do rugido do vento. — Sai daqui! — Abano as mãos pra ele. — Vai logo! Eu vou ficar bem! — Ele some.

O mundo uiva furioso no meu redor. É grande demais. Eu sou pequena demais. A areia debaixo dos meus pés começa a deslizar, começa a se mexer — como se num me quisesse mais em cima dela.

O pânico sobe pela minha garganta. Meus olhos tão cheios de areia. Num tô veno direito. A areia vai me deixar cega. Faz alguma coisa. Rápido. Puxo a shima pra baixo e cubro os olhos. Agora num consigo ver nada.

O que é que eu deveria fazer? O que eu faço?

— *Sinta o caminho. Vai pra baixo. E aí ser enterrada viva? Então segue em frente, segue em frente! E aí ser levada pelo vento?*

O que é que eu deveria fazer?

O que eu faço?

A duna desaba embaixo de mim. E pronto. Num tenho escolha.

Eu sou levada.

Escuro.

Quente.

Num consigo respirar. Ah, deus, num consigo respirar. Peso. No peito.

Tô me mexeno. Deslizano. Num consigo parar. Num consigo parar.

Num-consigo-respirar-preciso-respirar-preciso-respirar-num-consigo-respirar-num-consigo...

Saí. Sou atirada pra fora da areia.

Voo pelo ar e caio de cara no chão, com força. Perco o fôlego. Respiro. Rolo pro lado e arranco a shima. Tusso e tusso e inspiro fundo várias vezes. Respiro, engulo o ar, num consigo parar.

Então pego meu odre, enxágua a boca e depois cuspo a areia.

Depois dum tempo, começo a me acalmar. Fico ali deitada, olhando pro céu rosado do anoitecer. Num acredito que ainda tô viva.

Então percebo. Tô olhando pro céu. Consigo ver o céu. O primeiro brilho fraco das estrelas. Num tô mais respirando areia. O vento acabou. Ele deve ter passado tão rápido quanto começou.

Eu levanto devagar e com dificuldade. Bato a areia das roupas, confiro se ainda tô com todo o meu equipamento. Então olho.

Tô numa planície grande e reta. As dunas sumiram. Num sobrou nenhum sinal. Como se não tivessem ali pra começar. Como se eu tivesse sonhado com elas.

E em volta tem muitas máquinas voadoras.

Máquinas voadoras. Voadores.

Tudo escondido. Dormino debaixo das dunas errantes do Mar de Areia sabe-se lá desde quando. Isso pode ter acontecido em qualquer época — um dia atrás, uma

semana, um ano. Talvez até centos de anos atrás. Talvez desde que foram deixados aqui pelos Devastadores.

As máquinas tão todas enfileiradas organizadas na areia. Como se alguém tivesse plantado elas, achano que podiam crescer.

Elas se estendem pela planície toda. Tantas fileiras, tantas máquinas voadoras que eu nem conseguiria começar a contar.

Eu ando no meio delas. São de vários tamanhos. Grandes, pequenas e tudo o que existe no meio. Elas tão paradas, quietas, pacientes, como se tivessem esperano alguma coisa.

Tão enferrujadas, com os vidros das janelas quebrados e os pneus rasgados e as carcaças cortadas por saqueadores. Os buracos nas laterais tão abertos como feridas.

Um cemitério de máquinas voadoras.

Eu conheço voadores. Até já vi partes deles antes.

Uma vez o Pai levou pra casa uma peça curva de metal, que tinha encontrado no lixão, e disse que devia ser parte dum voador. Ele usou aquilo pra consertar o telhado. Mas o engraçado foi que num deu dois dias e um vento quente soprou com força pela Lagoa da Prata e aquele pedaço do nada levantou e saiu voano. Como se mal pudesse esperar pra sair dali. O resto do telhado ficou lá, só aquela parte foi embora. O Pai disse que aquilo com certeza provava que a peça era dum voador.

Paro na frente dum dos maiores. Me estico o máximo que consigo, fico na ponta dos pés, mas mesmo assim num alcanço ele.

O Nero aparece no céu escuro em cima de mim. Ele pousa na minha cabeça, bateno as asas.

— Oi, Nero. — Faço ele ir pra minha mão. Faço um carinho na cabeça dele enquanto caminho entre os gigantes de metal adormecidos. — Você acha que o Lugh passou por aqui? Acha que ele viu isso? Ele ia gostar de ver um voador inteiro de perto, ia sim.

Chego na frente dum dos pequenos, dum tamanho mais humano. Toco o metal, que tá com a tinta quase apagada. Tá frio. Enterrado na areia sem sol pra esquentar a pele.

Ponho a mão na porta. Se eu tiver respeito, num acho que vai fazer nenhum mal.

— Seja bonzinho agora, — falo pro Nero. — Num vai ficar bicano as coisas por aí.

A porta range. Abro e sai um bocado de areia, e então entro na máquina. Passo a mão no assento pra limpar, deslizo pra cima e olho através do que era a janela. Imagino como o mundo era quando esse voador tava novo, tanto tempo atrás. Como devia ser voar num desses.

Quando o Lugh e eu éramos pirralhos, o Pai contou pra gente como os Devastadores tinham o costume de andar no céu com os voadores deles. Eles subiam e iam pra todo canto, fingino que eram pássaros. Às vezes, ele falava, centos de Devastadores ficavam enfiados dentro dum grandão, e eles voavam todos juntos.

A gente achava que essa era a coisa mais maluca que já tinha ouvido. A gente num acreditava nele. E, quando perguntou pro Pai por que eles faziam isso, ele falava que num sabia direito, eles só faziam e pronto. A gente tinha certeza de que o Pai tava inventano. Mas agora que eu mesma vi um... Bom, num sei. Talvez seja verdade.

A noite tá chegando. Num tem vento nenhum agora. Nem um suspiro. Eu tô tão cansada. Minhas pálpebras tão muito pesadas, mal consigo manter elas abertas. Escorrego até deitar no assento. O Nero se acomoda no meu peito e se aconchega embaixo do meu queixo. Acho que posso tirar só um cochilinho antes de continuar. Num vou dormir muito tempo.

Só uns minutinhos.

Só uns...

Um barulho.

Acordo. Na hora. Com os músculos tensos. Pronta pra levantar.

O Nero abre um olho. Ponho um dedo na frente da boca. Ele sabe o que isso quer dizer.

O barulho de novo. Alguma coisa tá se movendo. Lá fora. Depois uma bufada. Um cavalo. Um cavalo que num tá muito seguro, que tá um pouco nervoso.

Coloco o Nero no chão. Então rolo pra fora do assento e me arrasto na direção da parte de trás do voador, onde tá faltando um pedaço. Saio deslizando. Desço agachada e corro pra me esconder nos pneus de trás.

A noite tá bem clara. O cavalo tá chegando perto. As patas dele aparecem. De onde eu tô, num consigo ver a pessoa montada. O cavalo para bem na frente do voador. Eu prendo a respiração. Ele bufa de novo, mexe as patas um pouco. Então a pessoa montada estala a língua e ele volta a andar.

Um cavalo. Quatro pernas, não duas. Dependendo de onde o Lugh tiver, de pra onde levaram ele, eu podia chegar lá em dias, em vez de semanas, se tivesse viajando a cavalo. Parece que essa é a minha noite de sorte. Pego a atiradeira do Lugh no cinto, devagar. Tiro uma pedra de bom tamanho do bolso.

Ando silenciosa feito um gato, passando por entre os voadores. Meus joelhos tão tremendo. Minhas mãos também. Digo pra mim mesma que tô com o Lugh, seguindo o rastro duma galinha selvagem.

Verifico que só tem uma pessoa e um cavalo, e que eles tão se afastando de mim. Então saio do esconderijo e faço mira com a atiradeira.

Só quero derrubar ele do cavalo, sem matar. Solto a pedra, mas minhas mãos tão tremendo muito. Eu acerto ele no braço. Ele dá um grito.

Eu preciso daquele cavalo.

Corro. Pulo pra cima dele, puxo ele do cavalo. Ele cai sem resistir. Dou uma chave de pescoço e ele começa a gritar com uma vozinha aguda e a chutar meus tornozelos.

E o tempo todo que eu tô prendendo ele, mil coisas passam pela minha cabeça. Como... O que um sujeitinho fracote desse tá fazendo aqui sozinho... Mas que vozinha fina... Parece mais uma menina que um homem... Espera um minuto, quem essa voz tá me lembrando? Aí o capuz dele cai pra trás e...

— Solta! — ela grita. — Me solta, seu desgraçado!

— Emmi? — pergunto. — Num acredito. — Meu coração quase para de tanto susto. — Emmi!, repito. O quê...?

Eu levanto ela pelo braço e seguro o queixo dela pra poder ver melhor. É a Emmi, num tem erro. Meu sangue ferve tão rápido que acho que o tampo da minha cabeça vai explodir.

— O que você tá fazeno aqui? — grito.

— Saba? — ela fala.

— Quem diabo ia ser?

— Pensei que você fosse um espírito da areia, tipo nas histórias do Pai! Ela aponta pra minha cara. — Sua cara tá toda branca! — Esfrego minha bochecha. Areia. Devo tá toda coberta dela.

— O que você tá tentano fazer, me matar? Aquilo doeu! — ela diz, esfregano o braço que a pedra acertou.

— Quando eu acabar com você, — falo, — Você vai preferir ter morrido. Que diabo tá fazeno aqui?

— Eu vou ajudar você a achar o Lugh! — Ela olha furiosa pra mim, com o queixo teimoso. — Ele é meu irmão também.

— Sangue de deus, Emmi, eu falei pra você... Argh! — Quase arranco os cabelos. — O que você fez? Você num faz ideia do que tá fazeno!

— Nem você!

— Num se faça de espertinha! — Pego as rédeas. — Eu sei qual vai ser a resposta, mas vou perguntar assim mesmo. Esse é o cavalo da Mercy? A Emmi cruza os braços. Fica com a boca bem fechada. Trinco os dentes. — Você. Roubou. O. Cavalo. Da. Mercy? Me responde neste segundo. — Não! — ela afirma. — Não, nunca! Roubar é errado, eu sei disso! Eu... peguei emprestado.

— Você pegou emprestado, — falo. — Você disse, Ah, aliás, Mercy, vou sair atrás da Saba, você se incomoda se eu pegar o seu cavalo emprestado? Aí ela falou, Ah, não, por favor, fique à vontade! E num se preocupe nem um pouco com o meu tornozelo velho aleijado e que a única maneira de eu chegar a qualquer lugar é no meu maldito cavalo. Foi assim, Emmi? Foi isso que

aconteceu? Foi assim que você pegou emprestado o maldito cavalo da Mercy? — Não, eu... Ah, por que você num vai pro inferno? Ela tapa a boca com a mão. Tarde demais.

— Mas que porcaria, Emmi, num pragueja! Num me deixa ouvir você praguejano de novo!

— Você faz isso o tempo todo!

— Num faço!

— Faz sim! De qualquer maneira, vou praguejar se eu quiser!

— Ah, num vai não! E quer saber? Se a Mercy morrer, a culpa é sua.

— Num fala isso, — ela diz. — Por que não? É a verdade.

— Você é a pessoa mais malvada que eu já vi! Odeio você!

— Você num pode me odiar nem metade do que eu odeio você agora!

Ela começa a chorar. Fico olhando pra ela, me sentindo gelada por dentro. Tô tão louca da vida que, por mim, ela pode ficar chorando até morrer.

Então ela engasga e fala, — Fiquei com medo de você me abandonar pra sempre. Que nem todo mundo. A Mãe e o Pai e o Lugh. Eu sei que você num me ama, não que nem ama o Lugh, mas... Por favor, num me abandona, Saba. Por favor. Você é tudo o que eu tenho.

Meu coração dá um nó.

— *Eles vão precisar de você, Saba. O Lugh e a Emmi.*

Sinto um peso grande apertar o meu peito. Tento afastar aquilo.

— Você num pode vir comigo, — falo. — É perigoso demais. Você tem que voltar pra Dois Riachos. Mas num tenho tempo de levar você. Vai ter que se virar sozinha. Lembra o caminho, né?

— Não, — ela fala, cruzando os braços.

— Tem água suficiente?, — falo.

Ela vira o odre de cabeça pra baixo. Vazio.

— Comida? — pergunto.

— Comi tudo, — ela fala.

— Misericórdia, Em... o que você trouxe?

Ela tira a Fern do bolso. A bonequinha que o Pai fez pra ela.

Olho pra Emmi.

— Uma boneca, — falo. — Você trouxe uma boneca.

— Eu saí com pressa, — ela responde.

Fecho os olhos. O peso tá me esmagano.

— Você é completamente inútil.

— Num sou não! — ela responde. — Eu achei você, num achei?

— Fica aqui, — falo. — Se você mexer um dedinho que seja, eu mato você. E limpa esse maldito nariz.

Ela esfrega o nariz na manga da camisa.

— Você vai me levar junto? — ela pergunta. — Pra encontrar o Lugh?

— O que eu queria fazer, — falo, — É deixar você aqui pros urubus comerem.

Pego tudo que tinha deixado dentro do voador, o Nero, minha mochila e as armas. Coloco as coisas em cima do cavalo e depois levanto a Emmi também.

— Que diabo, Emmi, — falo. — Você sempre estraga tudo.

Eu num falo com a Emmi faz dois dias. Num tenho nada pra dizer pra ela. Ainda tô brava. Ela tentou falar um pouco comigo, mas desistiu quando eu nem sequer grunhi uma resposta. Isso num parece ter incomodado a Emmi. Ela fala com o Nero e canta umas musiquinhas pra ela mesma. Num sei que motivo ela tem pra tá tão alegreinha.

A gente comeu alguma coisa, mas não muito. Matei um coelho com a atiradeira tem uns dois dias. O gosto num ficou tão ruim depois de assado, especialmente considerano o tanto de nervo que a carne tinha. A gente se virou com isso até ontem de noite, mas agora a nossa barriga tá se torcendo, gritando de fome.

Eu sempre guardo um pouquinho do que a gente tem pro Nero, mas normalmente ele precisa caçar. O Nero nunca cria caso, ele só faz o que tem que fazer. E o cavalinho selvagem é forte da Mercy — o nome dele é Nudd —, a gente saiu das dunas e agora o chão tem grama e arbustos secos, aí ele parece que tá encontrando o suficiente pra continuar de pé. Eu devia ter imaginado que um animal da Mercy ia saber como cuidar dele mesmo.

A comida pode tá escassa, mas num é isso o que mais me preocupa. É a água. Nosso estoque tá baixo. A gente num tá conseguindo encontrar nada molhado em lugar nenhum dessa planície dura e miserável. Nem o Nudd conseguiu farejar nada.

Eu tô racionando bastante e coletando o orvalho da noite, mas pra Em, pra mim mais o Nero e o Nudd num dá nem pro começo.

Bem lá longe, consigo ver montanhas. Parece que elas tão a um ou dois dias de caminhada daqui, talvez um pouco mais. Mas é difícil saber a distância de qualquer coisa no deserto com o calor confundindo a vista da gente. Espero que a gente consiga chegar lá com o que tem. A gente num tem opção, só isso. Com certeza vai ter água nas montanhas.

Enquanto isso, o sol castiga. O vento sopra sem parar. Ele destrói minha força. Minha mente.

Eu sei que a gente devia fazer que nem a Mercy falou e viajar de noite, mas num posso parar.

Num posso descansar. Não até achar o Lugh.

A gente continua em frente.

Meio-dia.

Bem quando tô pensano que é hora de parar pra descansar eu ouço um baque abafado atrás de mim. A Emmi tá caída no chão. O Nudd cutuca ela com o focinho, relinchano baixinho.

Volto arrastano os pés. Fico olhano pra ela. Minha cabeça tá tão zonha. Por um tempão eu num consigo pensar no que fazer. Então... água. A Emmi precisa d'água.

Eu ajoelho, puxo ela pros meus braços e destampo o odre. Derramo um pouquinho na boca da Em. Ela geme e vira a cabeça pro lado.

— Emmi, — sussurro. — Você tem que beber. — Dou um tapinha na bochecha dela. — Emmi! Vai!

Ponho o bocal nos lábios dela de novo. A água escorre pelo queixo. Então, de repente, é como se a Emmi voltasse à vida. Ela agarra o odre, tenta tomar um gole grande, mas puxo o odre de volta. Um bocado de água cai no chão. A terra sedenta chupa tudo.

— Droga, Em!, — falo. — Olha só o que você fez! — Ela fica olhano pra mim, tonta. — Toma golinhos pequenos, — falo. — Ou você vai ficar com cólica.

Quando acho que ela já bebeu o bastante, quando ela começa a parecer um pouquinho melhor, dou um gole pro Nero, depois coloco um tiquinho pro Nudd também, que acaba com duas lambidas daquela língua enorme e cor-derosa dele.

Aperto o odre pra ver o que sobrou. Quase passo mal. Tá pela metade. Só. Tomo um golinho de nada, depois penduro o odre no ombro.

A Emmi tá sentano. Ela olha pra mim, os olhos azuis brilham no rosto empoeirado. E eu me pergunto por que nunca reparei antes. Os olhos dela são iguaizinhos aos do Lugh.

— Desculpa, Saba, — Em diz.

— Esquece, — falo. — Já tava na hora de parar mesmo.

Tô colocano a Emmi de novo em cima do Nudd pra gente continuar.

O vento joga areia nos meus olhos.

Puxo a shima pra baixo, pra me proteger.

— O vento tá aumentano de novo, — falo. — A gente tem que prestar atenção nisso.

Quando vou abaixar a shima da Em também, ela segura a minha mão. — O que é aquilo?, — ela pergunta.

— Aquilo o quê?

— Aquilo. — Ela aponta pra frente. — Ali.

Olho pra lá. Uma coluna de poeira, a mais ou menos uma légua de distância, tá vino na nossa direção.

— O que é aquilo?, — Emmi quer saber. — Outra tempestade de poeira? Faço sombra com as mãos e estreito os olhos.

— Num sei, — falo. — Ainda tá muito longe pra saber, e tem muita poeira, eu... Espera.

— O que foi?

— Parece uma vela, — respondo, franzino a testa.

— Quer dizer... Uma vela de barco? Que nem aquela que o Lugh fez pro esquife?

— É. Esse tipo de vela.

— Mas barcos ficam na água, — ela fala. — Não na terra.

A poeira se afasta por um momento e vejo o que tá vino na nossa direção.

— Esse aí fica, — digo.

É um barco com certeza. Bom, parece mais uma jangada. Uma plataforma de madeira navegam a terra com pneus enormes. Uma cabana no meio, apertada bem do lado do mastro. Uma vela feita de retalhos tá cheia, soprada pelo vento. O barco tá vindo pra cá.

Eles devem ter visto a gente a essa altura. Olho pro redor. Num tem lugar nenhum pra gente se esconder. Nem um altinho de terra, nem mesmo uma pedra. É plano pra tudo quanto é lado.

Tiro a besta das costas. Entrego o odre pra Emmi.

— Tudo bem, Em, — falo. — Presta atenção. Se eu disser pra você ir, você vai. Sem perguntas, sem discussão, sem truques. Você dá meia-volta com o Nudd e vai embora pra longe daqui. Deixa ele solto que ele vai levar você de volta pra Mercy, em Dois Riachos. Ele sabe o caminho de casa. E vai saber onde encontrar água. Se o Nudd beber, quer dizer que você pode beber também. Entendeu?

— Entendi, — ela fala.

— Certo. Agora me promete que você vai fazer o que eu pedi.

Ela hesita. Seguro a mão dela, olho bem nos olhos.

— Me promete pela vida da Mãe e do Pai. Quando eu disser pra você ir, você vai.

— Prometo, — ela fala.

Coloco uma flecha na besta. Meu coração tá batendo feito louco nas minhas costelas, os joelhos tremem, tô com minha respiração acelerada.

O barco de terra vem deslizando pela planície na nossa direção. Tá vindo depressa. Tem uma pessoa na frente. Fazem força pro outro lado com o que parece ser uma barra de madeira enorme.

Eu miro.

Tô ouvindo gritos. Começo a entender o que tão falando quando o barco chega mais perto. — Abaixar vela! Abaixem a vela!

De repente, a parte de cima da vela de retalhos se rasga, arrancada pelo vento. O resto desaba no convés num bolo enorme.

O barco perde o controle.

— Âncora! — a voz grita. — Joga a âncora!

Alguma coisa presa numa corda comprida sai voando da parte de trás do barco. Um pedaço de metal. Parece um anzol grande. Ele bate no chão e fica arrastando atrás do barco, levantando nuvens de poeira.

Mas o barco continua vindo.

— Cuidado! — a voz grita. — Protejam-se!

Ouçoo um som estridente horrível. Um dos pneus de trás se solta. Ele quica bem alto e sai rodopiando pela planície. O barco inclina pra trás e bate no chão com um crac espantoso. Ele vira de lado. Desliza pra cá e pra lá, fazendo um som agudo e espalhando poeira pra todo canto.

Ainda tão parada, paralisada, com a besta na mão.

— Saba! — Emmi grita — O que você tá fazendo?

Pego a corda do Nudd e a gente pula pra fora do caminho. O Nero sai voando em pânico.

O barco vem se arrastando até parar bem onde a gente tava.

Por um momento tudo fica quieto. Então a gente ouve um rangido enorme e o barco tomba pra frente. Outro silêncio.

— Aí, Eu preciso mesmo melhorar essas paradas de emergência, — a voz fala.

Tem um velho baixinho. Ele tá agarrado no mastro como um lagarto num galho.

— Fica quieta, — sussurro pra Em. — Eu cuido disso.

— Bom dia para vocês! — ele grita. — Eu... Ahn... Deixem-me apenas pegar meu...

Ele põe a mão dentro do casaco.

— Num se mexe! — grito. Corro pra frente do barco. Aponto a besta bem pro meio dos olhos dele. — Mãos pro alto! — falo.

— Espere! — ele fala — Nós viemos em paz! Não vamos lhes fazer mal! — Solta esse mastro. — Dou mais dois passos rápidos pra frente. — Põe as mãos pro alto.

— Eu lhe asseguro! Nós não temos nada que valha a pena levar, minha destemida amiga!

— Nós? — falo. — Quem mais tá aí? Fala pra eles saírem.

— Eu disse nós? Quis dizer eu. Eu! Não há ninguém aqui além de mim! Um lapso da língua, um erro resultante da tensão!

Disparo uma flecha. Ela se prega no mastro bem em cima da cabeça do velho. Ele solta um gritinho assustado.

Então chama, — Dona Pinch! Dona Pinch!

Uma cabeça se esforça pra sair da vela amontoada. Uma mulher.

— Emerja de seu ninho, minha pombinha, — ele fala. — Tem... Ahn... Esta encantadora jovem gostaria de conhecê-la.

Ela pode ter cabelos grisalhos, mas a mulher que empurra a vela de lado e levanta é uma gigante ossuda. Tem a cabeça comprida como um cavalo e a pele toda marcada, vermelha e furiosa. Ela dá uma olhada pra mim e diz pra ele, — Você é um idiota, — Rooster.

— Eu disse mãos pro alto! — falo.

Eles levantam as mãos pra cima da cabeça. Devem ser a dupla mais esquisita que vou ver na vida. Ele chega só até a altura da cintura dela.

Tem um barrigão redondo acima dumas perninhas finas de passarinho e usa uma panela na cabeça, como se fosse um capacete. A túnica é toda remendada com

o tipo de coisa que se encontra num lixão: pano, sacolas, discos reluzentes e sei lá mais o quê. Tem pedaços de pneu amarrados nos joelhos dele. — É isso? — falo. — Só tão vocês dois? — Sim! — Ele mexe a cabeça pra cima e pra baixo, pareceno uma codorna abobalhada. — Sim, só nós! Por favor, eu lhe imploro, minha cara, por favor, não nos machuque. Sabe, eu tenho o coração fraco, e o menor...

— É só uma garota, seu velho idiota! — A Dona Pinch chuta ele no tornozelo. Com força. Ele se desfaz de dor.

— Sim, deleite do meu coração! — ele fala sem fôlego. — Mas, como você pode ver, ela é uma genuína guerreira, armada e...

— Continuem com as mãos pro alto ou eu atiro de novo! — grito. Eles levantam as mãos.

— Se o seu negócio é roubar, a mulher fala, nós num temos nada valioso pra você levar.

— Eu num sou ladra, — falo. — Quem são vocês? O que vocês tão fazeno aqui?

— Rooster Pinch ao seu dispor, — ele fala. — Homem de negócios e capitão do bom navio Cisne do Deserto. E permita-me apresentar minha adorável esposa, Dona Pinch, a quem você já teve...

— Cala a boca, — falo. Aponto com a cabeça pra mulher. — Fala você.

— Nós somos caixeiros-viajantes, — ela fala. — A caminho da Vila Esperança. O vento nos tirou do caminho.

— Me mostra o que vocês tão vendeno, — peço.

— Bem, o que é que você tá esperano? — a Dona Pinch fala pra ele. — Mostra o baú pra ela.

— Eu... Eu vou ter que abaixar as mãos, — ele fala.

— Pode abaixar, — respondo. — Mas nada de gracinha.

Ele some dentro da cabana e sai de costas, arrastano um baú de metal desgastado. Ele abre a tampa e começa a tirar algumas tranqueiras, me mostram umas garrafas sujas de vidro, pedaços de equipamento quebrado dos Devastadores, uma pá, uma bota amassada.

— Tudo bem, — falo, — Volta lá pra perto da sua mulher. — eu grito, — Emmi, vem cá! — Ela aparece montada no Nudd. — Sobe lá e dá uma olhada na cabana, — falo — Vê se eles têm alguma arma.

Ela desce do lombo do Nudd, escala o barco, passa correno por eles e se enfia dentro da cabaninha miserável. Continuo com a besta apontada pros dois.

Ele solta um pigarro.

— Está um dia lindo, — ele fala.

A mulher dá um tapa na orelha dele.

A Emmi sai.

— Tudo certo? — pergunto.

Ela faz que sim com a cabeça.

— Tudo limpo, — ela fala, pulano do barco pra ficar do meu lado.

— Vocês têm água aí? — pergunto.

A Dona Pinch faz um gesto com a cabeça e o marido corre pra dentro da cabana. Sai de lá com um jarro grande de plástico.

— Pega, Em, — falo. Enche os odres.

Ele entrega o jarro, e ela corre pra fazer o que eu mandei.

Agora que sei que eles num têm armas, que eles num passam dum par de caixeiros-viajantes velhos e molambentos, num sei bem qual é o próximo passo. Num parece fazer muito sentido atirar neles. Eles ficam ali, com as mãos levantadas, olhano pra mim.

Bem nessa hora, o Nero decide ver qual é o problema. Ele desce e pousa no capacete de panela do Pinch. Ele se inclina e bica o velho no nariz.

— Ah!, — Pinch fala, afugentano ele. — Corvo! Sai! Vai embora!

Abaixo a besta.

— Tudo bem, acho que vocês num são maus. Podem descer as mãos.

— Prontinho, meu tesouro! — Pinch fala pra esposa. — Eu sabia que ela era boa

gente!

A Dona Pinch bufa e entra na cabana.

— Isso é o que eu chamo de magnânimo! — Pinch grita. — Isso é o que eu chamo de honrado! — Ele desliza pra fora do Cisne, pega a minha mão e sacode ela pra cima e pra baixo. — Muito prazer, minha amiga gladiadora! Você tem uma alma piedosa! Uma alma compassiva! Uma qualidade rara nestes dias sombrios, eu lhe asseguro. Agora... Eu sei que semelhante modelo de justiça não desejaria se opor aos esforços de um homem para remediar a causa de seu mais infeliz.. Ahn... Seu mais in... Ahn. Ó, céus. Acho que perdi o fio da meada.

— É melhor consertar aquela roda, — falo.

— É isso! — ele fala. — Precisamente!

— Bom, então anda logo.

O Pinch vai correndo pegar o pneu que tinha saído quicando. Vou ajudar a Emmi a encher os nossos odres. Então a gente bebe água até matar a sede e faço questão de deixar o Nudd e o Nero beberem bastante também. Os sons e os cheiros de comida no fogo tão começando a sair da cabaninha do Cisne do Deserto.

A Emmi fareja o ar.

— O cheiro é bom, — ela sussurra.

Minha barriga tá bem apertada. Minha boca se enche d'água. Faz um bom tempo que a gente comeu o que restava daquele coelho.

O Pinch aparece empurrando o pneu. Ele tá sem fôlego e coberto de suor.

— Você quer uma ajudinha? — falo.

Ajudo ele a colocar o barco de pé. Então ele pega um conjunto de ferramentas e a gente começa a pôr o pneu de volta. A Emmi fica sentada de perna cruzada perto da gente, desenhando na terra com um graveto.

— Você precisa atarraxar isso aqui com mais força, — falo. — Deixa eu ver o que você tem aí nas suas ferramentas.

Ele levanta as mãos pro céu.

— Não só piedosa, mas também uma mecânica, — ele fala.

Enquanto fico fuçano num jarro de vidro cheio de pecinhas de metal, ele fala, — Receio que nós, intelectuais, não sejamos muito práticos, minha cara. Eu sou uma constante provação para a Dona Pinch, a cruz que ela tem de carregar, mas ela jamais me critica por minhas falhas, pelo menos não o tanto que mereço.

— Você fala dum jeito muito esquisito, isso sim, — falo.

— Ah! Eu sabia que você era a pessoa certa! — ele diz. Ele limpa as mãos num lenço, depois enfia uma num bolso fundo do casaco e tira uma coisa de lá. Ele segura aquilo como se fosse um filhote de passarinho ou uma pluma ou a coisa mais preciosa do mundo. Num parece ser nada de mais. Dois pedaços de couro marrom cobrino um monte de pedacinhos finos de folhas velhas e secas ou coisa parecida.

— É um livro, — ele fala. Ele me olha como se eu tivesse que ficar impressionada.

— Num me diga, — falo.

Ele dobra pra trás o couro de cima. Depois a primeira folha. Depois a segunda. Elas tão todas cobertas de marquinhos pretas.

— Folhinhas engraçadas, — falo. Estico o dedo pra tocar uma delas.

— Cuidado! — O Pinch afasta minha mão. — É papel. Páginas feitas de papel. É extremamente antigo. Delicado. Raro. Eu o encontrei trancado em uma caixa de metal.

— Eu já vi essas marquinhos antes, — falo pra ele. — Em tralhas de lixão. — Cuspo no chão. — Num tem nada de especial. Umas porcarias dos Devastadores.

— Ah, não, é coisa boa dos Devastadores. Nobre, até! Vem lá do início dos tempos. Essas marquinhos, como você as chama, são letras. Letras reunidas compõem palavras. E palavras contam uma história. Como esta aqui.

Ele vira as páginas como se num quisesse perturbar elas.

— É a história de um grande rei, — ele fala. — O nome dele era Luís Xis I Vê. O Rei Sol da França.

— França, — repito. — Isso fica aqui por perto?

— Não, minha cara, — ele fala. — Era uma terra distante, de muito, muito tempo atrás. Dos tempos dos Devastadores. O Rei Sol morreu há muitas centenas de anos já. Veja, ele era assim.

Ele estende o livro pra mim. As linhas e marquinhas na página se curvam pra formar o desenho dum homem.

Ele tem cabelos cacheados cheios que passam dos ombros e tão presos num bolo enorme no alto da cabeça. Peles de animais tão penduradas por cima dum ombro, arrastano atrás dele no chão. Tem uma camisa empolada com colarinho e mangas cheios de babados. Calças curtas e estufadas mostram as pernas. Sapatos de salto alto. Espada no lado do corpo. Bengala.

— O povo o idolatrava, — ele fala. — Achava que ele era um deus.

— Bom, eu nunca ouvi falar nele, — digo. — E ele num devia chegar muito longe com esses sapatos. Como é que você sabe disso tudo?

— Existem algumas pessoas... Muito poucas, veja bem... Que ainda possuem o conhecimento de palavras e de livros. Quando eu era menino, ele fala, tive a sorte de conhecer uma mulher assim, e ela me ensinou a ler.

— Então, o jeito que você fala, — digo, — Com todas essas palavras esquisitas.

— Isso é porque você... Lê?

— Sim, — ele fala. — Sim, suponho que seja.

— Acho que prefiro passar então, — falo.

— Rooster! Rooster Pinch! Onde é que você tá?, — Dona Pinch grita com aquele cacarejo estridente.

— Aqui, meu anjo!, — grita o Pinch.

— É melhor você num tá de conversa fiada em vez de trabalhano! — Não estou, meu anjo! Não estamos! — Ele pega o livro e enfia de volta no bolso.

A gente começa os consertos. Mas é como se ele num pudesse se segurar,

porque quase no mesmo instante ele fala, — Ela parece uma mocinha bem inteligente, sua irmã. Muito esperta mesmo. Eu sempre consigo perceber.

— Ela só dá dor de cabeça, — falo. — Você tem filhos?

— Um filho, — ele fala. Então, logo em seguida, — O sol está de um calor feroz, não acha? — Ele enxuga a cabeça, olhando pro céu. Não há outra palavra para ele a não ser feroz. — Muito desconfortável. Com certeza seria melhor um clima mais fresco, mas, ah... Desculpe, minha cara, você perguntava.... Ah, sim, filhos. Tristemente, minha esposa e eu nunca fomos abençoados.

Ele abaixa a cabeça. Como se num quisesse encarar meus olhos.

Você tá mentindo, Rooster Pinch. Por que você ia mentir sobre ter um filho?

A gente trabalha em silêncio por um tempo. Então, como se eu num desse a mínima, pergunto, — Pra onde foi que você falou que vocês tavam indo? — Para Vila Esperança, — ele fala. Meu coração dá um pulo até a boca. No entanto, ele continua, — Como minha boa esposa mencionou, o vento mudou e o Cisne foi desviado de seu curso. Nós deveríamos estar nos dirigindo ao norte.

— A Vila Esperança fica no norte daqui? — falo. — Isso mesmo, — ele fala.

— Bom, veja só que coisa, — falo. — É pra Vila Esperança que a gente tá indo também. A gente tava justamente a caminho de lá. Ele me dá uma olhada rápida.

— Ora, ora, ele fala. Mas que coincidência extraordinária. De fato um encontro fortuito. Pergunto-me se vocês gostariam de... Subir a bordo e navegar conosco?

— Acho que a gente ia gostar muito disso, — falo.

— Então vamos nos cumprimentar pelo acordo! — Ele estende uma pata grudada e a gente aperta as mãos. — Você conseguiu uma carona, minha jovem.

— Por que você disse isso pra ele? — Emmi cochicha.

Eu pego o braço da Em e puxo ela pra onde ninguém pode ouvir a gente. — Você num ouve nada, não? — pergunto. — Eles tão ino pra Vila Esperança. É o lugar que a Mercy contou pra gente, pra onde eles podem ter levado o Lugh. Ele pode tá lá. E, se num tiver, é um bom lugar pra começar. A gente pode fazer umas perguntas, descobrir coisas.

— Então a gente vai com eles? — ela quer saber.

— Isso mesmo, — falo.

Ela cruza os braços na frente do peito magricelo e balança a cabeça. — Eu num tô gostano, — ela fala. — E num gosto deles. Nem um pouquinho.

— Num interessa o que você gosta, — falo. — Eu tenho que achar o Lugh. E vou aceitar qualquer coisa que me ajudar a achar ele mais rápido.

— Você nunca me escuta, — ela fala, com a cara toda amarrada. — E o Nudd? A gente num pode deixar ele aqui assim.

Ele parece saber que a gente tá falano dele. Ele abaixa a cabeça e encosta de leve no lado dela.

— A gente aponta ele pra casa, — falo. — A Mercy vai ficar contente de ver ele.

— A gente tem que fazer isso agora? — ela pergunta.

Faço que sim com a cabeça.

— Tchau, Nudd. — Ela faz um carinho no focinho macio dele e dá um beijo. — Vê se num se mete em encrenca.

Ela se afasta.

— Vai pra casa, Nudd, — falo. — Vai pra casa, volta pra Mercy.

Dou uma palmada no traseiro dele, e ele dispara pela planície, de volta pelo caminho de onde a gente veio.

— Parece um pouco engraçado, deixar ele ir embora assim, — Emmi diz.

A voz da Dona Pinch soa atrás da gente. Quase dou um pulo de susto. — Um pônei daqueles num tem a menor chance de fugir de uma matilha de cães lobos, — ela fala.

— Saba! — Emmi fala. — Chama ele de volta!

— Tá tudo bem, Em, — falo. — Ele vai ficar bem.

De repente, com a Dona Pinch tão perto pela primeira vez, percebo como ela é grande. Mais de um metro e oitenta, com ombros largos, mãos ásperas de homem e braços fortes cobertos de pelo escuro.

— O grude tá servido, — ela fala.

A gente senta no convés pra comer, eu num balde virado de cabeça pra baixo, a Emmi no chão, e os Pinch em cadeiras bambas de madeira que tiraram de dentro da cabana.

A Dona Pinch enfia uma colher de pau comprida no caldeirão e despeja uma baita porção numa bacia amassada de lata.

— Carne-seca de javali e sumagre, — ela fala. Ela estende a bacia pra mim. — Isso vai encher a sua barriga.

O Pinch estica a mão pra pegar a bacia. Ela puxa a bacia de volta e bate na mão dele com a colher, com tanta força que ele uiva. Ela fuzila ele com os olhos. — Isso num é seu, — ela fala.

— E isso aqui é pra você, menininha. — Ela enche outra latinha e entrega pra Emmi, que vai fundo.

Minha barriga apertada tá tão feliz de tá cheia que devoro tudo depressa. Quando termino, a Dona Pinch me dá um pedaço de pão. Ela dá um pedaço pra Em também.

— Prontinho, — ela fala. — Limpem as tigelas. — Num podemos desperdiçar comida boa. É bom ver jovens com esse apetite, você numa acha, Rooster?

— Compartilhar nossa modesta porção com outras viajantes na estrada poeirenta da vida, — ele fala. — Isso é ótimo, minha querida! É o mais importante!

— Comam tudinho, — ela fala, — Isso mesmo. Acabaram?

— Obrigada, — falo. Entrego as nossas tigelas pra ela. Bocejo. A Emmi esfrega os olhos.

— Vocês tão com sono, meninas? — Dona Pinch pergunta.

Minhas pálpebras de repente parecem muito pesadas. Bocejo de novo.

— Acho que eu... Num tô acostumada... Com... Essa caminhada toda..., — falo.

— Saba, — Emmi fala, bocejano. — Por que eu tô me sentino... Tão... cansada...?

Ela se enrosca no convés e dorme num instante. Tem alguma coisa errada aqui. Eu levanto. Cambaleio um pouco.

Epa... Balanço a cabeça, tento acordar. Minha cabeça tá tão pesada que eu mal consigo manter ela em pé.

Os Pinch tão me observano com um olhar malvado. Então eu percebo.

— A comida..., — falo. — Vocês puseram alguma coisa na... Comida.

Tento tirar a besta das costas, mas meus dedos tão todos moles. Minha mão cai. Meus joelhos dobram debaixo de mim. Eu caio no convés.

— Por que vocês... Fizeram isso?, — pergunto.

Minhas pálpebras piscam.

Uma vez.

Dua...

Tô deitada em algum lugar duro. Madeira. Num consigo mexer meu pescoço. Minha cabeça tá latejano. Tá doeno pra caramba. Passo a língua nos lábios, que tão secos. Meus ombros doem. E meus pulsos. Solto um gemido.

Levanto a cabeça, forço meus olhos pesados a abrirem. Pranchas duras de madeira, painéis penduradas nas paredes instáveis. Onde... Num consigo

lembrar... Espera... O barco de terra... O Cisne do Deserto... Rooster Pinch... A mulher dele. Eu devo tá dentro da cabana do Cisne do Deserto.

Tento mexer os braços, mas... Num consigo. Dou um puxão. Metal machuca os meus pulsos. Meu coração dá um pulo. Começa a bater acelerado. Tô completamente acordada.

A gente é prisioneira.

Uma onda quente de fúria percorre todo o meu corpo. Fúria e medo.

— Pinch! — berro, puxano minhas correntes. — Pinch! Emmi!, — falo. — Emmi! Acorda!

Devagar, ela levanta a cabeça, com os olhos pesados e embaçados. — Acorda, Emmi. Bora! Emmi!

Os olhos dela se arregalam quando ela me vê. Ela olha pros próprios pulsos presos, pros tornozelos. O rosto dela se contorce de medo, ela começa a respirar rápido.

— Saba! O que tá acontecendo? O que eles vão fazer com a gente?

Então reparo que o chão tá tremendo. As panelas na parede balançam e sacodem. O Cisne tá se mexendo. — Pinch! — grito. A porta da cabana se abre de repente. A Dona Pinch entra e fecha a porta.

— Ora, ora, — ela fala. — Acordaram finalmente. Espero que tenham tido bons sonhos.

— Solta a gente! — grito. — Você num tem o direito de fazer isso!

— Num tem essa de direito, — ela fala. — Nesse mundo, você pega o que quer. — Ela dá de ombros. — A gente quer você.

— Como assim vocês querem eu?

Ela levanta a tampa dum balde d'água e mergulha uma latinha amassada nela.

— Você é jovem, — ela fala, — E forte. Uma lutadora nata, pelo jeito. Eu soube de cara. Você vai ser perfeita.

— Perfeita pra quê? — quero saber.

Ela se endireita. Olha pra mim com os olhinhos escuros, frios que nem pedra.

— Perfeita, — ela fala, — Pra lutar na Jaula.

Os pelinhos do meu braço ficam arrepiados. Estremeço.

— Isso mesmo, garotinha, — ela fala. — É melhor ter medo. A luta na Jaula é cruel. Terrível. E é um negócio grande na Vila Esperança. Você vai levar a gente longe.

— Eu num vou fazer nada pra vocês, — falo.

— Você num tem escolha.

— Vocês num podem me obrigar a fazer nada.

— Ah, você vai fazer exatamente o que eu mandar.

— Eu vou ver você no inferno primeiro, — respondo. — Solta a gente! Pinch! Socorro! Pinch!

— Poupe o fôlego, — ela fala. — Ele faz o que eu mando. — Ela chega perto com a latinha d'água. Se abaixa e levanta a minha cabeça. — Bebe. Num posso deixar você com sede. Lutadores da Jaula precisam tá em perfeita condição.

Eu encaro ela enquanto bebo. Seguro a água na boca, e então cuspo tudo na cara dela. Ela num diz nada. Só fica olhando pra mim um pouco, a água descendo pela cara dela.

— Você num devia ter feito isso, — Dona Pinch fala.

Ela vai até a Emmi.

— Não! — grito. — Num toca nela!

Ela dá um tapa na cara da Em. Com força. A Emmi grita. Quando levanta a cabeça, vejo que o lábio dela abriu. A boca se enche de sangue, que desce num fio pelo queixo dela. Ela começa a chorar.

— Deixa ela em paz! — grito. — Ela é uma criança! Ela num fez nada pra você! A Dona Pinch vem até mim e ajoelha do lado da minha cama. Chega o rosto tão perto do meu que consigo ver cada marca na pele dela. Tão perto que engasgo com aquele hálito horrível. Tem cheiro de carne que ficou tempo demais no sol. Ela sorri.

— Toda vez que você me desobedecer, — ela fala, — Toda vez que você tentar fugir, eu vou bater na sua irmãzinha. Bater nela ou... Queimar ela. Se me der na telha, posso até quebrar o braço dela. Mas num vou bater em você. Nunca vou bater em você, minha linda.

Ela passa o dedo pelo meu queixo. A unha imunda dela raspa a minha pele. E sabe por quê?, ela fala. Você vale demais pra mim. Sua irmã... Ela num vale nada. Pelo menos não pra mim. Acho que a gente vai descobrir quanto ela vale pra você.

Eu sinto quando as velas abaixam. O Cisne vai ficano cada vez mais lento até finalmente tremer e parar. A âncora cai no chão com um barulho duro e seco. A gente deve tá parano pra noite.

A gente fica veno enquanto a Dona Pinch tira a pele dum lagarto da pedra, estripa ele e põe pra cozinhar num fogareiro na cabana, sem parar de cantarolar baixinho. É como se a gente nem tivesse aqui.

Eu num abri a boca desde que ela falou aquilo de machucar a Emmi. Tô tentano pensar num plano. Tentano pensar no que o Lugh ia fazer se fosse eu. Se tivesse aqui. E como eu queria que fosse ele e eu aqui juntos, e não eu e a Em. Num seria tão ruim assim. Eu ia sentir que a gente talvez tivesse alguma chance.

— Tudo bem, Emmi?, — sussurro.

Ela faz que sim com a cabeça, os olhos arregalados no rostinho magricelo. O lábio dela tá inchado onde a Dona Pinch bateu, o sangue seco todo escuro e áspero. Num suporto pensar que eu também bati nela, lá na lagoa, e a gente é do mesmo sangue. Ela chorou um pouco depois que a Dona Pinch acertou ela, mas desde então num soltou um pio.

— Você tinha razão sobre eles, — falo. — Desculpa. — Eu devia ter escutado você.

— Tudo bem, — ela fala.

— Num tá tudo bem, — respondo. — E a culpa é minha que ela bateu em você. Eu num devia ter cuspidado nela.

— Eu fico feliz que você cuspiu nela, — Emmi fala.

— Assim é que se fala, — respondo. — Eu vou tirar a gente daqui, Em. Prometo.

— Parem de matraquear! — Dona Pinch grita pra gente. Então ela abre a porta e grita, — O grude tá servido!

O Rooster Pinch entra na cabana.

— Seu mentiroso desgraçado! — falo.

Ele tá com os olhos inquietos, cara de vergonha, e num me encara. Finge que num me ouve.

— O cheiro é formidável, minha querida! — Ele esfrega as mãos, cheio de animação fingida, e cheira o ar. — Pura ambrosia!

— Cala a boca, — ela fala. — Senta.

Eles engolem tudo. Quando ele acaba, passa o dedo dentro da tigela e lambe o molho ralo. Ela aponta pra gente com a cabeça. — É melhor você dar comida pra elas, — ela fala.

— Eu, minha querida? Ah! Você acredita que isso seja sábio? Você seria muito melhor para...

A mãozorra dela acerta um tapa na orelha dele. Ele corre pra apanhar duas cumbucas de lata e encher de cozido. Primeiro o homem vai até a Emmi. Ajuda ela a sentar, enche uma colherada e estende pra ela. Ela olha pra mim.

— Tudo bem, — falo. Sorrio pra ela, e ela me dá um sorrisinho de volta.

Ela come com vontade, esfomeada, quase num para pra mastigar.

— Boa menina, — Pinch fala. — Isso mesmo. Ele olha pra trás. A Dona Pinch tá ocupada arrumando as coisas, cantarolando de novo, sem prestar atenção na gente. Ele dá um olhar rápido pra mim e sussurra pra nós duas. — É melhor se vocês simplesmente fizerem o que ela disser, minhas caras. Senão, acreditem, será difícil para vocês.

— Você tem que ajudar a gente a fugir, — sussurro. — Por favor.

— Não posso. Não me atrevo. Se vocês tentarem escapar, ela vai matá-las. Foi o que ela fez com a última. Ela vê tudo. Ela...

A Dona Pinch percebe o que ele tá fazendo.

— O que é que tá havendo aí? Espero que você num seja conversano com essas meninas, Rooster.

— Não! Naturalmente não! Nem sonharia com tal coisa!

— É melhor mesmo. E se eu descobrir que você tá mentindo pra mim, sabe o que vai acontecer, né? Eu vou queimar você. Você quer isso?

— Não, meu tesouro, — ele fala.

— Então anda logo com essa comida, e vai rápido.

Ele corre pra terminar com a Emmi, depois vem pra perto de mim.

— Como assim ela matou a última, — sussurro. — Que última?

Ele num responde. Tento fazer ele olhar pra mim, mas ele num olha, só fica encarando a tigela. O rosto brilha de suor, e a colher treme na mão dele. Pela primeira vez noto que as mãos e os pulsos dele tão todos cobertos dumas cicatrizes feias e roxas de queimadura. Como se alguém tivesse encostado nelas com um atizador quente.

Então foi isso que ela quis dizer com queimar ele. É isso o que ela faz quando ele contraria ela. Ele num vai ajudar a gente. Tá apavorado demais.

A gente tá sozinha.

E eu tô calma.

Parece maluquice, considerano que a gente tá acorrentada pelas mãos e pelos pés e num tem ninguém pra ajudar, mas eu tô calma. Porque agora sei o que tenho que fazer. E o que num tenho que fazer, que é perder tempo pensano que alguém vem resgatar a gente. Num posso contar com ninguém além de mim.

Então o que tenho que fazer agora é vigiar. E esperar. E pensar. E planejar. Tenho que garantir que a gente continue viva, a Emmi e eu. Vou fazer o que for preciso. Vou fazer o que a bruxa maldita mandar.

Mas vou ficar vigiando e esperano. E quando chegar a hora, quando for o momento certo pra agir, eu vou tá pronta. Vou saber o que fazer e vou tirar a gente daqui.

Então a gente vai encontrar o Lugh. Eu prometi isso a ele. Eu num sou de desistir. Num importa o que aconteça.

A Dona Pinch vem na minha direção. Ela tá com uma faca. Ela estende a mão e eu me encolho na parede. Ela agarra a minha nuca com força.

— Eu dou comida pra você, dou água, e depois corto a sua garganta, — ela fala.
— Eu sei que é isso que você tá pensano. Rá. Você num vai ter essa sorte.

Ela pega a minha trança comprida e torce ela com força, puxano minha cabeça pra baixo. Faço uma careta quando a dor se espalha pelo meu couro cabeludo. Ela apara o começo da trança com a faca e num instante já cortou tudo fora. A Dona Pinch levanta a trança.

— É um belo rabo de cabelo, — ela fala. — Deve chegar num bom preço.

Então ela traz uma bacia com água quente, uma barra de sabão e uma navalha. Sem dizer uma palavra, ela joga a água na minha cabeça, me encharcano. Esfrega o sabão na minha cabeça. Ele cai nos meus olhos e faz eles arderem e caírem lágrimas. Num solto um pio. Olho pra Emmi e dou um sorrisinho pra mostrar que ela num precisa se preocupar.

Então eu olho pra frente. Depois que ela me ensaboou até ficar satisfeita, ela pega a navalha e começa a raspar o meu cabelo. Os chumaços vão caíno no chão com um plop molhado.

— Você num vai querer ter cabelo na Jaula, — ela fala. — Um lutador inteligente raspa a cabeça. É bom num ter nada pros seus oponentes agarrarem. Faça o que fizer, num deixe eles segurarem as suas orelhas. Vão arrancar antes que você perceba. Lutas na Jaula num são exatamente limpas.

Nessa hora, noto o que ela tá usando no pescoço. Minha pedra do coração. A pedra do coração cor-de-rosa que a Mãe deu pra Mercy. Que a Mercy deu pra mim. Ela deve ter mexido nas minhas coisas e pegado o que quis.

Eu suspiro com um zunido. Meu coração pula pra garganta. Quero arrancar a pedra do pescoço dela. Destroçar a cara dela com as minhas unhas por ela ter ousado sequer pôr a mão nela. Eu me contorço pra me afastar dela.

— Me devolve isso! — falo.

Ela salta pra trás, toda assustada. Então percebe o que eu tô olhando. Abre a boca num sorriso malvado com aqueles lábios finos.

— Ah, — ela fala, — Você tá admirando meu colar novo. Achei caído por aí. Num é impressionante como tem gente descuidada com seus pertences?

Olho pra ela com ódio. Puxo as minhas correntes, com os punhos cerrados.

— Cuidado, linda, — ela diz. Ela levanta a navalha na mão e olha pra Emmi.

Eu me deixo cair de novo.

Ela estende a mão. Agarra meu cabelo. Então começa a raspar até num sobrar nada. Até eu ficar completamente careca.

Eles soltam a Emmi e põem ela pra trabalhar, esfregam o chão, carregam água e lavam os pratos e as panelas. Todo o trabalho sujo que eles num querem fazer.

E só pra garantir que eu entendi como as coisas são, que ela tá falando sério, a Dona Pinch bate na Em quando pega ela falando comigo ou quando ela num faz as coisas rápido o bastante. Bate na cabeça, belisca o braço dela. Às vezes ela estica o pé e faz a Em tropeçar carregando um balde com água, e depois bate nela se a água derramar.

A Em só levanta e continua trabalhando. Num reclama.

Nem eu. Mas os meus punhos se fecham e as minhas unhas se enterram com tanta força na palma das mãos que chega a sangrar.

A gente viaja com o vento. Paro quando ele descansa, ando quando ele sopra. Mas ele descansa mais do que sopra. Só vejo relances da luz do dia ou do luar nas horas que os Pinch entram e saem da cabana. Num faço a menor ideia de quantos dias passaram, e a Em também não. Parece que a gente tá aqui tem uma eternidade.

O rosto da Emmi tá ficando cada vez mais magro e pálido. E ela chora baixinho

de noite.

Eles me dão a melhor comida deles. Querem que eu fique forte.

Passo o tempo sentada na cama. Tô acorrentada pelas mãos e pelos pés, e presa na parede só pra garantir. A Dona Pinch me solta três vezes por dia pra esticar os braços e as pernas, mas só dentro da cabana. Enquanto isso, ela segura uma faca na garganta da Emmi.

Mas num é qualquer faca. É a minha faca. A que guardo na bota. A que ela tirou de mim. A Dona Pinch sorri, me desafiano, me provocano. Vai, aquele sorriso fala, — Tenta só. Tenta e vê o que acontece. — Ela ia gostar disso. De machucar a Em com a minha faca.

Então eu tô livre, mas num posso fazer nada. Num deixo meu rosto mostrar o que tô pensano. Num deixo ela ver o ódio que queima no meu coração. A raiva que devora as minhas tripas. Minha cara continua séria.

Fico olhando pra ela. Olhando pra ele. Esperano o momento certo.

Se o vento soprar bem, amanhã a gente chega na Vila Esperança.

VILA ESPERANÇA

Rooster Pinch joga a âncora do Cisne do Deserto bem na entrada da Vila Esperança.

A Dona Pinch me desamarra e levanta a cabeça.

Sigo ela, arrastano os pés até o convés, com os tornozelos e os pulsos acorrentados. Fico ali em cima, piscano por causa da luz forte do dia. Eu fico atordoada. Num saí daquela cabana escura e apertada desde que eles prenderam a gente. Deve fazer cinco, seis dias agora. Olho pro sol com os olhos apertados. Meio-dia.

A Vila Esperança se abre na nossa frente, a meia légua de distância. Ela fica encolhida no pé duma colina poeirenta e vai se esticano pela encosta. Eu nunca tinha visto mais dum barraco de cada vez. Tinha ouvido falar de como os Devastadores viviam, todos atulhados juntos em vilas e cidades, mas nunca pensei que veria um lugar assim.

E nunca passou pela minha cabeça que, se eu fosse ver um lugar assim, a coisa num passaria dum monte de barracos caíno aos pedaços encostados uns nos outros. Parece que o troço todo pode ser derrubado com um bom chute.

— Mas que bela vista!, — Pinch fala. — Nada como o alvoroço da cidade para alegrar o coração!

Tem agitação em toda a nossa volta. Gente passano depressa pelo Cisne em nuvens de poeira, com carroças puxadas por cães lobos de cara feroz, ou montadas a cavalo, mula ou camelo, ou a pé. As pessoas entram e saem por um portão enorme na paliçada feita de sucata que cerca toda a Vila Esperança. Eu nunca tinha visto tanta gente assim antes. Olho prum lado e pro outro, tentano absorver tudo.

A Emmi tá de pé do meu lado. Os Pinch num tão olhano. Levanto as minhas mãos acorrentadas e ela passa por baixo. Abraça a minha cintura com força. Os Pinch fazem ela trabalhar tanto que ela tá ainda mais magra que o normal.

— É aqui, — falo. — Vila Esperança.

— O que vai acontecer agora?, — ela cochicha.

— Num sei, — respondo. — Acho que a gente vai descobrir logo. O que quer que seja, fica de olho pra ver se você acha o Lugh.

E nesse instante ouço um grasnido familiar. Olho pra cima. Um pássaro preto grande tá voando bem alto em círculos. Eu reconheço aquela envergadura de asa em qualquer lugar.

— Nero! — falo. Ele desce, passa bem em cima da nossa cabeça e depois volta pra cima. Meu coração sobe junto com ele. Meus olhos se enchem de lágrimas. — Ele deve ter seguido a gente o tempo todo, — digo.

— Eu sabia que ele num ia abandonar a gente!, — Em fala. — Eu sabia!

— É melhor você sair, — falo. — Depressa, antes que ela veja você.

Levanto as minhas mãos, e a Dona Pinch vira bem quando a Em tá se afastando. Ela franze a testa.

— O que é que tá acontecendo? Vocês conhecem as regras!

Ela agarra a Emmi. Levanta o braço pra dar um tapa nela. Justo nesse instante o Pinch grita, — Dona Pinch! A carruagem está aqui, meu amor!

Ela para. Olha pra trás por cima do ombro.

Um camelo sarrento para do lado do Cisne. Ele tá arreado numa carruagem enferrujada. Pela cara horrível, o camelo num tá muito feliz com a vida que leva. Revira os olhos e bate os dentes amarelados perto das pernas do garotinho que tá encarapitado na sua corcova.

A Dona Pinch vira pra gente.

— Eu cuido de você mais tarde, — ela sibila pra Em. — Agora tenho negócios mais importantes.

— Bora, madame, eu num tenho o dia todo, — o garoto do camelo diz. — Pra onde?

A Dona Pinch puxa as minhas correntes. Cambaleio pra frente.

— Leve a gente pro Senhor da Jaula, — ela pede.

Eu espio pelas janelas enquanto a gente atravessa a Vila Esperança devagar e aos solavancos por causa dos pneus vazios. O lugar tá tão lotado que a gente mal consegue andar. As pessoas se espremem na carruagem, encarano a gente. O menino do camelo se inclina pra baixo e bate o chicote nelas, tentano abrir caminho.

Procuro cabelos dourados amarrados numa trança comprida. Olhos azuis feito o céu de verão.

Você tá aqui, Lugh?

As costas dum homem. Ombros largos, cabelos dourados curtos, mas nesse meio-tempo podiam ter cortado o cabelo dele, a altura certa. Meu coração quase para. Todos os meus músculos ficam tensos.

Vira, vira, ah, por favor, vira, deixa eu ver você.

Ele vira. Num é o Lugh.

Nesse momento, um homem se inclina pela janela. Ele agarra o meu braço e tenta me puxar pra fora, com corrente e tudo.

Nem penso. Me torço, arranho ele, me seguro na carruagem, firmo os pés.

— Pare! — O Rooster Pinch bate na cabeça do homem com o guarda-chuva esfarrapado dele. — Solte-a!

— Saba!, — Emmi grita.

A fúria me invade. Mordo com força a mão suja dele. Ele grita, mas continua agarrano. Mordo mais forte. Mais fundo. Mordo até sentir o sangue dele. Ele dá um grito agudo e solta. Cai pra trás e é engolido pela multidão.

— Isso mesmo!, — Pinch grita. — Corra, vilão! Seu covarde! Há! Ninguém mexecom Rooster Pinch!

— Saba, — Emmi fala. — Você tá bem?

Eu cuspo pela janela. Cuspo o gosto dele, o cheiro dele, o toque dele. Me encosto de novo no assento. Limpo a boca com as mãos acorrentadas. Tô bem, respondendo.

Olho pra Dona Pinch. Ela nem se mexeu durante a confusão toda. Só ficou ali, me encarano.

E tá com um sorrisinho na cara.

O menino do camelo estaciona a carruagem na frente dum prédio de pedra baixo e comprido no final da Vila Esperança. É um lugar construído de verdade, não um barraco de entulho dos Devastadores que nem o resto.

— Você traz a criança e lembra de ficar de boca fechada, — Dona Pinch fala pro Rooster quando a gente sai. — Eu trato com o Senhor da Jaula.

Ela pega as correntes das minhas mãos e me puxa. O Pinch leva a Emmi pela mão. Dois homens enormes com cara de maus tão de pé na frente da porta quando a gente chega perto. Meu coração quase para. Eles tão usando túnicas pretas compridas com armadura de couro por cima. Igualzinho aos homens que levaram o Lugh. Devem ser os Tonton, como a Mercy falou.

— O Senhor da Jaula não está, — um deles fala.

— Pra mim ele tá, — Dona Pinch diz. — Fale pra ele que a Dona Pinch tá aqui. Fale que eu trouxe algo especial pra ele.

Eles encaram a gente com olhos bravos. O rosto deles é cruel.

— Você não me ouviu?, — Tonton fala. — Eu disse que ele não tá.

— Vai dizer pra ele que eu tô aqui se sabe o que é bom pra você, — Dona Pinch fala.

Um deles faz um sinal com a cabeça e o outro abre a porta e some lá dentro. Num instante ele volta.

— Podem entrar, — ele fala. — Mas é bom que seja rápido.

A gente entra.

O Senhor da Jaula tá sentado atrás duma mesa de pedra numa sala branca. Na parede atrás da mesa tem uma porta grande de madeira. Um rugido rouco, o som abafado de muitas vozes, vem de trás dela.

Tem restos de comida espalhados pela mesa toda na maior bagunça, pão e bandejas de carne assada e ovos de pombo cozidos e jarras de grogue. O Senhor da Jaula praticamente nem olha quando a gente entra, de tão ocupado que tá meteno isso tudo na boca. Ele tem uma cara gorda, redonda e rosada, com queixo triplo e umas mechas compridas de cabelo coladas na cabeça. Um guardanapo vermelho tá amarrado no pescoço dele.

Sapo inchado e guloso. Eu num tenho medo de você.

Ele pega um pardal assado e enfia inteiro na boca.

— Bom, o que é?, — ele pergunta. — Eu sou um homem ocupado, Dona Pinch. Num tô com paciência pra perda de tempo.

A Dona Pinch fica parada. Como uma cascavel prestes a dar o bote.

— Esses seus guardas Tonton tão cheios de chaal, Senhor da Jaula, — ela fala. — É melhor você torcer pra que o meu... Pra que... Certas pessoas num descubram que você tá deixano o seu padrão de qualidade cair.

O rosto dele fica branco. Ele puxa o guardanapo do pescoço e limpa a boca gordurenta e os dedos grossos e grudentos.

— Mas... Os meus guardas tão limpos, — ele fala, — Eu juro que tão!

— Num me parece, — Dona Pinch fala. — Num é mesmo, Rooster?

— Sim, minha querida, — ele fala. — O que você disser, minha pombinha.

Eu olho pra Dona Pinch, e depois pro Senhor da Jaula. Eles tão se encarano. Os Tonton num tavam mastigano folha de chaal nenhuma. Ela num gosta do jeito que ele falou com ela, e vai descontar criano problema pra ele.

— Bem, o que você tá esperano?, — Dona Pinch pergunta. — É melhor você cuidar disso.

— Sim, — ele fala. — Sim. — Ele hesita, ainda mastigano. Então levanta e contorna a mesa, balançano o corpo.

— DeMalo! — ele urra. — DeMalo!

A porta atrás da mesa abre uma fresta. O ruído de detrás dela vaza pra dentro, um rugido ensurdecedor, quando um homem passa por ela. O som abafa depois que ele fecha a porta.

Ele é um Tonton. Alto, como parece que eles todos são, e vestido da cabeça aos pés com um manto preto. Mas esse aí usa armadura metálica por cima dos mantos, em vez de couro como os outros. Um peitoral brilhoso e braçadeiras que vão do pulso até o cotovelo. Cabelos pretos compridos amarrados atrás. Um rosto alerta. Um rosto forte, com maçãs do rosto largas. Num se diz que homens são formosos, eu sei disso. Mas, mesmo assim, é isso que ele é.

Ele num diz nada. Espera.

O Senhor da Jaula, tão metido pouco antes, se encolhe. Ele desvia o olhar pro lado do DeMalo quando fala, Ah... Esta... Ahn, a Dona Pinch parece achar que tem um problema com os guardas na porta. É claro que eu ahn... Garanti a ela que a gente é muito rigoroso aqui, mas ahn... Eu ficaria ahn... Muito... Ahn...

O DeMalo num dá sequer um sinal de que tá ouvindo. Vai até a porta principal, silencioso feito um gato. Quando passa pela gente, ele para. Bem na minha frente.

Ele levanta a cabeça. Os olhos dele encontram os meus. Eles são fundos. Escuros, quase pretos. Cheios de sombras.

O tempo para de repente. Num consigo me mexer. Num consigo respirar. Num consigo tirar os meus olhos dele. Num quero.

Olhano fundo dentro de mim.

Encontrano os meus pensamentos mais sombrios, meus piores medos.

— Eu conheço você, — uma voz sussurra. — Eu conheço você.

Um frio começa a se espalhar pelo meu sangue. Tremo. O frio corre o meu corpo inteiro, dos pés até a cabeça. Ele sente isso. Vê isso. Os olhos dele estremecem bem de leve. Então ele se move, passa pela porta e vai embora.

Isso tudo só durou um instante. Ele e eu, trancados dentro dum instante.

Ninguém fala nada por um longo momento. Ninguém se mexe. É como se todo mundo tivesse sentido a mesma coisa. Como se todo mundo tivesse parado de respirar.

O que acabou de acontecer aqui? Quem é ele? Dá pra ver que todo mundo tem medo dele.

Então o Senhor da Jaula vai até a mesa, se serve de uma caneca de grogue e

engole tudo. Ele desaba na cadeira, enxugando a testa com o guardanapo.

— Então, — Dona Pinch fala, — Tamos nos entendeno, eu acho.

— Sim, — ele fala. — É claro. E aí, você trouxe algo pra me mostrar. Sua mais recente aquisição, imagino. — Ele me observa com os olhinhos gananciosos dele.
— Então, você acha que ela vai ser boa na Jaula.

— Eu num acho, — Dona Pinch diz, — Eu sei. Esta aqui é extraordinária. Excelente.

— Num é como aquela última que você me trouxe então, — ele fala. — Aquilo foi uma decepção. Num colaborava em nada. Eu tava começano a pensar que talvez a sua capacidade de julgar num fosse mais a mesma, rá rá!

O pescoço da Dona Pinch fica num tom suave de vermelho. Ela fecha os punhos.

— Cuidado com o que você diz, Senhor da Jaula, — ela fala.

— Eu... Eu num quis faltar com o respeito, Dona Pinch. Você me conhece, num quis...

— Só lembre com quem você tá falano, — ela responde. — Quem eu sou. Eu tenho influência! De qualquer maneira, já cuidei daquela garota. Ela teve o que merecia.

— Isso mesmo! Assim é que se fala! Você é uma em um milhão! Bom, vamos lá, — ele fala, — Vamos dar uma boa olhada nesse seu prêmio. — Pra frente, — ela fala pra mim. Ela prepara pra me dar um empurrão nas costas, mas eu desvio.

— *Num se entregue ao medo, Saba. Seja forte, como eu sei que você é.*

Caminho até a mesa com calma. Minhas correntes dos tornozelos batem no piso de pedra. Envolver uma cadeira com o pé, puxo e sento.

Levanto minhas mãos acorrentadas, me sirvo de um dos pardais assados e arranco a cabeça com os dentes. Depois encho uma caneca de grogue e bebo até o fim, olhando pra ele o tempo todo. Coloco a caneca vazia de boca pra baixo na mesa.

Ele estreita os olhos.

— Bom, — ele fala, — Ela é atrevida, eu reconheço. Levante-se, garota, vamos

ver você direito.

Olho ele de alto a baixo. Faço beijo de desdém.

Ele contorna a mesa num segundo. Agarra meu braço e me faz levantar. Quem diria que um homem gordo pudesse se mover tão depressa? E ele é muito mais forte do que eu imaginei. Ele me puxa com força pra perto dele.

— Tome muito cuidado, — ele sussurra na minha orelha. — Quem manda aqui sou eu. Num me interessa quem você é ou de onde você vem. Na Vila Esperança minha palavra é lei. A menos que eu diga o contrário... Você num é nada. Menos que nada. A poeira debaixo dos meus pés é mais útil pra mim do que você. Tá entendendo?

Faço que sim com a cabeça.

Ótimo, — ele fala.

Ele lambe a minha orelha bem devagar. Então se afasta. Meu estômago fica todo revirado. Sinto o sangue correr pro meu rosto. Quero esfregar a minha orelha, vomitar, sair correndo da sala, mas num posso. Num faço. Eu simplesmente fico olhando pra frente.

— Ela é forte, — Dona Pinch fala. — E inteligente também.

— Forte, inteligente e atrevida. — O Senhor da Jaula anda no meu redor, me olhando de alto a baixo. — Bom, ela parece impressionante. Você até que pode ter algo bom aqui.

— Eu disse, — ela fala.

O Senhor da Jaula olha pra mim.

Então ele fala, — A pergunta é: ela sabe lutar?

— Só tem um jeito de descobrir, — Dona Pinch responde.

— Tem toda a razão, — ele fala —. E nunca deixe pra amanhã o que se pode fazer hoje. Venham.

O Senhor da Jaula caminha até a porta donde o DeMalo saiu e escancara ela. O rugido que a gente ouviu antes entra na sala e enche o ar. O Senhor da Jaula sai. A gente vai atrás.

A gente tá em pé numa plataforma, olhando pra uma grande multidão lá embaixo.

— Bem-vindos ao Coliseu, — ele fala.

Tento absorver tudo. A casa do Senhor da Jaula fica em cima de uma colina. Tem uma descida longa para casa embaixo. Embaixo da gente, escavadas na encosta, tem fileiras e mais fileiras de bancos com três caminhos livres que atravessam elas de cima até embaixo.

Os bancos são lotados de gente. Todo mundo está gritando, e algumas pessoas estão pulando, apontando e sacudindo os pulsos. E todos olham para a mesma coisa.

Uma jaula. Num espaço aberto no pé da colina tem uma jaula grande de metal. Dentro dela dois homens estão lutando. Pelo rugido da multidão, pelo cheiro da animação no Coliseu, parece que a luta está se encaminhando para um grande final.

Os dois lutadores estão descalços e sem nada cobrindo os braços e as pernas. Eles usam túnicas curtas. Sem armas. Eles se socam, se agarram, se chutam, sobem pelos lados da jaula e se jogam para cair em cima um do outro.

Um deles está ficando cansado. O nariz está sangrando, e ele está começando a cambalear, a errar socos.

— Parece que é o fim para Artashir, — Senhor da Jaula fala.

O oponente do Artashir encurrala ele num canto, pega ele pelo pescoço com as duas mãos e segura ele ali, batendo ele nas barras da jaula. O Artashir fica inerte. O sujeito solta, e ele escorrega até o chão.

O vencedor levanta as mãos acima da cabeça, sacode os punhos no ar, e a multidão fica louca.

Artashir levanta devagar. Ele fica ali de pé, cambaleando de leve. A multidão vai. Então todos viram para nossa plataforma e começam a cantar, Corredor! Corredor! Corredor!

Artashir olha para o Senhor da Jaula. O Senhor da Jaula olha para ele.

— Normalmente aguardo ansioso por esta parte, — ele fala. — Mas esse aí tem alguma coisa... A vontade que ele tem de viver parece ser mais forte que a da maioria. Imagino que foi por isso que durou tanto tempo. Ele certamente foi bom pros negócios. Bom, num adianta ficar sentimental. Ele perdeu as duas últimas lutas, e com esta agora são três. Regras são regras.

Ele arranca o guardanapo vermelho do pescoço e, segurano na mão direita, levanta ele acima da cabeça. A multidão tá gritano ainda mais alto agora.

O Senhor da Jaula suspira.

— Ah, vamos logo com isso, — ele fala. Então abaixa o braço.

Dois guardas troncudos abrem a porta da jaula e puxam o Artashir pra fora. A multidão inteira avança pra passagem que vai até o meio do Coliseu, as pessoas subino umas em cima das outras, socano e chutano pra chegar bem perto.

Guardas armados tiram elas do caminho, empurram pra trás, pra deixar a passagem livre.

— Eles vivem pra isso, o Senhor da Jaula — fala. — São piores que animais. É isso que chaal demais faz. Idiotas.

Então todo mundo começa a bater os pés no chão. O lugar inteiro treme, até a plataforma em que a gente tá. As batidas vão ficano cada vez mais rápidas.

Os guardas empurram o Artashir pra frente. Ele passa olhos pelo Coliseu. Respira fundo pelo nariz algumas vezes, com a cabeça bem erguida. Então o rosto dele muda. Fica rígido. Como se ele tivesse tomado uma decisão. Ele olha pro Senhor da Jaula e cospe no chão.

O Senhor da Jaula dá uma risadinha.

Então o Artashir joga a cabeça pra trás e ruge. Urra feito uma fera selvagem que foi caçada, que tá cercada, mas que vai cair lutano.

Ele começa a correr. Dispara pela passagem central. As pessoas esticam as mãos, batem nele, agarram a túnica dele, tentano puxar ele pra baixo. Ele dá um soco e se livra. Consegue cambalear por mais alguns passos. Mas a multidão avança pro corredor, uivano que nem lobos numa matança, e os corpos se fecham em cima dele. Ondas quebrano num homem que tá se afogano. O Artashir desaparece.

Meu estômago fica embrulhado.

— É uma pena quando um bom lutador cai no corredor, — Senhor da Jaula fala. Ele olha pra mim. Estende a mão grudenta e alisa a minha bochecha. — Agora é a sua vez, — ele fala.

A garota é menor que eu.

Ela vem pra cima de mim com vontade, logo de cara. Ela se move tão rápido que nem consigo ver os punhos dela. O primeiro soco é no meu rosto. Depois nas minhas costelas. E eu só fico ali plantada. Como se tivesse dormino.

Mas aí a fúria me toma e finalmente entendo o que é. É que nem com os animais. Um animal vai fazer de tudo pra viver. Até arrancar a própria perna com os dentes se ela ficar presa numa armadilha. Essa é a fúria. E vou ter que aprender a usar isso se quiser sobreviver na Jaula.

A garota é forte. E ela luta pesado. Ela luta feroz. Ela perdeu as duas últimas lutas. Essa é a última chance. Então ela também tá com a fúria.

Mas a minha é mais forte que a dela.

Eu olho pro que ela faz.

E aprendo depressa.

Ela me dá uma bela duma surra até eu aprender o suficiente. Então dou sorte. Parto pra cima dela com uma voadora na barriga que joga ela com força nas barras e pronto. A garota num levanta até o guarda colocar ela de pé.

E acabou. Fim.

O fim pra ela. O começo pra mim.

Eles num me dizem qual é o nome dela. No rosto dela tem uma marquinha de nascença cor-de-rosa. Parece uma borboleta.

Como o Senhor da Jaula fala, é uma pena quando um bom lutador cai no corredor.

Mas uma das duas tinha que ir.

E de jeito nenhum ia ser eu.

Os Pinch tão lá no convés. Tão comemorano a sorte deles com uma jarra de squonk e um pombo assado. Hoje é a nossa última noite no Cisne do Deserto. Amanhã eles se mudam prum lugar na cidade. Quer dizer, os Pinch e a Em. Eu vou ser levada pro bloco das celas onde os lutadores da Jaula ficam.

Tô deitada na minha cama. Tô acorrentada, mãos e pés, como sempre. A Em tá sentada do meu lado. Ela segura um pano molhado com sumo de gerânio e encosta ele, com muito cuidado, no corte perto do meu olho.

— Num tô machucano muito você, né? — ela fala.

Eu sei que o meu corpo tá dolorido. Deve tá. Mas a dor parece muito distante, como se fosse num sonho. Como se eu num tivesse mais no meu corpo. Como se tivesse flutuano em algum lugar fora dele.

— Desculpa, — sussurro pra Em.

— Desculpa por quê?

— Você num devia ter visto aquilo, — falo.

Ela e os Pinch ficaram com o Senhor da Jaula na varanda dele. Ela viu tudo do começo até o fim.

— Eu tive tanto medo, — ela fala. — Ela ia matar você se pudesse.

— Nunca vou deixar ninguém me matar, — falo. — Eu vou viver. Vou viver e tirar a gente daqui, e a gente vai encontrar o Lugh. Eu prometi a ele que ia e... Ah, Emmi... Emmi, o que a gente vai fazer? O que eu vou fazer?

E é isso. Eu me acabo. As lágrimas começam com uns fiozinhos. A Emmi tenta enxugar, mas elas começam a sair rápido demais.

— Shhh... — Ela faz carinho no meu rosto. — Shhh... Num deixa eles ouvirem

você, — ela fala. — Nunca deixa eles ouvirem você chorar.

Ela me dá o pano pra enfiar na boca.

Ela deita do meu lado na cama. Coloca os braços magricelos de menininha no meu redor e me abraça com força.

— Tá tudo bem, Saba, — ela fala. — Vai ficar tudo bem.

Eu me dobro de dor. Uivo no pano, o meu corpo inteiro sacode.

Choro pela garota com a borboleta na bochecha.

Choro pela Emmi. Pelo Pai. Pelo Lugh. Por mim.

Pelo que a gente era.

Pelo que foi tirado da gente.

Pelo que a gente perdeu pra sempre.

VILA ESPERANÇA: UM MÊS DEPOIS

Eles me chamam de Anjo da Morte.

Isso é porque eu nunca perdi uma luta. Toda vez que eles me levam pra Jaula, eu deixo a fúria tomar conta e ela luta até vencer.

Se é a terceira vez de azar pra garota que acabou de ser vencida, viro de costas pra num ter que ver ela passar pelo corredor. Mas num consigo deixar de ouvir. A gritaria da multidão louca de chaal, feito uma matilha cercano a presa.

Eu fecho a minha mente. Num me permito pensar nisso. Tenho que ficar viva. Tenho que sair daqui e achar o Lugh. Ele ainda tá em algum lugar, esperano eu chegar. Eu sei. Eles podem tá manteno ele bem aqui na Vila Esperança.

Vila Esperança. Aqui é uma pocilga, bem como a Mercy falou. Todo vilão nojento cuspidando dum monte de estrume parece dar um jeito de chegar aqui.

E os Tonton. Eles tão em todo canto, também que nem a Mercy disse.

Eles são guarda-costas pessoais do Senhor da Jaula, que observa as lutas do conforto da varanda dele. Eles controlam o Portão, checano quem entra e quem sai da Vila Esperança. Eles ficam nas torres de vigia, uma em cada canto da palçada em volta da cidade. Eles são responsáveis pelos guardas armados que controlam as multidões do Coliseu e patrulham as ruas. Eles são responsáveis pela escória que toma conta da gente aqui nos blocos das celas, um pros lutadores homens e outro pras mulheres, e supervisionam a gente nos pátios de exercício.

E o Tonton responsável por todos eles é o DeMalo. Dizem que ele presta contas pro Senhor da Jaula, mas, pelo que vi naquele primeiro dia, o DeMalo num presta contas pra ninguém a num ser ele mesmo. De tempos em tempos, ele fica na varanda do Senhor da Jaula durante uma luta. Nunca mais vi ele de perto. E espero nunca mais ver.

Mas todos os guardas e vigias e celas trancadas e correntes que me prendem... Nada disso me impediu de tentar escapar.

Da primeira vez, eu esperei até a noite, então abri a fechadura da cela com um prego enferrujado que tinha achado num canto do pátio de exercício. Fui apanhada tentano surrupiar as chaves do cinto do guarda enquanto ele tava cochilano.

Da segunda, eu tava voltano do Coliseu quando dei um soco na cara do guarda e

sai correno.

Das duas vezes, eles me enfiaram na Geladeira pra tentar me quebrar. É o que eles sempre fazem com quem cria caso. Mas algumas horas trancada numa caixa de metal embaixo da terra num vão me impedir de tentar sair daqui, e eles sabem disso.

É por isso que eles passaram a me acorrentar na cama sempre que eu to na cela. É por isso que eles me botam numa jaula pra me levar pro Coliseu pra lutar e depois pra voltar. E é por isso que eles me revistam antes de me trancar de novo.

Mas nunca me machucam. Nunca põem nem um dedo sequer em mim. Num luto mais que duas vezes por semana. O Anjo da Morte é um grande atrativo pras multidões. Eu sou a melhor coisa que já aconteceu pra Vila Esperança em muito tempo. Eles querem garantir que dure.

Num sei que tipo de trato os Pinch fizeram com o Senhor da Jaula, mas, seja qual for, eles devem ter se dado muito bem. Às vezes eu vejo a Dona Pinch na varanda do Senhor da Jaula, me veno lutar, mas fora isso num tenho mais nada a ver com nenhum deles.

Também num tenho visto a Emmi. Odeio num saber se ela tá bem, mas num tenho como mandar mensagem nenhuma pra ela. Só posso torcer pra que ela encontre um jeito de mandar uma pra mim. E que de algum modo ela teja se manteno longe do punho da Dona Pinch.

Eu sou bem alimentada. Tenho minha própria cela e uma cama com cobertor. As outras lutadoras ficam todas juntas numa cela grande e têm que dormir amontoadas no chão frio da noite. Elas num ganham nenhum tratamento especial.

Até o chefe dos guardas, o Cachorro Louco, fica longe de mim. Chamam ele de Cachorro Louco por causa das vezes em que ele fica tão surtado de chaal que é impossível saber o que vai fazer. E ele faz muita coisa. Com os guardas, com os outros lutadores. Mas não comigo. Ele num se atreve a tocar em mim.

Na calada da noite, fico sentada ou andano pela minha cela. Num durmo mais do que uma ou duas horas de cada vez. E isso porque no instante que eu fecho os olhos, a escuridão vem me pegar. Ela desliza pra fora do esconderijo dela e me envolve num abraço muito, muito frio. Ela invade o meu sangue, os meus ossos, a minha alma. Ela espreme de mim toda a esperança.

Se eu deixar ela entrar, nunca vou sair daqui. Vou ficar e lutar na Jaula até

começar a perder. Vou ficar até morrer no corredor.

Tenho medo de que, no fim, a escuridão acabe se tornando maior do que a fúria.

No instante que eu fecho os olhos, ela vem.

A escuridão vem.

A escuridão e os sonhos.

Eu tô no Coliseu.

Tô quieto. Vazio. Escuro. As horas mortas da noite.

Tô na Jaula, os pés descalços, as roupas esfarrapadas. Sacudo a porta, mas ela tá trancada. Tô presa aqui dentro.

Sinto um arrepio na nuca. Eu viro devagar.

Elas tão todas ali. Todas as garotas com quem já lutei. Todas as garotas que eu venci e mandei pro corredor. Trancadas na Jaula comigo. Elas são só sombras, os rostos tão na escuridão, mas eu conheço elas. Cada uma. A cor dos olhos, o contorno do nariz, o cheiro do medo na pele delas.

Elas começam a se mover, deslizano na minha direção com pés silenciosos.

— Me perdoem. — Eu sussurro, falo, grito — Me perdoem me perdoem me perdoem —, mas nenhum som sai da minha garganta.

Elas tão em cima de mim agora. Elas me cercam. Elas me puxam pra baixo.

Escuridão pesada, feito um cobertor.

Vozes. Sussurram. Murmuram. Suspiram. Mas bem distantes, então num consigo entender as palavras. — E aí, Saba! Saba, me ajuda!

A voz do Lugh! Mas de quando ele era pequeno. Da idade da Emmi.

— Lugh!, grito. Eu tô aqui! Tô tentano achar você! Cadê você?

— Num sei! Depressa, Saba! Tá tão escuro. Eu... eu tô com medo. — Ele começa a chorar.

—Tá tudo bem, Lugh! — grito. — Eu vou encontrar você! Continua falano pra eu poder encontrar você!

— Num posso! Num posso! Saba! Eles tão chegado! — Ele berra.

— Lugh! — grito. — Lugh! — Silêncio.

Então as vozes de novo. Mais próximas agora, então tô ouvindo o que elas tão dizem.

Tarde demais... tarde demais... tarde demais...

— Não, — solto um gemido. — Não! Por favor! Lugh! Tô aqui! Tô chegado!

Eu me arrasto pra fora do sonho. Tô encharcada de suor. Sento com o coração acelerado.

Eu espero. Sempre demoro uns minutos pra voltar pro normal, pra recuperar o fôlego. Meu cobertor tá todo retorcido e embolado na corrente do meu tornozelo direito.

Toda noite eu sonho com o Lugh. Nunca vejo ele. Só ouço. Às vezes ele tá assustado e me chamano, como hoje. Outras vezes ele tá bravo, gritano.

— Mas que porcaria, Saba, cadê você? Por que você tá demorando tanto?

Mas o pior sonho é aquele em que ele me devolve as minhas próprias palavras.

— Eu vou encontrar você. Pra onde quer que eles levem você, juro que vou encontrar.

Várias vezes, direto até eu acordar, e aí para.

Em algumas noites volto a dormir depois dos sonhos, noutras fico acordada e espero a luz do amanhecer entrar no bloco da cela. Enrolo meu cobertor debaixo da cabeça, deito de novo e espero pra ver o que vai acontecer hoje.

— Foi ruim dessa vez?, — um sussurro vem da cela do lado da minha. A cela onde todas as outras lutadoras ficam trancadas juntas.

Num falo nada. Num gosto de falar com as que eu luto ou com as que vou ter que lutar. E nenhuma delas fala com o Anjo da Morte. Elas têm medo de mim. Acho que é melhor assim. Mas conheço a maioria das vozes e num reconheço essa, então ela deve ser nova. Uma voz baixa e suave. Agradável.

— Ouvi você ontem de noite também, — ela fala. — E anteontem. Desde que eu cheguei.

Agora eu sei. Eles trouxeram uma garota três noites atrás. Magra e alta. Parecia meio doente. Alguns anos mais velha que eu, deve ter uns vinte. Ela perdeu a primeira luta hoje.

Se ela me ouve, quer dizer que as outras também podem me ouvir. É perigoso deixar seu inimigo ver fraqueza. Fraqueza pode matar você. E então, é como se ela visse dentro da minha cabeça.

— Tá tudo bem, — ela fala. —Ninguém mais sabe. Só eu. Eu num durmo muito.

Ouçõ ela se arrastano mais pra perto das barras. Num consigo ver ela, nem a forma dela no escuro. O bloco num tem janela. Ele fica iluminado por tochas durante o dia e quando a noite chega é preto mesmo.

— Você perdeu hoje, — falo. — Ouvi as pessoas comentano. Eles falam que você nem tentou.

— Eu num sou lutadora, — ela fala, — Não que nem você. Quanto mais rápido eu perder, mas rápido tudo isso acaba.

— Você quer morrer? — pergunto.

— Quero ser livre, — ela fala. — Nunca fui livre. A minha vida inteira. Ela fica quieta por um momento.Então ela fala, — Você se incomoda que chamem você de Anjo da Morte?

— Não.

— As outras garotas têm medo de você. Elas sabem que lutar contra você é o fim.

Eu num falo nada.

— Meu nome é Helen, — ela fala.

— Eu sou Saba.

— Saba. É um nome bonito.

Eu me enrolo no meu cobertor e deito.

— Boa noite, Saba, — ela fala. — Bons sonhos.

— Boa noite, Helen, — falo.

E durmo.

A Emmi descobriu um jeito de entrar no bloco das celas pra me ver. Ela começou a vir com os aguadeiros. São os garotos sujos que aparecem todo dia bem cedo, logo antes do amanhecer. Eles trazem baldes de água limpa e esvaziam nas calhas que correm pelas beiradas das celas. A Emmi dá uma escapulida pra me ver e volta pra cuidar das tarefas da manhã antes dos Pinch acordarem.

É a Emmi que cochicha pra mim o que tá acontecendo na Vila Esperança, que me diz como o lugar funciona e onde as coisas ficam.

Ela tá mais forte que antes, com certeza. Nem dá pra dizer que é a mesma menina que saiu da Lagoa da Prata naquele dia. Umas duas vezes ela apareceu com um corte no lábio ou um hematoma no braço que me fez cerrar os punhos, mas na maior parte das vezes ela consegue ficar fora do caminho da Dona Pinch.

A Emmi. Sozinha num buraco infernal como esse. De algum jeito conseguino se virar. Quem podia imaginar?

Já faz quatro noites desde que a Helen falou comigo pela primeira vez. A gente fala um pouquinho todas as noites agora. Nunca fui muito de falar, a num ser com o Lugh, e desde que eu cheguei aqui perdi esse hábito ainda mais. Mas gosto

da Helen. Ela é praticamente a única pessoa que conheci em muito tempo que num é maluca.

E que num tem medo de mim. Ela fala que num vai viver tempo bastante pra me enfrentar na Jaula, então qual é a diferença, a gente pode ser amiga.

A gente sempre espera as outras garotas dormirem e os guardas fazerem a última checagem. Eles ficam sentados do lado de fora até a troca do turno no nascer do sol, então é seguro assim que a gente ouve a porta bater e a barra ser colocada no lugar.

Então deslizo pra fora da minha cama. A corrente da minha perna é comprida o bastante pra eu sentar do lado dela no chão frio, com as barras da jaula entre a gente. O calor do corpo dela me faz pensar em como o Lugh e eu costumávamos sentar, um de costas pro outro, e em como eu conseguia sentir as batidas do coração dele no meu corpo, sentir a respiração dele.

A Helen perdeu a segunda luta hoje. Ela num me falou, mas ouvi as outras conversano. Nós duas sabemos que ela num tem mais muito tempo.

Agora ela fala pra mim, — Me diz o que aconteceu com o seu irmão.

Então eu conto. Falo pra ela o que aconteceu no dia que os Tonton apareceram e mataram o Pai e levaram o Lugh. É um alívio tão grande falar dele, depois de ficar com ele só dentro da minha cabeça por tanto tempo. Quando chego na parte que eles perguntaram sobre o Lugh ter nascido no solstício de inverno, sinto que ela fica bem quieta.

— Espera um minuto, — ela fala. — Solstício de inverno. Você lembra o que eles falaram? Quer dizer, as palavras exatas deles.

Nem preciso pensar pra responder. As palavras tão queimadas no meu cérebro. Respondo, — O sujeito fala pro Procter John, esse é ele? O Menino de Ouro aí? Foi ele que nasceu no solstício de inverno? E o Procter John diz que sim, e então o Tonton pergunta pro Lugh quantos anos ele tem. O Lugh responde dezoito, e então o homem pergunta de novo, você nasceu mesmo no solstício de inverno? O Lugh fala que sim, e aí pegaram ele.

— Parece que eles foram lá procurano ele, — Helen fala. — Como se soubessemque iam achar ele na Lagoa da Prata.

Tô surpresa que ela diga isso, assim do nada.

— É isso mesmo, — falo. — Exatamente isso.

— Tinha mais alguma coisa? — ela fala.

— Não, era só isso. Ah, é claro. A Mercy falou que tinha um estranho lá quando o Lugh nasceu, um homem.

— Um homem. Quem era ele? Você sabe o nome dele?

— Sei. Trask A Mercy disse que ele se chamava Trask. Disse que ele tinha ficado todo animado de ver o Lugh nascer, disse que ele num parava de falar sobre como um menino nascido no solstício de inverno era uma coisa maravilhosa. Ele ficou falando isso sem parar e ninguém entendia o motivo e aí ele simplesmente... Desapareceu. Nunca mais viram ele.

— Não, — Helen fala. — Acho que num viram mesmo.

Meu coração começa a bater acelerado. Agarro ela pelas barras da jaula. Encontro a mão dela e aperto com força entre as minhas.

— Helen, o que foi? Você sabe de alguma coisa. Me conta.

— Num quero, — ela fala.

— Diz, — falo. — Diz logo.

— Tudo bem, — ela fala. — Saba, John Trask era o meu pai.

Eu queria poder ver a cara dela.

Fitar nos olhos dela e saber se ela tá dizendo a verdade. — Num mente pra mim, — peço.

— Eu num tô mentindo, — ela fala. — Juro que é a verdade. Saba, o seu irmão tá correndo muito perigo. Foram os Tonton que levaram ele, sim.

— Ele tá aqui na Vila Esperança?

— Acho que não, — ela fala. — Não. Acho que levaram ele prum lugar

chamado Campos da Liberdade.

— Onde fica? — pergunto.

— No norte daqui, — ela fala. — Bem no meio das Montanhas Negras. É difícil chegar lá. Fica bem escondido.

— Campos da Liberdade, — repito. — O Lugh tá em Campos da Liberdade. Do que mais você sabe?

— Escuta Saba, — ela fala — Se ele tiver em Campos da Liberdade, quer dizer que o Rei pegou ele.

— O Rei? — falo. — Nunca ouvi falar dele.

— A Vila Esperança é dele, — ela diz. — A Vila Esperança e toda a terra em volta, até onde você conseguir ir. DeMalo é homem dele. O segundo no comando.

E o Senhor da Jaula?

— Ele faz o que mandam fazer, — ela fala. — Tem o Rei, tem o DeMalo e tem os Tonton que são tipo o... O exército pessoal dele. É deles que você tem que ter medo. E o que mais?, — pergunto. — Preciso saber tudo.

— O Rei num é certo da cabeça. Nenhum deles é. Eles acreditam em coisas estranhas. Coisas loucas. O meu pai também acreditava nelas.

— O seu pai, — quero saber. — John Trask

— É. Ele era um deles. Um Tonton, um espião do Rei. Agora ele tá morto, mas com certeza era ele na Lagoa da Prata naquele dia. Eu era bem pequena, mas me lembro dele voltano pra Campos da Liberdade e de como eles todos ficaram animados quando ele disse que tinha encontrado o tal, que tinha encontrado o garoto.

— Encontrado que garoto? — quero saber.

— Ela fica quieta.

— Helen! — falo.

— Eu num quero falar pra você, — ela sussurra.

— Você precisa falar, — digo. — Por favor, Helen. Vai.

— Ele disse que tinha encontrado o garoto, — ela fala. — O garoto nascido pra ser morto no solstício de verão. Morto pra que o Rei pudesse viver.

Meu estômago revira. Prendo a respiração. — Eu... Eu num tô... Num to entendo, — falo. — Como assim... Matar ele pra que o Rei pudesse viver? Do que você tá falando?

Ela começa a falar rápido. Baixinho, pra gente num perturbar ninguém.

— Tudo tem a ver com o chaal, — Saba. — Você viu esse lugar. Todo mundo aqui mastiga ou fuma isso. O Cachorro Louco, os guardas das celas, todo mundo que vem ver a gente lutar. E uma pessoa controla o chaal. Ele cultiva, colhe e fornece.

— O Rei, — falo.

— Isso é assim porque só existe um lugar com as condições certas pra cultivar ele. Você precisa do tipo certo de terra, da luz certa, da quantidade certa de chuva.

— Campos da Liberdade, — falo. — Nas Montanhas Negras.— Os Tonton juntam pessoas, levam elas até Campos da Liberdade como escravas e forçam elas a trabalhar nos campos.

— E controlam elas com chaal, — completo.

— Agora você tá entendendo, — ela diz.

— Então o homem que controla o chaal controla tudo e todo mundo. Ele é todo poderoso, — digo.

— Esse é o Rei, — ela fala.

— Mas... Ainda não tô entendendo, — falo. — O que isso tudo tem a ver com o Lugh.

— A cada seis anos, na véspera do solstício de verão, eles sacrificam um garoto. MMatam ele. E esse garoto num pode ser qualquer um. Ele tem que ter dezoito anos e ter nascido no solstício de inverno.

Os pelinhos do meu pescoço se arrepiam.

— O Lugh, — falo.

— O Rei acredita que o garoto morrer faz o espírito, a força dele, passar pra ele, pro Rei. E o poder dele é renovado por mais seis anos.

— Mas isso é... Loucura, — digo.

— Eu disse pra você, — Helen fala, — O Rei num é certo da cabeça. Mas ele acredita nisso. E como ele acredita, os outros todos acreditam. É o chaal, Saba. Só um pouquinho já torna as pessoas tontas, lentas e fáceis de controlar. Chaal demais deixa elas descontroladas, como as multidões no Coliseu quando um lutador passa pelo corredor. Como o Cachorro Louco. Quando eles começam, num conseguem mais parar. Num querem parar.

— Mas sacrifício, — falo. — Num acredito.

— Eu sei o que parece, mas é verdade. Eu vi pessoalmente. Na véspera desse solstício de verão vai fazer seis anos desde o último sacrifício. O seu irmão tem dezoito anos. Ele nasceu no solstício de inverno. É a vez dele.

— E eles sabiam do Lugh por causa do seu pai, — falo.

— Isso. Como eu disse, meu pai contou do Lugh pra eles. Depois disso, ficaram vigiano ele no longo dos anos pra garantir que ele num sofresse mal algum.

— O nosso vizinho, — falo. — O Procter John. Foi isso que ele quis dizer com "fiquei de olho nele esse tempo todo".

— Num culpa ele, Saba, ele ia ser forçado a fazer isso.

— Mas por que num levaram o Lugh quando ele nasceu? — falo. — Ou depois? Por que esperar até agora?

— Porque eles precisavam que o garoto tivesse um espírito forte. E deixar ele viver com a família dele, em liberdade, mantém o espírito dele forte.

— Num tem ninguém mais forte que o Lugh, — sussurro.

— Quanto mais forte ele tiver na hora de morrer, mais forte o Rei vai ficar. Escuta, Saba, — ela fala, — Falta menos de um mês pra véspera do solstício de verão. Se você quer salvar seu irmão, tem que encontrar um jeito de sair daqui logo. Tem que...

A porta do bloco abre de repente e o Cachorro Louco, o chefe dos guardas, entra. Ele tá girando um bastão comprido e grosso nas mãos. Tá maluco de chala, tremendo, com os olhos brilhando, e rindo sozinho. Os guardas iluminam o caminho dele com tochas.

— Como é que são as minhas garotas hoje? — o Cachorro Louco pergunta.

As lutadoras da cela principal acordam na hora. Elas ficam de pé e recuam para as sombras, para que ele não possa ver e escolher. Eu voltei para minha cama no instante que a porta se abriu.

Ele passa o bastão pelas grades da cela.

— Acordem, — ele fala. — O papai quer brincar. — Helen, — falo, — sai!

Ela tá paralisada de medo, ainda agachada perto das grades onde a gente tava conversando.

O Cachorro Louco avista ela.

— O que você tá fazendo aí? — Ele passa o bastão entre as barras e cutuca ela. — Sai, sua rata! Ela se encolhe.

— Deixa ela em paz, — falo. — Uuuu, — ele fala. Ele vem até a minha cela e me lança um olhar maldoso. — Se não é o Anjo da Morte.

Eu fico encarando. Deixo que veja o quanto odeio ele.

— Você tá se achando, né? — ele fala. — Tô dizendo, se dependesse do Cachorro Louco, agora você estaria lá fora levando uma surra que nunca ia esquecer. Esse dia vai chegar. E quando chegar, você vai me implorar por misericórdia. Mas agora não. Você é a atração principal da Vila Esperança hoje em dia, e o Cachorro Louco não quer problemas. Mas tô entediado. Quero me divertir um pouquinho. Ele aponta para Helen. — Tirem a rata, — ele fala.

Ele acena com a cabeça, e os guardas destrancam a jaula principal e abrem caminho à força por entre as garotas. Torcem o braço da Helen atrás das costas dela e levam ela para fora da cela.

— Helen! — falo. — Espera! Deixem ela em paz!

O Cachorro Louco puxa uma das cadeiras dos guardas até o meio do bloco, vira ela de costas e senta. Os olhos dele brilham de animação, e ele tá começano a ter espasmos. Os dedos, os ombros, os pés. Isso significa problema.

— Vejamos, — ele fala. — Que tal você cantar uma música pra mim?

— Eu num conheço música nenhuma, — Helen fala baixinho.

— Ela num conhece música nenhuma. — O Cachorro Louco olha no redor, como se tivesse surpreso. — Bom, você sabe dançar? Dança um pouquinho pra mim, sua... Rata. Bora, tá esperano o quê? Dança.

A Helen num se mexe.

— Eu falei pra dançar!

— Deixa ela em paz! — falo.

— Cala a boca, cala a sua boca! Maldita seja, — ele grita, — Eu tenho que fazer tudo sozinho?

Ele joga a cadeira na parede e ela se quebra em pedacinhos. Então o Cachorro Louco começa a dançar. Ele gira o bastão, joga ele pro alto, dança em volta dele.

— Viu? — ele fala. — Olha como é fácil! Eu tô dançano! Todo mundo dançano! Bora!

A Helen fica ali parada, os braços grudados do lado do corpo, olhano pra ele. De repente ele para.

— O que você tá olhano, sua rata? Eu falei... O que é que você tá olhano? — ele grita a plenos pulmões, as veias do pescoço saltano. Ele agarra o braço da Helen e começa a arrastar ela na direção da porta. Ela dá um grito.

— Helen! — grito. — Solta ela, seu desgraçado!

Eu pulo pra porta da cela, esqueceno que tô acorrentada na cama e que a cama tá presa no chão. Caio de cara, mas levanto na mesma hora.

O Cachorro Louco joga a Helen pros dois guardas.

Levem ela pra fora, ele ordena. Eles pegam ela pelos braços e arrastam ela porta afora.

— Helen! — falo. — Não! Helen!

O Cachorro Louco tá destrancando a minha cela. Eu volto correndo pra minha cama, no cantinho, e chuto ele quando ele solta a corrente da cama. Ele agarra o meu braço, me levanta à força e me arrasta pra fora da cela. Ele puxa o alçapão de metal no chão do bloco e me joga ali dentro.

— Bons sonhos, Anjo, — ele fala. E então cospe em mim.

Ele bate a porta com força e fico na Geladeira. No lugar mais escuro que o escuro. Mais preto que o preto.

Eu sei que nunca mais vou ver a Helen.

As garotas do bloco ficam quietas. Elas num falam muito umas com as outras e com certeza num falam comigo. Elas me culpam pela morte da Helen.

Nisso elas num tão erradas. Eu me culpo. Se ela num tivesse falado comigo, se eu num precisasse tanto saber do Lugh, a gente teria tomado mais cuidado. Num teria conversado tanto. A gente teria ouvido os guardas e o Cachorro Louco chegano. Se a gente tivesse ouvido, a Helen ainda podia tá viva.

Mas não por muito tempo. Essa é a verdade. O tempo da Helen tava acabano. Todo mundo sabia. Ela sabia. Ela só tava esperando perder a terceira luta. Ela só tava esperando morrer no corredor.

Eu vi o que resta duma pessoa que passa pelo corredor. Pelo menos disso ela foi poupada.

Agora ela tá livre. Do jeito que ela queria. Mas ela pesa bastante no meu coração.

Quando num tô pensano na Helen, tô pensano que vou achar um jeito de sair daqui. Véspera do solstício de verão, ela disse. Preciso chegar num lugar chamado Campos da Liberdade nas Montanhas Negras, até a véspera do solstício

de verão. É só daqui a um pouquinho mais de três semanas.

Então observo. E espero.

Minha chance vai chegar logo. Eu sei que vai. Precisa chegar. Precisa.

Tô no meio da Jaula. Encaro a multidão. As pessoas levantam num pulo e rugem por mim. Eu sou a maior atração que elas já tiveram aqui na Vila Esperança. Elas lotam aqui quando eu tô lutano.

Olho pelas barras de cima. O Nero tá lá, como sempre. Empoleirado na torre de luz que fica bem do lado da Jaula. Ela num tem luz desde os tempos dos Devastadores, é claro. Agora tudo o que ela tem são pessoas que montam nela pra ver as lutas lá do alto. A torre de luz é o lugar mais barato que tem.

Só que ninguém fica sentado lá durante as minhas lutas. Não com o Nero encarapitado lá em cima. Todo mundo tem medo dele. Eles todos acreditam que os corvos trazem morte. Derrota. Destruição. Eles acreditam que recebo os meus poderes dele.

Gosto de levantar a cabeça e ver ele lá. Ele sempre fica até eu vencer e depois sai voano. Ele faz isso desde a minha primeira luta.

Mas o meu poder num tem nada a ver com o Nero. Tem a ver com a fúria. É isso que faz eu continuar venceno.

Tem uma garota na primeira fileira hoje. Alta, pele dourada, com um nariz empinado.

Ela num se parece com a maioria das pessoas que vêm pro Coliseu. Os outros poderiam num notar, mas assim que eu vejo ela percebo de cara que é uma guerreira. Ela tem um jeito. Absorve as coisas com olhos espertos, coisas que outras pessoas simplesmente deixariam passar sem reparar.

E ela num aceita folha quando o homem do chaal oferece. Diferente de todo mundo que vem pras lutas. E as três garotas que tão com ela também num aceitam nenhuma.

Na verdade, elas empurram ele e fazem a cesta virar, e então as garotas pisam nas folhas de chaal e esmagam e sujam todas. Quando um guarda armado aparece pra ver o que tá acontecendo, elas fingem que num têm nada a ver com aquilo.

Ela me vê olhando, veno o que elas tão fazendo. Levanta uma sobrancelha, como se tivesse dizendo, e o que você tem com isso?

A porta da jaula se abre e a minha oponente entra com o som de vaia e gritos. Ela é uma garota com aspecto de durona, pele marrom, e se chama Epona. Ela acabou de chegar tem uns dois dias. Nunca lutei contra ela antes, mas dizem que ela luta sujo. A Jaula permite praticamente tudo, socos, chutes, estrangulamento, torcer braços e pernas, menos mordida e dedo no olho. Ouvi dizer que ela vai tentar os dois se os guardas num tiverem veno e se eu der chance. Vou precisar ficar atenta com ela.

Afasto da minha mente a garota da primeira fila. Afasto tudo da minha mente. Limpo ela pra fúria poder tomar conta. É assim que tem que ser se eu quiser sobreviver.

O guarda soa o gongo e a gente começa.

A Epona me prende num mata-leão no chão. Enquanto eu tô lutando pra me libertar, olho pra cima e lá tá ela, a garota da primeira fileira, olhando direto pra mim. Nossos olhos se cruzam.

Ela tá tentando me dizer alguma coisa. Mas o quê? O que é?

Eu perco a concentração. A Epona tá com a vantagem. Ela vira a gente de lado, sai da linha de visão do guarda e morde a minha mão.

Urro de raiva. A fúria queima e volto pra luta com força total. Tiro a Epona de cima de mim. Jogo ela no chão com uma chave de braço e de perna. Ela geme. Eu torço mais forte. E depois mais forte ainda.

— Desisto! — ela grita. — Desisto!

É a primeira derrota da Epona.

Ela me olha com ódio quando eles tiram ela da Jaula.

Olho pra fileira da frente. A garota e as amigas dela sumiram.

Maldita. Ela quase fez eu perder a minha luta.

Eu tô na minha jaula de transporte em cima da carroça, seno levada de volta pela Vila Esperança até o bloco das celas. Dois guardas armados tão sentados na frente e, como sempre, multidões cercam a carroça. Todo mundo quer ver o Anjo da Morte de perto. Os mais corajosos metem a mão por entre as barras e tentam encostar em mim pra poderem se gabar pros amigos depois.

Ameaço morder e eles se encolhem, gritano de empolgação. A garota guerreira vai abrino caminho à força até chegar bem do lado da jaula. Ela é mais ou menos do meu tamanho. Tem pele dourada cheia de sardas minúsculas. Ela tá toda enrolada no manto, mas dá pra ver que os cabelos encaracolados são da cor de cobre escuro e os olhos verdes que nem musgo de floresta. É a garota mais bonita que eu já vi.

— Você quase me fez perder aquela luta, — falo.

— Pena que num perdeu, — ela diz. — A que você derrotou era garota minha.

— Epona? — falo. — Como assim garota sua? Quem é você?

— Eu me chamo Maev, — ela fala, andano do meu lado. — Nós somos as Gaviãs Livres.

Olho com mais atenção pra quem tá andano do lado da carroça. Três garotas com aspecto de duronas, as que tavam sentadas do lado dela no Coliseu.

— Olha à sua volta, — Maev fala.

Vasculho a multidão pelas barras da minha jaula. Outra garota usano manto. Ela vira um pouquinho pra eu ver a besta que ela tem no lado do corpo. Então elas são espertas o bastante pra contrabandear armas pra dentro da Vila Esperança. Enquanto olho a multidão, outra garota acena pra mim com a cabeça.

— Então a Epona é uma Gaviã Livre também, — digo.

— Sim, — Maev fala. — E a gente vai tirar ela daqui.

Meu coração acelera.

— Como? — pergunto.

— Eu tô cuidando disso. A segurança aqui é bem severa. Mas, nesse meiotempo, eu agradeceria se você num matasse a minha lutadora.

— As Gaviãs Livres são lutadoras.

— Guerreiras, — ela fala, — Como você. E ladras de estrada, às vezes.

— E você num quer que a Epona perca.

— Isso mesmo.

— Bom, eu também num quero perder. Os perdedores vão pro corredor. — Isso é verdade, — Maev diz.

— Quem sabe a gente num pode ajudar uma a outra, — falo.

— Era exatamente no que eu tava pensando, — ela conclui.

Nossos olhares se encontram.

— Como vou saber que posso confiar em você? — quero saber.

Ela acena com a cabeça pra duas garotas que tão em pé do lado dum dos guardas armados da rua. Elas atacam o sujeito. De repente ele faz uma cara de surpreso. Começa a cair no chão. Elas pegam ele e arrastam pra dentro duma porta escura. Voltam pra fora e somem na multidão.

— É melhor vocês num tentarem isso com muita frequência, — falo. — Onde vocês tão ficano?

— A gente tá abrigada no setor nordeste, — ela fala. — Tem um barraco vazio num lugar chamado Beco Espanhol.

— Vou mandar notícias pra vocês, — falo. — Vou mandar a minha irmã. O nome dela é Emmi.

— Vou esperar, — ela fala.

E vai embora.

Já faz uns bons dias que num vejo a Emmi. Não desde que a Helen me contou do Lugh. Não desde que falei com a Maev.

Toda manhã, quando os aguadeiros aparecem logo antes de amanhecer, dou uma olhada pela penumbra da cela pra ver se ela tá junto. Comecei a perguntar prum deles, um garotinho magricelo de olhos assustados, se ele tinha visto, mas ele saiu correndo no instante que abri a boca pra falar.

Tô começando a ficar preocupada. Preciso ver a Emmi. Ter certeza de que ela tá bem. E preciso falar com ela sobre o Lugh. Sobre a Maev e as Gaviãs Livres. Sobre o meu plano.

A porta do bloco das celas abre. A luz fraca do amanhecer vaza pra dentro. Os guardas acendem as tochas na parede enquanto os aguadeiros entram e começam a esvaziar os baldes nas calhas.

Dessa vez a Emmi tá com eles. Suspiro aliviada enquanto ela vem até a minha cela, carregando o balde pesado com cuidado pra não derramar muita água.

Ninguém tá olhando pra gente. Vou até a calha, ajoelho e começo a pegar água, jogar na cara, no pescoço e nas mãos enquanto ela derrama bem devagar do balde.

— Onde é que você tava esse tempo todo? Eu tava ficando preocupada, — falo.

— Num consegui escapar, — Emmi fala. — A Dona Pinch teve uma dor de dente forte nos últimos dias. Ela num tava dormindo como de costume. Agora já voltou pro normal.

— Você tá bem?

— Sim. Você tá com uma cara terrível.

— Também num tenho dormido muito, — falo. — Escuta, Em, eu descobri pra onde levaram o Lugh. É um lugar chamado Campos da Liberdade. E conheci uma pessoa que vai ajudar a gente a sair daqui.

Ela arregala os olhos.

— É mesmo? Quem?

— O nome dela é Maev, — falo. — Preciso que você leve um recado pra ela.

— Tá bom, — Em fala. — Onde eu encontro ela?

— Ela tá num barraco vago no Beco Espanhol. Setor nordeste. Você conhece?

— Sim, acho que sim.

— Ótimo, — digo. — Tudo bem, você precisa...

— Ei! Ei, você! Garota! — Um guarda tá olhando na nossa direção, franzindo a testa.

— É melhor eu ir, — Emmi fala.

— Volta amanhã pra pegar o recado, é importante.

— Eu volto. Ah! Quase esqueci!

Ela tira uma coisa do bolso e me entrega. Uma pedra rosa lisa. Minha pedra do coração, que a Dona Pinch roubou de mim.

Emmi me dá um sorriso largo.

— Peguei quando ela num tava olhando, — ela fala.

— Obrigada, Em, agradeço.

Enfio a pedra dentro do meu colete, perto do coração.

— Garota! Por que você tá demorando tanto aí? — O guarda começa a vir na nossa direção.

— Vejo você amanhã, Saba.

A Emmi pega o balde, abaixa a cabeça, passa correndo pelo guarda e sai pela porta.

Os guardas do bloco das celas me levam, acorrentada pelos pulsos e tornozelos, até o pátio de exercícios das lutadoras. Tá todo mundo ali, elas sempre vão pra sessão do fim da tarde.

Preciso falar com a Epona. Contar o meu plano pra ela. Dou uma olhada rápida pelo pátio. Ela tá lá, com um grupo de garotas.

O Anjo da Morte num fala com ninguém. É assim que eu gosto. Então num posso simplesmente ir até ela, isso ia atrair muita atenção. Tenho que tomar cuidado com isso.

Ela vira na minha direção e o olhar da gente se cruza. Mexo a minha cabeça um pouquinho, pra dizer pra ela se aproximar, que quero conversar. Ela arregala os olhos, mas faz que sim com a cabeça. Ela é inteligente. Vai esperar o momento certo.

Fico parada enquanto os guardas tiram as minhas correntes pra eu poder circular. Os lutadores homens ficam no pátio de exercícios que é do lado do nosso. Agora eles começam a fazer o que sempre fazem quando me veem. Se aglomeram na cerca de arame, fazem barulho de beijo e gritano, Socorro! É o Anjo da Morte! Alguém me salve!

Eu costumava lançar olhares furiosos pra eles, mas isso ataçava ainda mais. Agora só ignoro.

Mas tem um que num vem até a cerca. Ele fica encostado no canto do pátio masculino, uma perna cruzada sobre a outra, limpano as unhas com um pedaço de graveto como se num tivesse preocupado com nada na vida.

Nunca vi ele antes. Ele num tá machucado feito os outros, então deve ser novo. Nem teve a cabeça raspada ainda.

De repente, como se ele sentisse que eu tava olhando pra ele, ele para o que tá fazendo. Levanta a cabeça. Nossos olhos se encontram. Ele joga o graveto fora, caminha até a cerca e segura o arame.

Ele num diz nenhuma palavra. Só percorre os olhos devagar pelo meu corpo, até os meus pés, e depois vai subindo de novo. Os outros homens assoviam e uivam. Sinto um calor me percorrendo toda. Sinto ele queimar o meu peito, o meu pescoço, as minhas bochechas. Devo tá muito vermelha. Então ele sorri. Um sorriso torto, inclinado.

Meus punhos ficam cerrados. Desgraçado metido. Quem ele pensa que é?

Então faço a mesma coisa com ele. Cruzo os braços e olho ele de alto a baixo. Cabelos castanhos até os ombros. Olhos cinzentos como prata num rosto bronzeado. Maçãs do rosto altas, barba por fazer. Nariz torto, como se tivesse sido quebrado. Magro mas de aparência forte. Como se ele soubesse cuidar dele mesmo.

Nossos olhos se cruzam de novo.

— Gosta do que tá veno, Anjo? — ele pergunta.

Ando até a cerca. Enfio os dedos nos elos, perto dos dele. Chego bem perto. Ele tem rugas claras bem pequenas em volta dos olhos de tanto estreitar. Ou talvez de sorrir. Ele tem cheiro de poeira quente e de artemísia.

— Você num faz o meu tipo, — falo.

Quando viro as costas e me afasto, um dos homens grita, — Ela acabou com você, Jack! — Eu ouço ele rir. O nome dele é Jack.

Sinto calor queimar dentro de mim. Rastejar pela minha pele. Um fio de suor desce pelo meu peito. Tiro a pedra do coração, que tava guardada em segurança dentro do meu colete. Ela tá morna. Não. Quente.

Isso é estranho. Olho pro céu. O sol tá caíno no oeste. O dia devia tá esfriano.

Mas parece meio-dia. Muito quente.

A Epona vem devagar na minha direção. Ela vem dum jeito que num dá pra notar a menos que você teja prestano atenção. Finalmente ela para a uma distância de mim. Agacha e começa a fazer traços com o dedo na terra.

Começo a fazer meus exercícios de costume. Primeiro, alongamento. Braços e depois pernas.

— Eu conversei com a Maev, — digo baixo, sem olhar direto pra ela.

— Eu a vi na luta hoje, — ela fala.

— Parece que a gente vai trabalhar juntas pra sair daqui.

— Por mim tá bom. Qual é o plano?

— São quantas, as Gaviãs? — pergunto.

— Umas quarenta e tantas.

— A Maev consegue trazer elas todas pra cá?

— Sim, — ela fala. — Mas elas num vão passar todas pelos guardas do Portão. Tantas garotas assim iam deixar os Tonton desconfiados, mesmo que viessem em grupos menores.

— Talvez eles num fiquem desconfiados se tiver mais um monte de gente tentano entrar no mesmo tempo, — falo.

— Continua, — ela pede.

— Eu vou pra Jaula de novo daqui a dois dias, — explico. — Vou lutar contra você. Eu pretendo perder essa luta. Quando as pessoas ficarem sabeno que o Anjo da Morte tá numa maré de derrotas, elas vão lotar o lugar. Os Tonton num vão conseguir acompanhar quem tá entrano e quem tá saino. Eles vão tirar a maior parte dos guardas das celas pra ajudar a manter a multidão sob controle.

Ela dá um sorriso. Um lampejo rápido de dentes brancos, uma covinha na bochecha. Uma garota completamente diferente. — Eu gosto do jeito que você pensa, — ela fala.

— Eu vou perder três vezes pra você, continuo. Ai vou passar pelo corredor.

Ela dá um assovio baixinho.

— Ah, eu num tenho nenhuma intenção de morrer, — falo. — É aí que as Gaviãs entram. Quando eu começar a passar pelo corredor, as únicas pessoas que vão tá de cada lado vão ser Gaviãs Livres. Elas vão me puxar pra baixo, sim, mas só pra me ajudar a desaparecer.

— Entendi, — Epona fala. — Vai levar um tempo pras pessoas descobrirem que você sumiu, mas quando isso acontecer... A coisa vai pegar fogo. A multidão num vai gostar de ficar sem o sangue do Anjo.

— E enquanto isso tiver acontecendo, — falo, — Você vai fugir da Jaula e...

Ela olha pelo pátio, pras outras lutadoras.

— ...As Gaviãs vão soltar todo mundo, — ela completa. — Então a gente vai queimar a Vila Esperança toda. Você vai ajudar, né? Você conhece esse lugar e os guardas melhor que ninguém.

— É claro que vou, — falo. Olho ela bem no olho quando digo isso.

O Lugh sempre disse que é a melhor coisa pra se fazer quando você tá mentindo.

A Emmi consegue achar a Maev no Beco Espanhol e contar meu plano pra ela.

A Maev acha que vai dar certo. Já mandou chamarem as outras Gaviãs, e, no longo dos próximos dias, todas elas vão ficar se preparando.

Ela respondeu pela Emmi que, assim que me tirem do corredor, a gente vai direto pras celas, onde vou ajudar elas a libertar todos os lutadores. Depois de tocar fogo na cidade toda, a gente vai até o canto nordeste, bem longe do Portão. Todo mundo vai sair por lá da cidade em chamas. A gente não. As Gaviãs tão fazendo um buraco nas paliçadas pra gente escapar. Uma das Gaviãs vai levar a Emmi pra lá.

Então é isso.

Bom... Não exatamente. Pra mim tá tudo certo até o ponto em que as Gaviãs me tiram do corredor. Depois disso, tenho outros planos pra mim e pra Em.

Eu perco pra Epona.

Faço parecer bom. Muito bom. Deixo meu pé direito escorregar, e a Epona cai em cima de mim feito um chagal numa carcaça. Ela me prende num mata-leão

forte. Eu afasto a fúria que me manda reagir.

No céu azul acima do Coliseu, o Nero voa e grita de medo. Eu queria poder dizer pra ele por que eu tô fazendo isso, mas não posso.

No começo, a multidão nem consegue acreditar. Dá pra ver na cara de todo mundo. O Anjo da Morte não. Ela é invicta. Insuperável. Implacável.

Mas aí eles sentem o cheiro do sangue, do meu sangue, e uivam por mais. No fim das contas, eles não querem nem saber de quem é o sangue.

A Maev tá na primeira fileira. Enquanto tô deitada no chão, nossos olhos se encontram. Ela balança a cabeça. Uma luta a menos. Faltam duas.

Eu tô de volta no bloco das celas só tem alguns minutos quando a porta se abre com um estrondo.

Um grito. — Abram caminho para o Rei! Abram caminho! — Minhas entranhas dão um nó. A boca fica seca. Vou até a porta da minha cela. Me aperto nas barras pra poder ver melhor.

Doze Tonton segurando tochas entram correndo, empurrando os guardas das celas. Eles se alinham pelo bloco inteiro. Levantam as tochas pra iluminar o caminho.

Um homem atravessa a porta.

Num acredito. É o homem do livro do Rooster Pinch. Ele fica parado na porta com a bengala dele. Igual à figura do livro. Cabelos cacheados pretos e cheios caíam até os ombros e faziam volume no alto da cabeça. Peles de animais penduradas num ombro, arrastando atrás dele no chão. Uma camisa empolada com colarinho e mangas cheios de babados. Calças curtas estufadas que mostram as pernas. Meias brancas. Sapatos de salto alto. Espada do lado.

O rosto dele tá pintado de branco. A boca, de vermelho, que nem uma das prostitutas da Vila Esperança.

Como foi que o Rooster Pinch chamou ele? Luís Xis I Vê. O Rei Sol da França. Morto faz centos de anos, ele falou. Então não pode ser o mesmo. É alguém

parecido.

Ele começa a andar pelo bloco das celas, a cabeça erguida. Dá passos bem pequenos, como se os sapatos tivessem apertados demais. Ele tá segurando um lenço branco de renda perto do nariz.

As lutadoras na jaula grande do meu lado tão todas que nem eu, amontoadas nas barras da cela pra dar uma boa olhada nele.

Os Tonton abaixam a cabeça.

— Vossa Majestade, — cada um murmura quando ele passa.

Um homem anda logo atrás dele. É o DeMalo. Meu coração aperta. Não. Por favor. Ele não. Na mesma hora meu corpo fica todo tenso.

Depois do DeMalo vem a Dona Pinch. Que diabo ela tá fazendo aqui?

De repente eu entendo. Eles tão passando direto pelo bloco. Direto até mim. Eu volto correndo pra minha cama. Fico encolhida bem no canto. Sinto a frieza da pedra da parede pela minha túnica fina.

O Rei tá aqui. O que pegou o Lugh. Talvez ele seja aqui pra me pegar. Talvez eles tenham pegado a Maev. Descoberto o nosso plano de algum jeito.

Num diz nenhuma palavra. Num entrega nada. Num olha pro DeMalo.

O Rei para na frente da minha cela. O DeMalo para logo atrás dele, na sombra. Meu coração tá batendo tão alto no peito que eles devem tá ouvindo.

A Dona Pinch passa rápido pelo DeMalo. Ela agarra as barras da minha cela e sacode elas. Eu sei que ela queria era tá sacudindo o meu pescoço.

— O que foi aquilo? — ela grita. — O que foi que você fez?

Eu num digo nada. Mantenho a cabeça abaixada.

— Você entregou aquela luta! — ela fala. — Você pode ser capaz de tapear aqueles idiotas entupidos de chafal, mas a mim você num engana. Você entregou a luta e eu quero saber o motivo.

— Acalme-se mulher. — A voz do Rei soa como se a boca tivesse cheia de terra molhada.

Um calafrio percorre toda a minha espinha.

— Mas eu conheço ela, filho, — Dona Pinch diz. — Vicar, eu conheço essa aí! Ela é a...

Os braços dele voam. Ele esmurra a cara dela com a bengala.

Ela grita. Cambaleia, agarra as barras da cela pra num cair. Agacha no chão. O lábio tá rasgado. Ela parece velha. Assustada.

Mal posso acreditar. A Dona Pinch é mãe desse homem. A mãe do Rei. Vicar Pinch. Mas tudo faz sentido. A figura no livro do Rooster. A aparência do Vicar Pinch. O motivo do Rooster Pinch ter mentido quando perguntei se ele tinha filhos.

— Como é que você se dirige ao seu Rei? — Vicar Pinch fala.

Ela num fala. Só permanece ali agachada.

Então ele grita, saliva voano da boca. — Como é que você se dirige ao seu Rei?

— Vossa... Vossa Majestade, — ela fala. Eu me dirijo ao meu Rei como Vossa Majestade. — Se esquecer novamente, — ele fala, — Seu Rei mandará matar você. Entendeu?

Ela faz que sim com a cabeça, segura uma ponta do manto dele e dá um beijo.

— Sim, — ela sussurra. — Tudo o que eu quero é agradar... Vossa Majestade. É tudo o que eu sempre quis.

Ele dá um chute pra afastar a mão dela.

— Não ouse tocar em seu Rei! — ele fala. — Agora. O que estava dizendo a respeito desta garota?

— Vossa Majestade, eu apenas disse que... Que eu conheço ela, Vossa Majestade. Ela num é como as outras. O espírito dela é forte demais pra se deixar abater. Ela perdeu hoje porque quis. Ela é sorrateira. Ela tá tramano alguma coisa.

A Dona Pinch olha pra mim com ódio.

— Basta! — Ele acena com o lenço e ela sai correndo prum canto escuro do bloco. — O Rei falará com ela, — Vicar Pinch fala. — Este... Anjo da Morte.

DeMalo se aproxima da cela.

— Venha cá, garota, — ele ordena. — Sua Majestade deseja falar com você.

É a primeira vez que ouço a voz dele. É grave. Sombria. Como eu esperava que seria.

— Venha, — ele diz.

Eu levanto bem devagar. Dou uns dois passos. Paro.

— Mais perto, — ele fala.

Eu me movo. E então tô bem junto das barras da cela. Bem junto dele. Num levanto a cabeça. Mas sinto ele. O calor dele. O frio dele.

— Saba, — acho que ouço ele sussurrano.

Uma estranha fraqueza toma conta de mim. Balanço na direção dele. Seguro as barras pra me conter.

Então ele vira de costas, se curva pro Rei, volta pra sombra. Ele falou o meu nome? Não... Devo ter imaginado.

Agora o Pinch se aproxima da minha cela. As mãos vêm pra mim de repente. Me agarram por entre as barras. Agarram o meu pescoço. Os dedos dele são fortes. Apertam a minha garganta. O bastante pra ficar difícil respirar.

— A mulher está certa? — ele fala. — Você perdeu aquela luta deliberadamente?

— Não! — falo — Num foi! Eu num ia fazer isso!

Ele aperta mais os dedos. Eu seguro os pulsos dele. Tento me libertar. Ele é forte demais. Puxo o ar pelo nariz, frenética. Ele fede como nada que eu já tinha sentido na vida. Cheiro azedo, doce, podre... Tudo no mesmo tempo.

— Seu Rei fez uma viagem longa e árdua para vê-la lutar, — ele fala. — A guerreira miraculosa da qual todos estão falando, o Anjo da Morte. Ele ficaria enormemente insatisfeito se percebesse que estava sendo enganado.

— Eu num tô enganando ninguém!

— Última chance! Você está mentindo?

— Não! — engasgo. — Perder significa morrer! Todo mundo sabe disso!

— De fato, — ele fala. — Por que você perderia de propósito? Por que alguém faria isso? Não faz sentido.

De repente ele me solta. Caio no chão, tossino, segurano a garganta no lugar que ele apertou.

— Você está imaginando coisas, mulher, — ele fala pra Dona Pinch — Você aproveitou bem enquanto pôde. Ganhou uma pequena fortuna com ela. Simplesmente terá de encontrar outra lutadora quando esta aqui passar pelo corredor.

— Com certeza o senhor tem razão, Vossa Majestade, — ela fala. O senhor tem sempre razão, o senhor sempre sabe o que é certo. Eu num devia ter incomodado o senhor. Me desculpe por ter feito o senhor perder tempo, Vossa Majestade.

A Dona Pinch, um cachorro assustado nos calcanhares do dono.

Eu levanto devagar.

— Espere!

O Pinch agarra o meu pulso. Me puxa de novo nas barras da cela. Aperta um dedo frio no meu rosto. Bem em cima da minha tatuagem em forma de lua. Ele inspira fundo.

— O que é isso? — ele pergunta.

— É... Uma tatuagem.

Isso o Rei pode ver. — Onde foi que você a fez?

Eu penso rápido.

— De onde eu vim, todo mundo tem uma, — respondo.

— E onde é isso? — ele quer saber.

— No leste. Leste, — ele repete. — Entendo.

Ele fica me encarano por um bom tempo. Os olhos pequenos e mortos, tão parecidos com os da mãe. Ele me solta. Se afasta e põe de novo o lenço no nariz.

— DeMalo, — ele fala, — O Rei irá se retirar deste buraco pestilento.

— Majestade, — o DeMalo cumprimenta, abaixano a cabeça.

Mas não antes de eu ver. O ligeiro repuxar dos lábios dele. Um vestígio no rosto dele.

Ele despreza o Vicar Pinch.

Os Tonton se curvam enquanto o Rei sai que nem se curvaram quando ele entrou. Quando eles chegam na porta do bloco, o DeMalo deixa o Pinch e a mãe passarem primeiro.

Então ele vira pra olhar pra mim.

Eu prendo a respiração. Abaixo a cabeça. Num posso encarar ele. Num ousou. Nem mesmo na penumbra do bloco das celas.

Eu sinto o momento que ele vai embora.

Alguma coisa... me solta.

E eu consigo respirar de novo.

A notícia tá correno.

O Anjo da Morte vai cair.

A Vila Esperança tá lotada. Saiu escória se arrastano de todo buraco só pra tá aqui, pra apostar nas próximas duas lutas. O Senhor da Jaula só tá aceitano pra aposta tranqueira de primeira qualidade dos Devastadores: moedas, contas de vidro, anéis de ouro, correntes de prata... As pessoas trazem o que têm e ele decide o quanto valem, e se valem alguma coisa.

Parece que a perspectiva da minha morte vale muito. Pra ele. Pra Dona Pinch. E pra qualquer pessoa na Vila Esperança que tenha sobrano uma cama infestada de pulga. A Em disse que tem gente alugano camas por hora, não por noite.

Nesse momento o Senhor da Jaula tá dano chance de um pra um de vitória pra mim ou pra Epona.

Ele num veio me ver desde aquele primeiro dia. Quando me disse que num se importava se eu ia viver ou morrer. É verdade. Pra ele, a gente é tudo a mesma coisa. A gente é tudo a mesma coisa pra todo mundo que vem ver as lutas.

Enquanto eu tô esperano pra entrar na Jaula, olho pra varanda do Senhor da Jaula. Ele tá lá, junto com o DeMalo e o Rei.

O Rei tá apoiado no guarda-corpo, olhano pra mim. Ele tá vestido todo de vermelho hoje.

A minha tatuagem de lua incomodou ele, com certeza. Isso fez eu acreditar que a Helen tava certa, que ele tá manteno o Lugh preso em Campos da Liberdade. Ele deve ter notado a tatuagem do Lugh. Só posso torcer pra que ele tenha engolido a minha história sobre como eu consegui a minha.

Perco a minha luta, claro. São duas lutas a menos. Falta uma.

Amanhã é o dia.

É ele. O Jack. Tornozelos cruzados, braços cruzados na frente do peito, encostado na parede num canto do pátio de exercício dos lutadores homens. Me encarano.

Quando ele me vê olhano pra ele, ele desencosta da parede e anda até a cerca. Sem que eu mande, os meus pés começam a se mexer, e de repente eu to na frente dele. Os cabelos compridos dele sumiram. Raspados, iguais os de todo mundo.

— Anjo, anjo, — ele fala. Ele tá sorrino e balançano a cabeça. — O que você tá pretendeno?

— Num sei do que você tá falano, — digo.

— Você num perde lutas. Quer dizer, a menos que queira.

Os olhos prateados dele viram pra onde a Epona tá parada, conversano com outras garotas.

— Eu vi você conversano com a sua amiga no outro dia, — ele fala. Parecia

uma conversa bastante interessante.

— Num sei do que você tá falano, — respondo.

Um calor começa a subir pelo peito. A pedra do coração tá quente na minha pele. A mesma coisa que aconteceu da última vez que falei com ele. Faço uma careta.

Ele dá de ombros.

— Tudo bem, — ele fala. — Num precisa me dizer. Vou acabar descobrindo.

— Você num vai descobrir nada, — falo. — Porque num tem nada pra descobrir.

De repente ele agarra o meu pulso. Eu nem tinha visto ele se mover. Um arrepio sobe pelo meu braço. Como quando o Lugh e eu quase fomos atingidos pelo raio naquele dia.

O sorriso dele sumiu. O rosto tá muito sério.

— Me parece que você tá fazeno um jogo perigoso, — ele fala.

— Por que você tá preocupado com o que eu faço? A gente fica se olhando por um tempão.

— Por nada, — ele fala. — Só... Tome cuidado, Anjo. Só isso.

Ele solta o meu pulso devagar. Quase como se num quisesse.

Quando eu me afasto dele, a pedra do coração começa a esfriar.

Escureidão. Difícil de ver. Fumaça enche o ar. Queima a minha garganta, as minhas narinas, faz os meus olhos arderem.

— *Cadê você?* — grito.

Nenhuma resposta. Chamas famintas lambem a madeira. Brasas estalam e chamam. Preciso achar ele. Num posso deixar ele aqui.

O som dum coração bateno. O meu coração. Bateno sem parar. Tão alto. Ele preenche o meu cérebro, a minha cabeça. Tanto os meus ouvidos com as mãos. O pânico me pega. Eu giro sem sair do lugar, cega.

— Cadê você? — grito. — Cadê você?

Outra voz agora. Sussurrano. A voz da Mercy.

— A pedra do coração avisa... A pedra do coração... Pedra do coração... ávido, Saba...

Sol forte. Pátio de exercícios. A Epona sorri. — Vamos queimar a Vila Esperança toda, — ela fala.

Eu tenho que achar ele. Antes que seja tarde demais.

Tarde demais... Tarde demais... Tarde demais...

Acordo murmurano sozinha. Tô encharcada de suor, o cobertor enroscado nas pernas, o coração bateno forte no peito.

Esse foi novo. Eu num tinha sonhado com fogo antes. E num era o Lugh que eu tava procurano tão frenética. Num sei quem era. Faço o de sempre pra espantar os pesadelos. Sento na minha cama, abraço os meus joelhos e fecho os olhos.

Penso em água. Água limpa, clara. Uma lagoa. Mergulho. Ela me cobre, me cerca. Meu corpo cansado, minha alma abatida, meu coração pesado. Enquanto eu nado, ela me limpa.

E assim eu atravesso outro amanhecer.

O guarda abre a porta. Entro na Jaula pela última vez. Os meus braços e as minhas pernas parecem tá longe, como se num pertencessem a mim. O meu estômago tá torcido num nó. A minha boca tá seca.

Num consigo ouvir os meus pensamentos por causa do barulho da multidão. Os que num conseguiram se espremer dentro do Coliseu enchem as ruas e sentam nos telhados. Mesmo que num consigam ver o que tá acontecendo, eles conseguem ouvir os gritos e rugidos. Dum jeito ou de outro, todos querem fazer parte do fim do Anjo. Do meu fim.

Os vendedores de chaal tão se dano muito bem, lutano pra passar no meio da multidão, equilibrano na cabeça grandes cestas cheias da folha verdeescura. Eles querem deixar todo mundo doido pro grande final.

O Senhor da Jaula tá na varanda dele, que tá toda lotada de gente muito bemvestida. Consigo ver os Pinch lá, o Rooster e a Dona Pinch, afastados num canto. Vicar Pinch, o Rei, é o centro das atenções. Ele tá sentado numa cadeira dourada requintada, e todo mundo dança em volta dele, oferecendo taças disso e pratos daquilo. Ele dispensa todos com o lençinho de renda e fica olhando pro Coliseu.

O DeMalo tá perto dele.

Espero que a Emmi seja segura. As Gaviãs Livres disseram que cuidariam dela, mas num vou ficar tranquila até ver isso com os meus próprios olhos.

Olho pra ala central. Ele vai da base do Coliseu até o topo, numa linha reta.

O corredor.

A Maev tá na primeira fileira da ala central. Bem do lado do corredor. Ela faz um gesto pequeno com a cabeça pra mim. Olha pra trás e depois de novo na minha direção.

Mais ou menos nas primeiras dez filas, garotas com jeito de duronas lotam as pontas das fileiras, também do lado do corredor.

Vejo um homem tentando empurrar uma delas. Tentando roubar o lugar dela no corredor, pra chegar mais perto de onde a ação vai acontecer. A garota nem olha quando dá uma cotovelada no pescoço dele.

As Gaviãs Livres estão aqui. Bem como a Maev prometeu.

O Nero tá empoleirado na torre de luz que fica bem do lado da Jaula. Ele grita e grita sem parar. Tá enlouquecido de medo, dá pra ver. De repente, ele desce, pousa na Jaula e se mete por entre as barras. Ele nunca fez isso no tempo todo que lutei.

Ele desce bateno as asas e pouso no meu ombro. O lugar inteiro fica quieto. Embora eu seja numa maré de derrotas, eles ainda acreditam que os meus poderes vêm dele. Nem pra essa, a minha última luta, num conseguiram vender os lugares baratos na torre de luz, porque ele tá lá.

Ele pula pra minha mão. Aliso o bico dele, coço a cabeça. Ele ronrona dum jeito que os corvos fazem, igualzinho a um gato. Eu num sabia quanta saudade eu sentia dele até agora.

— Tudo bem, — sussurro pra ele, — Bom menino, Nero. — Ele inclina a cabeça prum lado. Olha direto pra mim com os olhos pretos e brilhantes. — Tá tudo bem, — falo. — Vou ficar bem.

Ele solta um grasnido. Ele sabe o que tudo bem quer dizer. Ele entende.

Eu levanto a mão e ele voa pra fora da Jaula. Pousa no lugar de costume dele na torre de luz. A multidão murmura, resmungando, se mexe nos assentos.

A porta da Jaula se abre de novo com um rangido e a Epona entra.

Meu coração tá batendo feito louco nas minhas costelas. O sangue lateja nos meus ouvidos.

A gente se encara. Olho no olho. Agacha. O guarda soa o gongo. A minha última luta começa.

Eu deixo a Epona marcar o ritmo. Deixo ela me perseguir pela Jaula, me cercar num canto, me machucar.

Mas aí a fúria vem. Eu tento reprimir, afastar, mas ela me atravessa toda. Me domina. A fúria num conhece a Maev. Num sabe que ela tem um plano. Num confia nela. Porque a fúria num conhece plano nem gente nem confiança. Só conhece uma coisa. Sobrevivência.

E num consigo afastar ela. Ela tá descontrolada. Acuado. Ela começa a lutar contra a Epona. Lutar pela minha vida.

— O que você tá fazendo? — ela pergunta, arregalando os olhos. A Epona é forte.

É inteligente. Ela me empurra pra beirada. Mas eu empurro de volta. Tenho mais a perder do que ela, com o corredor à vista.

A gente luta até as duas ficarmos cobertas de sangue, machucadas, exaustas.

Finalmente ela comete um erro. Eu pego ela pelo pescoço. Empurro ela nas barras. A multidão fica louca. Todo mundo fica de pé num pulo. Pelo canto do olho, vejo a Maev. Pela cara dela, sei que ela num consegue acreditar no que tá veno. Ela acena os braços pra mim. A boca dela se mexe. Dizem alguma coisa que num consigo ouvir.

Mas o que enche os meus ouvidos agora é a fúria. Ruge pra eu esganar a Epona. As minhas mãos apertam. Espera! Não! Não! Trinco os dentes, penso em abafar a fúria com escuridão, seguro ela debaixo duma água preta profunda até ela num conseguir respirar. Tem alguma coisa... Sei que preciso fazer uma coisa ou... Lembrar alguma coisa, mas eu... Num consigo saber, num consigo...

O Lugh. O Lugh. Quase esqueci ele. Como eu pude?

Eu vou encontrar você. Pra onde quer que eles levem você, juro que vou encontrar.

Levanto a cabeça. O rugido da fúria começa a apagar. Então ele some de vez, e eu volto pro normal.

A necessidade, bem no fundo, do meu coração continuar batendo, dos meus pulmões continuarem respirando, aquela necessidade poderosa quase tomou conta de mim.

O Lugh tá esperando por mim. Contano comigo. A Maev. O plano. Essa é a minha única esperança de sair daqui. Onde é que eu tava com a cabeça?

Solto. A Epona cai nos meus braços. Eu seguro ela, que tenta respirar.

— Desculpa, — falo. — Desculpa. Então eu recuo. Abro bem os braços.

A Epona levanta a cabeça, põe uma das mãos no pescoço. Ela olha pra mim, o rosto confuso.

Faço que sim com a cabeça. — Vai, — digo. — Vai em frente.

Então ela vai. Ela me derruba.

Os dois guardas fazem eu levantar e me pegam pelos braços. Antes que eu me dê conta, tô fora da Jaula e diante da multidão.

Ela tá enlouquecida de tanta raiva. Todo mundo sabe muito bem que eu entreguei a luta. Eles odeiam ser enganados. Eles vão e gritam pelo meu sangue como uma matilha de lobos. Os que tão perto do corredor pulam, socam e empurram pra conseguir o melhor lugar. Todos querem a chance de participar da matança.

A fúria sumiu. O meu estômago tá embrulhado. Os meus joelhos tão tremendo. Respiro fundo várias vezes, tentano puxar o ar pra dentro dos pulmões. Eu achava que já tinha sentido terror antes, mas assim, nunca. Assim nunca.

Olho pra Maev na primeira fileira. Pras Gaviãs Livres, paradas no começo do corredor. Elas parecem confiantes. Fortes. Duras. Os olhos da Maev queimam nos meus.

Pus a minha vida nas mãos dela. A vida do Lugh. A vida da Emmi. No que é que eu tava pensano, confiano numa estranha? Mesmo que ela seja confiável, e se ela num conseguir fazer o que prometeu? E se as Gaviãs Livres num forem as guerreiras que ela diz que são e ela for apenas uma garota que fala grosso e se faz de durona?

Olho pra varanda do Senhor da Jaula. Todo mundo no Coliseu vira pra olhar pra lá. O lugar inteiro fica em silêncio.

O Vicar Pinch levanta. Pega o lenço vermelho do Senhor da Jaula. Levanta o braço.

Num ousa nem respirar. Quando o braço cair, vou ter que correr. As minhas pernas parecem água. Fracas demais pra se mexerem.

Nesse instante, o Pinch vira pro Senhor da Jaula. Se inclina e sussurra no ouvido dele. Enquanto o Senhor da Jaula ouve, um sorrisinho aparece no rosto dele. Ele vai até a beirada da varanda. Levanta os dois braços.

— Senhoras e senhores! — ele grita. — Esta não é uma guerreira comum! Esta não é uma morte comum! Em uma ocasião histórica como esta, seu Rei exige uma visão clara dos procedimentos. Portanto, ele decreta que o corredor passará... Por aqui!

E ele abre bem os braços. Abre na direção da ala que vai da Jaula até bem debaixo da varanda.

O Pinch alterou a passagem do corredor. Mudou de lugar.

Meu corpo inteiro começa a tremer. Um mal-estar começa a subir pela garganta.

A multidão explode em falatório, gritaria, protestos. O corredor sempre acontece no mesmo lugar, sempre, sem exceção. As pessoas pagam mais pra ficar perto dele e fazer parte da ação. Elas começam a encarar os Tonton e os guardas, empurrano e forçano eles.

— Não! — a Epona grita de dentro da Jaula. Ela se joga nas barras gritano, — Não, não, não!

O Vicar Pinch sorri.

Olho pra Maev. A cabeça dela se move prum lado e pro outro — olhano pras Gaviãs Livres, pra mim, pro novo corredor onde as pessoas já tão se aglomerano. Dá pra ver pela cara que ela tá frenética, tentano pensar no que fazer. Mas é tarde demais prum novo plano, tarde demais pras Gaviãs se moverem prum novo lugar. De qualquer maneira, os guardas e os Tonton já tão posicionados no começo e no fim da ala, pra impedir que as pessoas forcem passagem.

Os guardas me pegam pelos braços e me arrastam pra entrada do novo corredor.

Então.

Depois de tudo pelo que eu passei, a coisa termina assim.

Eu. Sozinha. Sem a Maev. Sem as Gaviãs. Sem plano.

Se eu num pensar em alguma coisa rápido, vou morrer no corredor.

O Nero grita. Sem parar, com uma urgência como nunca ouvi nele antes.

Ele tá empoleirado em cima da Jaula. Assim que ele me vê levantar a cabeça, ele grasna de novo e voa pra torre de luz. E volta pra Jaula. E volta pra torre de luz.

Não tão sozinha, afinal.

É um salto longo. Talvez um metro e oitenta.

Mas num tenho escolha.

O Pinch levanta o braço de novo. O lenço vermelho desce.

De repente, faço as minhas pernas dobrarem. Pego os guardas de surpresa. Eles me deixam cair. Eu me solto. Saio correndo. Vou pra Jaula e agarro as barras. Começo a subir por fora, o mais rápido possível. Meus pés descalços me firmam bem.

Um dos guardas pula. Segura o meu pé. Puxa. Fico pendurada com um braço. Dou um chute. Acerto o calcanhar na cara dele. Quebro o nariz. O sangue sai. Ele grita, — Me solta, —cai no chão. Eu continuo. Num olho pra trás.

Vou pro topo da Jaula. Levanto e corro até o outro lado.

Cuidado! Cuidado pra não cair!

Abaixo de mim, dentro da Jaula, a Epona corre e se joga no guarda que ainda tá lá dentro com ela. Pelo canto do olho, vejo ele voando. Boa menina.

Quando tô quase na beirada mais próxima da torre de luz, paro. Olho pra trás. Os Tonton e os guardas tão subindo a Jaula agora, vindo atrás de mim. Um deles tá prestes a chegar no topo.

Dou uma olhada no espaço entre a Jaula e a torre de luz. Recuo dois passos. Corro. Pulo da Jaula e me lanço no ar.

Estico as mãos pro alto. Os dedos se agitam. Pronto! Agarro metal morno. O meu corpo bate na torre. Um choque percorre os meus braços, os meus ombros. Consegui. Eu me puxo pra cima. Começo a escalar. Escalar mais alto. Passando rápido até o outro lado da torre. O lado da Vila Esperança. Embaixo de mim, telhados de barracos, todos bem juntos um no outro. As pessoas que tão nos telhados pra ouvir a melhor luta ficam olhando pra mim de boca escancarada.

Pulo da torre. As pessoas se jogam pra fora do caminho quando caio no telhado do barraco mais próximo. Ele é tosco, feito de alguma madeira frágil. Atravesso o telhado e caio numa mesa dentro do barraco. Ela desaba com o meu peso.

Por um segundo fico zozona. Olho pro buraco no teto acima de mim. Rostos surpresos me olham. Fico de pé num salto e saio pela porta. Pego um manto pendurado num gancho perto da porta e me cubro. Preciso dum par de botas, mas agora num tenho tempo pra parar e procurar.

Escondida no manto, logo me perco nas multidões que enchem as ruas. Fico nas margens, entro e saio de vãos de portas.

Dá pra ouvir a comoção lá no Coliseu. Tá começano a se espalhar pras ruas.

Meu coração tá bateno feito louco. E só agora tô reparano que o cotovelo e as costelas doem pra caramba. Devo ter me machucado um pouco quando caí na mesa. Sem falar da surra que levei da Epona.

Bom, com certeza dei pra Maev a distração que ela queria.

Agora é roubar dois cavalos e encontrar a Emmi.

Ela conhece o plano. Enquanto as Gaviãs tão soltano os lutadores e botano fogo na Vila Esperança, ela e eu vamos nos encontrar no setor nordeste. Provavelmente a Em vai tá com uma Gaviã. Vou ter que tirar ela do caminho. Mas, depois disso, a gente deve tá livre e desimpedida. A gente vai sair pelo buraco que as Gaviãs fizeram na parede da paliçada e ir pro norte, bem pra dentro das Montanhas Negras, onde a gente vai encontrar Campos da Liberdade, que nem a Helen falou.

Onde a gente vai encontrar o Lugh.

E nesse instante alguém me agarra.

Braços fortes me puxam prum beco fedorento. Lanço socos pra todo lado. Torço e me retorço, tentano me libertar.

— Espere! Pare, sua idiota! — grita uma voz. — Eu sou uma Gaviã!

Paro um segundo, ofegante. A pessoa tira o capuz. É uma garota que eu nunca vi antes. Um metro e oitenta de altura, cabelos castanho-claros, olhos duros. Parece forte.

— Meu nome é Ash, — ela fala.

— Ah. Certo.

— Eu num achava que você fosse do tipo nervoso. — Ela mete a mão embaixo do manto e me joga uma besta e uma aljava. — Certo. Por aqui.

Eu hesito.

— Bora, — ela diz.

Eu tô exausta. Machucada. Num tô em condições de lutar contra ela. Por enquanto vou fazer o que ela tá falano. E me livro dela na primeira oportunidade que eu tiver.

O beco é curto. Ele acaba numa parede alta de metal, amassada e empenada.

— Você primeiro, — digo.

— Não, — ela fala. — Vai você.

Penduro a besta e a aljava nas costas e me apoio na parede. Seguro a beirada e tomo impulso. Ninguém na vista. Caio do outro lado e a Ash vem logo atrás.

A gente corre por uma rua estreita com barracos aglomerados um do lado do outro, vira pra direita, pra esquerda, e depois pra direita de novo. Raios de luz brancos cortam a escuridão. Num faço ideia donde a gente tá.

Som de pés correno. Vozes. Gritaria. Pra nossa esquerda.

— Espalhem-se! — alguém grita. — Cubram todas as ruas!

— Por aqui! — A Ash entra num edifício de pedra caíno aos pedaços. Vou logo atrás. Ela corre até o canto e levanta um alçapão de madeira no chão de terra. — Vem comigo, — ela fala. Fecha o alçapão depois de entrar.

Espero por uma fração de segundo. Então viro pra correr.

Ela agarra o meu braço e torce pra trás das minhas costas. Ela é forte. Forte mesmo.

— Ah, não, você não vai, não, — ela fala.

— Me solta, — peço. — Tenho que encontrar o meu irmão.

Tento me contorcer pra fugir do braço dela, mas a mão dela é bem forte.

— Entendi, — ela diz. — As Gaviãs ajudam você, arriscam a vida por você e pela sua irmã, e você tapeia a gente.

— Vocês num podiam ter feito nada sem mim. — Olho pra ela furiosa. — Eu podia ter matado a Epona, você sabe disso.

— As Gaviãs ajudam você, — ela fala, — Você ajuda as Gaviãs. Depois você tá livre pra ir atrás do seu irmão. Foi esse o trato que você fez com a Maev.

Ela torce o meu braço com mais força. Dou um grito. — Vocês num precisam de mim, — falo. — Vocês são muitas.

— Então você vai deixar todos aqueles lutadores, os que foram roubados por comerciantes de escravos, que nem você e a sua irmã, você vai deixar eles nesse lugar. Esse é o tipo de pessoa que você é. Alguém sem palavra. Alguém que deixa os outros na mão.

— Não, — falo. — Não, eu num sou assim.

Ela espera.

— Tudo bem, — afirmo. — Tudo bem, vou manter a minha palavra. Juro que vou.

Ela me solta. Eu me endireito, esfregano o braço dolorido.

— Desculpa, — falo.

A gente olha uma pra outra por um momento. Então ela sorri. Os olhos dela num parecem tão duros afinal. Ela segura o alçapão de madeira.

— Depois de você, — ela fala.

Desço pelo buraco, coloco os pés numa escada bamba que encontro ali e começo a descer. A Ash me segue e fecha o alçapão.

Tá tudo preto. Num consigo ver nada. O cheiro fresco do subterrâneo enche o meu nariz. Vou tateano pelo caminho até o fundo, dez degraus. A Ash pula pro meu lado e acende uma tocha.

— Pra onde a gente tá indo? — quero saber.

— Você vai ver, — ela fala. — Por aqui.

A gente agacha e percorre um túnel baixo. Em pouco tempo chega no fim. Termina num muro de tijolos. Vejo armas empilhadas, junto com um pé de cabra e algumas garrafas de vidro cheias do que parece ser água com trapos

enfiados nos gargalos.

Segura isso. A Ash me entrega a tocha acesa. Deixa bem longe das garrafas.

Ela pega o pé de cabra, enfia entre os tijolos e começa a soltar um deles.

— O que é isso? — pergunto. — A gente tá invadindo algum lugar?

— Espero que sim, — ela fala. — Senão a gente simplesmente passou os últimos três dias abrindo esse túnel pra nada. — A gente tá falando aos sussurros. O primeiro tijolo se solta. — Pegue aqui, sim?

Enquanto eu puxo o tijolo e coloco no chão, ela começa com o seguinte.

— Então isso já tava aqui, — falo. — Como vocês sabiam disso? Pra onde leva?
— O segundo tijolo se solta. Eu pego ele.

— Houve uma grande fuga daqui tem uns dez anos, — ela fala. — Foram os próprios lutadores que escavaram. Um túnel do bloco masculino e um do bloco feminino. Eles soterraram os túneis depois. Se tivessem sido inteligentes, teriam feito os túneis desabarem.

Terceiro tijolo solto.

— Então a gente tá invadindo o bloco das celas, — falo. — O meu bloco?

— A ideia é essa, — ela diz.

— E você vai dizer que existe um bom motivo pelo qual a gente simplesmente num derruba os guardas e corta a cerca pra soltar todo mundo?

— Tem um turno inteiro da guarda em serviço. Eles devem ter ficado nervosos que os lutadores tentassem alguma coisa protegidos por toda a atividade na cidade. Você sempre deve ter um plano B.

— Vou me lembrar disso.

— Shhh, — a Ash fala quando tiro o quarto tijolo.

Ela apaga a tocha. Faz um gesto com a cabeça na direção do buraco, e a gente espia por ele.

A gente tá olhando direto pra dentro do bloco feminino. Na verdade, a gente tá olhando pra dentro da minha cela.

Minha cama tá logo embaixo da gente. A porta da minha cela tá aberta. As garotas na cela principal tão quase todas sentadas ou deitadas no chão. Elas num têm cama, nem sequer cobertor. No final do bloco, dois guardas tão sentados em cadeiras, um de cada lado da porta principal.

A gente consegue tirar os últimos tijolos com as mãos, e faz isso rápido e em silêncio. Quando o buraco tá grande o bastante pra conseguirmos passar, ela tira um tubo do cinto e enfia nele um dardo.

Nesse instante, uma das garotas da cela principal vê a gente. Ela arregala os olhos. Balanço a cabeça. Ela assente devagar.

A Ash leva o tubo aos lábios. Inspira fundo. Sopra.

Acerta. O guarda na esquerda da porta solta um grito. Ele dá um tapa no pescoço e cai da cadeira. O outro guarda levanta com um pulo, mas a Ash manda outro dardo. Ele num faz um som. Só desaba no chão.

— Muito bom, — falo.

— Bora, — ela diz.

Ela desliza pelo buraco e pula pra baixo. Enquanto tira o chaveiro do cinto do guarda e destranca a cela principal pra soltar as garotas, jogo as armas na minha cama. Arcos, aljavas cheias de flechas, atiradeiras, garruchas.

— Podem se servir das armas, garotas! — Ash fala. — Depois esperem a gente perto da porta. — Elas entram correndo na minha cela e num ou dois minutos já pegaram toda a munição. — Agora, — Ash completa. — A gente vai pegar quatro garrafas e deixar o resto aí. Cuidado.

Entrego as garrafas com trapos, que ela coloca com cuidado no chão. E então pulo pra fora do buraco. É estranho voltar pra minha cela desse jeito. A Ash pega duas garrafas e eu pego mais duas.

— As outras devem tá libertando os homens, — ela sussurra. Ela abre uma frestinha da porta do bloco. Espera um instante e depois se esgueira pela porta e sobe a escada do lado de fora, muito devagar e com cuidado. Ela volta correndo e

escancara a porta. — Saiam daqui! — ela fala.

As garotas num esperam ela repetir. Passam correndo por ela sem olhar pra trás. Quando todas foram embora, quando o bloco tá vazio, a Ash pega uma tocha acesa duma parede.

— Vamos começar essa festa, — ela diz.

Sigo ela porta afora e subo a escada até o pátio de exercícios. Ela levanta uma das garrafas. Dá um sorriso malicioso.

— Os Devastadores chamavam isso aqui de coquetel, — Ash fala. — Dois devem ser suficientes. Jogue e depois corra pra diabo.

Levanto uma das minhas garrafas.

— Com todo o prazer, — ela completa.

A Gaviã encosta a tocha no trapo, e ele pega fogo na hora. Ela acende a garrafa dela rápido. A gente joga as duas escada abaixo.

Então a gente corre pra burro. Dois segundos depois, uma explosão enorme. O chão treme sob os nossos pés. A gente para, vira e olha pra trás. Chamas sobem pela escada, voinha das celas.

— Espera só as chamas atingirem as garrafas lá no túnel, — ela fala. — Aí sim a gente vai ver ação de verdade.

As lutadoras tão pulando pra cima e pra baixo, gritando e se abraçando e comemorando. Elas dão tapas nas minhas costas e nas da Ash. A gente olha em volta.

Tem Gaviãs Livres em toda parte e guardas mortos caídos no chão. Todos os lutadores homens tão correndo pra fora do bloco das celas deles agora. Tem umas seis Gaviãs escalando a cerca em volta do complexo, cortando ela com alicates e abrindo pra todo mundo poder sair. Outras Gaviãs tão paradas do lado duma pilha de armas e vão jogando arcos, lanças e atiradeiras pra quem estiver passando perto.

Vejo chamas subindo por toda parte na Vila Esperança. A Maev num tava de brincadeira quando disse que ia apagar a cidade da face da Terra.

Tô procurando uma pessoa, mas num vejo ela em lugar nenhum. Olhos cinzentos prateados e um sorriso torto.

Seguro um dos homens que passam correno.

— Cadê o...?

Ele me empurra. Seguro mais um.

— Tô procurando o Jack, — falo. — Ele é um lutador novo. Trouxeram ele pra cá faz uns dias. Olhos cinzentos, chegou com cabelo comprido, até os ombros.

— Eu sei, — ele diz. Acena com a cabeça pro bloco masculino. Tenta a Geladeira. — Jogaram ele lá dentro ontem.

Meu coração vai parar na boca. A Geladeira. Assim como no bloco feminino, o masculino tem uma caixa metálica de castigo enterrada no chão. Seguro os ombros do homem.

— Ele num tá lá ainda, tá? — pergunto. — Bom, eu num soltei ele, — ele fala e sai correno.

— Ash! — grito, olhando pro redor pra ver onde ela tá. — Ash! Tem alguém preso na... Então eu vejo.

Ela tá acendendo outro coquetel.

Apontando ele pra porta do bloco masculino.

— Ash! — grito. — Não! Num faz isso!

Eu começo a correr na direção dela. Mas num consigo ir rápido o bastante. É como se o mundo inteiro praticamente parasse.

Ash põe o braço pra trás. Ela atira a garrafa acesa na escada do bloco masculino. Ela vira, corre pra mim. Levanta os braços em sinal de vitória, um sorriso enorme na cara.

— Aaaaash! — grito. O chão treme, as chamas explodem pela escada. Pego o braço dela. — Tem alguém lá dentro, falo. — Tá trancado na Geladeira.

Ela arregala os olhos.

— É tarde demais, — ela diz.

— Não, — falo. — Num pode ser. — Começo a correr, puxano ela junto comigo.

Nesse instante, acontece uma explosão das mais fortes. A gente sai voano pelo ar. Caio com força no chão. Levanto a cabeça. Uma grande coluna de fumaça preta sobe pro céu. A Ash levanta rápido e me ajuda a ficar de pé.

— Isso deve ter sido por causa das garrafas no túnel! — ela fala. — A cidade toda tá queimando! Você num pode entrar lá, Saba! Num é seguro!

— Num posso deixar ele lá. Cadê as chaves?

Esse era o trabalho da Ruby. A Ash olha pro redor. Ela enfia os dedos na boca, dá um assovio agudo. Uma garota baixinha perto da pilha de arma levanta a cabeça. — Ruby, — Ash grita. — Eu preciso das chaves!

A Ruby corre até a gente e joga as chaves. Pegó com uma das mãos e começo a ir. A Ash agarra o meu braço.

— É perigoso demais, — ela fala.

— Me solta, — peço.

Ela fala um palavrão.

— Quem é esse sujeito? O que ele é pra você, afinal?

— Jack, — falo. — O nome dele é Jack.

Ela me solta e eu saio correno na direção do bloco em chamas.

— Saba! — Ash grita. — Volta! Você tá descalça! Eu num paro.

Tem fumaça saíno pela porta do bloco masculino. Enrolo a cabeça no manto pra cobrir a boca e o nariz. Então mergulho lá dentro.

Escuridão. Difícil de enxergar. Fumaça enche o ar. Queima a minha garganta, as

minhas narinas, faz os meus olhos arderem.

É exatamente igual no meu sonho. O sonho do fogo. Eu tô aqui. Tá acontecendo.
— Jack! — grito. — Jack! Cadê você?

Nenhuma resposta. Chamas famintas lambem as vigas de madeira nas paredes e no teto. Brasas estalam e chiam.

Ele tá na Geladeira. O sujeito disse isso. Mas onde é que fica? Eu sei que é enterrada no chão, mas em que trecho do bloco? No meio do caminho? No final? Pode ser em qualquer lugar. Ele vai morrer cozido naquela caixa de metal se eu num tirar ele de lá.

Avanço com muito cuidado, tateano com as mãos e os pés descalços. Fico com os olhos fechados por causa da fumaça. Eu nunca tive aqui dentro antes, mas tô torcendo pra que o traçado seja o mesmo do nosso bloco. Uma brasa cai no meu manto, chia faminta e abre um buraco nele. Bato no tecido pra ela cair.

— Jack! — grito de novo. — Jack! Cadê você?

Nenhuma resposta. Sigo em frente. Grito de novo. Ando mais dois passos. E mais outro.

O som dum coração bateno. O meu coração. Bateno sem parar. Tão alto. Ele preenche o meu cérebro, a minha cabeça.

Ele deve tá aqui dentro. Mas e se num tiver? E se aquele sujeito tava errado? E se outra pessoa disse pras Gaviãs que ele tava na Geladeira e elas acharam ele e soltaram? Se fizeram isso, ele já deve tá longe. Eu me xingo por num ter perguntado pra Ruby.

Começo a tossir. A fumaça tá queimando a minha garganta. Tá ficando difícil respirar. Ele num tá aqui. Se tivesse, teria me ouvido e gritado. Preciso sair daqui. Eu tusso de novo. A minha respiração tá rápida e fraca.

O pânico me pega. Eu giro sem sair do lugar, cega. Que nem no sonho.

Tô encharcada de suor. Tá tão quente aqui. Tô começando a me sentir esquisita, meio tonta. Preciso de ar. Preciso sair daqui e encontrar a porta. Eu devia voltar pra porta.

Outra voz. Sussurram. A voz da Mercy.

— A pedra do coração avisa... A pedra do coração... Pedra do coração... Rápido, Saba...

Pedra do coração. A minha mão tateia por baixo do manto. Achei. E tá quente. Estranho. Ela tá sempre fria. Mesmo no dia mais quente, perto da minha pele, ela permanece fria. Só ficou quente duas vezes. E nas duas eu tava na frente dele. Pedra do coração quente significa... Significa alguma coisa, a Mercy disse isso, mas eu num consigo... Lembrar... Num consigo... Pensar...

A pedra do coração... Avisa...

Os meus dedos agarram ela com força. Uma última vez. Eu vou gritar por ele uma... Última vez. Dou uns dois passos pra frente. Sinto a pedra do coração ficar mais quente.

— Jack! Jack! Cadê você? — grito.

Espero.

Nada.

Eu viro pra ir embora.

Então.

Eu ouço.

Latejano.

Uma voz fraquinha.

Ele tá aqui.

Sinto uma força me inundar. Avanço cambaleano, os olhos cheios d'água, quase fechando por causa da fumaça. Meu dedão do pé bate na beirada de alguma coisa. O alçapão da Geladeira? Fico de joelhos. Tateio o chão. Toco num metal quente. Isso! A porta. Enrolo a mão no manto e bato nela pra ele saber que eu tô aqui. Ele bate de volta.

— Jack! — grito. — Aguenta firme! Eu vou tirar você daí!

Chaves. Rápido. Passo os dedos nas chaves do chaveiro que seguro. Meu coração

para. Deve ter umas dez chaves aqui. Todas do mesmo tamanho.

— Jack! — grito. — Eu tô com as chaves! Só preciso encontrar a certa!

Ele bate pra me avisar que ouviu. Passo a mão na porta do alçapão. Achei. A fechadura. Tento a primeira chave. Tenho que agir rápido. Mais rápido. Rápido demais. Dedos desajeitados. A chave escorrega e passa longe do buraco.

Pra cada tentativa, ponho os dedos da outra mão em volta da fechadura, pra me guiar. Então puxo a chave assim que sei que num é a certa. Trinco os dentes.

Minhas mãos tão escorregadias por causa do suor. Ele tá correndo pelo meu rosto, pra dentro dos meus olhos. Meu coração tá batendo feito louco. O tempo tá acabando. Quando as vigas do teto queimarem, o telhado vai vir abaixo e vai ser o fim de tudo.

— Depressa, depressa, depressa, — resmungo.

A penúltima chave encaixa. Eu giro. Levanto num pulo. No segundo que toco a alça do alçapão pra puxar, largo e solto um palavrão. O metal tá quente. Jogo meu manto na mão, agarro a alça e puxo a porta.

Enfio a mão na escuridão. A mão dele sobe, agarra a minha com força. Eu me inclino pra trás e ajudo ele a subir. Ele tá tossindo. Cubro a gente com o meumanto.

— Por aqui! — falo.

A gente vai até a porta do bloco. Pra fora e pro ar fresco. O gemido das vigas rangendo corta o ar.

— O teto! — falo. — Vai cair!

Outro gemido e, então, perto da porta do bloco, o teto desaba com um estrondo enorme. Terra e poeira se misturam com a fumaça e cresce na nossa direção. — A gente tá preso! — ele fala.

— Volta! — falo.

A gente vira e volta por onde acabou de vir.

Pensa, Saba, pensa. Você e a Ash entraram pelo túnel. Como foi que a Ruby chegou aqui? Do mesmo jeito?

— Um túnel! — grito. — Acho que tem um túnel na parede do outro lado!

A gente vai tateando até chegar na parede do fundo do bloco. Corre as mãos pra cima e pra baixo e pelos tijolos, procurano um buraco. — Num tem nada aqui! — ele fala.

— Tem que ter! — Eu ajoelho, meus dedos procurano, sentino tudo na parte de baixo da parede, bem perto do chão, depois no canto e...

— Aqui! — falo. — Bora! — Eu deito de barriga e começo a rastejar pra dentro. Ele vem logo atrás de mim. O túnel tá cheio de fumaça. Eu vou o mais rápido possível. Num tem nenhum som além da nossa respiração ofegante, tentano puxar o ar. Então o túnel começa a se alargar, o teto é mais alto, e a gente já consegue ficar agachado e correr. A fumaça começa a dissipar.

— Tô vendo luz lá na frente! — digo.

Então a gente chega no fim do túnel. Uma escada de metal enferrujado. Uma fraca luz dourada descendo. Subo a escada rápido. Ele vem logo atrás de mim. Tem estopa em cima do buraco no fim da escada. Empurro pra cima com muito cuidado. Uns pedaços de palha caem na abertura. Dou uma espiada. Tem palha pra todo lado. Levanto um pouco mais a estopa.

O túnel dá num terreno cercado entre dois barracos. Palha no chão, três porcos fuçano no canto. Além deles, ninguém na vista.

Lá longe, gritos e berros enchendo o ar. O cheiro de fumaça é forte.

— É seguro, — falo. — Bora.

A gente sobe, pula a cerca, corre por um beco pequeno e dá uma olhada pela esquina.

Parece que a Maev e as Gaviãs fizeram um belo trabalho. A fumaça vai bem alto no céu. Começou a soprar um vento quente, ajudano a espalhar o fogo pela cidade a partir dos blocos. Ele pega fagulhas e pedaços de madeira em chamas e joga nos telhados e pra dentro das construções frágeis.

As pessoas correm pelas ruas, na direção do portão principal, todas carregadas com os objetos de valor que conseguiram levar. Elas tão puxano malas inchadas, abraçano embrulhos volumosos e empurrano carroças com tanta coisa empilhada que num conseguem ver por cima delas.

— Vem comigo, — Jack fala. Ele mergulha na multidão e vou atrás enquanto ele sai costurano por entre as pessoas. Tem um menininho chorano de medo, rosto vermelho, enquanto é puxado pela mão. — O Anjo da Morte é um pouco famoso demais aqui, — ele continua. Ele estica a mão e, de repente, já surrupiou um chapéu da cabeça dum homem e colocou na minha. — Isso vai ajudar, — ele completa.

— Tenho que encontrar a Ash, — falo, olhano a multidão. E o resto das Gaviãs.
— Elas tão com a minha irmã.

— Eu sempre quis uma irmã, — ele fala. — Então isso é coisa das Gaviãs. Muito bom.

— Você conhece elas? — pergunto, ainda procurano alguém que eu consiga reconhecer.

— Ouvi falar, — ele responde. — Viajo muito no meu ramo de trabalho. Bora, por aqui!

Ele segura a minha mão e entra num beco na direita. No final a gente vira pra esquerda, depois pra direita de novo. Num tem mais ninguém nessa parte da cidade. Tá tudo quieto. Só o som fraco dos gritos distantes.

Ele checka dentro dum barraco.

— Ninguém em casa, — ele fala e me puxa porta adentro.

Joga um monte de roupas na mesa.

— Onde foi que você conseguiu isso tudo? — pergunto.

— Lição número um, — ele fala. — O melhor lugar pra roubar qualquer coisa é no meio de uma multidão. Especialmente uma multidão com pressa pra chegar noutro lugar.

Ele tira a camisa. Quando vejo o peito nu dele sinto um choque no fundo das minhas entranhas. Três cicatrizes compridas rosadas, retorcidas, repuxadas, vão do ombro direito até o quadril esquerdo. Marcas de garra. Eu nunca vi o tipo de fera que deixa marcas assim.

Ele puxa a camisa nova por cima da cabeça. Começa a abrir o botão de cima das calças.

— O que você tá fazendo? — quero saber.

— O que parece que eu tô fazendo? Se você é do tipo tímido, sugiro virar.

— Ah! — Viro de costas rapidinho.

— Lição número dois, — ele fala. — Mesmo se você tiver com pressa, prefira as melhores botas que puder encontrar. Num economize em qualidade. Aqui, essas devem servir em você. — Ele me atira um par de botas. — Bom, vai, experimenta pra ver o tamanho.

Sento no chão e calço. Fico de pé e piso firme no chão. — Elas cabem, — falo. — Incrível.

— Eu tenho um olho bom, — ele diz. — Certo, já tô pronto. Pode virar agora.

Eu viro. A gente olha um pro outro. O rosto dele tá sujo de fuligem e cinzas. Os dentes dele brilham brancos na penumbra.

— Você sabe o meu nome, — ele fala. — Qual é o seu? Quer dizer, o seu nome de verdade.

— Saba, — respondo.

— Saba. — Gostei.

— Preciso ir. Minha irmã tá esperando com as Gaviãs e...

Antes que eu perceba o que ele vai fazer, ele agarra a minha mão.

— Ei! — Eu tento me afastar, mas ele segura com ainda mais força.

— Saba, — ele fala, — Eu num sei que estrela feliz fez você vir procurar por mim, mas tô muito agradecido por isso. Se você num tivesse aparecido, eu agora taria morto.

Então ele leva a minha mão aos lábios e beija ela. Enquanto faz isso, ele olha direto pra mim com os olhos de luar prateado. Sinto o cheiro de fumaça na pele dele. Disso e de suor seco e — leve, como um sussurro — de artemísia.

— Obrigado, — ele agradece.

Um calor sobe pelo meu peito e meu pescoço. Corre pro meu rosto. Puxo a minha mão depressa, enfio debaixo do braço e olho brava pra ele.

— Por que você fez isso?

— Eu tava agradeceno a você. Tava seno educado.

— Eu nunca vi ninguém educado assim, — falo fazeno uma careta de desgosto.

— Ah, isso num foi nada. Posso ser bem mais educado que isso.

Ele dá um sorriso. Um sorriso metido, arrogante, como se ele fosse o rei do mundo. Então ele abaixa pra apanhar uma besta e uma aljava que ele deve ter pegado junto com as roupas.

— Preciso encontrar a minha irmã, — falo. — Ela deve tá com as Gaviãs.

— É sempre bom ter um plano, — Jack diz. — Onde vocês vão se encontrar? No portão do setor nordeste.

— Num tem nenhum portão ali.

— Quando eu chegar lá já vai ter. Foi um prazer, Jack

Dou as costas pra ir embora.

— Espera! — Ele agarra o meu braço. — Eu num tô com muita pressa, — ele fala. — Vou junto. Garantir que você encontre elas.

Eu vou andano por ruas secundárias e becos, ino pro setor nordeste da Vila Esperança a toda velocidade. O Jack tá bem do meu lado.

A gente desvia e pula de pedaços de construções em chamas que caem no chão. Vigas de teto, uma porta. Os barracos de metal se retorcem e dobram e gemem com o calor.

— Já ouviu falar da regra de três? — ele grita, enquanto a gente corre.

— Não!

— Se você salvar a vida de alguém três vezes, a vida dessa pessoa é sua. Você salvou a minha vida hoje. Salva ela mais duas vezes e eu sou todo seu.

— Vou ter que garantir que isso num aconteça, — falo.

A gente dispara pro terreno aberto e lá tão elas. A Emmi, a Maev, a Ash e um bando de outras Gaviãs Livres esperano a gente com cavalos. Elas cortaram um pedaço grande da cerca alta da paliçada, o bastante pra gente passar. Um portão dos fundos, bem como a Maev falou.

O Jack segura os meus braços. Me vira pra me fazer olhar pra ele.

— Vai acontecer se tiver que acontecer, — ele fala. — Tá tudo escrito nas estrelas. É tudo destino.

— Eu num acredito nas estrelas. Num acredito mais.

— Veremos. Tchau, Anjo.

Antes que eu me dê conta, ele me puxa pra perto, me dá um beijo rápido e forte e depois sai correndo de volta pelo caminho de onde a gente acabou de vir. Coloco a mão nos meus lábios formigando e fico olhando pra ele.

— Saba! — A Emmi corre até mim e eu pego ela no colo. Ela abraça o meu pescoço com os bracinhos magricelos de criança.

— Você tá bem? — pergunto.

Ela faz que sim com a cabeça. Enterra o rosto no meu pescoço e aperta tão forte que quase me sufoca.

— Cadê o Nero? — falo.

Num sei. Num vejo ele fazer um tempão.

— Saba! — Ash grita. — Anda! A gente precisa ir embora!

Elas tão todas montando nos cavalos. A Maev tá segurando as rédeas dum belo alazão de peito largo.

— O nome dele é Hermes, — ela fala pra mim. — Ele é veloz.

Subo no lombo dele. Então me inclino pra baixo e puxo a Emmi pra ela sentar na minha frente.

— Tô vendo que você encontrou o seu amigo, — Maev fala.

Ela me entrega uma besta pequena e uma aljava. Braçadeiras de couro. Me dá um sorriso malicioso.

— É, — falo. Sinto o meu rosto ficano vermelho e quente. Me ocupo vestino as braçadeiras e passano a alça da besta por cima da cabeça. Desculpa, digo, eu num queria ter demorado tanto. — Escuta, Maev, obrigada por...

— Você pode agradecer depois, — ela fala, me interrompeno. — Bora sair deste buraco infernal primeiro. — Eia! — Ela mete os calcanhares nos flancos do cavalo. — Eia!

— Segura firme, Em, — falo.

A gente sai pelo buraco na paliçada e segue a galope na direção norte. A Maev cavalga na minha direita. Alguém emparelha na minha esquerda. É a Epona. Ela abre um sorriso pra mim, os olhos brilham.

— Que bom que você conseguiu, — falo.

— Igualmente, — ela fala. — Aquele foi um momento muito ruim. Quem é que ia imaginar que eles iam mudar o corredor?

Assim que a gente se afasta bastante da Vila Esperança, o grupo para os cavalos e olha pra trás. Rios de pessoas jorram pra fora da cidade em chamas pelo Portão. Todo mundo tá indo pro sul. Ninguém tá vindo pra essa direção, ninguém tá seguindo a gente. O céu tá cheio de nuvens grandes de fumaça cinza.

As Gaviãs gritam de alegria e batem nas costas umas das outras.

— A gente conseguiu, — falo. Estendo a mão e pego a mão da Maev. — Você tirou todo mundo de lá. Tenho que admitir, num achei que você fosse conseguir.

— Eu sei que você num acreditava, — ela fala. — Mas você ter saído viva no fim das contas num teve nada a ver comigo. Ela inclina a cabeça pra trás e olha pra cima. Você precisa agradecer é pra aquele seu corvo.

O Nero desce e passa por cima da nossa cabeça, grasnando e gritando naquela voz

rouca dele.

— Eu vou, — falo. Aceno pra ele com o braço.

Ele passa em cima da gente uma última vez e depois sobe bem alto. Ele gosta duma boa vista.

— Nunca vi uma criatura como aquela antes, — ela fala. — Ele é tão inteligente, é...

— Mais gente do que pássaro? — completo.

— É, — ela fala. — Isso mesmo.

— O que quer que você faça, — digo, — Num diz isso pra ele. Ele num vai parar de me perturbar nunca mais.

A gente vai pro norte, na direção das montanhas que atravessam a planície. Elas parecem tá a umas boas cinco ou seis léguas de distância.

— Aquelas são as Montanhas Negras? — pergunto pra Maev.

— Aquilo é só o começo delas, — ela fala. — O contraforte, acho que é assim que se diz.

— O meu irmão tá num lugar chamado Campos da Liberdade. Bem no meio das Montanhas Negras. Você conhece?

Ela balança a cabeça.

— Nunca ouvi falar, — ela responde.

Meu coração murcha.

— Vem com a gente, — Maev fala. — Pro nosso acampamento de verão no Bosque Escuro. Fica a meio dia de cavalgada daqui. Quando a gente chegar lá, você pode descansar. A gente equipa você e ajuda a fazer planos pra encontrar o seu irmão.

— Num tenho tempo pra descansar, — digo. — Preciso chegar lá antes do solstício de verão.

Ela olha pra mim.

— Isso é daqui a menos de duas semanas, — ela fala.

— Eu sei. Eu agradeceria se você pudesse me dar alguma comida e roupa que tiver sobrando.

— Acho que a gente pode ajudar com isso.

— E eu gostaria de deixar a Emmi com vocês, — peço. A Emmi olha pra mim. Ela tava cavalgando na minha frente o tempo todo sem dizer uma palavra. Ela desvia o olhar rapidinho. — Só até eu voltar com o Lugh, —continuo. — Num faço ideia do que tem lá em Campos da Liberdade ou do que vou ter que fazer pra chegar lá. Preciso que a Emmi fique em segurança.

— Vamos cuidar dela, — Maev fala. — O que é que você me diz, Emmi?

— Tá bom, — Em responde.

A Ash passa galopando.

— Ei, Maev!, — ela grita, virando a cabeça na direção da Vila Esperança. A gente tem companhia! Ela cavalga pra alcançar as outras Gaviãs Livres.

A Maev e eu viramos pra olhar pra trás.

— Santo inferno na terra, — Maev fala. — O que é aquilo?

Uma nuvem de poeira tá vindo da Vila Esperança na nossa direção. Vem depressa.

— Aquilo num é cavalo, — Maev fala. — Não viajando assim tão rápido. Vamos apertar o passo.

Na boca do meu estômago, eu sei o que tá dentro daquela nuvem de poeira. O vento aumentou. Condições perfeitas pra um barco de terra. — Segura firme, Em!

Eia!, — grito. — Eia!

Eu afundo os calcanhares nos flancos do Hermes. Uma onda de animação percorre o corpo dele todo. É como se ele só tivesse esperano eu dar a ordem. Ele estica o pescoço. E então dispara feito uma flecha saíno do arco, os cascos trovejano no chão seco.

Olho pra trás. A nuvem de poeira tá chegano perto da gente.

— Seja lá o que for, tá se movendo rápido demais!, — Maev grita. — A gente num tem chance de despistar aquilo!

Mais adiante, a Ash alcançou as outras Gaviãs Livres. Disse pra elas o que tá aconteceno. Todas viram num arco bem amplo e começam a correr de volta pra se juntar com a gente.

Olho pra trás de novo. A nuvem de poeira tá ainda mais perto. Agora consigo ver o que tá formano ela. E é exatamente o que eu pensava. É o Cisne do Deserto. Com esse vento forte por trás dele, as velas tão infladas.

A Maev assovia.

— Amigos seus?, — ela pergunta.

— Não, — falo. — Amigos não. Nem um pouco.

A Emmi olha pra mim com olhos enormes.

— São os Pinch, — ela fala.

— Eles tão atrás de mim, — digo pra Maev.

— Certo, — ela comenta.

As Gaviãs alcançam a gente, trovejantes.

— Mantenham a Saba e a Emmi no meio!, — Maev grita.

Elas se movem pra cercar nós duas, assumino posições na dianteira, nas laterais e na retaguarda. O Nero voa logo acima. A gente continua ino pras montanhas, com os cavalos a toda. A Epona tá cavalgano do nosso lado. — Num tenha medo, Em, — falo. — Num vou deixar eles machucarem você.

— Eu num tenho medo deles! — ela fala.

Pela vizinha trêmula, posso ver que ela tá apavorada. Dou um apertão nela.

— Eles vão ter que passar por mim primeiro, — Epona grita, sorrindo. — Eu num simpatizo com gente que tenta fazer isso.

Nesse instante, as Gaviãs da retaguarda começam a gritar. A gente olha pra trás. O barco de terra tá vindo pra cima da gente a toda velocidade.

— Eles vão atropelar a gente! — grito.

— Dispersar! — Maev fala. — Dispersar!

O grupo se desfaz, e atrás da gente as Gaviãs se espalham em todas as direções.

— Epona! — grito. Puxo as rédeas, pra reduzir a velocidade do Hermes. — Pega a Emmi!

No mesmo instante ela emparelha comigo. Passo o braço pela cintura da Emmi e ponho ela sentada na frente da Epona.

— Leva ela pro Bosque Escuro! — falo. — Eu encontro vocês lá!

A Epona faz que sim com a cabeça e dispara na direção das montanhas com algumas das Gaviãs.

Puxo a rédea do Hermes. Ele empina, relincha e dança. A Maev vira o cavalo dela também.

— Essa luta é minha, — falo pra ela. — Você já fez bastante. Deixa comigo.

— De jeito nenhum. Então, Ash! Vem comigo!, — ela grita. — O resto de vocês, vai!

Nós três viramos os cavalos, apertamos os calcanhares e vamos direto, a pleno galope, pra cima do Cisne do Deserto.

— Todo mundo junto! — Maev fala. A gente fica bem perto, cavalgano até quase tocar os joelhos. A Maev na minha direita, a Ash na esquerda. — Bestas! — Maev grita. A gente puxa as bestas e carrega elas.

O Vicar Pinch tá agarrado no mastro. Os mantos balançam atrás dele. O Rooster tá mexendo nas velas. O Senhor da Jaula maneja o leme. A Dona Pinch tá na amurada da frente, do lado do Senhor da Jaula. Tá apontando uma besta pra gente. Ela dispara.

A flecha vem direto pra Ash.

Ela tá olhando pro lado, gritando alguma coisa pra Maev. Estico o meu braço na frente da cabeça dela. Ela vira, assustada. A flecha fura a minha braçadeira e finca na camada grossa de couro. Arranco a flecha.

— Isso ia me matar! — Ash fala. — Obrigada, tô em dívida.

— Preparar, apontar, fogo! — Maev grita.

A gente dispara as flechas. A Dona Pinch abaixa. Mas o Senhor da Jaula é lento demais. Duas das nossas flechas atingem ele bem no peito. Ele dá um grito, solta a barra do leme e tomba pela amurada. Cai embaixo do Cisne. Quando as rodas atingem ele, o barco de terra patina descontrolado. A roda direita de trás arrebenta. A que ajudei o Rooster a consertar. Acho que a gente num consertou muito bem. Ela sai quicando e rolano.

O Cisne do Deserto tá desgovernado. Derrapando sem parar.

— Cuidado! — Maev grita.

Ela, eu e a Ash saímos do caminho.

O Rooster mexe feito louco nas cordas das velas. O Cisne tomba. Ele roda. Uma, duas, três vezes, quatro. Muito rápido. Feito uma bola de poeira. A Dona Pinch é atirada pra fora. Ela sai voando e cai com força no chão. Num se mexe. O barco desliza pela terra, virado de cabeça pra baixo, levantando uma nuvem imensa de poeira. Ele acaba parando, e tudo fica em silêncio.

Eu, a Maev e a Ash cavalgamos até ele. A Maev prepara pra desmontar, mas falo, — Não, deixa que eu vou.

Desmonto e agacho pra espiar embaixo do Cisne.

O Rooster tá pendurado de cabeça pra baixo. Preso pelas barras de aço da cabana esmagada. Os olhos e a boca tão bem abertos. Ele parece surpreso. O Vicar Pinch tá caído no chão, os longos cabelos cacheados amontoados do lado dele. Ele tá completamente careca, com umas feridas bastante feias pela cabeça inteira. O rosto tá coberto de sangue. A perna direita tá virada num ângulo estranho.

Espero por um momento, meu coração batendo forte no peito. Silêncio. Nenhum deles se mexe. Nenhum deles tá respirando.

— Eles tão mortos, — falo. — O Rei tá morto! Isso quer dizer que o Lugh tá salvo. Eles num vão ter motivo pra matar ele agora.

— Ótimo, — Maev fala.

Então cavalgo até a Dona Pinch. Parece que o pescoço dela quebrou quando ela caiu no chão. Tá deitada de costas. Os olhos abertos encaram o céu. Eles tão cheios de fúria, mesmo na morte.

Eu desmonto. Olho pra ela. Coloco uma flecha na besta. Miro.

— Isso aqui é pela Emmi, — falo. Então atiro no peito dela.

O Nero chega voano e pousa no peito da mulher. Ele abre as asas e grasna. Cutuca a camisa dela com o bico. Bica a mão.

— Chega, Nero, — falo. — Bora.

Ele voa pro meu ombro. Faço o Hermes virar e aponto ele na direção das montanhas.

Das montanhas e do Lugh.

A gente num andou mais que uma légua.

A gente tá passano por cima dum grande afloramento de pedras quando a Ash olha pra trás.

— Aí vêm eles, — ela fala.

Ela gira o cavalo, e eu e a Maev seguimos ela até a beirada do afloramento. Daqui a gente consegue ver a planície toda até o fogo e a fumaça na Vila Esperança.

A gente também consegue ver o Cisne do Deserto. E o pequeno grupo de Tonton, talvez uns dez no total, ino na direção do barco.

— É melhor a gente num ficar por aqui, — Maev diz.

— Não quando você tem um irmão pra encontrar, — Ash fala pra mim.

BOSQUE ESCURO

Logo antes da meia-noite, a gente chega no acampamento de verão das Gaviãs Livres, no Bosque Escuro.

O Nero voa na frente pra avisar que a gente tá chegando. A Emmi vem correndo assim que a gente aparece e corre e dá pulinhos do lado dos cavalos.

— Saba! Você tá aqui!

— Você devia tá dormindo, — falo. — Por que você demorou tanto?

— A gente veio assim que pôde, — digo.

Desço do lombo do Hermes. Ela pula em cima de mim, enrola os braços e as pernas em volta da minha cintura e do meu pescoço.

— Eles tão mortos? — ela sussurra. — Você matou eles?

— Você num precisa mais se preocupar com eles. Como é que eu vou fazer qualquer coisa com você grudada em mim feito uma sanguessuga?

Dou uma palmadinha no traseiro dela e ela escorrega pro chão. Ela me segue bem de perto enquanto afago o Hermes, dou água pra ele e mando ele pras árvores, pra se juntar com os outros cavalos e pôneis das Gaviãs e pastar na grama rala das clareiras da floresta.

Ela continua falando, sobre a Epona e que a gente vai dormir na mesma barraca da Maeve, mas o tempo todo ela segura a barra da minha túnica e fica perto de mim.

Eu viro e quase tropeço nela. Eu ajoelho e pego as mãos dela. Elas tão tremendo.

— Ei, ei, Emmi, — falo. — Tá tudo bem. Eu tô aqui.

— Num tá não, — ela fala. — Você tá indo embora pra achar o Lugh. E pode ser perigoso. Você mesma disse.

— Eu vou ficar bem, — falo. — Vou voltar num instante. E vou trazer o Lugh comigo.

— Tem certeza de que eu num posso ir com você?

— Tenho sim. Prometi pro Pai e pro Lugh que eu ia manter você segura. Num fiz um trabalho muito bom até agora.

— Você fez sim.

— Ei, — digo. — Num sei você, mas eu tô começano a ficar muito cansada. Por que você num me mostra essa barraca de que você tava falano?

— Tá. Ei... Saba?

— Hein?

— Será que... Será que você me carrega de cavalinho até a barraca? — ela pede meio envergonhada, sem olhar pra mim, mas pro chão, onde a bota dela traça uma linha na terra.

Nunca carreguei a Em de cavalinho na nossa vida. Era o Lugh quem brincava com ela assim. Ele pegava ela pelas mãos e rodava até os dois caírem tontos no chão. Ou ela pulava nas costas dele e saíam galopano e pulano enquanto ela dava gritinhos de felicidade. Nunca gostei de ver ele passano tempo com ela. Nem com ninguém, pra falar a verdade. Eu sempre quis ele só pra mim.

Olho pra ela. Pra nuca dela, o pescoço magro e sujo. Ela sempre foi pequena pra idade.

— *Ela só tem nove anos, Saba. Você bem que podia tentar ser boazinha com ela de vez em quando.*

— Carregar você de cavalinho? — falo. — Pensei que você nunca fosse pedir.

— Sacrifício humano. — A Maev franze a testa. — Isso é... Loucura.

Ela e eu tamos sentadas num tronco, na penumbra fresca da manhã, na clareira onde fica o acampamento das Gaviãs Livres. Eu confiro se a Emmi num tá ouvino. Ela num sabe de nada disso, e num quero que ela fique escutano. Mas ela tá lá na barraca com o Nero. Eles tão brincano de algum tipo de jogo de contar gravetos caídos no chão. O Nero adora contar coisas.

— Eu sei, —falo. — Mas foi o que a Helen disse.

— E você acredita nela, — Maev fala.

— Acredito. E ela disse que foram os Tonton que levaram o Lugh pra esse lugar... Campos da Liberdade.

— Bem no meio das Montanhas Negras. Foi isso que ela disse. — O que será que tem lá? — Maev pergunta.

— A Helen foi morta antes de poder me contar tudo. Mas, pelo que ela falou, tem tudo a ver com o chaal.

— Tudo tem a ver com o chaal. E os Tonton tão bem no meio disso.

A gente fica em silêncio por um minuto, e então falo, — Sabe, Maev, quando o Vicar Pinch viu a minha tatuagem de lua, parecia que ele tinha visto um fantasma.

— Como assim?

— Acho que num foi a primeira vez que ele viu uma dessa.

— Como foi que você arranjou ela, afinal? — Maev fala. — Eu nunca tinha visto uma assim antes.

— Foi o meu pai. Ele tatuou em mim e no Lugh. Gêmeos de solstício de inverno.

— Você acha que foi assim que ele viu? No Lugh? — Tenho certeza. Como mais poderia ter sido?

— Bom, o Pinch tá morto agora, então num faz diferença. Eles num vão levar adiante o, você sabe... O sacrifício.

— A gente num pode ter certeza disso. E quando descobrirem o que aconteceu com o Rei, podem ficar furiosos e fazer alguma coisa com o Lugh assim mesmo. Ele num vai ficar seguro até sair de lá. Eu preciso ir.

Eu levanto.

— Ah, não. — Ela levanta também, põe a mão no meu braço. — Você num tá em condições. Olha só pra você. Precisa descansar e comer. A gente precisa cuidar desses hematomas. A Epona deu uma bela surra em você na Jaula.

— Num importa.

— Importa sim. Você num sabe o que vai enfrentar. Precisa tá forte.

— Me deixa em paz, — falo. Mas sei que ela tem razão. Tô exausta e meu corpo inteiro dói.

— Bora, Saba, — ela diz. — Eu num sou sua inimiga, sou sua amiga.

— Minha amiga, — repito.

— Isso mesmo. Você é como eu. Você é uma sobrevivente.

— Eu sou só teimosa.

— Desculpe ter que dizer isso, mas, sendo amigas e tudo, isso me dá o direito... Quando foi a última vez que você se lavou?

— Percebo que num consigo lembrar. Num sei, — respondo. — Faz um tempo, acho.

— Muito tempo, eu diria. — Ela passa por mim, vai pela trilha que leva pra dentro do bosque. — Tenho uma surpresa pra você. Por aqui.

A gente sai da escuridão da floresta pro choque da luz forte do sol, em cima duma saliência estreita de rocha nua que dá pro vazio. Na nossa frente, água ruge na encosta duma montanha. Ela despenca e bate nas pedras até cair num lago fundo lá embaixo, onde a luz do sol dança e cintila.

A Maeв desaparece do lado da rocha.

Fico olhando pra cascata. É linda. Limpa. Pura.

— Você vem ou não? — Maeв grita. A voz dela ecoa pelas paredes da garganta.

Vou atrás enquanto ela vai descendo pelas rochas até a base. Faz tanto tempo que eu num nado. Eu e o Lugh costumávamos nadar na Lagoa da Prata o tempo todo quando a gente era pequeno. Bem antes da lagoa secar e tudo ficar ruim.

Vou dar um mergulho nessa água fria. Só um. Vai ajudar a clarear a minha cabeça. Ai vou ser capaz de pensar.

A Maeв pula numa pedra grande e plana abaixo, na beira do lago. Ela tira a

roupa rápido e fica nua como no dia que nasceu. Pele dourada e cheia de sardas, pernas compridas e fortes, uma juba embaraçada de cabelo cor de cobre. Ela corre e dá um salto, as pernas e os braços balançam, e desaparece embaixo d'água. Ela aparece na superfície, um sorriso enorme no rosto.

— Tá fantástica! — ela grita.

Percebo que nunca vi a Maev sorrir antes. Ela parece jovem. Feito uma criança.

A Maev me abasteceu de roupas hoje cedo, tudo, de camisa até roupa de baixo. No começo eu num queria aceitar as coisas delas, mas ela disse que as Gaviãs Livres na prática são ladras de estrada, e é daí que veio tudo aquilo. Quando ela me contou isso, eu devia ter falado não, obrigada. Eu sei que roubar é ruim. Mas as minhas roupas num eram mais que farrapos sujos e as minhas ideias do que é certo e do que é errado num tão lá tão boas quanto antes.

Tiro as minhas roupas roubadas e dobro elas numa pilha ajeitada na rocha morna. Então mergulho.

A água gelada faz eu arregalar os olhos e o meu coração parar. Subo rápido pra superfície, sem fôlego. A Maev tá gargalhando.

— Maldita! — grito. — Tá gelada!

— Vai fazer bem pra você!

Mergulho várias vezes naquela limpeza cintilante até a sujeira da Vila Esperança ser toda lavada do meu corpo. Arranco um punhado de agulhas dum pinheiro baixo e começo a esfregar o corpo. Então a Maev começa a me perseguir, e a gente fica jogando água e afundando a outra.

Depois dum tempo, percebo que num pensei no Lugh nos últimos minutos. Nem uma vezinha.

No mesmo instante dou meia-volta e nado de volta pra rocha. A Maev vem atrás. Subo e pego as minhas roupas.

— Qual é o problema? — A Maev sobe também.

— Eu num tenho tempo pra isso, — falo. — Num posso parar até encontrar o Lugh. Eu prometi pra ele.

— Ah, isso de novo não! — Ela puxa as roupas de mim. — O que foi, você jurou pra ele que num ia tomar banho? Nem comer? Nem dormir? Num seja burra.

— Me dá as roupas, — falo.

Ela segura as roupas longe de mim.

— Não, — ela fala. Foi um banho e um mergulho. Você num tava dançano e cantano. Agora senta aí e fica quieta por três minutos enquanto a gente se seca.

— Não. Me dá as minhas roupas, Maev.

— Mas que porcaria, sua mula teimosa... Senta! — ela ruge pra mim. Pega meu braço e me puxa pro chão. Fico tão surpresa que nem tento levantar. Ela larga as roupas e se acomoda do meu lado, segurano meu pulso com força. Agora, ela fala, — A gente só vai ficar aqui um pouco, quietas.

— Maev...

— Shhh!

— Eu só...

Ela leva um dedo na boca. Deita, fecha os olhos e volta a cara pro sol. Eu deito do lado dela, olhano pro céu. Depois dum tempinho, começo a me sentir quente, um pouco zozza. As minhas pálpebras tão pesadas. Elas começam a fechar.

— Eu num entendo, — falo.

— Num entende o quê?

— Num consigo acreditar que você nunca tenha ouvido falar de Campos da Liberdade. Esse aqui é território seu. Você deve ter visto todo canto das Montanhas Negras.

— Nem tanto. O Território das Gaviãs termina a um dia de cavalgada no norte daqui. Você num mantém o que num pode defender, e somos só quarenta pessoas.

— Mas vocês conhecem gente. Vocês devem falar com as pessoas quando tão... Você sabe... Roubano elas.

— A gente num chega a parar pra bater papo, — ela fala.

— Mesmo assim, num acredito que você nunca tenha ouvido nada a respeito, nem mesmo a menor pista.

— Bem, pode acreditar. Porque eu tô dizendo, nunca ouvi falar de Campos da Liberdade.

Uma voz de homem surge por trás da gente. Grave. Rouca.

— É porque num querem que você saiba disso, — ele fala.

Nenhuma de nós para pra pensar. A gente rola da rocha pra dentro d'água. A Maev sai nadando, mas alguma coisa me impede de ir atrás dela.

Um calor familiar percorre a minha pele, fazeno a minha espinha tremer. É a pedra do coração. Ela tá quente, apesar da água tá gelada. Eu apareço na superfície.

— Jack — falo.

Ele fica ali parado, os braços cruzados na frente do peito, o chapéu abaixado em cima dos olhos. Ele abre o sorriso torto dele. O meu estômago imbecil dá uma cambalhota.

— Que surpresa encontrar você aqui, — ele fala.

A cabeça da Maev emerge perto da cascata.

— O que é que você tá fazendo? — ela grita comigo. — Tá louca?

— Tá tudo bem, Maev. Esse aqui é o Jack

— Jack? — ela grita. — Quem é... ah... Jack! — Eu fico ainda mais vermelha. A Maev sabe que eu entrei no bloco em chamas pra tirar ele de lá. A Ash contou pra ela.

— Você tá bem, Saba? — Jack pergunta. — Parece meio quente. — É muito sol na cabeça, — resmungo.

Nado de volta pra rocha. A Maev se junta a mim. A gente segura na beirada e olha pra ele.

O Jack empurra o nosso monte de roupa com o pé. Sorri.

— Ora, se num é uma situação interessante? — ele fala. — Duas garotas peladas na água e eu com todas as roupas delas.

— Vira de costas ou arranco o seu coração fora, — Maev fala.

— Sedenta de sangue, — Jack diz. — Gosto disso numa mulher.

— Vira de costas!

— Num é um pouco tarde pra isso? Quer dizer, eu já vi tudo o que tem pra ver.

Mas ele vira enquanto a gente sai rápido d'água e se veste. — O que você tá fazendo aqui, Jack? — quero saber.

— Como foi que você passou pelas Gaviãs? — Maev fala.

Ele dá de ombros.

— Perguntei onde podia encontrar vocês. A Ash disse pra tentar aqui.

— Você passou pela Ash? — Maev fala.

— Aham. Ela precisou ser um pouquinho... Persuadida, mas no fim colaborou. Menina legal.

— Menina legal? — Maev pergunta. — Você tem certeza de que foi a Ash quem você encontrou?

— Escuta, — ele fala, — Eu sei que num é da minha conta, mas talvez seja uma boa você ter uma conversinha, reforçar a segurança.

— Tem razão, — ela responde irritada, — Num é da sua conta. Vejo você lá no acampamento, — ela fala pra mim.

Passa por ele e desaparece dentro da floresta. Ele vira enquanto eu tô colocando as botas.

— Ela gosta de mim, — ele fala. — Eu sempre sei dizer.

— Você irrita alguém toda vez que abre a boca? Praticamente.

— Você num respondeu a minha pergunta. O que é que você tá fazendo aqui, Jack? — Eu franzo a testa. — Você tá me seguindo?

— Ora, ora, — ele diz, — Você leva o seu charme em muita alta conta. Não, eu

só... Tava passando aqui perto por acaso, e lembrei que você tinha dito alguma coisa sobre encontrar as Gaviãs Livres. Eu só queria garantir que você tinha chegado aqui direitinho e... Tal. Então. Tá... Tudo bem?

— Aham, — falo.

— Você achou a sua irmã?

— Achei.

— Ótimo. Isso é ótimo. Eu já falei que sempre quis ter uma irmã?

— Sim.

Ele cruza os braços na frente do peito. Sorri pra mim. Encaro ele.

— Sei o caminho até Campos da Liberdade, — ele diz. — Posso levar você lá.

Cada parte do meu corpo fica tensa de entusiasmo quando ele fala isso. Mas na mesma hora alguma coisa começa a me incomodar, então falo, — É muito estranho, Jack, você aparecer aqui por acaso e por acaso saber o caminho pra Campos da Liberdade.

— Eu já disse isso antes, — ele fala. — É o destino.

— E eu já disse que num acredito em destino. Como é que vou saber que posso confiar em você?

— Você pode confiar em mim.

— Você diria isso.

— Como é que sei que você num tá mentindo?

— Num sabe. Mas eu num tô.

Sinto o sangue subir pra cabeça. Levanto os braços e grito, — Você é a pessoa mais irritante que eu já conheci em toda a minha vida! Falar com você é que nem falar com uma enguia!

Ele me dá aquele sorriso torto e metido.

— E num faz essa cara de contente não, — falo. — Isso num foi um elogio.

— Então, você quer um guia ou não?

— Me diz, Jack O que é que você ganha com isso?

Em vez de responder a minha pergunta, ele dá um passo na minha direção e fala,

— Por que é que você foi atrás de mim?

— O quê?

— Por que é que você foi atrás de mim? Lá na Vila Esperança. Aquele bloco tava pegano fogo. Você tinha que ser louca pra entrar lá. Mas entrou. Arriscou a sua vida pra salvar a minha, e nem me conhecia.

A pedra do coração tá quase queimano um buraco na minha pele. É claro que eu num vou contar pra ele aquela história ridícula que a Mercy me falou, sobre a pedra ficar quente quando você tá na frente daquilo que o seu coração deseja. Ninguém ia imaginar que uma mulher adulta pudesse ser tão boba.

Cruzo os braços na frente do meu coração acelerado e olho pros pés.

— Num sei por quê, — falo, — Só fui.

— E eu num sei por que tô aqui, — ele fala. — Só tô. Quer dizer, num é que eu num tenha nada melhor pra fazer. Tenho gente pra ver. Tenho... Interesses comerciais.

— Então vai. Num pedi pra você vir atrás de mim. Eu sei perfeitamente me virar sozinha. Num preciso da sua ajuda. Vai, dá o fora.

— Você num escutou o que eu falei? — Ele agarra o meu braço. — Num posso!

A gente fica se encarano. O espaço entre a gente parece pesado de algum jeito. Me sufoca, fica difícil respirar.

Finalmente falo, — Então, você vai me levar pra Campos da Liberdade ou não?

Ele passa a mão na cabeça.

— Devo ser maluco só por pensar nisso, — ele resmunga. — Sim. Eu vou. Mas antes... Preciso me refrescar.

Ele tira as botas e puxa a camisa por cima da cabeça. Eu olho pro peito dele. Num consigo virar os olhos pra outro lugar. Quando vi ele sem camisa antes, lá na Vila Esperança, só reparei nas cicatrizes. Mas agora tudo o que consigo ver é como ele é esguio e forte. Com ombros largos e braços bem musculosos. Ele num tem nenhum pelo no peito, num é que nem o Pai ou o Lugh. Os meus dedos

coçam de vontade de tocar nele. Descobrir se a pele é tão macia quanto parece.

— Cuidado, Anjo, — ele fala. — Quando você encara um homem assim, ele pode ter algumas... Ideias interessantes.

Fico imóvel.

Ele leva a mão até a braguilha das calças. Levanta uma sobrancelha. — Você tem três segundos, — ele fala, — E aí elas vão cair. Ele começa a contar. Um... dois...

Eu viro e corro.

Ainda consigo ouvir ele rir quando tô na metade do caminho de volta pro acampamento.

A Maev tá sentada de pernas cruzadas na cama dela na barraca, me veno embrulhar as coisas que ela me deu. Ela joga uma pedrinha duma mão pra outra.

— O que você sabe desse Jack, afinal? — ela pergunta. — Num parece certo, ele aparecendo do nada assim de repente.

— Eu sei tanto sobre ele quanto sei sobre você, — falo. — Não muito.

Ela morde o lábio inferior.

— Eu num confio nele, — ela fala. — Você confia?

— Ele diz que sabe o caminho até Campos da Liberdade. Se eu quiser encontrar o Lugh, tenho que confiar nele. Assim como eu confiei em você pra me ajudar a sair da Vila Esperança. Num conhecia você, mas eu...

— Arriscou? — Maev completa a minha frase.

— É, foi isso. Arrisquei. E você acabou seno legal.

— É, bom... — Maev resmunga. Ela num olha pra mim enquanto fala, — Eu mandaria duas Gaviãs com você, mas tô precisando resolver um problema de

disputa territorial com uns oportunistas na estrada ocidental.

Fico com a sensação de que ela num tá falano toda a verdade, mas digo, — Você num me deve nada.

— É que tem... Alguma coisa nele. — Ela franze a testa. — Ele tem segredos. E ele é, ahn...

— Arrogante? — falo.

— Isso mesmo.

— Irritante?

— Definitivamente.

— Esquivo?

— Que nem uma cobra, — ela fala. Ela fica me observano um tempinho, e então parece esquecer o que tava incomodano. Ela me dá um sorrisinho malicioso e fala, — Ele é bonito, isso eu admito.

— É? — Eu sinto minhas bochechas ficano vermelhas.

Dou de ombros, sem olhar pra ela

— Nem reparei, — falo.

— Ele tem olhos bonitos.

— São muito juntos.

— Um belo sorriso.

— Dentes demais, — digo.

— De qualquer maneira, ele num faz o meu tipo.

Ela joga a pedrinha em mim, rino.

— Seu tipo! Num se engane, ele é exatamente o seu tipo. Quer dizer, o tipo problema.

— Eu já tenho problema o bastante pra encontrar o Lugh. Num preciso de mais.

— Tem certeza? Você parece um pouquinho... Quente toda vez que ele tá por perto.

— Isso é desde aquele maldito incêndio, — resmungo. — Aquele calor todo deve ter entrado no meu sangue ou coisa assim.

— Ou coisa assim, — ela repete.

Termino de arrumar as minhas coisas. Amarro bem a corda da bolsa. — Obrigada por tomar conta da Emmi, — falo. — O Lugh e eu vamos voltar pra buscar ela assim que a gente puder. Maev?

— Hmm?

— Se... Se alguma coisa por acaso acontecer... Se por algum motivo eu num voltar...

— Ah, não, Saba, nem...

— Se alguma coisa acontecer comigo, me promete que você vai tomar conta da Emmi. Criar ela bem. Por favor. Preciso saber que ela vai ficar bem.

A Maev olha pra mim por um bom tempo.

— Tudo bem, — ela fala, — Eu prometo.

— Obrigada. Ela num gosta de se lavar. Obriga ela a fazer isso. — Coloco a bolsa no ombro. — Melhor ir carregar os cavalos, — falo.

Ela toca o meu braço, me fazeno parar quando eu passo.

— Escuta, —ela fala, — Se algum dia você ficar com vontade de se juntar a um bando de ladras imprestáveis, a gente vai sempre ficar feliz de ter você aqui de volta. Você daria uma ótima Gaviã Livre.

O Jack pendura os alforjes no lombo do cavalo dele. Saíno da Vila Esperança, ele conseguiu roubar um grande garanhão branco — ele chama o cavalo de Ajax —, que acabou se mostrano bem temperamental e dono duma mordida danada.

Ele olha pra Emmi desenhando círculos com um graveto na terra. A cabeça dela tá caída que nem uma flor murcha.

— Você vai mesmo deixar ela pra trás? — ele pergunta.

— É claro, — falo. Passo a rédea de fibra trançada por cima da cabeça do Hermes e ponho o freio na boca dele. — Ela é só uma criança. É muito perigoso. De qualquer maneira, ela só ia atrasar a gente.

O Jack sabe por que tenho que chegar em Campos da Liberdade antes da véspera do solstício de verão, por que isso é importante. Ontem de noite contei pra ele tudo o que sei, tudo o que a Helen me falou antes de morrer. Ele ouviu mas num falou nada, só grunhiu umas duas vezes.

— O Lugh num é só o seu irmão, é irmão da Emmi também, — ele fala. — Você num acha que ela tem tanto direito de ir quanto você?

— Num acho não, — respondo irritada. — E isso num é da sua conta. A Maev falou que ia cuidar dela, e é assim que vai ser.

— Se você diz.

— Eu digo.

O Jack enfia os dedos na boca e assovia. A Emmi levanta a cabeça na hora. Ele faz um gesto e ela vem correndo.

— A sua irmã num quer que você venha com a gente, — ele fala. — Ela diz que você vai atrasar a gente.

— Jack!, falo.

— Eu num ia atrasar vocês! — Emmi diz. — Eu sei cavalgar bem. Fui sozinha com o Nudd o caminho todo desde a casa da Mercy e depois atravessei o deserto todo com ele até encontrar a Saba. A gente quase matou ela de susto.

— É mesmo? — Jack levanta uma sobrancelha pra mim.

— Num é só isso, — falo pra Emmi. — As coisas podem ficar perigosas. Num quero que nada aconteça com você.

— Eu sei cuidar de mim mesma, — Emmi fala. — Eu sei lutar.

— Sabe nada, — digo.

— Eu sei, sim!

— Aqui. — O Jack tira a atiradeira do cinto. Tá veno aquele disquinho lá? Ele aponta prum dos discos brilhantes que as Gaviãs penduraram numa árvore pra evitar que os corvos ficassem se empoleirano ali. Vamos ver se você consegue acertar ele bem no meio.

— Puxa, Jack, — falo, — Isso é uma completa perda de tempo. Ela nunca atirou em nada na vida.

— Ignora ela, — ele fala pra Em. Ele entrega a atiradeira. — Tenta.

— Tudo bem. — A Emmi pega uma atiradeira na parte de trás das próprias calças. — Eu tenho a minha.

— Desde quando você anda com uma atiradeira? — quero saber. — Ei, espera um minuto... Essa é a minha.

— Num é não. É a do Lugh.

— Tudo bem. Mas achei que os Pinch tinham vendido todas as nossas coisas na Vila Esperança.

— Isso aqui eles num pegaram, — Em fala. — Roubei enquanto eles num tavam olhando e escondi no meu lugar secreto. Tô guardano pro Lugh. Vou devolver quando encontrar com ele.

— Ora, se isso num é um gesto bonito de irmã, — Jack diz. — É muita consideração sua, Emmi. Agora, vai. Vamos ver você tentar acertar aquele alvo.

Ela levanta a atiradeira, mira e dispara. Acerta o disco brilhante bem no centro. Sorri de orelha a orelha.

Num acredito. A Em deu aquele tiro e reagiu como se fizesse aquilo a vida inteira.

— Ela tem o olho bom, — Jack fala pra mim. — Fecha a boca pra num entrar mosca.

— Onde foi que você aprendeu a fazer isso? — pergunto.

Ela dá de ombros.

— Eu via você e o Lugh. Depois eu praticava e praticava até acertar.

— Eu num sabia disso. Por que você num me falou?

— Você nunca gostou que eu falasse com você, — ela responde. — Você sempre me mandava calar a boca e ir embora.

— Nunca! — falo.

Mas sinto minhas bochechas ficano quentes, porque a gente sabe que é verdade mesmo. Parece muito horrível quando ela fala assim, que eu nunca tive tempo pra ela, mas a Emmi tem razão. Eu num tinha tempo pra ela. Não enquanto o Lugh tava lá. Quando a gente tava junto ele era tudo o que eu precisava. E era assim desde o dia que a gente nasceu.

— Então vejamos, — Jack fala, — Ela sabe cavalgar, sabe atirar e tem coragem. Será que esqueci alguma coisa?

— O que você esqueceu é que ela tem nove anos, — digo.

— Ele é o meu irmão do mesmo jeito que é o seu, — Emmi fala.

— Bom argumento, — Jack afirma. — E ela teve bastante consideração de irmã pra recuperar a atiradeira dele.

Eles olham pra mim.

— Não, — falo, fuzilano os dois com os olhos. — Não não não! Eles num falam nada. Só ficam olhando pra mim.

— Num olhem assim pra mim! — suspiro. — Ah, saco. Tá bem, você pode vir. Mas você tem que fazer o que eu mandar, e é melhor num dar motivo pra eu me arrepender, porque senão, Emmi, pode ter certeza de que você vai ter problema.

Eu tô falano sozinha. No segundo que a Emmi ouve a palavra "vir", começa a gritar e ela e o Jack apertam as mãos e depois ela me abraça e me fita com os olhos brilhando. Nunca vi a menina tão feliz e animada.

— Num vou decepcionar você! — Ela corre e pula até a barraca, gritando, — Epona! Ei, Epona! Adivinha só?

Levanto o dedo pro Jack

— Se alguma coisa acontecer com ela, — falo, — Eu sei de quem vai ser a culpa.

Ele agarra a minha mão. Os olhos dele são duros feito pedra, frios como um céu cinzento de inverno. A mão é quente. A pele é áspera. Um arrepio sobe pelo meu braço.

— Você num me engana, — ele fala.

— É mesmo?

— É. Eu vejo nos seus olhos. Você só se importa com o seu precioso irmão.

Num é verdade.

— Se eles tivessem levado a Emmi, — ele fala, — A Emmi e não o Lugh... Você teria ido atrás dela?

Eu respiro fundo antes de responder, é claro, mas o olhar na cara dele me contém. Num adianta nada mentir quando ele já sabe a verdade.

Ele me solta e dá um passo pra trás.

— Foi o que eu imaginei, — ele fala. — A sua irmã vai tá mais segura comigo do que jamais poderia tá com você. Pode ir andano no seu cavalo alto e deixa ela comigo.

— Me dá a mão, — Maev fala baixinho, pra que mais ninguém possa ouvir. Ela enfia um anel de ouro no dedo médio da minha mão direita. — Se você precisar de mim, — ela diz, — Se precisar das Gaviãs, manda o Nero com isso e a gente vai. Onde quer que seja, quando quer que seja... Manda esse anel e a gente vai tá lá.

Ela dá um passo pra trás.

O meu coração parece inchar no peito. De cima do Hermes, olho pra baixo. Ela sorri pra mim.

— Você tirou a gente da Vila Esperança, — falo. — Salvou a nossa vida. Deu roupa, comida e cavalos... A chance de encontrar o Lugh. Eu... A gente deve tanto a vocês, num sei como vou poder pagar, mas assim que a gente...

— Amigos num devem nada, — ela responde. — Amigos num pagam. Vão em paz. Espero que vocês encontrem o seu irmão.

— Tchau! — Emmi se inclina pra baixo e abraça a Epona pelo pescoço. — Faz o que a Saba e o Jack mandarem, — Epona fala.

— Protege elas, Jack, — Maev pede. — Senão, a gente vai caçar você até os confins da Terra. E quando encontrar, vai arrancar as suas tripas e dar de comer pros chacaís enquanto você assiste.

— Vou me lembrar disso, — Jack fala.

O Nero voa em círculos acima da gente. Ele grasna, impaciente pra ir andano. Olho pra cima.

— Tá na hora de ir, — falo.

Estalo a língua pro Hermes e a gente começa a trotar. O Jack vai na frente com o Ajax. A Emmi no meio, numa pônei chamada Joy, e eu fecho a retaguarda, com as nossas bolsas, os alforjes e os odres cheios graças às Gaviãs Livres.

Todas elas se reuniram pra se despedir da gente. Agora elas começam a gritar. Tchau, boa sorte, num se esqueçam da gente, até breve, essas coisas.

Dou uma última olhada. Pra Ash, pra Epona e pras outras, que tão sorrindo e acenando.

Mas não a Maev. Sem sorrir. Sem acenar. Só ali parada.

Como se ela num esperasse ver a gente nunca mais.

AS MONTANHAS NEGRAS

A gente passou o dia todo viajano. Tenho que admitir, o Jack mantém a gente num ritmo bom. Rápido o suficiente pras minhas mãos num ficarem se coçano nas rédeas, mas não tão rápido que a Emmi num consiga acompanhar na pônei dela.

O Jack fala que a gente ainda tá no contraforte das Montanhas Negras. Ainda vai levar uns dois dias pra chegar nas montanhas propriamente ditas. A gente sobe num ritmo constante, atravessano florestas de abetos e vales descampados e secos cobertos de arbustos.

O Nero tá feliz de eu estar de volta depois da gente ter ficado afastado por tanto tempo enquanto tava na Vila Esperança. Eu sinto a mesma coisa. Mais que tudo, ele tá feliz em simplesmente ficar no meu ombro, conversano e fazeno comentários sobre a paisagem enquanto a gente sobe. Às vezes ele desaparece por um tempinho pra fazer coisas de corvo.

O Nero já tá sumido desde o meio da tarde, e tô começano a me perguntar pra onde foi quando ele aparece do nada. Mas, em vez de vir pra perto de mim, ele desce e pousa na cabeça do Jack. Então se inclina e começa a mordiscar a orelha dele carinhosamente.

Num consigo acreditar no que tô veno.

— Nero! — grito. — Deixa o Jack em paz!

Ele voa pra mim tão rápido que é só um borrão. Pousa no meu ombro e fica encolhido ali, sem olhar pra mim. Eu nunca soube que um corvo podia parecer culpado, mas é o que ele parece.

O Jack olha pra trás e sorri. — Num precisa brigar com ele por minha causa, — ele fala.

Maldito Jack. O que é que há com ele? O que ele tem que parece encantar todo mundo e tudo que cruza o caminho dele? A Ash e praticamente todas as outras Gaviãs Livres, a minha irmã, e agora meu maldito corvo. Juro, se tivesse uma pedra no caminho e ele num quisesse passar por cima, bastava dar uma olhadinha pra ela e a pedra rolava pra fora do caminho.

Mas eu não. Eu num rolo pra sair da frente de ninguém. Nem mesmo dele. Especialmente dele.

Quando a luz começa a ir embora, a gente monta acampamento num conjunto de pinheiros do lado dum riachinho. As camadas de agulhas de pinheiro mortas são macias e flexíveis debaixo dos meus pés. O cheiro doce, forte e quente da árvore invade o ar.

O Jack fecha os olhos e respira fundo.

— A gente vai dormir em camas bem cheirosas hoje, Emmi, — ele fala.

— Vou deixar elas bem boas, Jack, — ela fala. — Você vai ver se eu num vou.

Eu recolho lenha e acendo uma fogueira enquanto o Jack arruma o resto das nossas coisas. A Emmi fica andano pra lá e pra cá, tirano os sacos de dormir dos cavalos e colocano um do lado do outro. Ela tá falano sozinha, e eu deixo o som entrar por um ouvido e sair pelo outro, como de costume.

— Eu vou dormir aqui, — ela fala. — E o Jack vai ficar... Aqui... E depois a Saba pode ficar... Aqui. Bem entre mim e o Jack

Eu levanto a cabeça na hora.

— O quê? — falo. — Ah, não! Vou até o meu saco de dormir. Você fica entre mim e o Jack. Isso seria melhor, você num acha? Assim, ahn... Você pode falar com nós dois. Que tal?

— Mas o Jack me encarregou disso! — A Emmi põe as mãos na cintura. — Ele descarrega os cavalos, você faz a fogueira e eu preparo os sacos de dormir. Num é isso, Jack?

— Achei que fosse, — Jack fala. — Mas acho que a sua irmã num acredita que você dá conta do trabalho, Emmi.

Os dois olham pra mim. A Emmi tá com o rosto todo apertado. Ela faz isso quando tá chateada e num quer deixar o queixo tremer. O rosto do Jack tá neutro, como se ele num desse a mínima pra quem tá certa. Num confio nele nem por um segundo. Ele sabe que num quero deitar do lado dele, mas num posso falar isso pra Em. Pra ela, eu só tô seno má como sempre, sem querer dar uma chance pra ela. Dessa vez ele me pegou.

— Num é verdade, — falo. Devolvo o meu saco de dormir pra Em. — Desculpa, Em. É claro que é o seu trabalho. Vou deixar você cuidar disso.

Enquanto ela tá ocupada refazendo a arrumação, vou até onde o Jack tá descarregando as coisas do Ajax e do Hermes.

— Eu sei o que você tá tramando, — falo. — E num vai dar certo.

— É mesmo? — Ele num olha pra mim, continua empilhando os alforjes e os outros equipamentos. — Só pra esclarecer, — ele fala, — Eu agradeceria se você me dissesse o que é que supostamente tô tramando e que num vai dar certo. Assim num vou me incomodar de tentar de novo.

Eu franzo a testa.

— Lá vem você outra vez, fazendo essa coisa de enguia, — falo. — O que você fica tramando, Jack, é... É tentar fazer eu parecer uma boba o tempo todo!

— Ah, é isso que eu tô tramando?

— Você sabe muito bem que é!

— Então eu peço desculpas, — ele fala. — Sinceramente.

Ele sorri. Um sorriso agradável. Que num é metido nem arrogante. Num sei o que pensar dele.

— Bom... digo, então tá. Só num faz isso de novo.

— Prometo, da próxima vez que você parecer uma boba, a culpa vai ser toda sua. — Ele pisca pra mim enquanto apanha os alforjes. — A fogueira precisa de atenção, — ele fala.

Fico ali parada um instante. Ele acabou de me pegar outra vez, o desgraçado.

Mas sinto um sorrisinho surgir no meu rosto.

— Boa noite, Saba, — Emmi fala. — Boa noite, Jack.

Ela rola de lado, de costas pra mim, e num instante já tá dormino. O Nero se acomoda numa árvore ali perto.

Fico olhando o céu noturno. Ele tá alto e claro e tem nuvens passando na frente da lua. Agarro o meu cobertor com força e fico duro feito uma tábua. Tô tão consciente do Jack deitado do meu lado. O calor dele, o som dele respirando, o sobe e desce leve do peito que consigo ver pelo canto do olho.

Ouçoo um farfalhar quando ele se mexe. Eu olho e ele tá me encarando, apoiado num cotovelo. A luz do fogo quase apagado reflete nas maçãs do rosto dele, lança sombras nos olhos. Meu estômago dá um pulo. Treme. Desvio o olhar.

Ele estende a mão e toca a pedra do coração, acomodada na base do meu pescoço. Tira a mão rapidinho.

— Tá quente, — ele fala.

— Eu sei, — respondo. Tiro ela do pescoço e enfio no saco de dormir. Coisa imbecil. — Num sei por que uso ela.

Depois dum tempo ele fala, — Me conta do seu irmão.

— A gente é gêmeo.

— Ah. Imaginei que ele devia ter alguma coisa especial pra você passar por tanta coisa pra encontrar ele. Como ele é?

Eu penso. É sempre a mesma coisa quando alguém me pergunta do Lugh. A Mercy, a Helen, a Maev... Até a Emmi. Quero falar dele e ao mesmo tempo num quero. Sinto que, se falar, vou dar pedacinhos dele que quero guardar só pra mim.

— A nossa mãe morreu dando à luz a Emmi, — falo. — E depois disso, o Pai... Bom, ele nunca mais foi o mesmo. Parecia que ele num ligava pra mais nada. Nem pra gente nem... Pra nada... Não muito. Se num tivesse sido pelo Lugh colocando comida na mesa e um teto na nossa cabeça, acho que a gente teria morrido. O Lugh e eu só tínhamos nove anos quando a Mãe morreu, a mesma idade que a Emmi tem agora. Então ele num tem medo de tomar conta das coisas. Nunca teve.

— Mas como ele é?

Ele é... Bom, ele é engraçado, e gentil e... Muito inteligente. Acho que ele prestava atenção no que o Pai falava. Num era que nem eu. Ele sabe... Tudo. Ele

consegue consertar tudo, conhece a terra e as criaturas e... Eu. Ele é a única pessoa no mundo que realmente me conhece.

DeMalo. Olhos escuros, quase pretos, encontram os meus.

Olhano fundo dentro de mim. Encontrano os meus pensamentos mais sombrios, meus piores medos.

— Ele parece bom demais pra ser verdade, — Jack fala.

A voz dele parece vir de muito, muito longe.

— O que foi que você disse? — pergunto.

— Eu disse... Que o Lugh parece bom demais pra ser verdade.

— Você num tem o direito de falar isso. Você num sabe nada dele.

Falo isso muito depressa, pra bloquear o pensamento de como o Lugh tava mudado mais ou menos no último ano. Como ele tava naquele último dia. Como ele disse que num podia esperar pra sair da Lagoa da Prata, e a cara dele quando chamou o Pai de velho doido vivo num sonho. Odeio que o Pai morreu e que essas tenham sido as últimas palavras entre os dois.

— Ei, — Jack fala, — Desculpa, foi uma coisa idiota de dizer. Desculpa. Então, se vocês são gêmeos ele deve ser igual a você, né?

Viro pro lado dele.

— Não, — falo. — Ele é bonito. Que nem a Mãe era. Cabelo dourado que nem o sol. Comprido, numa trança que chegava até a cintura.

— O seu cabelo tá começando a crescer de novo. É escuro.

— Preto. Que nem o do Pai. Ele era bonito. Cheio, comprido e... Eu devo tá muito esquisita.

— Não, — ele diz.

— Quando a Mãe tava viva, ela costumava falar, você é a noite, Saba, o Lugh é o dia. Eu sou aquela que sempre leva as coisas muito a sério. O Lugh é aquele que sorri, que faz você rir. Ele é uma boa pessoa, o Lugh. Ele é tudo o que eu num sou.

— É isso que você acha? Que você num é uma boa pessoa? Que você num é

bonita? — Num respondo.

— Você deve sentir saudade dele, — Jack fala.

— Eu nunca soube que sentir saudade de alguém podia doer, — digo. — Mas dói. Bem no fundo. Como se fosse nos meus ossos. A gente nunca tinha se separado até então. Nunca. Eu num sei como ficar sem ele. É como se... Eu num fosse nada.

— Num diga isso, — ele fala. — Nunca diga isso. Você é alguma coisa, Saba. Uma coisa boa e forte e verdadeira. Com ou sem ele.

Ele estende a mão e enxuga as minhas lágrimas com o polegar. Nem percebi que tava chorando. O toque dele deixa um rastro morno na minha pele.

As nuvens se abrem por um momento e mergulho nos estranhos olhos prateados dele. São iguais a um lago iluminado pelo luar. A gente fica ali um bom tempo, só olhamo um pro outro na noite suave, com cheiro de pinho.

Finalmente ele fala, — A gente vai encontrar ele. Prometo. Agora tenta dormir um pouco. Eu faço o primeiro turno de vigia.

— Me lembra quando for a minha vez, — peço.

— Pode deixar.

— Boa noite, Jack

— Boa noite.

Ele senta, encostado numa árvore.

— Jack? — sussurro.

— O quê?

— Obrigada.

— Bons sonhos, Saba.

Mas eu fico acordada por uma eternidade.

Uma coisa boa e forte e verdadeira. Foi o que ele falou. Ninguém nunca usou essas palavras pra falar de mim antes. Me pergunto se ele falou sério.

O Jack que eu vi até agora, aquele Jack é todo encanto e respostas rápidas e sorrisos charmosos. Mas o jeito que ele tá hoje, o jeito dele quando a gente tava conversano, eu num esperava. Me fez pensar na Mercy. Eu senti essa... Calma, acho que é isso... No coração dele.

É a mesma sensação que tive com ela. Calma como águas tranquilas. Num sei o que pensar.

Num parece encaixar. E justo quando eu achava que já tinha entendido ele.

Mas o negócio é que acho que posso tá... Começano a confiar nele. Eu sei que a Maev acha que ele tá escondendo alguma coisa, que ele tem segredos. E ela pode ter razão. Ela já viu muito mais do mundo do que eu, conheceu muito mais pessoas. A Emmi parece gostar dele, mas o que é que ela sabe? Ela é só uma criancinha.

Num sei se tô certa em confiar nele.

Olho pra cima. As nuvens cinzentas passeiam pelo preto do céu noturno.

Eu queria que o Lugh tivesse aqui. Ele ia me dizer. Ele ia saber.

Agora é o meio do dia. A gente ainda tá no contraforte, seco e poeirento, mas a terra tá ficando cada vez mais íngreme, rochosa, com mais e mais árvores à medida que a gente segue em frente.

O Jack cavalgou a manhã inteira um pouco na nossa frente. Fico feliz de num precisar falar muito com ele. Eu queria num ter falado tanto ontem de noite. Num sei por que fiz aquilo. Num devia ter deixado ele me enganar pra dormir do lado dele.

A Emmi tá cavalgano do meu lado, e o Nero tá pegano carona no traseiro do Hermes. Ela começa a olhar pra trás, por cima do ombro.

— O que foi? — pergunto.

Ela franze a testa. — Nada, — ela responde.

Mas, quanto mais a gente avança, ela continua olhando pra trás. Posso ver que ela tá inquieta. Que ela tá pensativa. Até que num aguento mais. Estendo a mão e agarro as rédeas da Joy. Faço ela parar. — Você tá me deixando maluca, Em. Me diz o que é.

O Jack vira o Ajax e volta pra gente.

— O que tá havendo? — ele quer saber. — O que foi, Emmi?

Ela morde o lábio inferior. Parece toda nervosa.

— Emmi, — falo. — Desembucha ou vou fazer você falar.

— Eu... Eu acho que tem alguém seguindo a gente, — ela fala finalmente.

— O quê? — falo.

— Onde? — o Jack pergunta. Ele enfia a mão no alforje e tira uma coisa de lá.

— Sul, — Emmi diz, apontando na direção de onde a gente veio.

O Jack leva o objeto aos olhos. É feito de plástico preto. Ele olha pela extremidade estreita, e agora vejo que tem dois círculos grandes de vidro na outra ponta, mais larga. Ele torce um disquinho no meio.

— Que diabo é isso? — pergunto.

— É um olhador, — Jack responde. — Deixa você ver coisas que tão distantes.

— Tralha dos Devastadores! — falo.

— Na verdade, é bastante útil. Eu peguei isso lá na Vila Esperança. É incrível o que as pessoas deixam jogado por aí. Num se encontra isso com muita frequência, e, quando encontra, normalmente num tá inteiro.

Ele dá uma boa olhada, passando por todo o horizonte.

— Eu num consigo ver nada errado, Em, — ele fala. — Aqui, Saba, quer olhar?

Ele me entrega o olhador e levo a coisa até os olhos. De repente, o bosquezinho por onde a gente passou meia hora atrás corre pra bem perto de mim. Consigo ver cada folha de cada galho de cada árvore.

— Uau! — Abro um sorriso enorme pro Jack — Isso é fantástico!

Ele fica me encarano com uma cara engraçada.

— Essa é a primeira vez que vejo você sorrir, — ele diz.

Faço uma careta.

— Como assim? — falo. — Eu sorrio o tempo todo.

— Num sorri não, — Emmi fala. — Você ria quando o Lugh tava com a gente, mas desde que ele foi embora você ficou toda malvada e mal-humorada e horrível e...

— Tá bem, — interrompo ela, — já chega.

— Eu só tava falano...

— Bom, então num fala!

Levanto o olhar de novo e dou uma boa conferida em tudo o que consigo ver.

— Nada, — digo finalmente. — Num tem ninguém seguino a gente. Da próxima vez que você imaginar que viu alguma coisa, Emmi, faz um favor pra gente e guarda pra você mesma.

Ela fecha a boca com força, vira a Joy e passa por mim, com o queixo empinado.

O Jack abre a boca pra dizer alguma coisa, e levanto o dedo pra ele.

— Nem pensa nisso, — falo. — Ela é minha irmã e eu falo com ela do jeito que eu quiser.

Ele vira o Ajax e passa por mim.

— Ela tem nove anos, — ele fala. — Dá um tempo pra ela.

O Nero grasna pra mim. Como se tivesse repetino o que o Jack acabou de falar. Olho pras costas dele. Que estranho. Quase exatamente as mesmas palavras que o Lugh disse naquele último dia em que a gente tava consertano o teto.

— *Ela só tem nove anos, Saba. Você bem que podia tentar ser boazinha com ela de vez em quando.*

Lugh. Jack Emmi. Franzo a testa. Tá fazeno a minha cabeça doer.

Vou pensar nisso depois.

A mão do Jack no meu braço me acorda. Deve ser a minha vez de vigiar. Ele tirou a primeira metade da noite e vou ficar até o amanhecer. Eu desperto na mesma hora e sento. Os olhos dele brilham na escuridão.

— Você deixou o fogo apagar, — sussurro.

— Não, eu apaguei de propósito, — ele sussurra de volta.

— Por que você fez isso...

— A Emmi tinha razão.

— O quê?

— Tem uma luz no sopé das montanhas.

Meu coração acelera. Deslizo pra fora do saco de dormir.

— Me mostra, — peço.

Hoje a gente tá acampado numa colina no pé duma torre de luz. Tem uma fileira delas, marchano por um grande platô de montanhas na direção das ruínas duma cidade grande dos Devastadores, a cerca de três léguas no norte daqui. Dá pra ver os esqueletos enferrujados dos edifícios lá longe. Chamavam eles de arranha-céus.

O Jack escala rápido a perna da torre de luz e vou atrás dele. A gente sobe alto o bastante pra ter uma boa vista, e então ele me entrega o olhador.

— Lá, — ele fala e aponta pro sul, por onde a gente veio.

Eu olho. Luz. Fraca. Bruxuleano no sopé por onde a gente veio hoje de manhã... Não, foi ontem de manhã.

Uma fogueira de acampamento, comento.

— Eles acenderam o fogo logo depois da meia-noite, — ele diz. — Fiquei olhando e ela num se moveu desde então.

— Eles devem ter acampado pra passar a noite.

— Pode ser.

— A gente num pode ser as únicas pessoas viajano por aqui, — falo. — Provavelmente tá tudo bem.

Nesse instante, a luz apaga. Então outra aparece. Mas essa tá se mexeno. Ela aparece em cima do monte e começa a descer. Tá vindo pra cá.

— Isso num me parece bem, — Jack fala.

— Vamos acordar a Emmi e sair daqui.

— Ótimo plano.

A gente entra na cidade morta na mesma hora que o sol tá começano a nascer. Às vezes o Pai falava pra gente das grandes cidades dos Devastadores, que se espalhavam por léguas e léguas. O Lugh e eu sempre achamos que ele tava inventano essas histórias, mas parece que ele tinha razão. Os restos duma cidade imensa, espalhada por todo o platô nas montanhas.

Uma longa trilha reta, uma velha estrada agora coberta de grama e arbustos baixos, segue na nossa frente até onde a vista alcança. Os esqueletos enferrujados de arranha-céus, aqueles que a gente viu de longe, acompanham os dois lados da estrada. Outras estradas se afastam da principal, como os galhos duma árvore.

Dá pra ver onde tinha edifícios naquela época. Agora num passam de corcovas e morros cobertos de mato. Desabaram faz muito tempo, pedacinho por pedacinho, e desde então a terra, as plantas e os ventos vão se movendo e deslocano em silêncio pra cobrir o que restou. Pra esconder. Enterrar o passado.

Num tem nenhum som além do vento. Ele geme nas esquinas. Suspira quando encosta na gente, sussurram os segredos há muito esquecidos desse lugar. Ouça os ventos, a Mercy me falou. Se a gente pudesse entender o que ele tá falando. Talvez seja dizem quanta gente tá enterrada debaixo dos nossos pés e como essas pessoas morreram. Pode ter sido doença ou fome ou sede ou guerras. Ou talvez tudo junto. Os Devastadores fizeram tudo isso.

Agora num tem nada vivo aqui, só gatos. E onde tem gato tem rato. Um passa correndo na frente do Hermes, mas ele é esperto demais pra se incomodar. Os

gatos nem olham duas vezes pra gente enquanto passam pra cuidar da própria vida. O Nero mergulha neles por diversão, caíno do céu em silêncio e pono eles pra correr em pânico.

A gente para os cavalos e desmonta.

No segundo que meu pé encosta no chão, a terra mexe. Nem tenho tempo de gritar antes que a minha perna direita suma até o joelho.

A Emmi dá uma risadinha.

— Esqueci de mencionar, — Jack fala. — Se o chão afundar, dá a volta. — Nesse tipo de lugar, quando o chão afunda normalmente tem um buraco. Ele observa, de braços cruzados, enquanto faço força pra sair.

— Obrigada, — falo. — Vou tentar me lembrar disso.

— É melhor a gente checar onde tão os nossos amigos, — ele sugere. Ele entrega o olhador pra Emmi. — Quer subir em algum lugar e dar uma espiada?

Ela faz que sim com a cabeça. A Em num falou comigo desde que a gente acordou ela pra falar das luzes e levantou acampamento. Mais tarde vou puxar ela num canto, sem o Jack por perto, pra pedir desculpa por num ter acreditado quando ela falou que a gente tava seno seguido. Acho que até a Emmi pode tá certa às vezes.

Ela sobe correno um morro ali perto e escala a torre de metal que tem em cima.

Ela laça um vergalhão com um dos braços e com o outro segura o olhador.

— Eu tô veno eles! — ela berra toda animada.

— A que distância? — o Jack grita.

— Ahn...

— Ela num sabe dizer distância, — falo.

— Sei sim! Duas léguas, — ela responde.

— Quantos são? — Jack pergunta.

— Quatro? Não, espera! Ahn... Num tô conseguino ver direito!

— Tenta girar o disco no meio, — ele grita.

Ela solta o vergalhão e começa a mexer no disco.

— Emmi! — berro. — Tá doida? Segura em alguma coisa!

— Me deixa em paz! — ela grita. — Eu sei o que tô fazeno!

Ela se torce pra me encarar. Perde o equilíbrio.

— Emmi! — grito. Começo a correr colina acima.

Ela abraça o vergalhão rápido. Tá segura. Mas deixa o olhador cair. Ele voa no ar. Mergulho pra tentar apanhar. Mas tô longe demais. Ele bate numa rocha bem na minha frente, com um barulho de coisa quebrano. Caio de barriga com um baque e fico deitada, olhando pros pedacinhos destróçados do olhador espalhados pelo mato. O Nero desce e pousa na minha cabeça. — Merda, — Jack fala.

— Mas que porcaria, Emmi, — falo. — Olha o que você fez agora.

Ok O Jack vem pra trás da colina, onde a gente tá escondido. — Parece que são só dois. Eles tão a pé. Guiamo os cavalos pelos cabrestos.

— Isso é bom, — falo. — Eu odiaria machucar um cavalo.

— Mas se for uma pessoa você num se incomoda, — Jack comenta. — Elas podem cuidar delas.

— Me lembra de nunca ficar de mal com você. Você acha que a gente fez um buraco grande o bastante?

Eu disse, — Já cavei centos de armadilhas que nem essa. O Lugh e eu fazíamos isso o tempo todo quando caçávamos javali selvagem.

A Emmi franze a testa.

— Mas Saba, — ela fala, — Num tinha nenhum...

Por trás do Jack, faço um gesto de corte pela garganta e olho pra ela com uma cara muito feia. Ela fecha a boca na hora.

É bom o meu plano funcionar. Num quero que o Jack perceba que eu nunca fiz uma armadilha de fosso antes. O Lugh e eu falávamos o tempo todo sobre cavar uma, mas na Lagoa da Prata num tinha caça que valesse a pena o tempo e o esforço que a gente ia perder pra fazer. O Jack e eu cavamos essa no lugar onde o meu pé atravessou o chão. Bem no meio da trilha principal, que cruza a cidade. Acabou que já tinha um buraco bastante grande ali. A gente só precisou deixar um pouco mais fundo.

— Meu saco de dormir vai ficar todo sujo, — Emmi resmunga.

A gente abriu o saco de dormir sobre o buraco, prendeu as bordas e cobriu com mato. Agora nem dá pra imaginar que tem um fosso ali.

— Azar, — falo. — É o seu castigo por ter estragado o olhador.

— Eu disse que ia tentar consertar, — Jack fala.

A Emmi mostra a língua pra mim.

Eu aponto pra ela.

— Você tá ficano muito folgada, Emmi, — digo. — Espera só até a gente...

— Shhh! — O Jack coloca um dedo sobre os lábios. A gente fica abaixado, em silêncio, sem olhar um pro outro. Só esperano.

Então ouço vozes. Um cavalo resfolega baixinho.

— Eles tão vino, — Jack sussurra.

A gente deita na encosta da colina.

O Jack e eu pegamos as nossas bestas e carregamos. A Emmi coloca uma pedra na atiradeira. Meu coração tá bateno forte no peito.

As vozes passam pelo nosso esconderijo.

E então, — Aaah! — gritam quando pisam no nada. Quando despencam na nossa armadilha. Os cavalos relincham, assustados.

— Vai! — Jack grita.

A gente levanta num pulo e corre pro topo da colina. A gente desce a toda pelo outro lado. Os dois cavalos deles empinam de medo e se afastam rápido. —

Mãos pra cima! — grito. — A gente pegou vocês, seus desgraçados!

Eu, o Jack e a Emmi assumimos posições nos arredores do fosso. Com as armas em punho. A gente mira nos prisioneiros.

— Eu num acredito, — Jack fala.

— Que diabo vocês tão fazendo aqui? — pergunto.

A Ash e a Epona olham pra gente do fundo do fosso, onde elas tão caídas numa barafunda de braços e pernas.

— Num era exatamente a recepção que a gente tava esperando, — a Ash fala.
— Mas já tive piores.

Elas levantam. A Epona estende a mão.

— Seria bom ter uma ajudinha pra sair daqui, — ela fala.

— Ia ser bem-feito se a gente deixasse vocês apodreceno aí, — falo.

Mas dou a mão pra ela e o Jack faz o mesmo com a Ash e a gente ajuda as duas a saírem. Elas começam a se limpar.

— Cacete, Ash, — Jack fala. — Isso foi mais que idiota. A gente podia ter atirado em vocês. Vocês podiam ter quebrado a perna quando caíram. Por que num avisaram que eram vocês?

— A gente queria fazer uma surpresa, — Ash diz.

— Bom, isso vocês conseguiram, — ele responde.

Franzo a testa.

— Achei que as Gaviãs tinham que cuidar dum problema, — digo. — A Maev falou alguma coisa duma disputa de território na estrada ocidental.

Elas trocam um olhar rápido. Um olhar de culpa.

— Ela num sabe que vocês tão aqui, — falo. — Num me digam... Ela deixou vocês duas encarregadas do Bosque Escuro e vocês saíram de fininho.

— Ok — Ash fala, — A gente num vai dizer.

— Vão embora, — falo. — Façam meia-volta e deem o fora. E num se esqueçam de falar pra Maev que essa ideia foi toda de vocês e que eu num tive nada a ver com isso.

— Espera um minuto, — Epona retruca. — Acontece que a gente acha que a Maev tá errada. A gente acha que ela devia ter mandado pelo menos algumas de nós com vocês pra ajudar.

— Isso é mais importante do que o controle da estrada ocidental, — Ash explica. — Pelo que você disse, sobre Campos da Liberdade e os Tonton e o chaal, isso pode ser mais do que só trazer o seu irmão de volta. Pode afetar todo mundo. Só queimar a Vila Esperança num basta. A gente num pode parar ali. A gente precisa parar a coisa toda. Se livrar deles todos.

— Escuta, — falo. — Num dou a mínima pra nada além de trazer o Lugh de volta. Tão me ouvino? É isso. Mais nada. E num preciso da ajuda de vocês. Eu num quero. Vão pra casa.

— Por que é que você sempre tem que ser tão grossa? — Emmi pergunta. — Elas só querem ajudar a gente a encontrar o Lugh.

— Fecha o bico, Emmi, — falo. — Tô pensano seriamente em mandar você de volta pro Bosque Escuro com elas.

Ela amarra a cara e cruza os braços.

— Quero só ver você tentar, — ela diz.

— Num me responde!

— Epa, epa, — Jack interrompe, — Vamos nos acalmar, todo mundo. Tenho certeza de que a gente pode...

— Cala a boca, Jack, — falo. Estreito os olhos. Dou um olhar bem duro pra Ash. — Tem certeza de que num tem outro motivo pra vocês tarem aqui?

Olho pro Jack, depois de novo pra Ash. Ela tá com o rosto todo vermelho.

— É claro que não, — ela fala.

— Vai, Saba, — Epona diz. — Você sabe que a gente é boa de briga.

— Vou dizer pela última vez, — falo. — Se eu quisesse que vocês tivessem vino comigo, tinha pedido pra vocês virem. Mas num pedi. Isso quer dizer que num quero. Vocês podem ir assim que eu apanhar o cavalo da Emmi. Você vai voltar com elas pro Bosque Escuro, — aviso pra Em.

— Não! — ela fala. — E você num pode me obrigar! Eu odeio você, Saba! Eu viro e começo a andar rápido pra onde a gente amarrou os cavalos antes de descobrir quem tava seguindo a gente. Eles tão bem escondidos.

— Com licença um momentinho, — ouço Jack falar.

Ele vem correndo atrás de mim e agarra o meu braço.

— Quero conversar com você, — ele pede.

Puxo o braço com força pra me soltar e continuo andando.

— Num temos nada pra falar. Elas vão embora e levam a Emmi.

— Elas querem ajudar, — ele argumenta. — Elas querem fazer alguma coisa. Quem sabe ajudar a tornar o mundo um lugar melhor. Vai, Saba, qual é o seu problema com isso?

Continuo andando. Ele fica na minha frente.

— Qual é o seu problema? — ele pergunta. — Fala comigo.

Enquanto ele tá falando, eu tento me desviar, direita e depois esquerda, mas ele bloqueia o meu caminho toda vez que mexo um pé. Meu humor tá fervendo. Tá doido pra brigar. Trinco os dentes e fecho os punhos.

— Sai da minha frente, — falo.

— Não.

— Eu vou pegar os cavalos. Sai da frente, — Jack.

— Não até você me dizer por que tá tão irritada.

— Tá bem. Você quer saber qual é o problema? É esse... Monte de gente toda atrás de mim, me atrasando, e eu tô cansada disso, é esse o problema! Num quero saber de fazer o mundo um lugar melhor. Só o que eu quero é trazer o Lugh de

volta. Mas toda hora fico presa. Deixo a Emmi num lugar seguro e ela me segue. Os Pinch sequestram a gente e acabo na Jaula na Vila Esperança. Enfim consigo fugir, e, graças a você, não só tô carregando o peso da Emmi de novo como também aqui tá a gente no meio do nada com a Ash e a Epona a tiracolo. E por que você acha que elas tão aqui, Jack?

— Você sabe o motivo, — ele fala. — Elas querem ajudar.

— Você é cego? — pergunto. — Elas só seguiram a gente até aqui porque... Você gosta da Ash?

— Que tipo de pergunta é essa? É claro que gosto dela. Por que num gostaria?

— Não, — explico, — Num é isso o que eu quero dizer. O que eu quero dizer é... Você gosta dela? Porque ela gosta de você. Muito.

— O quê? — Ele dá uma gargalhada. — Num seja idiota.

— Você num consegue perceber mesmo?

Ele balança a cabeça.

— Você tá sendo ridícula, — ele fala.

— Ah, tô? — digo.

Passo por ele à força. Vou até os cavalos. A minha pele tá formigando. A minha barriga tá tensa. Eu tô toda quente, da cabeça aos pés. Começo a desamarrar a Joy e o Hermes.

Ele vem andando com as mãos nos bolsos. Fica olhando pra mim.

— Se eu num conhecesse você, — ele diz, — Ia pensar que tá com ciúmes.

— Ciúmes! — Fuzilo ele com os olhos. — O que você quer dizer?

— Eu quero dizer que você me quer só pra você. Você só num quer admitir.

Fico encarando ele.

— Vai pro inferno, Jack, — falo.

— Então, — ele retruca, — Admite.

— Me deixa em paz!

Num posso olhar pra ele, num posso escutar ele, num posso pensar em coisas que num quero pensar. Sentir coisas que num quero sentir. Só posso pensar no Lugh. Nada além do Lugh e de trazer ele de volta.

— De você eu só quero o caminho mais rápido pra Campos da Liberdade, — falo. — A partir daqui eu vou sozinha.

— Sozinha, — ele diz. — Você tá dizendo que num precisa de mim?

— Eu num preciso de você, Jack

— Você tá errada. Você precisa de todos nós. Você só num sabe disso ainda. Os Tonton num vão aceitar bem a morte do Rei deles. Eles vão querer que alguém pague o preço. Eu quase podia apostar que eles vão seguir em frente com a cerimônia. Se você quer salvar o Lugh, vai precisar de toda a ajuda que puder arranjar. E acredite em mim, quando a gente chegar em Campos da Liberdade, você vai ficar bastante feliz de ter a gente junto.

Encosto a cabeça no flanco do Hermes por um momento e fecho os olhos.

— Você num vai me deixar ir sozinha, — falo.

— Não, — ele responde.

— Você num pode me impedir. Eu podia saltar no Hermes, agora mesmo, e sair o mais rápido possível.

— A gente ia seguir você.

Presa.

— Você sempre sabe o que é melhor, não é? — pergunto.

— Gosto de achar que sim. E isso me lembra que você deve pras garotas um pedido de desculpas por ter sido tão grossa e mandona.

— O quê?

— Pedes desculpas, — ele fala. — Por ter sido tão ingrata.

Estreito os olhos.

— Num vou receber lição de boas maneiras dum ladrão, — digo. — Porque é isso que você é, certo, Jack? É o que você faz pra sobreviver.

— Posso ser um ladrão, — ele fala, — Ou posso num ser. Mas uma coisa é certa. Num sou eu quem é chamado de Anjo da Morte.

Ele sabe exatamente onde me apunhalar.

— Seu desgraçado, — falo.

— Se isso faz você se sentir melhor, — ele diz.

Ele faz um cumprimento com a cabeça, vira e sai andano.

O Jack aperta o ritmo.

Ele diz que num tem certeza de quanto tempo vai levar pra gente chegar em Campos da Liberdade.

Depende se a gente tiver algum problema no caminho, mas pode levar uma semana ou pode levar dez dias.

Dez dias. E o solstício de verão é daqui a doze.

O sol bate forte na gente, quente e impiedoso.

O ar tremula, pesado e denso. É difícil respirar. Puxo a shima pra cobrir a testa.

A Ash vai na frente com o Jack e fica se insinuando pra ele sem parar. Até ele já deve ter notado. Ela tá cavalgando tão perto dele que as pernas dos dois encostam. Ela olha pra ele o tempo todo. Fica se inclinando e falano coisas que fazem ele levantar a cabeça e rir como se nunca tivesse ouvido nada tão engraçado na vida.

É de deixar a gente doente.

Ou seria, se eu ligasse.

E eu num ligo.

Mentirosa, a voz dentro da minha cabeça sussurra. Mentirosa mentirosa mentirosa.

A gente sai da cidade dos Desvatadores e atravessa mais quatro léguas antes de parar pra noite. O Jack chama aqui de verdadeiro território de montanha. A trilha vem serpenteando pelas beiradas de encostas íngremes coladas umas nas outras, com mata densa e cheia.

Essa terra num me agrada. Muito fechada. Muito escura. Num tem céu o suficiente.

A gente montou acampamento nas ruínas dum edifício grande de pedra que fica do lado dum riacho num vauzinho rochoso. O Nero fica entrado e saído pelas janelas, grasnando de alegria por dispersar um bando de pombos. A Ash e o Jack abatem dois pro jantar.

Eles todos ficam conversando enquanto armam uma fogueira e põem a água pra ferver pra fazer um chá de artemísia. A Epona depena e estripa os pombos com a ajuda da Emmi. Depois ela espeta os pássaros e coloca pra assar.

Eu tô sentada sozinha e um pouco afastada, arrancam uns tufo de mato, remoo de que o Jack falou pra mim.

Depois dum tempo a Emmi chega.

— Posso sentar? — ela pergunta.

Dou de ombros. — Se quiser, — falo.

Ela senta do meu lado. A gente num fala nada por um tempo, e então ela fala. — Desculpa por ter sido respondona. E eu num devia ter dado a língua. O Lugh ia ficar bravo se soubesse.

— Acho que ele num ia ficar muito impressionado comigo também. Perder a paciência com você daquele jeito.

— Acho que nós duas iam ficar encrencadas. A Epona é legal. E a Ash. Você num acha?

Solto um grunhido.

— Bom, eu gosto delas, — ela fala.

Num digo nada.

— Elas querem ser suas amigas, sabia? — ela fala.

— Hmm, — resmungo.

Ela ajoelha e pega a minha mão.

— A gente vai encontrar o Lugh. Eu sei disso. Todo mundo vai ajudar você. Eu e a Ash e a Epona e o Jack

— Você teria ficado segura com a Mercy, — falo, tirano a mão. — Você devia ter ficado lá, como eu mandei.

— Eu sei. Mas eu sou teimosa. Que nem você.

A gente olha uma pra outra. Então sorri.

— É, — falo. — Acho que você é mesmo. Escuta, Em, me... Me desculpa.

— Eu sei que num tenho sido muito legal com você. Num é por mal não, você sabe disso, né? É só que... Eu tô preocupada com o Lugh. Preocupada que... Que talvez a gente num...

— Eu sei, — ela diz. — Também fico preocupada com ele. Que nem fico preocupada com você. Era muito difícil aguentar lá na Vila Esperança, quando você tava lutando na Jaula. Todo dia eu tinha muito medo de que você fosse morrer e me abandonar.

— Eu num vou abandonar você, — falo. — Prometo. — Dou um suspiro. — Vou tentar ser uma irmã melhor pra você, Emmi.

— Tá tudo bem. Num precisa. Eu tô meio que acostumada com você do jeito que é.

Ela me dá um beijo na bochecha, bem rápido, depois volta pros outros perto da fogueira. Fico ali sentada por um ou dois minutos, até que o nó na minha garganta some. Aí eu vou pra perto deles. A conversa para. Todo mundo olha pra mim. Menos o Jack. Ele continua agachado perto da fogueira, mexendo nas brasas com um pedaço de pau.

— Tenho uma coisa pra dizer, — falo. — Pra vocês todos. Eu sei que tenho

tado... Com a macaca, seno ingrata e rabugenta e... Bom... Desculpem. E eu quero dizer... Quero dizer obrigada. Por virem comigo. Por tentarem me ajudar a encontrar o Lugh. Eu agradeço.

Elas olham pra mim. Como se tivessem esperano mais.

— É isso, — falo.

A Ash dá de ombros.

— A gente tá fazeno isso por todo mundo, — ela fala. — Num é só por você e o seu irmão. É mais que isso.

— A gente vai encontrar o Lugh, Saba, — Epona diz. — A gente vai ajudar você a recuperar ele.

Ela sorri, e todo mundo volta a cozinhar e conversar.

Fiz o que o Jack falou. O que era certo. Agora me afasto deles rápido. Mas o meu coração tá mais leve. Com mais esperança.

Uma mão me segura pelo braço. O Jack

— Aquilo foi legal, — ele fala.

E, como todas as outras vezes que o Jack me tocou ou chegou perto de mim, um calor me cobre, me atravessa, me cerca.

— Num me toca, — falo.

Ele recua, levantano as mãos. Os lábios tão apertados numa linha reta.

— Desculpa, — ele fala. — Erro meu. Num vai se repetir.

Quando ele volta pra pra perto dos outros, tiro a pedra do coração de dentro do meu colete e fecho a mão em torno dela. Fico segurano enquanto esfria.

Olho pro céu. As primeiras estrelas já apareceram. E a lua. Toda noite ela passeia pelo céu, cada vez mais perto de onde vai ficar no solstício de verão. Nada vai impedir isso.

A gente tá numa corrida, a lua e eu. E é uma corrida que num posso perder.

Talvez num seja tão ruim ter alguma ajuda. Vou suportar qualquer coisa se isso significa conseguir salvar o Lugh. Qualquer coisa e qualquer um. Até mesmo o

Jack

A gente sai dos cavalos e vai pra beira da escarpa. Fica olhando pra montanha do outro lado da garganta dum rio seco.

Ela se ergue muito acima da gente, escura, irregular, perigosa. Atrás, mais montanhas se estendem até onde a vista alcança.

— Esse é o único caminho pra Campos da Liberdade? — pergunto.

— Não, — Jack responde, — Eu trouxe vocês por aqui porque achei que iam gostar da paisagem.

Ele me encara e eu devolvo o olhar. A gente tá implicando e provocando um o outro desde a cidade dos Devastadores.

— Essas montanhas parecem grandes pra caramba, — Emmi fala.

— Elas são chamadas Dentes do Diabo, — Jack explica. — Olhem. Mais ou menos na metade da altura delas. Tão veno? Aquele ali é o Caolho. É pra lá que a gente tá indo. Esse é o plano.

Ele aponta uma construção que pende da lateral da montanha. Eu provavelmente num teria notado se ninguém apontasse. Ela é feita da mesma pedra escura da montanha. É comprida e baixa, bem recuada pra dentro das rochas. Uma trilha branca estreita desce em zigue-zague dela até a garganta lá embaixo. Tem fumaça saindo duma chaminé torta.

— O que é o Caolho? — Emmi quer saber.

— Uma taverna, — Jack fala.

A Epona franze a testa.

— E a gente tá indo pra lá porque..., — ela diz.

— ...você quer uma bebida? — Ash pergunta.

O Jack balança a cabeça.

— O dono é amigo meu, — ele fala. — Ike Twelvetrees. Ele num deixa ninguém na mão. Confiável. O homem certo pra esse tipo de coisa.

Fico encarano ele.

— Ah, não, — argumento, de jeito nenhum. — Você num vai convidar ele pra vir junto com a gente.

— Você tem razão, — ele fala. — Eu num vou convidar, vou mandar ele vir.

— E você e esse... Esse...

— Ike, — Jack completa.

— Esse Ike, — falo, — Vocês dois são tão bons amigos que ele vai largar tudo e vir com a gente só porque você mandou.

— É isso mesmo, — ele fala. — Algum problema?

Ele me lança um olhar firme, como se isso pudesse me intimidar.

— É, — digo, — Tem problema sim. E também é problema você falar pra gente que esse é o único caminho pra Campos da Liberdade. Acho que você tá levando a gente por aqui porque quer ver o seu amigo Ike.

— Num é uma visita social, Saba, — ele fala.

— Ah, então você num tá negano!

— Escuta, você quer encontrar o seu irmão ou não?

— É claro que eu quero!

— Então cala a boca e cuidado onde pisa nessa encosta. Eu vou na frente. O Jack, a Ash e a Epona vão na frente. Eles desaparecem pela borda da escarpa enquanto os cavalos começam a descer com muito cuidado

— Tudo bem, Em, — falo. — Vai você agora. Bem devagar. Deixa a Joy ir no ritmo dela.

A terra é seca, solta e cheia de pedrinhas. O Hermes caminha com segurança, mas por algum motivo a Joy tá medrosa. A Em tá teno dificuldade pra controlar ela.

— Opa! — Eu paro o Hermes, desmonto e vou desceno até ela. — É melhor

você desmontar, — falo. A gente deixa a Joy descer sozinha.

Acabo de tirar a Emmi do lombo da Joy quando a Ash grita, — O vento tá mudando!

A Epona aponta pro céu.

— Tempestade! — ela fala aos berros.

Uma massa imensa de nuvens marrons vem flutuando do nordeste na nossa direção. Elas vão numa velocidade infernal. Um raio cai. Eu conto.

Um, dois... O trovão estoura. A tempestade vai chegar em cima da gente a qualquer momento.

— São nuvens de chuva! — Jack grita. — Rápido!

Tento pegar a Emmi pela mão, mas ela sumiu. Já tá descendo a encosta a pé, segurando a rédea da Joy. A pônei relincha nervosa, empacando e tentando puxar pra trás. As patas dela tão escorregando na terra solta.

São correndo atrás delas.

— Emmi! — me esgoelo. — Solta a Joy!

Assim que eu falo isso, a Emmi dá um puxão forte demais. A pônei puxa a cabeça pra trás e arranca a corda das mãos da Em.

A Joy sobe os poucos metros encosta acima e vai embora galopando, de volta pelo caminho de onde a gente veio.

Nesse instante, o pé d'água desaba.

A chuva cai em cima da gente aos borbotões. Em segundos a gente tá encharcado até os ossos.

— Emmi, sua idiota, — falo. — Eu falei pra deixar a Joy se virar sozinha na descida. Por que é que você simplesmente não faz o que eu falo pelo menos uma vez?

— Saba! — A voz do Jack Abafada pela chuva. — Sai dessa encosta agora! — Num me fala o que eu tenho que fazer! — grito de volta.

Eu jogo a Em no lombo do Hermes e guio ele pra baixo. O chão tá virano lama debaixo dos nossos pés.

— Você demorou, hein? — Jack fala quando a gente chega na base.

— Num começa, Jack, — digo. — A pônei foi embora. Disparou pra casa.

— Mas que ótimo, — ele fala. O rio começou a correr. Se a chuva continuar assim, pode ter uma enchente súbita. A gente precisa atravessar antes de ficar preso no desfiladeiro.

A gente começa a andar pra margem do rio, mas, enquanto levo o Hermes, percebo que ele tá mancando bastante. A pata esquerda traseira.

— Jack! — grito. — Tem alguma coisa errada com o Hermes! — Certo! Eu levo a Emmi!, — ele berra.

Eu corro pra trás do Hermes e levanto a pata dele. Ele pisou num espinho feio — deve ter sido enquanto a gente passava por aqueles arbustos —, e o troço entrou fundo. Arranco o espinho com a minha faca.

— Prontinho, — falo. — Isso deve resolver.

A gente tá ino pro rio quando uma coisa me faz parar. FRANZO a testa. ACHO... Sei que alguma coisa tá errada, mas... Balanço a cabeça. Num tenho tempo de parar pra pensar agora.

Quando a gente chega na margem do rio, a corrente volumosa de água lamacenta marrom-avermelhada tá fluindo rápido. Ela acerta uma árvore morta caída no leito, vira o tronco prum lado e pro outro, devagar, como se tivesse tentando decidir o que fazer com aquilo. Então a árvore levanta e é levada rio abaixo.

O leito aqui é estreito, mas fundo. As margens num são largas. Se a chuva continuar a cair assim, num vai demorar muito pra transbordar e encher a garganta. A gente vai ser levado pela corrente se for apanhado no meio do caminho.

A Epona e a Ash já tão quase do outro lado.

— Cuidado! — Epona grita. — O leito tá todo cheio de lama! É difícil se

equilibrar!

O Jack esporeia o Ajax e começa a atravessar a água. A Emmi tá sentada atrás do Jack, agarrada na cintura dele.

De repente eu sei o que é que tá errado. A minha pedra do coração sumiu. Eu volto correndo até onde tirei o espinho da pata do Hermes. Ela tá lá, caída na lama. Pego a pedra e enfio no fundo da bota. Corro de volta pra margem do rio.

A tempo de ver o Ajax tropeçar.

A tempo de ver a Emmi se soltar da cintura do Jack e cair no rio.

— Emmi! — grito.

Ela num sabe nadar. Sem pensar, mergulho pra salvar ela. Subo pra superfície e vejo o Jack puxando ela da água pelas costas da túnica. Ele coloca a Em na frente.

— Ela tá bem? — grito.

— Tá! — ele fala. — Atravessa logo!

O Hermes mergulha atrás de mim. Ele já cansou de esperar. Tá atravessando sozinho. Parece que eu tenho que fazer a mesma coisa.

A água já alcançou o meu peito. A corrente pesada me envolve toda. Dou só quatro passos quando alguma coisa esbarra em mim. Olho pra baixo.

É um osso de perna humana.

Perco o fôlego.

No meu redor, os mortos tão levantando.

Outro osso de perna flutua até a superfície lamacenta. Depois um crânio. Um braço. Eles balançam lentamente. A corrente pega os ossos e leva embora.

Os Devastadores devem ter usado o leito seco como cova coletiva e agora a chuva forte tá revirando tudo.

Tiro as mãos d'água, levanto os braços, deixo fora do caminho. Eu giro devagar, piscano pra evitar que caia chuva nos olhos.

— Ai meu deus, — falo. — Ai meu deus, ai meu deus, ai meu deus.

O rio tá cheio de ossos de homens mortos. Apinhado deles.

Minha respiração tá acelerada.

Sinto alguma coisa me tocar. Eu me obrigo a olhar pra baixo. Um esqueleto abraçou o meu peito. A caveira sorri pra mim.

Empurro aquilo pra longe. Mas, quando levanto as mãos de novo, toda a parte de cima do esqueleto vem junto. Eu tô presa nas costelas. A caveira tá bem na minha cara.

Eu grito. Me sacudo pra me soltar. Me afasto rápido. Perco o equilíbrio.

Caio. Afundo.

E a corrente me leva.

Luto pra voltar pra superfície. Cuspo um bocado de água imunda.

— Socorro! — grito. — Socorro!

Duvido que qualquer um deles possa me ouvir com o barulho da chuva caíno e do rio correno. E devo tá bem longe agora. Eu tô a alguma distância rio abaixo de onde caí, só sei disso. E num faço ideia de pra onde esse rio vai.

Me agarro no tronco duma árvore morta quando ela passa deslizando por mim. Eu me puxo pra cima, pra manter pelo menos a cabeça fora d'água. Aguento firme enquanto vou seno levada rápido pelo rio de lama e de ossos.

— Jack! — grito. — Jack!

Com a chuva pesada num consigo ver mais longe do que três braços na minha frente. Impossível saber a que distância tô da margem, mas sei que ela tá em algum lugar. Preciso tentar chegar lá.

Trinco os dentes e chuto com força, tentano sair do meio do rio, mas a corrente num concorda. No instante em que começo a fazer progresso, ela pega a minha árvore e faz a gente rodopiar. Continuo tentano, sem parar. Mas a corrente é forte demais pra mim.

Então começo a ouvir outro tipo de rugido. Um que num é a chuva, é outra coisa. Ele me lembra de... Num consigo pensar no que é, mas sei que, seja lá o que for, eu ouvi num faz muito tempo.

O rio vai ficano cada vez mais estreito. Tô seno carregada na direção dum grupo de pedras irregulares que despontam pra fora d'água.

Tento me agarrar numa delas.

Mas tô ino rápido demais. Quando chego nas pedras, o tronco que tô segurano bate na primeira e se parte em dois. Eu me solto. Sou puxada pra baixo d'água. O meu nariz enche. A minha boca enche. Tô engasgano. O meu corpo bate nas rochas. Uma vez, duas vezes, eu atinjo as pedras, ainda embaixo d'água. Sou jogada pra tudo quanto é lado.

Apareço na superfície. Tento respirar, cuspo água. Tem sujeira na minha boca, na minha língua. Num tenho nada no que me segurar agora. Mal consigo manter a cabeça acima d'água.

A corrente me leva rio abaixo.

Aquele rugido que eu tava ouvino... Tá ficano mais alto. E cada vez mais.

Agora eu lembro onde ouvi esse som. Foi no Bosque Escuro. No dia em que a Maev e eu fomos tomar banho.

E o meu coração para. Porque eu sei o que é que esse som quer dizer.

Tem uma cascata lá na frente.

— Jack! — grito o nome dele o mais alto que consigo. — Jaaaaack!

O rugido da cascata tá ficano mais alto. O rio tá ficano mais selvagem, levantano

grande rajadas de água imunda.

Tem uma pedra lá na frente. Bem no meio do rio. Ela é grande e achatada.

Num é muito alta. Eu poderia subir nela. Mas é lisa. Num tem nada pra eu segurar.

Chego até lá. Estendo as mãos. Não! Tô passando da pedra! Sinto a correnteza da cascata puxano as minhas pernas. Jogo o braço pra trás. Por cima da cabeça. Tentano agarrar o ar. Tentano agarrar qualquer coisa. Isso! A minha mão se fecha em alguma coisa. O meu braço quase sai do lugar.

Eu paro.

Eu parei.

Espero ali por um segundo, tentano respirar, enquanto o rio ruga no me redor, puxano as minhas pernas, doido pra me arrancar do meu apoio e me jogar na cascata.

Fico me segurano. O meu braço tá puxado pra trás por cima da minha cabeça. O que quer que eu segurei, parece ser bastante forte. Um pedaço de metal saíno da rocha. Frio. Áspero. Resistente. Eu viro e me firmo com a outra mão também. Então, devagar, lutano contra a corrente com todas as forças que ainda me restam, consigo me arrastar pra fora d'água e subir na pedra.

Fico ali deitada. Tentano recuperar o fôlego.

Sinto a chuva bateno em mim, mas quase nem noto. Depois dum tempo, levanto a cabeça pra ver o que foi que me salvou. Uma estaca de ferro. Áspera e enferrujada. Nunca vou saber o que é que ela tá fazeno nessa pedra no meio desse rio no alto dessa cascata e quem colocou ela aqui. Só tô muito feliz porque ela tá aqui.

Faço força pra sentar, ainda me segurano nessa estaca. E então num consigo resistir. Espio pro lado pra ver quanto faltou pra eu cair.

E começo a tremer.

Porque a minha pedra da sorte tá pendurada bem na beira da cascata.

Abaixo de mim, as águas rugem ao cair.

O meu estômago revira, e me afasto da borda.

Tô em cima numa pedra. No alto numa cascata. No meio dum rio. Sem ter como sair.

Olho pra baixo.

A água no meu redor ainda tá subindo.

Se continuar assim, vou ser empurrada cascata abaixo. Num faço idéia da altura dela.

Meus dentes tão batendo por causa do frio, ou talvez do choque. Eu me encolho no meio da pedra. Abraço os joelhos junto do peito.

— Saba! Saba! Cadê você?

O meu coração dá um pulo. Uma voz. Abafada pela chuva, mas...

Tento olhar pela cortina de chuva, ver de onde ela tá vindo.

Então vejo. Ele tá no rio, nadando e sendo carregado pela corrente. Tem uma corda amarrada embaixo dos braços dele, presa em volta do peito.

— Jack! — grito. Me ajoelho e aceno. — Jack! Aqui!

Ele me avista.

De repente ele já tá passando bem abaixo de mim. Eu me seguro na estaca com uma das mãos e estendo a outra.

Ele agarra. Dou um puxão e ele sobe pro meu lado. Ele puxa a corda pra fora d'água e solta ela na pedra.

— Essa foi por pouco, — ele fala.

Ele fica ali sentado, ofegante.

— Jack! — Abraço ele. Tô tremendo dos pés até a cabeça. — Nunca na minha vida fiquei tão contente em ver alguém! — falo.

Ele dá de ombros. Me encara com olhos estreitados.

— O que aconteceu?

— Eu perdi o meu... Meu colar. Tive que voltar pra pegar. Então perdi o equilíbrio e... Bom. Aqui tô eu.

Ele num fala nada por um momento.

— Você achou o seu colar? — ele pergunta então.

Posso sentir a pedra do coração queimando na pele, na altura do tornozelo, onde enfiei na bota.

— Achei, — respondo.

— Ótimo, — ele fala. — Eu detestaria pensar que tudo isso foi por nada. Bom. Por mais que eu goste de ficar sentado aqui... Falano de... Joias..., acho que a gente precisa continuar essa conversa num lugar mais seguro.

Ele me contorna de modo que fico sentada entre as pernas dele. Ele afrouxa o laço da corda em volta do peito.

— Pelo menos a gente tá quite agora, — Jack fala.

— Quite? Como assim?

Ele tira a corda do corpo dele e começa a aumentar o laço.

— A regra de três. Lembra? Eu expliquei pra você. Você salva a vida de alguém três vezes, e a vida dessa pessoa é sua.

Ele passa o braço pela minha cintura e me puxa mais pra perto.

— O que você tá fazendo, Jack? Eu...

— Cala a boca ou jogo você na água, — ele diz. Ele levanta a corda pra envolver a gente pela cintura. — Como eu ia dizer, você me salvou lá na Vila Esperança. Um ponto pra você. E agora eu salvei você de cair na cascata, então é um ponto pra mim.

— Você num salvou! Eu salvei a mim mesma!

— Quer ficar discutindo detalhes? Deixo você aqui com o maior prazer.

— Não! — digo. — Não! Num faz isso!

— Então pronto. Acho que a gente tá quite.

— Eu num acredito. Regra de três. Essa deve ser é a coisa mais idiota que eu já...

Ele puxa o nó e aperta bem. As minhas costas ficam coladas no peito dele.

— ...ouvi, — falo.

— Idiota, é? — ele sussurra no meu ouvido, e a respiração dele faz a minha pele ficar arrepiada. Estremeço.

— Espero que você tenha algo forte na outra ponta dessa corda, — falo.

— O Ajax, a Ash e a Epona, — ele fala. — Tá bom?

Faço que sim. Ele dá um puxão forte na corda pra avisar que a gente tá pronto.

Então a gente desliza pra dentro do rio.

A Ash e a Epona dão um último puxão na corda e o Jack e eu somos arrastados pra fora d'água, na margem lamacenta.

A gente fica deitado ali, recuperano o fôlego.

— Saba! — Emmi se joga em mim. — Saba! Eu achei que você tivesse se afogado! Achei que tivesse perdido você!

— Vem, Emmi, — Ash fala. — Deixa Saba a respirar um pouco.

— Obrigada, Ash, — falo.

Ela tira a Em de cima de mim. A Epona me dá a mão pra levantar e me abraça com força.

— Obrigada, — repito.

— A Ash e eu num somos muito boas pra nadar, — ela fala. — Você teve sorte que o Jack tava aqui.

Ele dá aquele enorme sorriso arrogante.

— Você se importaria de repetir isso, Epona? — ele pede. — Acho que a Saba ainda num sabe direito o tamanho da sorte dela.

Eu tô começano a me sentir idiota por ter abraçado ele daquele jeito. Como se num tivesse conseguido me conter.

— Eu num precisava de ninguém me salvano, — falo. — Eu tava perfeitamente bem até você chegar.

Ele me encara. Os lábios dele escancaram. A chuva cai pelo rosto e entra na boca.

— Você é maluca, — ele fala. — Totalmente maluca. Cinco minutos atrás você tava presa numa pedra no meio de um rio no alto de uma cascata sem jeito nenhum — eu repito, nenhum — de sair. Nenhuma pessoa normal ia achar que isso era tá bem. E — me corrija se eu tiver errado — quando eu cheguei lá, ouvi claramente você dizer que nunca na sua vida ficou tão contente em ver alguém.

— Eu num disse nada disso, — falo.

— Ahn... acho que a gente vai subino pra taverna, — Ash diz.

Ela, a Epona e a Emmi desaparecem.

O Jack me olha feio.

— Você faz o meu cérebro doer, — ele fala.

— E você é a pessoa mais metida a besta, cabeçuda e convencida que já conheci. Tenho uma notícia pra você, Jack. Você num é tão bom assim. Você num é nem um pouco bom. Nem mesmo um pouquinho de nada! Se num fosse por você e o seu plano idiota de ver o seu amigo idiota numa taverna idiota, eu num teria ido parar no rio, pra começo de conversa!

— Ah, já sei o que é isso. É sobre a Ash de novo.

— Num é! De qualquer maneira, num dou a mínima sobre você e a Ash ou você e qualquer outra pessoa!

— Num existe outra pessoa! — ele grita. — Tá tudo na sua cabecinha estreita! Sabe do que você precisa?

— Sei! Eu preciso que você suma e me deixe em paz! — grito de volta.

— Não! O que você precisa é relaxar! Meu deus, se você tá maluca, eu devo tá ainda mais! E sabe por quê? Por achar por um instante sequer que a gente podia...

— Que a gente podia o quê?

— Droga, Saba, achei que a gente podia se divertir juntos! Você sabe... Eu ia ajudar você a encontrar o seu irmão, e você e eu íamos... Você sabe.

— Não! Num sei, Jack. Do que diabo você tá falano? — Do que eu tô falano... Tô falano disso!

Ele me puxa pra perto, agarra o meu rosto e me beija.

Fico com as mãos estendidas, rígidas. No começo, de choque. Mas agora, pra manter elas longe do Jack. Elas tão loucas pra encostar nele. No corpo todo. Nos braços, no rosto, nas costas, no peito. Num posso deixar. Dou um empurrão nele. Ele cai de costas na lama.

— Por que você fez isso? — ele grita.

— Por me beijar! — berro. — E num se atreva a fazer isso outra vez!

— Ah, você num precisa se preocupar, — ele fala, — Prefiro me atirar daquela cascata!

Ele levanta.

— Prefiro dormir pelado num ninho de escorpiões! — ele fala.

Ele sai pisano duro, levano o Ajax.

Sigo com o Hermes.

Os meus lábios tão formigano.

A placa desbotada range nas dobradiças. A cabeça pintada dum homem encara a gente, com um buraco sangrento onde um dos olhos devia tá.

— A gente chegou, — Jack fala. — Bem-vindas ao Caolho.

A taverna de pedra escura fica abrigada na lateral da montanha, com teto baixo e aspecto ameaçador. A chuva escorre pelo telhado meio caído e se derrama pela beirada. Um fiozinho de fumaça sai pela chaminé.

— Num me parece um lugar muito acolhedor, — Ash fala.

— Num gostei daqui, — Emmi complementa.

— Vocês só tão cansadas e com frio, — Jack diz. — Assim que botarem pra dentro uma tigela do cozido de esquilo do Ike, as coisas vão parecer bem melhores.

A gente leva os cavalos prum alpendre no pátio. Já tem alguns cavalos lá, inclusive um mustangue grande malhado e um burrinho cinza parrudo, que tão bem juntos um do outro pra se aquecerem. Balançam um pouco as orelhas e as caudas enquanto a gente amarra os nossos cavalos do lado deles.

— Viu? — Jack fala. — Num é só a gente aqui. Primeiro a gente se acomoda, depois a gente cuida do equipamento e dos cavalos.

Tem uma vela acesa na única janela, uma fenda estreita que fica no meio da parede. O Jack toca o sino do lado da porta de madeira velha e acabada. Na mesma hora a vela apaga.

— Parece que o seu amigo Ike num quer companhia, — falo.

— Ele provavelmente ouviu que você tava vino, — Jack fala com mau humor.

O Jack tenta a maçaneta enferrujada. Num se mexe. Ele bate na porta com o punho. Tum tum tum. Tum tum tum.

— Ike! — ele grita. — Ike Twelvetrees! Sou eu! É o Jack! Me deixa entrar!

Nada.

— Ei! Abre! — grito e bato na porta.

Me preparo pra tentar abrir com o ombro, mas o Jack me segura.

— Espera um pouco, — ele fala. — Tem um macete. — Ele se inclina pra trás, levanta a perna e dá um chute poderoso na porta, que se escancara. Ele entra e a gente vai atrás.

A gente vê eles na hora.

Pego a minha besta e aponto.

Do meu lado, a Ash e a Epona fazem o mesmo.

— Num atirem! — Jack fala.

Meu coração tá bateno desgovernado. A gente continua com as bestas levantadas, as cordas puxadas, as flechas prontas pra voar.

A gente fica encarano os homens que olham pra gente com as armas preparadas. Tem pelo menos uns doze. Em pé, com facas, bestas e pistolas apontadas direto pra gente. É o bando de vilões mais imundos que já vi na vida. Uma cicatriz de faca aqui, um tapa-olho ali, narizes quebrados, orelhas faltano, três dedos. Eles fazem a escória miserável da Vila Esperança parecer delicada como uma flor.

Dou uma olhada rápida no salão. Absorvo tudo. É um salão único e comprido, com pé-direito baixo. A lareira no centro tá com o fogo aceso. Na frente tem uma mesa grande com um caldeirão no meio e barris de bebida feitos de pedra.

Tem bancos de madeira dos dois lados. Tão caídos pra trás, de quando todos os homens levantaram assustados.

Num tem nenhum som além do fogo estalano e da chuva bateno no telhado.

— Olá, rapazes, — Jack fala. — É bom ver vocês.

Nesse instante, um homem sai de trás duma porta que eu num tinha notado no canto. Ele é alto, pelo menos um metro e noventa, quase dois metros. Ele tá apoiado num dos ombros uma bandeja enorme de carne assada. Nem olha pra

gente, vai direto até a mesa e larga a bandeja em cima. Ele vem até a gente.

— Ike! — Jack fala, dando um passo pra frente, com um sorriso enorme, e estendendo a mão. — Ei, cara, quanto tempo!

Mas o Ike num retribui o sorriso. E num aperta a mão do Jack.

O Ike vai direto até o Jack e dá um soco na cara dele.

O Jack cai esparramado no chão.

O Jack foi derrubado. Ferido. A fúria me atravessa. Num me sentia assim desde a Vila Esperança.

Aponto a besta pro Ike e vou pra cima dele, rápido, até deixar ele encostado na parede com as mãos na cabeça. Eu aperto a ponta da flecha bem na garganta dele. Ele engole em seco.

Ouçó um barulho de pés correno rápido, e os homens me cercam. Sem parar de olhar o Ike, posso sentir as armas deles apontadas pra mim. Ouvir eles respirano.

— Tá tudo bem, Saba, — Jack grita. — Num mata ele. Eu mereci.

— Fala pra esses cachorros baixarem as armas, — falo pro Ike.

— Baixem as armas, rapazes, ou num tem jantar hoje, — ele diz.

Ele num tira os olhos dos meus.

Depois dum momento de hesitação, ouço um barulho quando pistolas e bestas e facas caem no chão atrás de mim.

— Epona? — pergunto.

— Tá tudo bem, — ela fala. — Tá limpo.

Eu me afasto do Ike. Abaixo a besta. Ele bota a mão no pescoço. Dá um sorriso e balança a cabeça.

— Que diabo, — ele fala. — Eu esperei a vida inteira por uma mulher como você. Jack acho que tô apaixonado.

— Esquece, Ike, — Jack fala. — Ela é perigosa demais pra gente como você.

— Ah, — Ike responde, — É assim, é? — Ele vai até o Jack, estende a mão e dá um puxão pra ele levantar. O Jack esfrega o queixo onde o Ike acertou o soco. — Num se preocupa, — Ike continua, — Num fiz nenhum estrago no seu rostinho bonito. Mas devia ter feito. Depois do que você fez comigo.

Ele lança um olhar sério pro Jack, que realmente parece envergonhado, e cutuca o peito dele com um dedo grande e gordo.

— Você me deixou, seu filho da mãe, — ele fala, — Pendurado de cabeça pra baixo, pelado, com todas aquelas mulheres...

O Jack segura a mão dele.

— Agora não, Ike. A gente conversa sobre isso depois.

Sem falar naquela vez em que você devia ter me encontrado lá no Pat O'Dooley e fiquei esperando lá feito um trouxa por dois meses, com aquele cachorrinho dele que tá sempre mordendo tornozelos, e todo aquele tempo você tava...

— Ike! — grita Jack, apontando pros vilões na mesa. — Olha! Ele tá repetindo o prato!

— Ah, não, num vai não! O Ike sai correndo.

O Jack sorri pra mim.

— Coitado do Ike, — ele fala, dando uma batidinha no lado da cabeça. Louquinho de pedra.

Por algum motivo eu acho que num é.

Os homens resmungam uns com os outros enquanto sentam de novo em volta da mesa grande e prestam atenção na refeição. A Ash se acotovela no meio deles e

enche três pratos pra ela, pra Epona e pra Emmi. O sujeito do tapaolho tenta passar o braço pela cintura dela, e ela dá uma pancada forte na cabeça dele com a concha do cozido.

Elas então puxam três cadeiras pra perto do fogo e se acomodam. Tanto a Ash quanto a Epona ficam com as bestas na mão. O Nero empoleira nas costas da cadeira da Emmi e se ocupa de se secar e tentar ajeitar um pouco as penas. Ele odeia se molhar.

Mexo os ombros pra afastar a tensão e deixo o calor do salão penetrar nos meus ossos frios.

O Jack faz um gesto pra eu me juntar a ele e ao Ike numa mesa num canto mal iluminado. Parece o tipo de lugar onde planos são tramados.

Puxo um banquinho e sento.

— Sem ressentimentos? — pergunto pro Ike.

— Nah, — ele fala. — Gosto do seu estilo.

O Ike tem uma cabeça grande, pra combinar com o resto do corpo. Tem uma barba cheia, bigode e um cabelo preto comprido e liso que cai até os ombros. Os olhos são escuros e fundos. A voz parece ribombar, vinda lá dos pés dele.

— Ike, essa é a Saba, — Jack fala.

Estendo a mão pra apertar a do Ike, mas ele segura meus dedos, levanta até a boca e dá um beijo bem molhado.

— Casa comigo, — ele fala. — Eu tenho todos os dentes, tomo banho duas vezes por ano e metade desta casa vai ser sua.

Fico com as bochechas bem vermelhas.

— Não, obrigada, — falo.

Tento puxar a mão, mas ele segura ela com força junto do peito.

— Talvez não agora, — ele fala, — Mas depois que a gente se conhecer melhor. Uma semana, mais ou menos. Eu num me importo de esperar um pouco. Só num me deixa esperando muito tempo, coração.

— Eu num acho que... Ahn..., Gaguejo.

Lanço pro Jack um olhar de me-ajuda-aqui-o-seu-amigo-é-meio-louco, mas ele nem olha pra mim. Tá recostado na cadeira com as mãos atrás da cabeça e as pernas esticadas.

— Que extraordinário, — ele fala. — Ike Twelvetrees finalmente foi fígado pelo anzol do amor. Tenho que tirar o chapéu pra você, Saba. Dá o meu nome pro primeiro filho de vocês, sim?

— O primeiro...! — Empurro o meu banquinho pra trás e levanto com um pulo.
— Eu num vou casar com o Ike! Num vou casar com ninguém! O quê...?

Então percebo o olhar que passa entre eles. A boca de Jack se contorce e os dois começam a gargalhar. Fuzilo os dois com os olhos enquanto eles gritam e dão tapas nas costas um do outro feito idiotas. Maldito Jack. Aí vai ele de novo, me fazeno de boba.

— Muito engraçado, — falo. — Duas hienas. Isso, podem rir.

Eu viro pra sair, mas o Ike estende o braço comprido e agarra o meu pulso.

— Ah, não, — ele fala, enxugano os olhos. — Fica. A gente num fez por mal, num é, Jack? A gente só tava se divertindo um pouquinho. Você num tem que casar comigo... Pelo menos não até você tá pronta.

— Então acho que isso num vai ser nunca, — falo.

Ele põe a mão no coração.

— Que dor! — Ike fala. Ele arrasta o meu banquinho de volta pra mesa. — Senta. Toma alguma coisa. Me fala o que traz vocês no Caolho.

Ele levanta uma jarra e derrama uma bebida clara em três canecas lascadas.

Fico em pé de braços cruzados.

— Qual é o problema? — Ike pergunta. — Você tá com uma tromba enorme.

— Num gosto que as pessoas debochem de mim, — falo.

— Perigosa e geniosa, — Ike fala. — Você arrumou um trabalhão, Jack

— Eu num sou trabalhão dele, — digo.

— Com certeza num é, — Jack fala.

O Ike levanta uma sobrancelha peluda.

— Você tem certeza de que tem certeza disso? Vai, — ele fala pra mim. — Senta. Bebe.

Eu sento.

O Jack levanta a caneca dele. Eu e o Ike fazemos a mesma coisa.

— A Molly Pratt, — Jack fala.

O Ike faz cara feia pra ele.

— Olha essa boca, — ele fala.

— Puxa, Ike, — Jack fala. — Eu só tô falano... A Molly Pratt.

O Ike faz uma expressão maliciosa. Se inclina pra frente e mexe as sobrancelhas.

— A Molly Pratt, — ele fala, — E suas calcinhas vermelhas de babados.

— Uma baita mulher, — Jack diz.

— Uma baita roupa de baixo, — Ike fala.

Então eles viram as bebidas pra dentro.

Tomo um gole. Fogo lava a minha língua e desce pela garganta. Os meus olhos enchem de lágrimas.

O Jack soca a mesa. Arfa que nem um peixe fora d'água.

— Essa é suave, Ike, — ele fala. — O que é?

— Vodca de seiva de pinheiro, — Ike responde. — Vira de uma vez só, ele fala pra mim. Assim você num sente o gosto.

Respiro fundo. Viro tudo duma vez só, como ele disse. O fogo atinge a minha barriga e começa a queimar devagar.

— Agora, — Ike continua, — Vamos aos negócios. Eu conheço você, Jack. Só aparece quando quer alguma coisa. O que é desta vez?

— Campos da Liberdade, — Ike fala. — Ora, ora. Interessante.

— O que é que você sabe a respeito? — quero saber.

— Não mais do que qualquer outra pessoa nesta parte do mundo, — ele fala. — Ouvi falar.

Ele olha pro Jack antes de falar. Uma olhadela rápida, só isso. Mas é o suficiente pra me dizer que ele talvez saiba mais. Logo quando eu tô abrindo a boca pra perguntar, um garoto aparece e larga três tigelas de cozido na mesa. Vou esperar a hora certa.

Esse garoto num deve ter visto mais de quatorze verões. É magro e meio pálido, como se nunca visse a luz do dia, e é todo cotovelos, orelhas e pés enormes e desajeitados. O Ike estende a mão e despenteia ele.

— Obrigado, filho.

O garoto dá um sorriso tímido pro Ike, abaixa a cabeça e sai correndo. A gente começa a comer.

— Eu nunca soube que você tinha um filho, Ike, — Jack fala.

— Ah, o Tommo num é meu filho de verdade, — Ike explica. — Ele apareceu por aqui alguns invernos atrás. Achei ele uma manhã, encolhido no alpendre com os cavalos. Morrendo de fome... Dava pra contar cada costela.

— De onde ele veio? — Jack pergunta.

— Num faço ideia, — Ike fala. — Quando perguntei, tudo o que ele respondeu foi, Ele me disse pra esperar por ele. Eu esperei e esperei, mas ele nunca voltou, — Ike lembra as palavras do menino. — Descobri mais tarde que foi o pai que disse pra ele esperar. Eu acolhi ele. O que mais podia fazer? Ele me segue pra todo lado feito um cachorro. Num pode ouvir, mas ele olha os lábios enquanto a gente fala. Entende a maioria das coisas assim. É um bom garoto, o Tommo. Trabalhador.

— Nunca pensei que você fosse do tipo paternal, — Jack diz.

O Ike dá de ombros.

— A vida é cheia de surpresas, — ele fala. Ele enche o meu copo. Me dá um empurrão com o cotovelo. — Vai, — ele sugere, — Bebe.

Então o Jack fala, — Campos da Liberdade. O que é que você acha?

— Num sei, — Ike diz. — O negócio aqui vai bem. Eu num queria...

— Regra de três, Ike, — Jack comenta.

— Ah, — Ike fala. — Bom... Eu num posso negar que a regra de três se aplica aqui.

— O quê? — pergunto.

— Eu salvei a vida do Ike três vezes, — Jack responde.

— Isso quer dizer que a minha vida é do Jack e que é ele quem manda, — Ike fala. — Nunca ouvi falar de ninguém chegando a esse ponto. Normalmente a coisa é mais do tipo... Pedir um favor.

— Mas a regra de três é uma... Uma piada, — retruco.

— Piada? — Ike diz, me encarando. — De onde você tirou essa ideia?

— Eu disse, — Jack me fala. — Então, Ike. A gente bem que podia contar com a sua ajuda. Você vem com a gente?

— Parece que é com você, — Ike me fala. — Ele é o seu irmão. Você quer a minha ajuda?

Olho pra ele. Forte como uma montanha, com olhar firme e escuro. Um homem bom. Confiável. Essas foram as palavras do Jack. E ele sabe mais do que tá dizendo.

O Jack também, aliás. A Maev tinha razão. Os olhos enlaurados dele guardam segredos. O Jack me atormenta. Ele me incomoda. Eu queria que o meu coração num batesse mais rápido sempre que ele chega perto de mim. Mas confio nele. Mesmo quando num consigo falar com ele.

Quanto ao Ike, se o Jack diz que ele é bom, isso deve bastar pra mim.

O Ike acena a mão na frente da minha cara.

— Saba, — ele fala, — Eu perguntei se você quer a minha ajuda.

— Sim, — digo. — Acho que quero.

Ele bota uma boa porção de cozido na boca e começa a mastigar. Enquanto mastiga, dá pra ver ele pensano. O Jack e eu ficamos olhando ele pelo que parece demorar um bom tempo. Finalmente ele engole. Limpa as pontas do bigode.

— A gente parte de manhã, — ele fala. — Bora fazer um brinde.

Alguma coisa pinica o meu nariz. Dou um tapa sem abrir os olhos. Ouço uma risadinha.

— Vai embora, — resmungo. Tem alguma coisa batendo dentro da minha cabeça. A minha boca tá seca como um deserto. Dou um grunhido.

Outra risadinha. Então alguma coisa molhada pinga na minha testa. Abro um dos olhos. A cara da Emmi tá em cima de mim, de cabeça pra baixo. Ela tá segurando um pano encharcado acima da minha cabeça. Empurro o pano pro lado. Quando eu me mexo, a cabeça fica ainda pior. Solto outro grunhido.

— Bom dia, flor do dia! — ela fala.

— Me deixa em paz, — resmungo com a voz fraca.

— Hora de levantar! — ela fala.

— Num consigo me mexer. Tem alguém marretando o meu cérebro.

— É isso que você ganha por encher a cara.

— E o que é que você sabe disso?

— Sei que você bebeu demais da aguardente do Ike, — ela diz. — O Jack falou pra eu dar isso aqui pra você. Vai melhorar a dor na sua cabeça.

Eu me forço a me apoiar nos cotovelos, gemo o tempo todo. A Emmi coloca um copo na minha mão. Dou uma fungada pra sentir o cheiro.

— O que é isso?

— Toma logo, — ela fala. — De uma vez só.

— Onde foi que eu já ouvi isso antes? — pergunto. Mas faço o que ela diz e viro a bebida pela goela duma vez só. Engasgo. — Ai meu deus, isso é nojento. O que é?

— Sangue de javali com um ovo de pombo cru, — ela fala. — O Jack disse que é ótimo pra ressaca.

— O Jack disse, — resmungo. Olho pro redor. Num tem ninguém na taverna, só a Em e eu. — Cadê todo mundo?

— Carregano os cavalos, — ela fala. — E o Ike mandou todos aqueles vagabundos miseráveis desgraçados embora logo antes de amanhecer.

— Ei! — digo. — Olha essa boca!

— Mas foi assim que o Ike chamou eles.

— Num me interessa. Você num é o Ike. Agora me ajuda aqui.

Com a Emmi me puxano, consigo levantar devagar. Nunca na vida inteira me senti tão péssima. A boca parece o fundo dum ninho de doninhas, as pernas parecem cordas molhadas e a cabeça tá cheia de pedras. Pelo menos a bateção na cabeça começou a diminuir um pouco. Talvez a mistura horrorosa do Jack seja fazeno efeito.

Enquanto a gente vai se arrastano até a porta, eu posso ver que é uma manhã bem ensolarada. A gente sai e a luz fura os meus olhos. Levanto a mão pra proteger a vista. Estreito os olhos pra ver o que todo mundo tá fazeno.

— Bom dia, — murmuro.

O Ike assovia. A Ash ri.

— Oh-oh, — Epona fala. — Coitadinha. — Ela para de carregar o cavalo. — Vem comigo. — Ela pega o meu braço e me leva até o barril d'água. — Desculpa por isto, — ela diz.

Então, sem dizer mais nada, ela enfia a minha cabeça na água. Levanto o corpo, tentano respirar, e ela me enfia na água de novo.

O choque da água fria é como um tapa na cara.

Quando levanto pela segunda vez, grito, — Por que diabo você fez isso?

— Desculpa, — Epona fala. — Acho que eu devia ter avisado.

Se outra pessoa tivesse feito isso, eu teria partido pra mão, mas a Epona tem um bom coração. Eu sei que ela só quer ajudar.

— Tá tudo bem, — falo. — Obrigada. Eu... Eu tô me sentindo bem melhor.

E, pra minha surpresa, tô mesmo.

Mergulho a cabeça mais umas duas vezes, depois enxáguo os ombros e os braços. Bem quando tô terminando, o Tommo aparece do meu lado. Ele me entrega um pano grosso e fica com os olhos no chão enquanto eu me enxugo.

Quando acabo, toco o braço dele. Ele olha pra mim. São os olhos mais bonitos que eu já vi: castanho-escuros, quase pretos, com cílios longos e escuros. Olhos que nem os dum cervo. Bonitos demais prum garoto, na verdade.

Eu sorrio pra ele. — Obrigada, — falo.

O rosto fino dele fica todo vermelho. Ele abaixa a cabeça e sai correndo.

A voz do Jack aparece atrás de mim e me dá um susto.

— Ele nem tem nenhuma chance quando você sorri assim pra ele

Eu viro. Ele tá mais perto que eu pensava. Meu coração idiota bate mais rápido. Ele encosta na parede com as mãos nos bolsos. Os olhos dele hoje num tão prateados como o luar. Tão mais escuros, mais como pedra.

— Muito engraçado, — falo. Me ocupo de dobrar o pano.

— O Tommo é um menino solitário, de coração mole, — ele fala. — Acha outra pessoa com quem praticar os seus sorrisos.

— Num sei do que você tá falando, — digo.

— Então me deixa esclarecer. Escolhe alguém do seu tamanho, Saba.

— O quê? Como você, imagino?

A gente fica se encarando por um bom tempo. E então fico olhando os lábios dele e num consigo desviar o olhar e num consigo pensar em mais nada a não ser em como era sentir eles nos meus.

Então ele fala, — Não. Como eu não. Eu também num quero os seus sorrisos.

É como se ele tivesse me dado um tapa na cara. Num consigo pensar em nada pra falar.

Ele vai carregar o Ajax.

Eu fico ali parada, olhando pro nada.

Como sempre que o Jack tá perto, a pedra do coração inunda o meu corpo de calor. Mas dessa vez eu também estremeço. Por causa do frio nos olhos dele.

Achei que o Ike tinha fechado a taverna pra manter ela a salvo até ele e o Tommo voltarem, mas ele fala que num tem intenção de voltar mais. Tudo o que faz é fechar a porta velha e desgastada pra proteger o lugar da chuva e do vento.

— Então é isso? — pergunto. — Você vai deixar a taverna assim, sem mais nem menos?

— Ah, num vai ficar vazia por muito tempo, — ele fala. — Alguém vai aparecer e tomar o lugar. Foi o que aconteceu comigo. Eu tava na estrada, procurando um lugar pra passar a noite, e cheguei aqui. Pela cara, tava vazio tinha anos. Na manhã seguinte, me deu vontade de varrer o chão, e, quando me dei conta, tava administrando uma taverna. Não, já fiquei aqui tempo demais. Eu e o Jack conversamos sobre isso ontem de noite. Depois que encontrarmos o seu irmão, a gente vai pegar a estrada de novo. E levar o Tommo junto. Ele me dá uma cutucada nas costelas. Pra ser sincero, ele continua, tenho uma dona esperando por mim. A criatura mais gloriosa que já respirou.

— Será a... Molly Pratt? — sugiro.

Ele junta as mãos e levanta os olhos pro céu.

— Lábios como amoras maduras e curvas de fazer um homem chorar de alegria. Quero que ela conheça o Tommo. Tá na hora de me assentar. E acredito que posso acabar virando um bom homem de família. Mas num fala nada pro Jack. Ele vai infernizar a minha vida.

— Mas... E ele? — pergunto.

— O Jack? Homem de família? — O Ike dá uma risada. — Essa é boa!

— Não, num foi isso que eu quis dizer, eu...

— Ei, Jack! — o Ike grita. — O que é que você sempre diz?

— Ande rápido, viaje com pouca bagagem e nunca diga o seu nome verdadeiro, — Jack responde.

— Grande garoto! — O Ike pisca pra mim.

Fico com uma sensação curiosa. Um arrepio na barriga. Sem Jack Num ver mais o Jack Eu num tinha pensado sério nisso até agora. O que deve acontecer depois que a gente encontrar o Lugh.

— Ike! — Jack chama. — Saba! Vamos logo! A gente num tem tempo pra ficar parado tagarelano.

Eu tava tão ocupada escutando o Ike que num tinha notado que o Jack, a Emmi, a Ash e a Epona já tavam montados nos cavalos, prontos pra ir. O Tommo tá no burrinho parrudo, segurano as rédeas do mustangue malhado grande do Ike. O Nero grasna impaciente, empoleirado no ombro do Jack Pássaro traidor. — A gente tá ino, — falo.

O Ike olha a cabeça desbotada na placa da taverna. Dá um empurrão e faz ela balançar.

— Adeus, seu caolho desgraçado, — ele fala.

Então a gente monta nos cavalos e vai embora.

Sete dias pro solstício de verão.

Num consigo parar de pensar no Lugh. De me preocupar com ele e de pensar em como ele tá. De me preocupar se ele tá ferido. Será que ele acha que eu num tô a caminho? Eu num ia criticar se ele achasse isso. O Lugh sabe que eu cumpro

as minhas promessas, sabe que eu criaria asas e voaria até a lua pra buscar ele, mas faz tanto tempo que ele pode pensar que aconteceu alguma coisa comigo. Pode até pensar que eu morri. Eu ia odiar se ele achasse isso.

O Ike e o Jack juram que a maneira mais rápida de chegar a Campos da Liberdade é pelo meio dessas montanhas, os Dentes do Diabo. Existe outra rota, a mais usada, mas isso ia significar voltar até quase o Bosque Escuro. Então a gente tá aqui, e tudo porque o Jack tinha que fazer o Ike vir com a gente. É melhor que ele valha todo o transtorno.

Esse pode ser o caminho mais rápido, mas num é muito usado, e isso num é nenhuma surpresa. Essas montanhas num são gentis com as pessoas que tentam cruzar elas. São íngremes e irregulares e num tem jeito da gente ficar no alto. Forçam a gente a escalar e depois a descer de novo, perdeno a altura que a gente tinha acabado de ganhar. Num é bom terreno pra cavalgar, com certeza. A travessia é tão difícil que na maior parte do tempo a gente precisa ir a pé, puxano os cavalos.

E num são só as montanhas. Tem a neblina.

Ela desceu na gente um dia depois que o Ike fechou a porta do Caolho e num mostra nenhum sinal de que vai sumir. Fica nas montanhas noite e dia, pesada, úmida e de gelar os ossos. Rodopia em torno das nossas pernas e acaricia o nosso rosto com os dedos viscosos dela.

Odeio neblina. Num consigo suportar num ver o céu. Num importa o quanto a Lagoa da Prata era ruim, pelo menos dava pra contar com os céus enormes, sempre altos e amplos, desceno direto pra encontrar a terra. Dava pra respirar lá.

A gente segue a maior parte do caminho sem falar, todo mundo encolhido nos mantos, de cabeça baixa. Quando alguém fala é baixinho. Até mesmo o grandão do Ike, com a voz de trovão dele, fala com suavidade. Uma voz normal soa muito alta, quase chocante, nesse mundo abafado pela neblina. Num tem pássaro cantano. Nem barulho de patas de animais. É como se as únicas almas vivas fossem a gente.

A Emmi fez amizade com o Tommo.

Eles cavalgam lado a lado. Ele fala com ela naquela estranha voz rouca. Ou com as mãos e os dedos. Ela parece entender o que ele quer dizer, como se ele tivesse falano igual a uma pessoa normal. Como se num fosse diferente.

Parece até que eles são quase irmão e irmã, o Tommo e a Em. Fico feliz. É bom

pra ela ter alguém mais ou menos da mesma idade. E ela tá pareceno mais feliz, não abatida como tava por tanto tempo. Desde que a gente saiu da Lagoa da Prata, na verdade.

Mas tá tudo mudado entre o Jack e mim.

Começou na cidade dos Devastadores e ficou pior depois que ele me tirou do rio. A última vez que a gente se falou foi quando ele me disse pra num sorrir pro Tommo.

A gente troca uma ou duas palavras quando precisa, mas ele num me provoca mais nem deixa a mão roçar na minha, e a gente toma cuidado pra num cruzar os olhos. É como se eu só tivesse sonhado que ele me abraçou e me beijou até o meu corpo derreter.

Bom, o que é que você esperava? Toda vez que ele chegava perto, você afastava ele.

Ah, é perda de tempo pensar no Jack. Daqui a pouco eu vou tá com o Lugh. Então ele e a Emmi e eu vamos encontrar algum lugar bom pra ficar. Um lugar que seja verde e agradável, perto de água corrente. Quem sabe perto da Mercy. E vamos ser uma família de novo. É tudo o que me importa.

Estremeço e me enrolo mais no manto.

Faz tanto frio na neblina.

Fica ainda mais frio sem o sorriso do Jack.

Já passaram dois dias inteiros de neblina, mas enfim ela tá começano a dissipar um pouco. Num desapareceu completamente, mas o vento aumentou e ela começou a ficar toda esfiapada, como se fosse penas cinzentas e compridas flutuano cheias de preguiça no nosso redor. O ar ainda tá frio e úmido. É difícil acreditar que a gente tá no meio duma tarde de verão.

É aí que a gente vê os enforcados.

São quatro. Pendurados pelo pescoço com cordas amarradas nos galhos duma

grande árvore queimada por um raio. Eles giram devagar na brisa, o rosto e as mãos sujas de cinzas ressecadas. A neblina circula o corpo deles.

A gente para. Por um bom tempo a gente fica sentado ali, olhando. Ninguém diz nada. O cavalo da Epona resfolega.

Então o Jack desmonta do Ajax. Vai até a árvore e sente a mão do homem mais próximo. Agacha e confere o chão. Põe o chapéu de volta e olha pro Ike.

— São o Nick Magrelo, — Ike fala, — E, ahn...

— O McNulty, — Tommo completa.

— Isso, — Ike confirma, — O McNulty. E os dois sujeitos que tavam com eles. Eles todos tavam no Caolho na noite antes de vocês aparecerem. Saíram juntos a pé na manhã seguinte.

— Eles tão mortos faz pelo menos uns dois dias, — Jack fala.

— Eles devem ter contrariado alguém, — Ash diz.

— É, — Ike fala, com certeza. — Coitados.

Ele estala a língua e faz o cavalo dele passar além da árvore dos enforcados. Fico pra trás enquanto os outros seguem. Espero o Jack montar no Ajax.

— Você e o Ike sabem quem fez isso, — digo.

— Sim, — ele fala. Um nervo treme no canto da boca.

— Foram os Tonton? — pergunto.

— Parece, ele responde.

— Por que têm cinzas nas mãos e no rosto deles?

— Gente que aparece sem ser convidada num é exatamente bem-vinda em Campos da Liberdade, — Jack me diz — Às vezes os Tonton enforcam, outras eles cortam a cabeça e enfiam numa estaca. Mas eles sempre passam cinzas no

rosto. É assim que se sabe que é o território deles. O homem sábio vê isso, dá meia-volta e foge o mais rápido que pode.

— Mas a gente num vai dar meia-volta, — falo.

— Não, — ele fala. — Sabedoria num é uma virtude que eu finjo ter.

Desde que a gente encontrou os enforcados, num consigo parar de pensar no Vicar Pinch. No DeMalo e nos outros Tonton.

A cada passo a gente chega mais perto de Campos da Liberdade. Até agora, eu num tinha pensado muito no que a gente vai enfrentar. Em quem a gente vai enfrentar. Mas agora penso.

Os Tonton enforcam pessoas em árvores. Cortam a cabeça delas e enfiam em estacas. Por nada além de entrar no território do Rei deles. Homens como eles num iam pensar duas vezes antes de matar o Lugh. Todas as coisas que a Helen me falou passam pela minha cabeça. Todas as coisas que sei sobre o Pinch e o DeMalo. Mas preciso saber mais. Preciso conhecer o meu inimigo. Preciso saber o que o Jack e o Ike sabem.

E eles sabem bastante, tenho certeza. Vou fazer eles me contarem. Eles me devem isso.

Espero até a gente acampar pra passar a noite. A Epona vai pegar o primeiro turno de vigia. A Ash e a Emmi e o Tommo tão enrolados nos sacos de dormir, já dormino. O Ike tá encostado num tronco de árvore. A cabeça dele tá caída pra cima do peito.

O Jack e o Nero tão sentados na beira da fogueira, jogano dados. Quando o Jack descobriu como o Nero era bom em contar, ele entalhou um par de dados e ensinou ele a jogar. O Nero joga um de cada vez, usano o bico.

Chego perto e fico em pé do lado deles. O Nero tira dois seis.

— Droga, — Jack fala. — Você ganhou de novo. Nunca pensei que um dia fosse perder pra um corvo. Acho que ele pode tá trapaceano.

O Nero balança o corpo pra cima e pra baixo e grasma de alegria.

— Se tiver, — falo, — Ele aprendeu com você. Quero uma palavrinha, Jack. Com você e com o Ike.

Ele suspira. Como se tivesse esperano isso. Mas levanta e dá um cutucão no Ike com o pé. O Ike acorda com um grunhido.

— O quê? — ele pergunta.

— Vem, — Jack fala. — A Saba quer conversar.

Quando o Ike levanta, o Nero voa e senta no meu ombro. Ele esfrega a cabeça na minha bochecha. Ele sempre sabe quando eu preciso de alguém do meu lado. Como essa noite.

Levo eles pra longe do acampamento. Subo por entre as árvores até chegar num afloramento de rocha. Eu viro pra encarar os dois. A neblina desapareceu completamente, e tá fazeno uma noite quente com um céu alto. Um céu noturno de solstício de verão. Consigo ver o Jack e o Ike claramente.

— Certo, — falo. — Me contem o que vocês sabem sobre Campos da Liberdade. Contem tudo. — Eles olham um pro outro. — Eu fui honesta com vocês, continuo. Falei tudo. O que a Helen me disse sobre o sacrifício do solstício de verão e por que levaram o Lugh. O Pinch pode tá morto, mas o Lugh num tá seguro, não até a gente tirar ele de lá. Agora vocês dois têm que ser honestos comigo. Vocês precisam me contar tudo o que sabem. Assim, pelo menos a gente tem uma chance de descobrir o que vai enfrentar.

— Bom, você sabe mais do que a gente, — Ike fala. A gente só ouviu coisas de viajantes. Sabe, você encontra alguém de tempos em tempos e começa a conversar e...

— Esquece, Ike, — Jack diz.

— O quê?

— Eu falei esquece.

— Mas pensei que a gente tinha dito que ia...

— Ike, — ele interrompe. — A Saba tem razão. Ela precisa saber o que a gente vai enfrentar.

— Eu sabia! — falo. — Sabia que você sabia mais do que tava me dizeno. Que droga, Jack, por que num me contou antes? Por que você num me contou de cara, quando descobriu pra onde eu tava ino?

— Sei que eu devia ter feito isso, — ele fala. — Mas num queria que você soubesse até que fosse preciso.

— Eu num sou criança. Num preciso que você me proteja.

— Eu sei, eu sei, me desculpa.

— Acho que vou... Voltar pro acampamento, — Ike fala. — Covarde, — Jack diz.

— Pode ir, Ike, — falo. — O Jack vai me contar tudo que preciso saber.

— Certo, — ele confirma. — Bom... Se eu ouvir algum grito, vou mandar a Emmi. — Ele desaparece sem fazer barulho. Nem um farfalhar nem um passo. Pra um homem grande, o Ike se move bem silencioso. O Nero deve tá começano a ficar inquieto, porque vai atrás dele.

Então ficamos só o Jack e eu.

— Tudo bem, Jack, — falo. — Pode começar.

— Quatro anos atrás, — ele fala, — Eu tava no bar errado na hora errada. Fui apanhado pelos Tonton. Eles tão sempre procurano trabalhadores fortes. Escravos. Foi assim que acabei em Campos da Liberdade.

— Você teve lá.

— Sim, — ele fala. — Vamos sentar.

A gente senta em duas pedras, um de frente pro outro. Um pouco perto demais pro meu gosto. Os pés dele quase tocam os meus. A pedra do coração tá quente na minha pele.

— Foi lá que conheci o Ike, — ele fala — A gente foi mandado como escravo pra lá mais ou menos na mesma época. Como você pode imaginar, ele e eu num

gostávamos muito da vida de escravo, fazem trabalho forçado nos campos. Mas os outros... Bom, nada parecia incomodar eles. A gente descobriu o motivo bem rápido. Uma carroça-pipa grande passava duas vezes por dia, uma de manhã e outra de tarde, e enchia os odres de todo mundo. Tinha chaal naquela água.

— A Helen disse que tudo tinha a ver com o chaal, — comento.

— O chaal faz o cérebro ficar lento, — ele fala. — Deixa você burro. É ótimo pra quem quer controlar as pessoas. Mas se for consumido demais, tudo fica acelerado. O coração dispara, você fica todo animado e agressivo, num precisa dormir nem comer.

Penso no Cachorro Louco, lá na Vila Esperança, no que ele fez com a Helen. Nas multidões no Coliseu, gritano por sangue no corredor. — Eu vi o que ele pode fazer, — digo.

— Eu e o Ike enchíamos os nossos odres com todo mundo, — ele fala, mas nunca tocamos na água. A gente roubava água dos canais de irrigação nos campos.

— Quanto tempo vocês ficaram lá?

— Uns dois meses. Apenas o suficiente pra conseguir o que a gente precisava pra abrir as fechaduras das correntes nos nossos tornozelos. Depois a gente teve que esperar uma noite de tempestade. As patrulhas com cães num saem quando tem raios ou tempo ruim; eles ficam assustados.

— Então vocês escaparam, — falo.

— E foi muita sorte nossa. A gente caiu na estrada, sem chamar atenção, ficano longe de problemas. O Ike acabou se estabeleceno no Caolho. Mas eu segui em frente.

— Até acabar nas celas da Vila Esperança, — concluo.

— É, — ele fala. — Bar errado, hora errada. De novo.

— Seria de se esperar que você tivesse aprendido.

— Verdade.

— O que você sabe sobre o Rei?

— Ele era louco, — Jack fala.

— Eu sei. Vi o homem.

— Ele era louco, inteligente e controlava tudo e todo mundo. Vivia numa grande casa branca em Campos da Liberdade. O Palácio. Com as melhores comidas e bebidas. Tudo. Coisas incríveis dos tempos dos Devastadores. Cadeiras macias, mesas grandes, espelhos, quadros nas paredes. Ele tinha escravos domésticos, que tinham que entrar de quatro num aposento onde ele tivesse. Se você olhasse pra ele do jeito errado, ele enfiava a espada em você. Só vi ele de longe. E foi perto o bastante.

— Entendo o que você quer dizer, falo.

— E nos últimos anos, ele começou a expandir o império. Em todo lugar que tenho ido ultimamente, preciso evitar os Tonton ou então ouço falar deles. Em qualquer lugar onde tenha água boa ou terra pra cultivar comida eles aparecem e tomam posse em nome do Rei. Se já tiver alguém na terra, ou a pessoa trabalha ali pros Tonton ou morre. Eles têm espiões e informantes em toda parte.

— Ele num controla tudo, — digo. — Olha as Gaviãs Livres.

— Talvez elas num continuem livres por muito mais tempo, — ele fala. — O Rei pode tá morto, mas alguém vai tomar o lugar dele. O império vai continuar crescendo. Pode apostar.

— Num acredito que a Maev num sabe disso. Que ela num tenha ouvido falar disso.

— Eu tentei contar pra ela, — ele fala. — Ela num quis ouvir. Acredito que as palavras exatas dela foram, Eu num sei qual é o seu jogo, mas até onde eu sei você é um oportunista mentiroso. Aquela idiota desesperada pode confiar em você, mas eu com certeza num confio.

Sinto um vazio no estômago. Uma idiota desesperada. É isso o que a Maev pensa de mim. E então começo a assimilar o resto do que ele falou. Eu levanto devagar. Olho pra ele.

— Então é isso, — falo. — Foi por isso que você veio atrás de mim. Por isso que você apareceu no Bosque Escuro. Você queria que as Gaviãs Livres ajudassem a acabar com Campos da Liberdade. Você num tá nem aí se eu vou encontrar o Lugh. Você num tá nem aí pra mim. Toda aquela... Bobagem de que você num pôde evitar, de que você tinha que me seguir... É isso o que aquilo era... Bobagem. Droga, eu sou tão idiota.

— Não, era tudo verdade, juro que era. Que é! — Ele joga a cabeça pra trás e solta um palavrão baixinho. Levanta. — O que quer que eu diga agora, — ele fala, — Você num vai acreditar em mim.

— Provavelmente não, — respondo.

— Eu queria sim que as Gaviãs me ajudassem, — ele diz. — Quando eu e o Ike saímos de Campos da Liberdade, eu num tava pensano em ninguém além de mim mesmo. Mas comecei a ver o que tava acontecendo em toda parte e a pensar naqueles coitados que a gente deixou pra trás nos campos de chaal. Então acabei na Vila Esperança e vi o que tava se passando lá, e encontrei você e as Gaviãs e de repente ali tava uma chance de fazer alguma coisa decente na minha vida... Então agarrei essa chance. Tudo aconteceu ao mesmo tempo, Saba. Você tem que acreditar em mim. É o destino, como eu disse.

— Jack, você num pode achar mesmo que nós sete e um corvo vão acabar com os Tonton e as atividades deles.

— Por que não? Eu e o Ike conhecemos o terreno. A gente pode pegar eles de surpresa. Eles num vão esperar problema vindo de fora.

— Eu tô aqui pra recuperar o Lugh, — falo, — Não pra mudar o mundo. Já disse isso. E, a propósito, você tá louco.

— Vai, Saba, se a gente bolar um plano bom o bastante, dá pra conseguir o que a gente quiser. Você quer recuperar o seu irmão e depois ter que viver num mundo governado pelos Tonton? Eu não. O Ike não. Nem a Ash e a Epona. E, se você perguntar, aposto que o Tommo e a Emmi vão dizer a mesma coisa. Você pode ter destruído a Vila Esperança, mas eles já devem tá reconstruindo tudo sobre as cinzas. Pode apostar.

— Então do que você tá falando, Jack? Que você num vai me ajudar a menos que eu aceite o seu plano?

— Não. Não! O que eu tô falando é que a gente tem que pensar grande. A gente recupera o Lugh e acaba com as atividades deles ao mesmo tempo. Os Tonton, os campos de chaal... Tudo. Mas a gente num pode fazer isso sem você.

— Você me promete que a gente vai tirar o Lugh de lá, — falo.

— Eu prometo, — ele diz. — Eu prometo.

— Tudo bem. Vou seguir o seu plano. Qual é?

— Pra ser honesto, nunca fui muito de bolar o que você poderia chamar de plano. São mais do tipo... Ideias.

— Jack!

— Eu disse que prometo! — ele fala.

— A gente vai precisar de mais ajuda, — concluo.

Assovio pra chamar o Nero. Ele vem batendo as asas e pousa no meu ombro. Tiro do bolso o anelzinho de ouro da Maev.

— *Se você precisar de mim, se precisar das Gaviãs, manda o Nero com isso e a gente vai. Onde quer que seja, quando quer que seja... Manda esse anel e a gente vai tá lá.*

— É da Maev, — falo. — Ela disse pra eu mandar se precisasse dela. Você tem alguma coisa pra amarrar?

Ele procura no bolso e pega um bom pedaço de fio.

— Amarra na perna dele, — falo. — Dá um nó firme e apertado, mas num deixa machucar ele.

Ele trabalha rápido.

— Pronto, — ele fala, recuando.

Eu acaricio as penas do Nero. Encaro os olhos pretos e espertos dele. — Encontra a Maev, — falo. Toco o anel, depois o peito dele. — Nero, encontra a Maev. Encontra a Maev.

Ele inclina a cabeça pro lado. Então grasna duas vezes e parte noite adentro.

— Ele nunca me deixou na mão, — digo.

— Eu devia ter dito tudo pra você antes, — Jack fala. — Devia...

— O quê? — pergunto. — Ter confiado em mim?

— É, bom... Eu num tenho exatamente o hábito de confiar nas pessoas.

— Eu também não.

— A gente podia tentar começar outra vez, — ele sugere.

Ele estende a mão.

Eu hesito. E então pego a mão dele. Quente. Calejada. Forte.

— Desculpa eu ter sido um imbecil lá na taverna do Ike, — ele fala. — É só que... Ah, que droga, Saba... Eu fiquei com ciúme de você ter sorrido pro Tommo e não pra mim. Você mal falava comigo, quanto mais sorrir, e num consegui evitar.

— Ciúme? Você? Ciúme? Do Tommo? Ele é uma criança.

— Eu tenho ciúme de qualquer um pra quem você sorria que num seja eu, — Jack fala. Ele chega mais perto de mim. Estende o braço. Passa as costas da mão pela minha bochecha. Uma onda quente percorre o meu corpo. — Você olha pra mim com esses seus olhos, e eu olho pros seus lábios... E só consigo pensar em como seria beijar você. Você num faz ideia, né? Você num faz ideia de como é bonita.

A gente se encara. A lua deixa o rosto dele prateado. Coloca sombras nos olhos dele. Faz ele parecer estranho. Não exatamente real.

Eu recuo um pouco e a mão dele cai. Ignoro o que ele acabou de dizer. Embora o meu coração teja bateno forte nas minhas costelas. Embora eu num consiga respirar e a pedra do coração teja queimano a minha pele.

— Acho que a gente vai voltar pra Dois Riachos, — falo. — Eu, a Emmi e o Lugh. Pra começar, pelo menos. A gente tem uma amiga lá, a Mercy. Eu já falei dela pra você?

— Saba, — ele diz.

— Ela é muito legal, — continuo. — Uma velha amiga da minha mãe. É, já resolvi tudo. Tive muito tempo pra pensar nisso.

— Saba, — ele repete.

Sei que tô tagarelano. Num consigo me controlar. E também num me atrevo a olhar pra ele. Se eu olhar, tenho medo de falar alguma coisa que num devo falar ou de fazer algo que num pretendo fazer. Num sei exatamente o que é, mas é... Sinto como se tivesse andano por um despenhadeiro estreito e o meu pé pudesse escorregar a qualquer momento. Só preciso pensar no Lugh, pensar na razão de eu tá aqui, e tudo vai ficar bem.

— Bom, é melhor eu voltar, — falo.

Tento passar por ele, mas ele agarra a minha mão. Me para. A gente tá perto um do outro. Perto demais.

— Fica, — ele fala.

Antes que eu consiga evitar, olho pra ele. Um erro. Olhos prateados quentes. Queimano por mim. O meu coração dá um pulo.

Ele inclina a cabeça pra baixo.

— Fica comigo, — ele sussurra no meu ouvido. — Só um pouco.

— Eu... Eu preciso ir, — digo.

— Por favor, — ele fala.

O hálito dele roçano na minha pele. O cheiro quente do Jack. Eu me sinto enfraquecendo. Perigoso. Isso... O jeito que me sinto sempre que tô perto dele... É perigoso. Puxo a mão.

— Não, — falo. — Eu... Num posso. Boa noite, Jack.

Eu passo por ele. Preciso ir embora. Vou o mais rápido possível.

Ele num responde.

O sol branco e cruel tá castigando a nossa cabeça o dia todo. O caminho ficou íngreme e rochoso por volta do meio-dia. A gente teve que desmontar dos cavalos e começar a conduzir eles, e é subida sem parar desde então. A gente tá indo pra passagem no alto das montanhas, a nossa última grande travessia antes de chegar em Campos da Liberdade. O Jack fala que quer chegar lá antes da noite cair, mas nesse terreno a gente avança devagar.

Quanto mais a gente sobe, mais quente fica, apesar do dia tá acabando. O calor num tem dado nenhuma trégua, nenhuma mesmo. Num tem nem uma árvore sequer no caminho pra fazer sombra.

Quando a gente tava preso na neblina por dias sem fim, eu nunca teria pensado

por um segundo que ia desejar aquele peso frio e úmido de novo, mas tô desejano.

A Em pouco a pouco vai ficano pra trás, e tenho ido devagar pra andar com ela. Mas ela tá cada vez mais lenta. Olho pra trás. Ela tá se arrastano, com os pés pesados. Ela parece tão pálida e cansada. Eu espero por ela. O suor escorre pela minha cara, faz meus olhos arderem. Enxugo o rosto com a ponta da minha shima.

— Tô com tanta sede, — ela fala quando me alcança.

— O odre tá vazio? — pergunto. Ela faz que sim. — Senta, — falo.

A Emmi se larga em cima duma pedra. Abro a tampa do meu odre e levo até os lábios dela. Ela engole, tomano goladas d'água com vontade. A água escorre pelo queixo e pelo pescoço dela, aí enxugo com a barra da minha camisa. Ela parece um pouco surpresa. Nunca me incomodei com ela nesse sentido, de me preocupar com a última vez que ela tomou banho ou se tá com o rosto todo sujo. Quando o Pai parou de se importar, o Lugh começou a cuidar dessas coisas. Eu num tinha parado nem um segundo até agora pra pensar nisso. Fico olhando pra ela, franzino a testa.

— Quando foi que você tomou banho pela última vez?

Ela parece ainda mais surpresa.

— Num sei, — ela responde.

— Você devia tomar banho mais vezes, — falo. — Precisa ficar decente.

— Tudo bem, — ela fala.

Eu viro e também tomo um gole d'água. Esfrego uma gota nos lábios ressecados.

Os outros tão bem adiantados. A Ash vira, vê a gente, acena. Ela coloca as mãos em volta da boca.

— Num temos tempo pra parar! — ela grita. — O Jack disse que a gente tem que chegar na passagem antes de escurecer!

— A Emmi precisa descansar! — grito de volta.

— Ela pode descansar depois!

— Ela tem que descansar agora!

Vejo eles conversano. Então o Ike entrega as rédeas pro Tommo e volta pra onde a gente tá. Ele agacha do lado da Emmi.

— Oi, menina, — ele fala. — Você tá indo muito bem. Que tal uma carona até o topo?

Ela faz que sim, sem olhar pra ele. Ela gosta do Ike, mas fica um pouco tímida. Acho que é porque ele é tão grande e ela tão pequena.

— Então bora, — ele fala, — Vem pra cá.

Ela sobe nas costas dele.

— Obrigada, Ike, — digo.

— A gente precisa alcançar a passagem antes de escurecer, — ele fala.

— Eu sei, — confirmo. — Ouvi nas primeiras cem vezes.

Ele checa o céu. A luz tá começano a diminuir, tá ficano mais dourada.

— A gente vai ter que se apressar, — ele resmunga.

O Ike começa a subir a montanha, com a Emmi agarrada nas costas feito uma aranha. Num consigo acreditar em como ele caminha rápido por entre as pedras. Como se ela num pesasse nada. Acho que, prum homem do tamanho dele, ela num pesa mesmo.

Tomo um último gole d'água. Então pego as rédeas do Hermes e saio atrás do Ike, o mais rápido que posso.

Todo mundo tá esperano por mim quando chego no topo. A Emmi me dá uma olhada rápida, mas ninguém mais vira na minha direção. Tão todos olhano alguma coisa na frente deles.

— O que é? — pergunto.

Então vejo o que é. O que eles todos tão olhando.

A gente tá na beirada do que era um lago montanhoso. Na época dos Devastadores essa área deve ter sido uma porção d'água limpa e gelada, um alívio bem-vindo pros pés cansados dos viajantes. Mas com certeza num é mais.

Agora aquilo se estende na nossa frente. Ressecado, esturricado, coberto de grandes rachaduras e fendas. Infinito.

— Num consigo ver o outro lado, — falo.

— Tá lá, — Jack diz — A essa hora a gente já devia tá veno o final.

— A gente num tinha como seguir mais rápido nesse calor, — comento. — Eu sei, — Jack fala,

— Eu sei. A culpa é minha. A gente devia ter partido mais cedo ou... — Ele puxa os cabelos, frustrado. — Mas que porcaria. Achei que a gente fosse ter muito tempo. — Ele olha pro Ike. — O que é que você acha?

— Talvez a gente consiga chegar lá antes do anoitecer, — Ike responde.

Mas dá pra ver pela cara dele, pela voz, que ele num acredita nisso.

— Num tô entendendo qual é o problema, — Epona fala, franzindo a testa. A gente pode atravessar cavalgando. O mais rápido possível.

— É, — digo, e a Ash concorda com a cabeça.

— Num dá pra ir rápido, — Jack fala. — Muitas rachaduras, muitos lugares pra um cavalo tropeçar.

— Ora, então tá, — concordo, — A gente vai devagar e com cuidado. E se escurecer antes da gente chegar lá, é só montar acampamento no leito do lago.

— Num podemos, — Ike fala.

Olho pro Jack E pro Ike. Eles tão se encarando, com o rosto sério.

— O que tá acontecendo? — pergunto. — A gente tem que atravessar antes de escurecer, num pode acampar no lago... Num tô gostando dessa história.

— Somos duas, — Ash diz.

— Três, — Epona completa.

Cruzo os braços.

— Pela mor de deus, conta logo, — falo. — Por que é que a gente tem que atravessar antes de escurecer?

O Ike abre as mãos.

— Conta pra elas, Jack, — ele fala.

O Jack solta um palavrão em voz baixa. Olha pro chão por um momento. Então pega a barra da camisa e puxa por cima da cabeça.

A Emmi arqueja. Do meu lado, ouço a Ash prender a respiração. Eu já tinha visto, lá na Vila Esperança, mas o meu estômago ainda revira.

Três longos arranhões rosados cruzam o corpo dele do ombro direito até o quadril esquerdo. O Jack fica parado por um momento. Então vira pra gente poder ver as costas. Um conjunto menor de cicatrizes cobre a escápula direita.

Ele vira de novo e veste a camisa.

— Isso responde a sua pergunta?, — ele fala.

— O que foi que fez isso nas suas costas? — Emmi sussurra.

— Tava escuro, — Jack fala. — Num consegui ver direito.

— Dizem que se chamam minhocas infernais, — Ike responde.

— Minhocas com garras, — Epona fala. — E minhocas grandes, pelo jeito. Nunca ouvi falar de nada assim antes.

— E você nunca viu nada assim também, — Ike avisa.

— O que elas são? — Ash quer saber.

— Dizem que muito tempo atrás, na época dos Devastadores, puseram uma espécie de veneno no lago, — Ike explica. — Ele matou tudo. Menos as minhocas. Elas cresceram.

— Você disse elas, — Epona fala. — Quer dizer que tem mais de uma. Quantas?

— Muito mais, — Jack fala.

— Isso tá ficando cada vez melhor, — falo. Silêncio. Isso resolve a questão, continuo. — Eu vou sozinha.

Todo mundo começa a falar ao mesmo tempo, até o Tommo, um na frente do outro, e vão gritando cada vez mais alto até que finalmente ponho as mãos nos ouvidos e grito, — Calem a boca, por favor! Só... Calem a boca!

Eles ficam quietos. Todo mundo olha pra mim.

— O Lugh é o meu irmão, — falo. — E num vou deixar nenhum de vocês vir comigo se é isso, — aponto pro Jack — Que a gente vai precisar enfrentar antes mesmo de chegar em Campos da Liberdade.

— Agora, num posso me dar ao luxo de descer e esperar pra tentar de novo amanhã. Já é quase o solstício de verão. Se eu começar agora, talvez consiga alcançar o outro lado do lago antes de escurecer.

— Viaja mais rápido quem viaja sozinho, — Ike fala, — É isso?

— Isso mesmo, — respondo. — Ok, Emmi, você... Emmi, que diabo você tá fazendo aí embaixo?

Enquanto a gente falava, a Emmi tava engatinhando pelo chão. Agora ela levanta e estende as mãos. Tá segurando um monte de pedrinhas brancas numa das mãos e outro de pedrinhas pretas na outra.

— Branco quer dizer que a gente vai com você, — ela fala. — Preto quer dizer que a gente não vai. A cor que ganhar é o que a gente vai fazer.

— Eu num tenho tempo pra isso, Emmi, — digo. — Eu...

— Cala a boca, Saba, — ela fala.

E eu tô tão bestificada que fico quieta.

Ela põe as pedrinhas em dois montes no chão. Deixa um espaço no meio.

— Todo mundo tem um voto, — ela fala. — Você escolhe a sua pedrinha e aí coloca ela no meio. Quando todo mundo acabar, eu vou contar tudo. Agora, virem de costas pra vocês num verem o que a outra pessoa tá fazendo.

Ninguém se mexe. A gente só fica parado, olhando pra ela.

— Eu falei pra vocês virarem de costas! — ela fala. — Tommo, você vai primeiro.

O resto vira de costas. O Ike tá do meu lado.

— Tô vendo que é de família, — ele murmura.

A Emmi comanda o negócio todo. Eu sou a única que ainda não votou.

— E eu? — pergunto.

— Você num vota, — ela fala. — Certo, podem virar.

No meio tem seis pedrinhas brancas. Nenhuma preta.

Eu agacho. Pego as pedrinhas e seguro. Elas são sólidas e quentes. Olho pro rosto de cada um. E é como se eu tivesse visto eles pela primeira vez. O Jack, o Ike, a Emmi, a Epona, a Ash e o Tommo. Cada um deles disposto a atravessar o lago comigo. A ir comigo pra escuridão e enfrentar o que tem lá.

Eu sinto um nó na garganta.

— Vocês num precisam fazer isso, — digo. A Epona dá de ombros.

— A gente é seu amigo, Saba, — ela fala. — A gente quer ajudar. — Preferiria que vocês num quisessem, — falo.

— Azar o seu, — ela diz. — A gente vai continuar com você.

— Se isso ficar mais meloso, — Ash fala, — Eu vou começar a chorar. Agora, se a discussão já acabou, acho melhor a gente ir andando.

O Jack faz a gente embrulhar as patas dos cavalos com pano pras minhocas num ouvirem a gente passando por cima delas. Aí a gente entra no leite ressecado do lago.

A gente vai o mais rápido possível, mas, como o Jack falou, é preciso guiar os cavalos com cuidado por cima das rachaduras e fendas, grandes e pequenas, que partem a terra e atrasam a gente. Ninguém conversa, tentano num fazer um

ruído sequer. Mas os cavalos tão sentino alguma coisa. Tão nervosos. Em pouco tempo ficam com medo da própria sombra.

E a gente num consegue. A gente num atravessa o lago antes de escurecer. Embora a estação tenha dias longos, a gente só tá na metade do caminho quando a luz começa a sumir.

O Jack para. Olha pro céu. Espera todo mundo chegar onde ele tá.

— Quando a luz for embora, — ele diz baixinho, — A coisa vai ser rápida. A gente tem que tá preparado muito antes.

Meu estômago dá um nó.

— Preparado pra quê? — quero saber.

— As minhocas infernais dormem de dia, — ele fala, — Bem no fundo da montanha. Quando a noite cai, elas saem pelas rachaduras do leito do lago. Vêm procurar comida. Pode ser que a gente dê sorte. Se elas tiverem de barriga cheia de ontem de noite ou até duns dois dias atrás, pode ser que fiquem lá embaixo digerindo. Mas se a gente num der sorte...

— ...No minuto que escurecer, — Ike continua, — As minhocas vão se arrastar pra fora das fendas e cobrir esse leito mais rápido do que vocês podem imaginar.

— Você devia ter falado isso antes da gente começar, — reclamo.

— Eu tava torcendo pra num precisar, — Jack fala. — Mas teria feito alguma diferença? Pra algum de vocês?

Todo mundo balança a cabeça.

— De jeito nenhum, — Emmi fala.

A gente decide soltar os cavalos. Tira os panos das patas deles e manda eles embora pelo lago. Assim, pelo menos eles têm uma chance de chegar no outro lado em segurança. Quando as minhocas saírem, eles num vão ter chance nenhuma.

Eu encosto na cabeça do Hermes. Faço carinho no focinho macio.

— Saba, — Jack fala. — Tá na hora de deixar ele ir embora.

Olho nos olhos castanhos e sábios dele uma última vez.

— Obrigada, — sussurro. Então me afasto. — Vai, — falo.

Ele trota alguns passos. Para. Vira pra olhar pra mim. Levanto a mão pra me despedir. Ele agita a cabeça e relincha. Depois vai embora com os outros.

Eu vejo ele partir e sei que tô veno desaparecer a minha melhor chance de alcançar o Lugh até o solstício de verão. Quero culpar alguém pela bagunça em que a gente se meteu, mas gritar com o Jack ou com o Ike ou com qualquer outra pessoa num vai mudar nada. Agora tá todo mundo junto nessa. Eu viro.

— Então, Jack, falo, qual é o plano?

A gente trabalha rápido. Num falta muito tempo até a escuridão vir.

As minhas mãos se movem, os meus pés se movem. Sufoco o medo que tá crescendo em mim. Num tenho espaço pra ele, num tenho tempo pra ele. O Jack tá no comando. Ele manda fazer alguma coisa, a gente faz na mesma hora, o que quer que seja. A gente num faz nenhuma pergunta, num pede pra saber qual é o plano dele. A gente vai descobrir daqui a pouco.

Ele fala pra gente reunir o máximo de madeira que encontrar. Galhos, gravetos e troncos de árvores mortas faz muito tempo, soprados pra cá pelos ventos das montanhas. Num importa o tamanho, a gente acha e carrega ou arrasta até o Jack e o Ike.

Então a gente junta todos os pedaços menores e amarra com corda de fibra trançada. Quebra os galhos maiores com a mão quando consegue, e os que são grandes demais o Ike corta com a machadinha dele. Então a gente começa a colocar tudo num círculo grande.

O Jack me chama.

— Você pode contar quantas flechas a gente tem? — ele pede.

Esvazio a minha aljava. Por sorte a Maev me deu uma carga completa. Depois conto o que tá na aljava do Jack, na da Epona e na da Ash. O Ike tem uma besta e uma garrucha, mas com pouca munição, então a gente vai deixar a garrucha de reserva. A Emmi e o Tommo têm atiradeiras. Faço uma contagem rápida das flechas. Então conto outra vez pra ter certeza.

— Duzentas e oitenta e oito, — falo pro Jack

Ele me dá um sorriso tenso.

— Melhor do que eu pensava, — ele fala. — Envolva as pontas em pedaços de pano, qualquer pano que você encontrar.

Pego a barra da minha camisa. Tá encharcada de suor por causa da subida e do calor, mas acho que consigo arrancar uma tira.

— Não, — ele fala. — Pano seco. Tem que ser seco. Vê quantas garrafas você consegue arrumar. E pede pro Ike um pouco daquela vodca de seiva de pinheiro dele. Agora eu sei qual é o plano.

Fogo. A gente vai combater as minhocas com fogo.

A madeira tá disposta do jeito que o Jack pediu. Amontoadas num grande círculo, pronta pra ser acesa no instante que ele disser. A gente deixou um espaço livre bem grandinho no meio. É ali que a gente vai ficar e lutar. Dentro da nossa fortaleza de fogo.

A gente fez tochas com maços de gravetos presos na ponta de galhos. Agora, atentos pro céu que tá escurecendo, vamos trabalhá-lo rápido pra enrolar tiras de pano nas flechas. A gente rasgou pedaços dos sacos de dormir, e até das camisas e túnicas. Do que tava seco.

O Ike colocou um pouco da preciosa vodca dele em garrafas, duas pra cada um. Assim que a gente termina de preparar uma pilha de flechas, a Emmi e o Tommo recolhem elas e enfiam de cabeça pra baixo nas garrafas. Prontas pra serem puxadas, acesas e disparadas. Só deu pra colocar um punhado de flechas

em cada garrafa, então, assim que a ação começar, vai ser o trabalho deles dois manter as garrafas cheias. Isso e as atiradeiras. O Ike tá trabalhano do meu lado.

— Você atravessou o lago naquela noite com o Jack, — falo. — Cadê as suas cicatrizes?

— O Jack foi atacado em vez de mim, — ele conta. — Eu num taria aqui se ele num tivesse entrado entre mim e a minhoca.

— Ora, você tava se mexeno tão devagar que eu tive que fazer alguma coisa, — Jack fala.

— Você tava longe, — Ike continua. — Você tava livre. Você devia ter deixado eu me virar sozinho, não ter voltado e quase morrido.

— Eu ainda tô aqui, né? — ele diz. — E vai ajudar o Tommo e a Emmi.

— A maldita minhoca quase matou ele, — Ike fala.

— O Jack é... Diferente do que achei quando conheci ele, — Epona fala.

— É, — Ike diz. — O Jack é mais do que aparenta.

O Jack entrega a última pilha de flechas dele pro Tommo e dá um tapinha nas costas do menino.

— É isso, — ele fala. — Tamos prontos.

Sinto um nó quente de medo bem no fundo da minha barriga. Conheço bem isso. Sentia isso o tempo todo, logo antes de entrar na Jaula. E sei como usar. Um sorriso se abre devagar no meu rosto. Olho pros outros.

— Num sei vocês, — falo, — Mas eu tô me sentino com sorte hoje.

Esperamos.

Sentados no chão, separados por distâncias iguais dentro do nosso círculo de madeira. A gente tá virado pro lago. O Jack tá dum lado meu, e a Epona do outro. O Ike e a Ash cobrem o resto do círculo. A Emmi e o Tommo tão agachados no

centro, do lado das pilhas de pedras que coletaram pras atiradeiras. Aperto a minha pederneira com força, pronta pra atear fogo na minha área.

A noite começa a espalhar. Os dedos carmesim do sol poente cortam o céu cinza-escuro. As primeiras estrelas piscam pra gente. Agora num falta muito.

— Se eu perguntar uma coisa, — Jack fala, — Você vai me dizer a verdade?

— Talvez, — respondo. — Depende.

— O que fez você vir atrás de mim? — ele pergunta. — Quer dizer, lá na Vila Esperança. Como você soube onde me encontrar?

Tô prestes a dar uma resposta sarcástica pra ele, alguma coisa pra afastar ele, como sempre. Mas num dou. A pedra do coração tá queimano na minha pele. E eu tô me sentindo corajosa. Impulsiva.

— Tive um sonho, — falo. — Na noite antes do incêndio.

— Você sonhou onde me encontrar?

A gente conversa em voz baixa, pros outros num ouvirem.

— No meu sonho, eu tava no escuro, — digo. — Num conseguia ver, quase num conseguia respirar. Tinha fumaça e fogo, e o calor era enorme. E eu tava procurando alguém. Num sabia quem, só... Sabia que tinha que encontrar. Mas num conseguia e era... Terrível. Apavorante. Aí eu... Acordei.

— Você tava... Procurano por mim? — Jack quer saber.

— Acho que sim. É.

— Mas você me encontrou. Você me encontrou mesmo trancado na Geladeira. Como?

Eu me aproximo, ajoelho do lado dele.

— Sente isso, — falo.

Pego a mão do Jack e trago até a pedra do coração no meu pescoço.

— Tá quente de novo, — ele diz.

Respiro fundo.

— É uma pedra do coração, — falo. — Só fica quente quando eu tô perto de você. Quanto mais perto a gente tá um do outro, mais quente ela fica. Foi assim que eu soube onde encontrar você.

Ele num fala nada. É a primeira vez que vejo o Jack sem palavras. Depois dum tempo, ele puxa a mão.

— Deve ser meio irritante, — ele fala.

— Agora eu já me acostumei.

— Escuta, Jack. Só quero dizer que eu...

— Shh!

Ele levanta a mão.

A gente espera. Escuta.

Silêncio.

Silêncio.

Então.

Um murmúrio fraco. Como um trovão distante.

— Elas acordaram, — ele sussurra.

— Acendam o fogo! — Jack fala.

Volto rápido pro lugar, encosto a pederneira da base do círculo.

Acendo o fogo. Uma fagulha voa pra cima da lenha seca. Ela pega, e sopra bem de leve até uma chama acender. Ela lambe rapidinho os galhos e gravetos. Confiro atrás de mim. Todo mundo tá fazendo a mesma coisa na sua parte. Em pouco tempo a gente acende um fogo forte e fica dentro da nossa fortaleza de chamas.

A gente deu sorte com a noite. O céu tá alto e limpo. A lua tá baixa acima do cume das montanhas e lança uma faixa larga de luz prateada no leito do lago. A gente tem uma visão clara em todas as direções.

Seguro a minha besta. Duas garrafas cheias de flechas encharcadas de vodca tão nos meus pés. A minha faca tá na bainha dentro da bota. Num vou nem pensar em ter que usar ela. É a minha última defesa, e precisar dela quer dizer que tudo o mais deu errado.

Eu me sinto calma. A cabeça limpa. Embora o meu coração seja bateno com força nas costelas.

— Emmi, — falo, — Fica perto do Tommo.

— Tá — ela responde.

Silêncio. Silêncio. Silêncio. A num ser pelo estalar do fogo. Dou uma olhada rápida pro Jack. A cabeça dele tá levantada, feito um cãolobo farejano alguma coisa.

Então um rangido. Um gemido lento e doloroso. O tipo de barulho que uma porta velha e enferrujada faz quando é aberta à força. Mas num é uma porta. É o chão.

De algum lugar bem embaixo da gente, de algum lugar lá no fundo do fundo do fundo do coração negro da Terra, o corpo antigo do leito do lago tá seno lentamente forçado a se abrir.

As minhocas infernais tão acordadas. E tão vino comer.

O chão começa a tremer. Começa a sacudir. Então mexe debaixo dos nossos pés. Eu cambaleio. A Epona me segura pra eu num cair.

— Mas que cacete, — Ash fala, com os olhos arregalados.

— Todo mundo abaixa!, — Jack grita.

Eu e a Epona nos jogamos no chão. Cobrimos a cabeça com os braços.

A terra grunhe, bem dentro da barriga dela, enquanto é expandida à força. Ela geme e geme e geme de dor. Grunhino, gritano e sacudino embaixo da gente, no nosso redor, o barulho vai ficano mais alto. Até tomar conta de mim, inundano o meu corpo, a minha respiração, o meu cérebro até eu achar que vou ficar louca.

Então ela para.

Silêncio.

Devagar, todo mundo levanta. Os meus dedos tão apertano a besta com força. Olho pra Emmi. Ela tá agarrano a mão do Tommo, o rosto branco debaixo do luar.

Então, mais alto que o crepitar do fogo, outro som.

Um farfalhar. O clique de garras na terra seca. Algo tá se mexeno. Para. Sibila.

— Ela pode sentir o cheiro da gente, — Ike fala numa voz baixa e rouca.

Um grito alto e agudo rasga a noite.

O meu coração salta pra garganta. Minhas tripas dão um nó.

— Ela tá chamano as outras, — Jack avisa. — Todo mundo se prepara! E se lembrem do que eu falei.

Mirar nos buracos dos olhos. E num deixar elas chegarem perto o bastante pra usar as garras. Garras. Sem olhos, apenas sulcos na pele, onde faz muito tempo ficavam os olhos.

— Num adianta nada ter olhos, — Jack diz, — Viveno embaixo da terra, então elas caçam pelo cheiro. Farejam as presas.

As presas. A gente.

Então, a menos de dez metros de distância, bem na minha frente e da Epona, uma rachadura aparece no chão. Ela abre e começa a alargar.

— Aqui vamos nós! — grita a Epona.

Uma garra aparece.

A garra se engancha na beira da rachadura. O bicho tem três dedos compridos e escamosos. Cada dedo termina numa unha curva, afiada o bastante pra cortar até

o osso com um golpe só. Então outra garra se engancha do lado da primeira.

— Num seja tímida, — falo. — Quero ver sua cara, sua filha da mãe escamosa.

E, quase como se tivesse me ouvido, uma cabeça redonda aparece. Coberta de escamas e branca feito uma larva, com uma depressão em cada lado, onde os olhos deviam ficar. Um pescoço comprido. A cabeça cega balança pra frente e pra trás, as escamas agitano feito ondas minúsculas. Deve tá farejano a gente.

— Isso mesmo, — digo. — Aqui. Eu sou deliciosa.

Tiro uma flecha da garrafa de vodca. Encaixo na corda da minha besta. Encosto a ponta no fogo nos meus pés. Ela se incendeia na mesma hora. Miro.

A minhoca infernal sai da rachadura deslizando. Se levanta nas patas traseiras.

— Ahn... Jack, — falo. — Você num falou que elas podiam andar.

— Desculpa, — ele diz. — Eu esqueci essa parte.

A minhoca tem o triplo do meu tamanho. Dois braços compridos com garras, e garras nos pés também. Um rasgo enorme como boca, com um monte de dentes afiados, bons pra rasgar carne. Dá pra ver as entranhas e o coração bateno através da pele branca que nem a morte. O fedor dela é horrível. Como um cadáver de três dias num quartinho num dia úmido. Quase vomito. A Epona também.

A minhoca joga a cabeça pra trás e dá um grito.

Disparo a minha flecha. Direto no buraco do olho direito. Acerto. A cabeça da minhoca incendeia. Ela grita, cambaleia pra trás e cai dentro da rachadura de que acabou de sair.

— Belo disparo, — Epona fala.

Mas tem mais delas vino. De todos os lados. Centos delas, pelo jeito. O leito do lago tá cheio dos bichos agitados e fedorentos.

A gente começa a abater elas com as bestas o mais rápido possível. A Epona e eu, o Jack, o Ike e a Ash. A Emmi e o Tommo usam as atiradeiras, se enfiando no meio da gente pra conseguirem lançar mais de perto.

— Que inferno, Jack, — falo. — Você num falou que tinha tantos assim.

— Eles devem ter passado o tempo se reproduzindo, — ele fala.

Ele me dá um sorriso, mas dá pra ver que a situação tá pior do que ele esperava.

Os gritos das minhocas infernais e os nossos ecoam na noite. O ar tá repleto do cheiro nojento delas e do crepitar e da fumaça do fogo.

Continuo disparando. Mergulho a flecha, encaixo, atiro, acerto. Mergulho, encaixo, atiro, acerto.

No meu redor, tá todo mundo fazendo a mesma coisa. A Em e o Tommo correm pra todo lado enfia flechas nas nossas garrafas, mas, por mais minhocas que a gente acerte, sempre tem mais chegam.

— Tem minhoca demais, — Epona fala. — A gente não vai conseguir.

— Tô ficando com pouca flecha, — digo.

— Eu também, — Ash fala.

— Mais flecha aqui, Emmi! — grito.

— Acabou! — ela berre. — Não tem mais!

O Jack agarra o meu braço quando tô prestes a disparar. Na luz prateada e pálida da lua vejo que o rosto dele tá todo sujo de fumaça das fogueiras.

— Sai daqui, — ele fala. — Leva a Emmi e o Tommo. A Ash e a Epona vão dar cobertura pra vocês.

O meu coração para. Tem um rugido nos meus ouvidos.

— Você quer que a gente vá embora? — pergunto.

Ele assente.

— O Ike e eu vamos ficar, — ele diz.

— Não, — falo.

Eu me solto dele. Pego maços de gravetos, enfio no fogo. Eles acendem, e jogo nas minhocas. Mais gritos quando elas se incendeiam. Do meu lado, o Jack continua atirando com a besta.

— Se você for embora agora, pelo menos vai ter uma chance de encontrar o seu

irmão.

— Esquece, — digo.

Pego a minha besta de novo e começo a disparar.

— Usem as tochas se elas chegarem perto demais! — Ike grita. — Num desperdicem as flechas!

Olho em volta. As minhocas infernais tão chegado perto. Mais e mais perto. Umam rastejam pelo chão, outras andam erguidas, as cabeças balançam. Elas num tentam atravessar o anel de fogo, mas assim que ele começa a apagar vai ser o fim.

O Jackarranca a besta da minha mão.

— Se você num fizer isso, — ele fala, — Tudo o que passou pra encontrar o seu irmão vai ter sido em vão.

Encaro ele. Sinto a minha garganta fechar. Deixar ele. Deixar o Ike. Mas preciso encontrar o Lugh. Tô tão perto de encontrar ele.

— Você sabe que eu tenho razão, — ele insiste.

— Tá, a gente vai.

— Saba! — Ash grita. — Atrás de você!

Giro.

Uma minhoca maior que as outras cruza correndo um trecho do anel de fogo que tá começando a se apagar. O Jack agarra o meu braço e tenta me puxar pra trás, mas a garra da minhoca ataca. Uma dor quente rasga o meu ombro esquerdo. Grito.

Ouçoo um estouro, e a cabeça da minhoca explode em um milhão de pedaços. Carne pútrida e sangue caem em mim como chuva. Olho pra trás. O Ike tá segurando a garrucha. Ele bate uma pequena continência pra mim.

— Você tá bem?, o Jack quer saber.

Eu bloqueio a dor na minha mente. Como costumava fazer na Vila Esperança.

— Tô, — respondo.

— Hora de ir, — ele fala. Ele pega uma tocha em cada mão e acende elas. — Ash! — ele grita. — Epona! Venham aqui!

Elas começam a correr na nossa direção.

O chão treme. Todo mundo cambaleia, e eu me agarro no Jack pra não cair.

As minhocas param. Elas levantam a cabeça. Então se dispersam.

Do nada. Elas correm e deslizam pelo leito do lago e desaparecem de novo pra dentro das rachaduras.

Elas foram embora. E tudo o que resta são cadáveres queimados de centos de minhocas infernais.

A gente fica parado dentro do nosso círculo de fogo quase apagado, observano. Num tem um som sequer além do chiado das brasas. Ninguém se mexe. É como se todo mundo tivesse prendendo a respiração. Como se a gente num conseguisse acreditar nos próprios olhos.

— Então, liirrá! — Ash grita. Ela e a Epona começam a pular, socano o ar com as bestas. — Você viu isso, Jack? Ei, Ike! Viu aquelas desgraçadas correrem?

Elas pegam a mão da Emmi e do Tommo e giram eles.

De algum modo num parece certo eles comemorano e fazem tanto barulho. Num sei por quê, mas num parece.

Olho pro Jack. O maxilar dele tá tenso. Um nervinho fica tremendo na bochecha dele.

— O que foi? — pergunto.

— A gente num afugentou elas, — ele fala. — Elas tavam levando a melhor.

— Bom, se a gente num afugentou elas, o que foi que fez isso?

O Ike vem ficar do lado da gente. Ele e o Jack olham pelo lago.

A terra volta a tremer. Dessa vez mais alto e por mais tempo.

— Droga, Jack, — resmungo, — Fala no que você tá pensano.

A Epona e a Ash param de comemorar. Elas vêm até a gente, com o Tommo e a Emmi, e todo mundo fica bem junto.

A Emmi aperta a minha mão.

— O que tá acontecendo, Saba?

— Algumas pessoas dizem que as minhocas infernais têm um mestre, — o Ike fala.

Outro ronco.

— Um mestre? — Emmi pergunta. — O que isso quer dizer?

— Quer dizer, — Jack responde, — Que tem alguma coisa lá embaixo tão grande e ruim que até as minhocas infernais fogem quando ouvem ela chegano.

Deixo esse pequeno fato assentar na minha cabeça.

— Se correr é bom o bastante pras minhocas infernais, — falo — Então, é bom o bastante pra mim.

— E pra mim, — Jack diz.

A gente se encara por uma fração de segundo. Então, exatamente ao mesmo tempo, a gente grita, — Corre!

Todo mundo se apressa, pega as armas mais próximas e começa a correr. A Ash e a Epona disparam rápido com a Emmi e o Tommo. Mas, antes que eu consiga dar mais de dois passos, soa um rugido poderoso. O chão sacode. Levanta. Se abre embaixo dos meus pés. Tô escorregano pra dentro duma rachadura gigante. Tento me segurar desesperadamente. Num consigo parar.

O Jack aparece num segundo. Ele agarra as minhas mãos e me puxa pra fora. Fico deitada no chão, ofegante. O meu coração bate forte que nem uma marreta.

— Obrigada, — falo — Quase que eu já era agora. Eu...

De repente uma cauda comprida sai da rachadura. Ela enrosca nos meus tornozelos e me puxa.

O Jack mergulha. Agarra as minhas mãos de novo. Ele tá deitado de barriga no chão, se segurando o máximo que pode.

— Ike! — ele grita. — Preciso de você aqui!

O Ike se joga do lado do Jack. Agora cada um segura uma das minhas mãos.

Sinto como se tivesse seno lentamente rasgada no meio. A cauda me puxa pra baixo, o Jack e o Ike me puxam pra cima.

Grito. Olho pra cara deles. Os olhos deles tão desesperados, os rostos tensos por causa do esforço. As minhas mãos começam a escorregar.

Nesse instante, a Ash e a Epona aparecem em cima de mim na beira da rachadura, com as bestas carregadas. Elas apontam pra baixo e disparam atrás de mim. Um grito agudo soa e a cauda relaxa. Só um pouquinho, só por um momento. O Ike e o Jack me puxam pra cima e pra fora.

— Vai! Vai! Vai! — Ike grita.

Ela pega a Emmi nos braços e começa a correr em disparada, na direção do norte. A Epona, a Ash e o Tommo vão logo atrás. Pego a minha besta, mas só tenho tempo de recuperar uma flecha. Então o Jack e eu corremos atrás deles.

Um rugido raivoso atrás da gente. Eu olho por cima do ombro.

Uma minhoca infernal acabou de sair da rachadura rastejando. Ela se ergue nas pernas traseiras. Tem o dobro do tamanho das outras, pelo menos dez metros de altura, com uma cauda comprida de lagarto.

— Ai meu deus, — falo.

Ainda tô correndo, mas reduzo a velocidade pra olhar pra trás.

A minhoca infernal sentiu o nosso cheiro.

— Ela tá seguindo a gente! — digo. O Jack pega a minha mão e a gente corre mais rápido. Dou mais uma olhada pra trás. — Ela tá chegando mais perto!

O Jack para de correr. Para completamente. Sem dizer nada, ele dá meia-volta e começa a caminhar na direção da minhoca infernal. Ele tá indo na direção dela e ela na direção dele.

O Jack tá segurando a garrucha do Ike. Ele deve ter pegado aquilo sem eu perceber. Ele carrega a arma com movimentos rápidos e bruscos enquanto anda.

— Jack! — grito. — Que diabo você acha que tá fazendo?

— Eu tô de saco cheio dessa desgraçada! — ele grita.

— Jack! Não seja tão maluco!

Ele continua andando.

— Jack! — berro. — Não!

Ele para. Levanta a garrucha. Mira. Espera a minhoca infernal chegar a vinte passos. E então atira.

O disparo rasga o braço da minhoca. Ela ruge, mas continua vindo. O Jack tateia procurando a bolsa de munição, sem tirar o olho da minhoca.

Dá pra ver que ele não vai ter tempo de recarregar. E tá sem a besta. Deve ter largado ela mais cedo. Começo a correr na direção dele.

A minhoca infernal tá em cima dele. Ela se estica o máximo que consegue. Agita a cauda, ataca ele. O Jack é atirado pelo ar, como a boneca da Emmi. Ele cai no chão com um baque pesado. Não se mexe.

A fúria se espalha pelo meu sangue. Jogo a besta no chão enquanto corro. Seguro a minha última flecha. A minhoca infernal tá curvada em cima do Jack. Ela levanta as garras, pronta pra atacar outra vez.

Nem diminuo a velocidade. Contorno a minhoca correndo e subo pelas costas dela. Enrolo os meus braços e as minhas pernas naquele pescoço fedorento e aperto com toda a força do meu corpo.

Ela ruge de ira. Fica girando em círculos, sem parar, jogando as garras grandes dela pra cima de mim, tentando me pegar, me derrubar. De algum modo me seguro. Levanto a flecha bem alto e então, com toda a força que tenho, enfio ela no buraco do olho esquerdo. Ela entra rápido. Bem fundo. Puxo a flecha de volta e enfio no buraco direito.

A minhoca infernal urra de dor. Salto das costas dela enquanto ela cai no chão. Ela levanta de novo. Quase esmaga o Jacktentano ficar de pé. A cauda se debate e manda o Jackdeslizano pra longe.

Ela cambaleia prum lado, pro outro. E então vai embora. Desaparece por uma grande rachadura no leito do lago.

Vejo ela cair, rugino e agitano as garras no ar, bateno nas laterais da fenda enquanto desce, desce, desce pro fundo da terra pra morrer.

— Jack!, grito.

Corro até onde ele tá caído tão quieto no chão.

Eu me jogo do lado e viro ele. Ele num tá respirano. Tá muito pálido. Os olhos dele tão fechados. Passo as mãos pelas pernas dele, pelos braços, pelo pescoço, pra ver se tem alguma coisa quebrada. Tudo parece normal.

— Jack! — Dou um tapinha na cara dele. — Jack! — Viro a cabeça dele pra cima, tampo o nariz e sopro pra dentro da boca dele. Confiro se o peito dele tá subino. Sopro outra vez.

Os lábios dele retorcem. Ele tá sorrino.

Eu levanto com um pulo.

— Maldito seja, Jack, — falo, — Que brincadeira é essa?

Ele abre um olho.

— Sua técnica de beijo pode melhorar um pouco, — ele fala.

— Eu achei que você tivesse morto, seu desgraçado! Tava tentano salvar a sua vida! Mas nem imagino por que eu devia salvar uma cobra como você!

— Eu tava sem fôlego, — ele explica, — Não morreno. Você devia aprender a perceber a diferença. Ele senta com dificuldade. Balança a cabeça e geme. — Bati no chão com força mesmo, — ele fala.

— Num foi com força suficiente, — digo.

— O que aconteceu com a minhoca?

— Morta, — respondo.

Ele grunhe. Fecha os olhos.

— Num precisa me agradecer, — falo.

— Obrigado, — ele diz. — Devo duas pra você agora. Uma pelas celas e uma por essa. E são duas pra mim. Tirar você do rio e tirar você daquela fenda agora há pouco.

— Num vou brincar do seu jogo idiota, Jack Levanta.

Ele abre o outro olho.

— Pra ser justo, o Ike ajudou a puxar você, então essa provavelmente devia contar só como meia. Ele estende a mão pra mim. — Tá bem, me ajuda a subir. Mas vai com calma.

Eu puxo ele com o máximo de força possível. Uma dor quente dispara pelo meu ombro direito. Arquejo. Parece que tá pegano fogo. Eu tava tão concentrada em me salvar e salvar o Jack que nem tinha sentido até agora.

— Você levou um talho, — ele fala. — Eu tinha esquecido. Deixa eu dar uma olhada.

Ele estende a mão. Eu afasto ela com um tapa.

— Me deixa quieta, eu tô bem.

— Num seja tão cabeçuda, — ele diz — Vem cá.

— Vai pro inferno, — respondo.

Volto a andar pelo leito do lago na direção que os outros foram, apanhando a minha besta no caminho. Ando rápido e num olho pra trás. Num vou esperar por ele.

Atrás de mim, ele começa a cantar.

Eu já escalei altas montanhas e naveguei por mares vastos

E muitas formosas vi

Mas a beleza dela me derrubou com um único olhar

Ó, Annie malvada, a quem nunca hei de agradar.

Já rodei, perambulei, e o mundo inteiro vi

E muitos beijos provei

Mas só os lábios doces dela me fazem sonhar com ardor

Ó, Annie malvada, Annie cruel, meu amor.

Já amei muitas mulheres e cortejei muitas moças

E muitos abraços senti

Que por uma noite fugaz comigo ela se deite

Com Annie malvada eu morreria de deleite.

Ah, tantas belezas desejaram que eu ficasse

Mas só Annie me arrebatou

Pode me ferir, me afastar, meu coração cortar

Mas minha Annie malvada eu não vou deixar.

Num acho que a maioria das pessoas teria vontade de cantar logo depois de enfrentar centos de minhocas infernais. Mas o Jack num é a maioria das pessoas. Eu já devia saber isso a essa altura.

Ele tem uma voz forte. Ecoa pelo lago, clara como se ele tivesse caminhando bem do meu lado. A melodia num é ruim. E até que ele canta bem. Mas depois que termina ele volta pro começo e canta tudo de novo. Em pouco tempo tô cansada

não só da melodia e da voz dele, mas também de ouvir falar da Annie malvada.

Que canção imbecil. Quer dizer, que tipo de idiota ia aguentar uma mulher tão problemática?

Arrisco olhar pro ombro enquanto caminho. Afasto a camisa pro lado, devagar e com cuidado. Sangue seco tá grudado no tecido e puxa a ferida. Mordo o lábio pra num gritar. O Jack ainda tá em algum lugar atrás de mim. Num deixo ele ouvir. Só um rasgo na pele, mas parece bem fundo. Tá latejano pra caramba.

Mas a dor num é pior do que a que eu sentia depois duma luta difícil na Jaula. Fico me dizeno isso várias vezes. Essa é a maneira de manter a dor sob controle. Só preciso fazer o que eu fazia na época. Isolar o meu cérebro do que o meu corpo tá sentino. Me obrigar a acreditar que isso tá aconteceno com outra pessoa.

Pensar noutra coisa.

Pensar no Lugh. Pensar em como ele tava da última vez que eu vi ele. Jogado num cavalo, pulsos e tornozelos amarrados, feito um bicho.

Eles mataram o meu pai. Roubaram o meu irmão.

É a raiva que me faz continuar.

Sinto o calor dela na minha barriga. No meu corpo inteiro.

Calor.

Tão quente.

Assim que alcançar a Emmi e os outros, vou lavar o ombro e fazer uma compressa de... De casca de árvore. É isso, vou fazer uma compressa de... De que era mesmo?

Os meus pés tão muito pesados. Como se eu tivesse com alguma coisa amarrada nas pernas. Preciso seguir em frente. Preciso ir até... Pra onde eu vou mesmo? Ah, tá. Pro Lugh, é isso. Mas só vou ter que... Sentar. Só um momento.

Caio.

É noite. Devia tá frio, mas tô suando rios. Tento enxugar a testa com a manga da camisa, mas o meu braço... Num consigo levantar o braço. Agora lembro. Meu ombro. Deve tá infeccionado.

Tenho que encontrar o Lugh.

Eu só tô tão... Cansada. Preciso... Deitar...

Tenho cinco anos. É um dia de sol. Tô na margem da Lagoa da Prata. Sozinha. Uma brisa levanta o meu cabelo. A água do lago faz uma marola. Tô agachada, empilhando pedras achatadas, todas brancas, uma na outra. Vou contá-las.

Uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete!

Uma sombra aparece em cima de mim. Olho pra cima. É o Pai. Como quando eu era criança. Antes da Mãe morrer. Cabelo preto cheio, olhos sorridentes, forte, bonito.

— Sete, Pai! Olha só!

Ele agacha do meu lado. Pega na minha mão.

— Eles vão precisar de você, Saba, — ele fala. — O Lugh e a Emmi. E vão ter outros também. Muitos outros, que vão depender de você, e você vai ter que ficar sozinha. Num se entregue ao medo. Seja forte, como eu sei que você é. E nunca desista, entendeu? Nunca. Num importa o que aconteça.

Eu sorrio pra ele.

— Num vou desistir, — falo. — Num sou de desistir, Pai.

— Essa é a minha garota, — ele diz.

E então ele some. De repente. Desaparece.

— Pai! — *Eu levanto com um pulo. — Cadê você, Pai? Volta!*

A voz dele ecoa, distância, tá cada vez mais baixa. — Essa é a minha garota, minha garota, minha garota.

— Pai! — *Olho em volta, louca pra encontrar ele. Mas ele sumiu. A Lagoa da Prata tá seca. O chão sob os meus pés e até onde eu posso ver tá ressecado e todo rachado.*

Escuridão. Vozes. Zangadas. Gritos. Mas num consigo entender as palavras.

Então tudo para.

Um clarão de luz branca. E a Epona tá ali. Sozinha. Escuridão em volta dela.

Tem somente o som do meu coração. Bate, bate, bate.

A Epona olha por cima do ombro, como se tivesse veno alguma coisa atrás dela. Ela vira de novo. Me vê. Faz um gesto com a cabeça.

E tudo acontece devagar. Tão devagar que consigo ver os olhos dela piscano. Consigo ver os lábios dela movendo enquanto ela respira.

Bate, bate, bate o meu coração.

Ela começa a correr na minha direção. Abre bem os braços e levanta o rosto. Dá um salto.

Um clarão de luz branca.

E o mundo quebra em um milhão de pedaços.

— Jack! Acho que ela acordou! — *É a voz da Emmi.*

Sinto o meu ombro direito latejando um pouco. Ouço o crepitar duma fogueira.

Alguém ajoelha do meu lado. Coloca a mão na minha testa. É uma mão calejada, fria. Agradável na minha pele quente.

Abro os olhos devagar. Tô olhando numa rocha em cima de mim. Franzo a testa.

— É uma caverna, — Jack fala.

Viro a cabeça pra olhar pra ele. No brilho da luz da fogueira, os olhos prateados de luar dele reluzem. A pele dele reluz. Ele é lindo.

— Bem-vinda de volta, — ele fala.

Levanto a mão e toco a bochecha dele. Tá quente. Áspera com barba por fazer.

— Jack — digo.

Ele fica parado. Põe a minha mão de volta no cobertor.

— Vou pegar algo pra você beber, — ele fala e desaparece.

— Emmi? — chamo.

— Eu tô aqui!

Ela agarra a minha mão e beija várias vezes.

— Ei, Emmi, — falo. — Calma, eu tô bem.

— Eu tava com medo de que você fosse morrer, — ela diz — Você tava com febre. Tava gritando, chamando o Pai.

— Tava? Em... eu tava tendo uns sonhos muito estranhos.

O Jack volta.

— Pronto, — ele fala. Ele passa o braço nos meus ombros e me levanta. Faço uma careta de dor.

— Desculpa, — ele pede. Ele segura uma caneca na minha boca e eu bebo. É algo amargo e que me faz franzir os lábios. — Casca de salgueiro, — ele explica. — Faz baixar a febre. Eu mesmo preparei.

Ele me faz beber a caneca inteira sem parar.

O meu ombro direito tá enrolado com firmeza por uma tira rasgada de camisa.

— Tá muito ruim? — pergunto.

— Tá bem melhor que antes, — ele fala. — A gente limpou e colocou um cataplasma pra eliminar a infecção. Aquela minhoca rasgou você fundo. Precisa de uns pontos, mas a gente tinha que esperar ficar limpo.

— Você ficou apagada durante dois dias, — Emmi conta.

— Dois dias! — falo. Eu sento de repente e tento afastar o cobertor, mas o Jack me impede. Me empurra com gentileza até eu deitar de novo. O meu ombro lateja. — Num pode ser, — digo. — Isso quer dizer que a gente só tem... Quando é a véspera do solstício de verão?

Ele e a Emmi olham um pro outro.

— É hoje, — ela fala.

— Não! Que horas são agora? — Tento sentar de novo, e dessa vez é a Emmi que me impede. — Eu preciso chegar lá!

— Tá tudo bem, — Emmi diz, — A gente tem tempo.

— A gente chegou, — Jack fala.

— O quê...? — pergunto. — Como assim... A gente chegou?

— Campos da Liberdade, — ela fala. — Saba, a gente tá em Campos da Liberdade.

— É logo do outro lado dessa colina, — Jack explica.

Ele levanta e vai até a fogueira. Começa a fazer algo, tirano panelas do fogo e mexeno em algumas coisas, mas num consigo ver o que é.

— Num tô entendendo, — falo. — Como foi que eu cheguei aqui?

— Você desmaiou enquanto ainda tava no lago, — Emmi conta. — O Jack achou você. Ele carregou você o caminho todo até alcançar a gente. Você teria morta se num fosse ele. Né, Jack?

Ele grunhe.

— O Jack num queria deixar mais ninguém encostar em você, — ela continua.
— Aí ele botou você no Hermes e a gente continuou andando até chegar aqui.

— Hermes? — pergunto. — Mas a gente soltou os cavalos. Eles deviam tá longe.

— O Hermes não, — Emmi fala. — Ele esperou pela gente. Esperou por você.

— Me lembra de dizer obrigada pra ele, — digo. Eu deito de novo. — A gente chegou a tempo, — sussurro. — A gente conseguiu.

— Em cima da hora, — Jack fala.

— Cadê os outros? — quero saber.

— Lá fora — ele responde. — Tão arrumando coisas que podem ser úteis.

— Tão fazendo flechas, — Emmi diz.

— Preciso ajudar, — falo.

— Você pode ajudar daqui a pouco, — Jack fala. — Assim que eu costurar essa ferida.

— A gente num tem tempo, — digo.

— Você num tem escolha, — ele fala.

Ele começa a passar um fio de tripa por uma agulha fina de osso.

— Você devia ter visto eles todos correndo quando o Jack perguntou quem era bom em dar ponto, — Emmi conta pra mim.

— Covardes, — Jack fala. — Todos eles.

— O Ike disse que só um idiota ousaria tocar num cacto espinhento que nem você, — Emmi diz.

— É isso que você é, Jack? — pergunto. — Um idiota?

— Parece que sim, — ele fala. — Agora, vamos dar uma olhada.

Ele afasta a minha camisa do ombro e desata a bandagem. Dou uma espiada. O cataplasma de casca de carvalho fez o trabalho dele. A ferida tá feia, mas limpa.

— Você vai ficar com uma cicatriz grande, — Emmi diz.

— Você ainda num me viu costurar, — Jack fala. — Eu faço um trabalho muito bom. Ele estende uma das garrafas da vodka do Ike. Tá pela metade. — Aqui, bebe. Vai ajudar a diminuir a dor.

— Não, — falo. — Vou precisar ficar com a cabeça clara mais tarde.

Ele levanta uma sobrancelha.

— Tem certeza? — ele pergunta. — Vai, bebe.

— Não, — digo. — Num quero.

— Bom, eu com certeza quero, — ele fala e toma um gole demorado.

— Vai logo com isso, Jack, — peço.

Ele me entrega um pano. Eu enfio na boca. Então ele me dá uma pedra pra cada mão. A Emmi senta nas minhas pernas pra num me deixar chutar. Ela tá segurando uma tocha acesa.

— Num me derruba, — ela pede.

— Vou trabalhar o mais rápido possível, — Jack fala, — Mas vai doer pra diabo. Tá pronta?

O meu coração tá acelerado. Mordo o pano. Aperto as pedras com força. Faço que sim com a cabeça.

— Me dê uma luz boa, Emmi, — ele fala. — Certo, lá vamos nós.

Então ele começa a me costurar.

Por sorte, eu desmaio na hora.

CAMPOS DA LIBERDADE

Saio pro sol do meio-dia. Pisco, acostumada com a escuridão da caverna, e respiro fundo pra clarear a cabeça enevoada. O ar tá mais frio do que eu tô acostumada. Tem um cheiro diferente. Esse ar tem cheiro de abeto, forte e doce ao mesmo tempo.

O dia mais longo do ano. Solstício de verão. É hoje.

— Você tá acordada, — Jack fala. Ele tá sentado numa pedra grande na margem duma pequena clareira do lado da caverna. Termina de amarrar a ponta duma flecha e joga ela numa pilha cada vez maior. Como é que tá o ombro?

Eu me mexo. Um pouco rígido, como era de se esperar, e um pouco sensível no lugar em que ele deu os pontos, mas num tá doeno. Acho que tenho que agradecer por aquela mistura nojenta de casca de salgueiro que o Jack fez.

— Parece bom, — digo. — Obrigada. Olho pro céu. — Algum sinal do Nero?

Ele balança a cabeça. Não. Sinto um aperto no estômago. Volto a olhar pro céu, como se ele pudesse ter aparecido nos últimos dois segundos.

— Tive que contar pra todo mundo aonde ele foi, — Jack fala. — Todo mundo tava perguntano.

— Ele vai encontrar a Maev, — falo. — Eu sei que vai. Elas já deviam tá aqui agora. Vai, Nero.

Vasculho o céu. — Num tá mais nas nossas mãos. Bora seguir em frente, Saba.

— Tá... Tá. Cadê todo mundo?

— Se você olhar ali do outro lado, vai ver, — ele diz.

Eu passo por ele, entro na clareira, e tão todos ali.

A Ash e a Epona tão sentadas lado a lado, raspano e alisano gravetos pra formar hastes de flechas. Elas trabalham rápido. O Ike e o Tommo tão transformano lascas de pedra em pontas de flecha, e a Emmi fica ino dum lado pro outro, levano e carregano e seno útil.

Parece que nenhum deles dorme já faz algum tempo. Eles levantam a cabeça quando me veem, acenam ou abrem um sorriso breve, mas num param o que tão fazeno. Até a Emmi continua, em vez de correr pra mim como sempre.

O ar tá tão carregado que dá pra sentir o cheiro, quase o gosto. A tensão. A urgência. Sinto o calor subir nas minhas bochechas. Todo mundo deve tá pensano que eu sou uma folgada, roncano enquanto eles trabalham.

— Você tá bem? — Epona pergunta.

— Sim, — falo. — Vou ficar bem pra atirar.

— Ótimo, — Ike diz. — Tô achando que a gente vai ver um pouco de ação mais tarde.

— Me dá alguma coisa pra fazer, — falo.

— Você pode me ajudar a amarrar as pontas de flechas, — Jack fala. Ele se mexe pra abrir espaço pra mim na pedra, e sento do lado dele. No mesmo instante a pedra do coração começa a esquentar. Balanço a cabeça. — O que foi? — ele pergunta.

— Nada, — respondo.

Pego um pedaço de corda de fibra trançada, uma ponta e uma haste e começo a trabalhar. Meus dedos tão desajeitados no começo, lentos, mas depois de amarrar umas duas flechas eu pego o jeito.

O Jackestende uma flecha pronta. Fica olhando pra ela.

— Sempre que faço uma flecha, — ele fala, — Eu vejo ela na minha mente... Voano pra fora da besta... Cantano pelo ar, ino pro alvo retinha.

— Eu também, — digo.

Os nossos olhos se encontram por um segundo. A gente sorri. E então abaixa a cabeça pra trabalhar concentrado.

— Você sabia, — ele fala, — Que sempre que você faz alguma coisa, quando você faz qualquer coisa, um pedacinho do seu espírito entra naquilo?

— Não, — respondo. — Num sabia disso.

— Bom, é verdade. Então... É melhor ter certeza de que o pedacinho seja bom, e não ruim.

— Acho que usei o meu último pedacinho bom faz algum tempo, — falo.

— Eu também, — ele diz.

Ele me mostra o sorriso torto dele e meu coração bate mais rápido.

— Desculpa, — falo.

— Por quê?

— Por ser sempre... Você sabe... Tão... Ingrata? — ele pergunta.

— É.

— Teimosa?

— Acho que sim.

— Grossa? Cabeça-dura? Violenta?

— Eu num sou violenta!

— Ah, é sim! Muito. Mas eu gosto disso numa mulher.

Eu rio.

— Você é maluco, — digo.

— Eu era normal até conhecer você, — ele fala.

Quando o sol tá alto no céu, no meio da tarde, a gente levanta acampamento e começa a juntar as armas. Lembro que a Emmi contou que o Hermes tava esperano por mim, e num seguiu os outros cavalos quando a gente soltou eles lá no lago.

— Cadê o Hermes? — pergunto.

Ali, o Tommo fala indicano com a cabeça.

Todo mundo já tá acostumado com ele agora e entende o que ele quer dizer. Mas a Emmi ainda parece conseguir tirar mais do pouco que ele fala do que todos os outros.

— O Tommo quer dizer que o Hermes já tá do outro lado da colina, — Emmi fala agora. — Ele tá esperano a gente.

O Tommo concorda com a cabeça.

— Eu entendi o que você quis dizer, — falo. — Obrigada, Tommo.

Ele fica todo vermelho e sai correndo.

— O garoto gosta de você, — Ike comenta. — E num é o único. Eu tô só esperando você dizer as palavras, querida.

— Sabe, Ike, — falo, — Acho que posso até reconsiderar a ideia.

Ele parece chocado. Mas só por um momento. Então sorri.

— Você num taria flertando comigo, né?, — ele pergunta.

— Num sei, — respondo. — É. Acho que talvez sim.

— Tudo bem, — Jack interrompe, — Bora parar com isso. É hora de partir. Precisamos ir andano.

— Vocês exploraram a área, certo? — quero saber.

— Completamente, — Ike fala. — Eu, a Ash e a Epona fizemos isso enquanto você tava no seu sono de beleza.

— Como é que tá a situação?

O Ike dá uma piscadela.

— Sem problema. Vai ser mole.

— Mole, — Ash repete e balança a cabeça.

— Espera, qual é o plano? — pergunto.

— Você me conhece, — Jack fala, — Eu num gosto de ficar planejando muito.

— Jack!

— Segura o fogo. Tenho umas ideias pra trocar com você. Mas num vamos saber com certeza até vermos o que eles tão aprontando. A gente pode ter que.. Improvisar um pouco.

— Improvisar! A gente tá falando da vida do meu irmão, Jack Num vou improvisar nada. Você disse que tinha um plano.

— Ahn... Acho que a gente vai andano, — Ike fala.

— Boa ideia, — Ash concorda.

Eles todos passam correndo pela gente e vão pra direita, desaparecendo dentro da caverna.

— Por que é que eles tão voltando lá pra dentro? — pergunto. — Você disse que Campos da Liberdade fica do outro lado da colina.

— Fica sim, — Jack fala. — Mas tem um túnel que sai dos fundos da caverna. Um atalho.

Ele começa a seguir os outros.

Seguro o braço dele.

— Espera um pouco, Jack, a nossa conversa num acabou. A gente precisa dum plano. Um plano de verdade. Agora.

— Prometi que a gente ia tirar o Lugh de lá, — ele fala, — E tava falando sério. A gente vai. Isso é o principal, o que quer que aconteça. Você disse que confiava em mim. Você confia? Aqui e agora. Você confia em mim?

Olho bem nos olhos dele. Procurano por... Alguma coisa. Então.

Eu vejo. Eu vejo ele. De repente vejo ele. Não o Jack das piadas e dos flertes e das desculpas. O Jack genuíno. O... Verdadeiro. A calma no coração dele. Como águas tranquilas.

Vi isso uma vez antes, naquela primeira noite que a gente tava deitado sob as estrelas. Quando contei pra ele do Lugh e ele me prometeu que a gente ia encontrar o meu irmão. E é isso. A verdade sobre o Jack tava na minha frente o tempo todo. Só num me permiti acreditar no que via. Até agora.

Dou uma risada.

— Seja o que deus quiser, — falo, — Mas eu confio. Eu confio em você, Jack

— Então vamos, — ele diz. A gente entra na caverna. Agora vejo que existe uma fenda estreita nos fundos. A entrada do túnel que leva até o outro lado. O Jack acende uma tocha na fogueira fraca, e então ajudo ele a espalhar as brasas do chão, dispersando as cinzas pra esfriarem. — É isso, — ele completa, virando pra ir.

Toco o braço dele. — Jack, — digo. — Eu...

— O quê?

— Eu num agradeçi a você de verdade por... Cuidar de mim. Por me curar.

— Num tem de quê.

Ele começa a andar, e eu seguro ele de novo.

— Jack!

— O quê?

— Posso num ter outra chance pra falar que eu... Pra dizer pra você... O quanto eu valorizo tudo o que você tá fazeno. Tudo o que você fez. Ajudar a trazer o Lugh de volta e... Bom, tudo. Você num precisava, mas você fez e... Eu sou. Quer dizer, grata. Eu sempre fui, é só que... Acho que num sou muito boa em demonstrar, só isso.

— Num fica me agradeceno, — ele fala. — Eu num mereço. Num sou nenhum herói.

Ele vira e vou atrás dele até o fundo da caverna. A gente passa pela fenda estreita e praticamente em seguida ela se abre num túnel que é alto o bastante pra gente andar sem abaixar. A minha barriga tá toda tensa e nervosa.

A gente dá só alguns passos e falo, — Jack Espera.

Ele vira, impaciente. — O que foi agora?

Quero dizer uma coisa pra você. Quero... Num sei... Mais. Eu podia explodir com tudo o que tô sentino dentro de mim agora. Teve a luta com as minhocas infernais, e o meu ombro machucado, e o que senti quando acordei e vi você, e agora tô aqui, tão perto de encontrar o Lugh, e num sei o que vai acontecer e...

O Jack tá olhando pra mim, franzindo a testa.

— Qual é o seu problema, Saba? — ele pergunta.

Agarro o rosto dele e beijo ele na boca.

Então recuo.

A gente fica se encarano. O ar todo é sugado pra fora do túnel. A pedra do coração queima na minha pele. O sangue lateja nos meus ouvidos.

— Você escolhe os piores momentos, — ele fala.

Ele deixa a tocha cair. Me empurra na parede. Então a boca dele tá na minha e ele me beija como se tivesse morrendo de fome ou de sede ou de sei lá o quê. Ele beija os meus lábios, o meu rosto, o meu pescoço, depois volta pros meus lábios. Os lábios dele são suaves. Quentes. O cheiro dele me preenche.

A gente se aperta um no outro, peito com peito, coxa com coxa. O coração dele bate forte junto do meu. Estremeço do topo da cabeça até a ponta dos dedinhos dos pés. Sinto calor e frio ao mesmo tempo. Os pelinhos dos meus braços e da minha nuca formigam. A minha pele tá tensa por cima dos meus ossos. Sinto um calor pesado no fundo da minha barriga.

Nunca pensei que beijar fosse assim.

Eu correspondo o beijo. Passo as mãos pelos braços dele, pelos ombros, pelas costas. Sinto a força dele. Aperto ainda mais o meu corpo junto do dele. Num parece suficiente.

— Para, — ele fala nos meus lábios.

Num paro. Num quero. Num posso.

Ele segura as minhas mãos.

— Saba, — ele fala. — Saba. Para.

Nós dois tamos respirando com dificuldade. Tô tonta. Atordoada.

— O quê? — pergunto. — O quê? Eu tava fazendo errado?

— Não, — ele fala, — Não, nunca pense uma coisa dessas! Isso foi... Puxa... Foi... Perfeito. É só que... Aqui num é a hora nem o lugar. E você passou por muita coisa. Você num tá pensando direito.

— Eu tô, — digo. — Juro que tô.

— Num tá não, — ele discorda. — E eu também não. Mas quero beijar você desse jeito desde o primeiro momento em que vi você. Você num faz idéia do quanto.

Começo a dizer que eu também, mas ele coloca um dedo nos meus lábios.

— Num diz, — ele fala. — Só vai piorar as coisas.

Ele me beija uma última vez. Rápido. Com força. Então se afasta e pega a tocha do chão. Ainda tá acesa.

— Bora, — ele fala. — A gente precisa ir.

— Assim?

— Saba. O seu irmão. Ele tá esperano você.

Ele vai na frente. Eu fico ali parada. Os meus lábios tão formigano. Ainda consigo sentir o gosto dele.

Tô feliz por ele ter pedido pra parar. Ele tem razão, num é hora nem lugar pra isso. E ele e eu sabemos que nunca vai existir hora nem lugar. Assim que eu trazer o Lugh de volta, a coisa acaba. Eu vou pra Dois Riachos com ele e a Emmi, ou talvez pralgum outro lugar, e o Jack vai embora com o Ike e o Tommo e nunca mais a gente vai se ver. A gente já disse quais são os planos, e é isso o que a gente vai fazer.

Mas eu tô feliz porque a gente fez isso. Se beijou. Era a nossa única chance. E eu tô feliz porque ele parou na hora que parou.

Mentirosa. Mentirosa, mentirosa, mentirosa.

— Saba! — ele grita. — Bora! Anda logo!

— Aqui fica mais baixo, — Jack fala. — Cuidado com a cabeça.

A tocha lança faixas irregulares de luz nas paredes rochosas. A gente vai percorreno o túnel, e estendo a mão pra sentir onde fica o teto. Preciso me abaixar de vez em quando pra num bater a cabeça.

O túnel parece seguir pra sempre. Tô quase pensano que ele nunca vai terminar, mas aí começo a ver luz ficano cada vez mais forte, se derramano na escuridão. Então o túnel termina, e a gente sai pro céu dourado duma tarde de solstício de verão.

Tá todo mundo esperano a gente. A Emmi, o Tommo, o Ike, a Ash e a Epona. O

Hermes tá num canto, arrancano tufos compridos de mato. Ele levanta a cabeça e relincha quando me vê.

— Por que vocês demoraram tanto? — Emmi pergunta. — A gente tá aqui tem anos.

O Ike, a Ash e a Epona se olham e sorriem. Eles olham pra mim e pro Jack.

— É bem escuro ali dentro, — Ash fala. — Vocês se perderam?

Sinto um calor forte subir pelo pescoço. Pra minha sorte, o Hermes trota até mim e começo a fazer carinho no pescoço dele.

— A gente, ahn... Levou mais tempo pra apagar a fogueira do que esperava, — Jack fala.

— Saba, — Emmi me chama. — Vem ver!

Ela pega a minha mão e me puxa pra beirada do despenhadeiro onde a gente tá. Ele percorre toda a margem do vale, como a borda duma tigela. Tá recoberto por bosques densos de carvalho e de pinheiros altos. Um vale amplo e plano se estende embaixo da gente. É coberto por fileiras e mais fileiras de arbustos baixos com folhas verde-escuras reluzentes. Um monte de trabalhadores com túnicas brancas se desloca por entre as fileiras, se curvano, pegano as folhas dos arbustos e colocano em sacos nas costas. Escravos.

A Helen teve lá um dia. E o Jack e o Ike.

É uma terra de fartura. Rica e linda. Como o Pai disse pra gente que era na época dos Devastadores. Paraíso, ele chamava. Quando o ar era doce e a terra, boa. Quando eles cultivavam tanta comida que empilhavam em montanhas, e se precisassem de alguma coisa era só ir lá com o balde e encher.

Mas isso aqui num é Paraíso.

— Aí está, — Ike fala. — Campos da Liberdade.

A Ash aponta. Do outro lado do vale, ao longe, uma muralha de luz multicolorida cintila.

— E aquilo, — ele termina, — é o Palácio do Rei.

O Jack coloca alguma coisa na minha mão.

— Aqui, — ele fala, — É metade do olhador que a Emmi quebrou na cidade dos Devastadores.

— O Jack consertou! — ela exclama. — Bem como ele disse que ia fazer!

Levo o olhador até o rosto.

— Cuidado! — ela fala. — Tá brilhando muito!

Bem na nossa frente, do outro lado do vale, uma casa grande, a maior que eu já vi, se estende da metade do vale e até o despenhadeiro acima. As paredes tão todas cobertas por discos brilhantes. Iluminadas pelo sol, elas refletem o arcoíris. Vermelho, amarelo, rosa, verde, roxo. As cores se projetam como estrelas cadentes, faiscando e dançando com um brilho tão forte que pontinhos pretos aparecem nos meus olhos.

— Ai meu deus, é incrível! — falo. — Nunca vi nada assim.

— Eles tão mantendo o Lugh lá sob vigia, — Jack diz. — Num é isso, Ike?

— É, — Ike concorda. — E devem tá cuidando bem do Lugh, considerando todo o trabalho que tiveram pra pegar ele.

— Você acha mesmo? — pergunto.

— Pode apostar, — Ike fala.

O Palácio. Estreito os olhos e observo de banda. Agora consigo ver que tem muitas janelas. Colunas altas ocupam toda a parte da frente. Duas portas principais imensas feitas de cobre macetado. Degraus largos levam até um caminho de pedras brancas trituradas. O caminho serpenteia por um jardim até os campos lá embaixo. Penso no jardim de pedras da Mãe na Lagoa da Prata. Ela nunca ia sonhar que pudesse existir um jardim como esse.

Tem uma grande fonte esculpida lançando jatos d'água bem alto. Tem canteiros de flores e verduras dispostos em padrões requintados, e um pomar.

Muita gente se movimentando. Principalmente Tonton, com os longos mantos

pretos e a armadura, mas também alguns escravos vestino túnicas brancas.

— Tá vendo os estábulos? — Ike pergunta. — Lá pra direita?

Viro o olhador pro estábulo baixo perto da casa. — Achei, — confirmo.

— E o sistema de irrigação? — ele fala.

Se estendeno por todos os campos, elevados por cima dos arbustos sobre varas compridas, vejo o que parecem ser calhas levano correntes de água prateada. Elas tão todas conectadas.

— É assim que aquelas calhas se chamam? — pergunto.

— Isso, — Jack fala. — Elas mantêm um fluxo de água constante pros arbustos. O chaal gosta de umidade, mas é preciso tomar cuidado. Água demais mata muito rápido.

— Num me diga, — falo.

— Digo sim, — ele repete. — Agora, aquele plano que você queria? Todo mundo vem cá. Eu e o Ike temos algumas ideias.

A tarde se arrasta. Então começa a ir embora. O brilho colorido do Palácio vai diminuindo lentamente enquanto o poder do sol se apaga. Mas ainda vai ter luz por horas. O dia mais longo do ano. O dia mais longo da minha vida.

Ainda num tem nenhum sinal do Nero. Nada da Maev. Nada das Gaviãs Livres.

Nunca fiquei tão inquieta. A gente se reveza vigiano o que acontece lá embaixo. Mas, quando num é minha vez, num consigo ficar parada. Se eu sento no chão, dou um pulo em seguida. Deixo todo mundo maluco perguntano quanto tempo eles acham que a gente tá aqui. Desembaraço todos os nós da crina do Hermes e confiro os dentes dele até ele ficar de saco cheio e me dar uma mordida. Fico puxano e soltano a corda da minha besta até a Ash gritar pra eu parar senão vai me estrangular com ela.

— O Nero já devia ter voltado faz tempo, — falo pra Emmi.

— Você já disse isso um milhão de vezes, — ela diz.

— Alguma coisa aconteceu com ele. Eu sei. Ele num é disso.

— Você também já disse isso um milhão de vezes. Ele tá bem. Ele tá vino.

— E se alguma coisa aconteceu com a Maev?. Ela disse que tinha problemas na estrada ocidental. E se... Quer dizer, ela pode ter morrido? Acontece.

— A Maev num tá morta, — Emmi fala. — Ela vai vir, que nem ela disse que viria. As Gaviãs vão tá aqui, Saba.

— Você num sabe disso. E se num vierem? Acho que elas num vêm. A gente vai ter que agir sozinhos. Vamos agora. Bora, vamos. Vamos avançar! O que é que a gente tá esperano?

— Me dá forças! — Ash fala, enquanto o Ike grunhe, o Tommo suspira e o Jack deita com os olhos fechados e murmura uma musiquinha.

A Epona tá de vigia.

— Saba, — ela fala, — Todo mundo concordou que a gente tem que esperar até escurecer. E nada pode acontecer até lá.

A Epona. Sempre calma, sempre paciente. Nem um pouco o que a princípio achei que ela fosse.

—Tá, — concordo, — É... Esperar até escurecer. Eu sei, eu sei, mas... ai meu deus, Epona, vou ficar maluca com toda essa espera. Só quero ver ele. Ter certeza de que ele tá bem.

— Eu sei que você quer, — ela fala. — Seja paciente, Saba. Espera até escurecer.

A escuridão tá aumentano. Roxo e preto mancham o céu. Nuvens passeiam na frente da lua do solstício de verão. A lua que a gente perseguiu por tanto tempo.

— Noite nublada, — Jack fala. — Isso é bom.

Então.

Um apito agudo ecoa pelo vale, rasgano o ar. Os trabalhadores levantam a cabeça e começam a sair dos campos. Todos vão na direção do que parecem ser umas barracas compridas ao longe. Agora consigo ver que eles tão acorrentados juntos pelos tornozelos, em grupos de seis.

— Hora dos Filhos da Luz pararem, — Ike fala.

— Você acredita que chamam eles assim? — Jack diz. — Filhos da Luz. Boas lembranças, hein, Ike?

— Não, — ele responde.

Os escravos saem dos campos e vão prumas barracas no lado esquerdo. Um grupo de Tonton se dirige prum espaço grande e aberto no meio dos campos.

O Jack tá vigiano com o olhador.

— Ora, ora, — ele fala. — Finalmente. Isso tá começano a ficar interessante.

O Jack e eu ficamos agachados na beira do despenhadeiro, passano o olhador um pro outro. A gente tem uma visão clara do vale inteiro, mas toda a ação vai acontecer entre o Palácio e o espaço aberto no meio dos campos de chaal.

Cavalos puxam carroças grandes entre o espaço e o Palácio.

Primeiro os Tonton constroem um tablado enorme na área aberta. Depois montam um tablado mais alto na parte de trás, com uma escadaria comprida levano até o topo. Eles trazem uma cadeira gigantesca de dentro do Palácio e usam uma roldana e cordas pra suspender ela até o tablado mais alto. A cadeira é dourada. Com gravações bonitas e toda incrustada de pedras brilhantes.

— Qualquer pessoa sentada naquela cadeira teria uma bela visão das atividades abaixo, — Jack fala.

— Você acha que eles vão adiante com a cerimônia ainda assim? — pergunto.

— Mesmo com o Pinch morto?

— Parece que sim, — ele diz.

Os Tonton trazem duas escadarias armadas sobre rodas, uma pra cada lado do tablado grande. Então eles somem pra dentro do Palácio de novo e tudo fica quieto por um tempo.

O Ike, a Ash e a Epona saíram com a Emmi e o Tommo, levano o Hermes junto. Eles tão executano a primeira parte do nosso plano.

Eu e o Jack num temos nada pra fazer, só esperar. E esperar.

É aquela hora estranha do dia mais longo do ano, quando já é tarde o suficiente pra tá escuro mas ainda restam uns traços de luz. Nuvens escuras cruzam o céu. O vento tá aumentando.

Olho pra lua.

— Deve faltar mais ou menos uma hora pra meia-noite, — digo.

— É quase véspera do solstício de verão, — Jack fala.

Eu estremeço. Então falo o que tava crescendo dentro de mim o dia inteiro.

— Elas num vão vir. Né?

— Acho que a gente num devia contar com isso, — ele avisa.

— Tudo bem, a gente consegue.

Outra carroça vem rolano pelo caminho dos estábulos até o tablado. Os Tonton descem. Começam a descarregar e a levar coisas pra cima do tablado. Sacos pesados de areia. Braçadas de lenha.

— Eles num parecem tá com arma nenhuma, — falo. — Que estranho. Pensei que você tinha dito que tinha patrulhas com cães.

— Obviamente eles num tão esperano problemas hoje, — Jack diz. — Mas alguns deles vão tá armados. No mínimo os guarda-costas do Rei.

Ouçõ um farfalhar. São o Ike e a Epona. Eles voltaram. Agacham do lado da gente. O sorriso do Ike lança um brilho branco na penumbra.

— A Emmi e o Tommo tão a caminho do ponto de encontro? — quero saber.

— Sim, — Ike fala. — Eles foram bem. Vão esperar a gente no lixão de pneus a

uma hora de cavalo no norte daqui.

— A Emmi tava bem no Hermes? Ela ainda num é muito boa com cavalos. Você...

— Ela tá bem, Saba, — Ike responde. — Num se preocupa.

— Tem certeza de que eles sabem o que têm que fazer?

— Fiz a Emmi repetir três vezes, — Epona fala. — Eles esperam a gente no lixão. Ficam escondidos. Se a gente num chegar lá até o amanhecer, eles fazem uma volta grande pro leste e vão pro Bosque Escuro. Eles sabem que devem deixar o Hermes fazer o caminho dele.

— E a Ash? — Jack pergunta. — Ela tá nos estábulos?

— Perto, — Epona fala. — Bem escondida. Eles nem vão saber que ela tá lá. Ela vai deixar os cavalos prontos e esperando a gente. Posso dar uma olhada no que tá acontecendo lá embaixo?

Entrego o olhador pra ela. Ela mira pro tablado.

— O que é aquilo que eles tão colocando no meio? — Ike pergunta, estreitando os olhos.

— Eles tão espalhando um círculo de areia no meio do tablado grande, — ela responde. — Parece que tão criando um tanque de areia. E tão erguendo um poste no meio do círculo.

— Como assim, tipo um mourão de cerca? — Jack fala.

— Mais ou menos, — ela explica. — Só que maior. Mais alto. Pra que será isso?

— Deixa eu ver, — ele pede. Ela dá o olhador. Ele fica veno por um bom tempo, depois abaixa o instrumento. Me encara e continua, — O poste é mais ou menos da altura certa pra amarrar um homem. E um tanque de areia é útil quando você quer garantir que o fogo num se alastre.

Fico gelada. A minha respiração começa a acelerar.

— Não, — falo. — Não... Eles num fariam... Jack, você num acha que eles iam... Queimar ele. Eles num vão queimar ele, né?

— Não, — ele diz, — Num vão. A gente num vai deixar. Eles num vão

machucar o Lugh, prometo. Ele pega as minhas mãos e segura firme. — Agora... Me escuta, escuta. Você tá escutando?

— Tô, — confirmo, — Tô sim.

— Você vai ficar calma, — ele fala. — E vai confiar em mim. Vai confiar na gente. Em mim, no Ike, na Ash e na Epona. No Tommo e na Emmi também. A gente conhece o plano. Isso num muda nada. A gente sabe o que tem que fazer. Bora repassar agora, ok?

— Ok, — concordo.

— Ok. A Emmi e o Tommo tão a caminho do ponto de encontro agora mesmo. Eles tão fora de perigo. Assim que tiver tudo limpo lá nos estábulos, a Ash vai preparar seis cavalos. Você e o Ike vão pegar o Lugh. Então a gente se encontra nos estábulos e dá o fora. Epona, fala de novo qual é o seu trabalho.

— Enquanto a Saba e o Ike tiverem pegando o Lugh, — Epona fala, — Você e eu vamos... Criar uma distração.

— Isso mesmo, — Jack confirma.

— Ei, — Ike fala. — Parece que agora a festa vai começar de verdade.

Enquanto a gente tava conversando, o som de tambores começou a ecoar. O barulho vai ficando cada vez mais alto, com mais tambores rufando. Eles tão sendo tocados por Tonton de mantos pretos. Flautas de osso começam a apitar. Por todo o espaço aberto tem fogueiras acesas dentro de baldes grandes espalhados.

Escravos com túnicas brancas, agora sem correntes, começam a sair das barracas e ir até lá. Homens, mulheres e até mesmo algumas crianças. Na frente do tablado, eles começam a dançar que nem loucos, balançando e girando e pulando por cima dos baldes de fogo. O pulsar cada vez mais alto dos tambores preenche a noite.

Os Tonton batucadores começam a cantar, e os escravos se juntam a eles. Sem palavras. Sons que vêm do fundo da garganta. Os Tonton balançam e rodopiam. Os escravos pulam e giram.

Tem movimento em volta do Palácio. Tochas iluminam o caminho da casa até os campos.

A Epona ainda tá com o olhador, segurando ele na frente do rosto.

— Tá aconteceno alguma coisa, — ela fala. Então respira fundo. — Ai meu deus, — ela sussurra, — Ai meu deus. Num acredito.

— O quê? — pergunto. — O que foi?

Ela balança a cabeça e me entrega o olhador com os olhos arregalados.

Como se tivesse acabado de ver um fantasma.

Miro o olhador pro Palácio.

O Vicar Pinch tá na escada.

O meu coração para de repente. E então dispara.

— Num pode ser, — falo. — Ele tá morto!

— O quê? — Jack pergunta. — Você tá falano do Pinch? O Rei tá vivo?

— Tá, — digo. — Mas eu vi ele. Ele tava morto. Juro que ele tava morto.

— O diabo num é assim tão fácil de matar, — Ike fala.

O Pinch tá todo vestido de ouro. Calças curtas bufantes, meias e sapatos de salto alto. Em cima disso tudo, tem um manto dourado esplendoroso com borda de pelo branco que vai até o chão e arrasta atrás dele. É incrustado com pedras cintilantes, pedaços de espelho e discos brilhantes. Hoje ele tá com cabelo branco. Cachos longos que descem abaixo dos ombros. E se avoluma até bem acima da testa.

O rosto dele também tá pintado de ouro. Uma espécie de tinta com brilhos. Ele posa com a bengala no alto da escada. A luz da tocha reflete nele. Ele brilha na escuridão, como se o sol tivesse descido pra Terra. O Rei Sol.

De repente percebo que ele tá se apoiano na perna esquerda.

Agacho pra espiar embaixo do Cisne.

O Vicar Pinch tá caído no chão. A perna direita dele tá virada num ângulo

estranho.

Ele machucou a perna, falo. Deve ter sido quando o barco de terra virou por cima dele.

Quatro meninos escravos levantam as pontas do manto dele. Então dois Tonton maiores chegam e erguem o Rei com cuidado. Carregam ele escada abaixo e colocam numa carruagem dourada toda brilhosa que tá esperano ali. Os meninos ajeitam o manto. Então seis Tonton erguem a carruagem pelos varões e começam a percorrer o caminho iluminado pelas tochas na direção dos campos de chaal.

Eu acompanho eles com o olhador enquanto vão pro espaço aberto onde o tablado tá. A carruagem do Pinch atravessa a multidão oscilante de escravos, ainda cantano e dançano. Eles estendem as mãos, loucos pra tocar no Rei. Os carregadores Tonton afastam as pessoas com chutes e empurrões. Eles carregam a carruagem escada acima até o tablado e baixam ela no meio do caminho

Então erguem o Rei e tiram ele dela. O manto reluzente tremula com o vento da noite. Os Tonton carregam o Pinch escada acima até o tablado menor e sentam ele na cadeira dourada. Ai pegam a carruagem e vão embora.

Tô começo a ter aquela sensação de novo. Aquela sensação nervosa, no fundo das minhas entranhas, que significa que alguma coisa grande tá prestes a acontecer. Num sei exatamente o que é, mas vou tá pronta. Eu sentia isso antes de entrar na Jaula.

É a fúria. Ela tá subino.

— Bora lá pra baixo, — falo.

A gente anda abaixado. Eu e o Jack e o Ike e a Epona corremos no meio das fileiras de arbustos de chaal. A gente passa debaixo das calhas de irrigação. Chegamos na beira do espaço aberto.

A gente agacha atrás dos arbustos. Eles tão bem cheios de folhas, então dão boa cobertura. Os escravos parecem tá num frenesi. Eles pulam por cima dos baldes

de fogo. Dançam, cantam e giram. Os tambores vibram dentro de mim. As pisadas fortes sacodem o chão. As flautas apitam. O cheiro doce de folha de chaal queimado enche o ar.

O Vicar Pinch tá sentado na cadeira dourada dele. O DeMalo tá em pé do lado dele. Do outro lado tem outro Tonton. O Pinch tá segurando uma coisa parecida com um chifre grande. Ele levanta aquilo até a boca. Vejo os lábios dele mexendo, como se ele tivesse falando, mas tem muito barulho com os tambores e a cantoria.

O DeMalo saca uma arma de dentro do manto. Atira pro alto. Três vezes. Os disparos estouram no ar e lançam um pequeno lampejo.

É um choque tão grande que todo mundo para. De repente. Os tambores, as danças, a cantoria.

— Aquilo ali num é uma garrucha! — sussurro pro Jack

— É um pau de fogo, — Jack fala. — O que quer que você faça, fique longe daquilo.

Os escravos viram pro tablado, ofegantes. Rostos e corpos brilham de suor na luz do fogo, e os olhos reluzem com um aspecto selvagem. O Pinch fala no chifre.

— Filhos da Luz! — ele grita. — Contemplem seu Rei!

A voz dele ecoa por todo o vale.

Os escravos rugem e socam o ar.

— Seu Rei é todo-poderoso! Sábio! Misericordioso!

Pra cada coisa que ele fala, eles rugem em resposta.

— Ele é a fonte da vida! A fonte da fartura! A própria terra se curva à sua vontade!

— Ele é maluco, — Epona fala.

— É malandro, — Ike diz.

— Filhos da Luz! — Pinch grita. — Nesta noite! Neste lugar! Nesta véspera de solstício de verão! Nossa mãe sol, alta no céu, alcança o ápice de seus poderes. E nesta noite! A força vital do Príncipe do Inverno chega ao seu auge! O sol! A

lua! O poder deles é o poder de seu Rei! Nesta noite esse poder será um só! Eles serão reunidos pelo fogo! E o seu Rei renascerá!

Ele abre os braços. Os escravos vão ao delírio.

— Olha! — Epona sussurra. — Lá no Palácio! Enfio o olhador nos olhos.

Um grupo de Tonton desce as escadas e começa a percorrer o caminho. Eles marcham em duplas. Os quatro primeiros iluminam o trajeto com tochas.

Os quatro seguintes carregam um homem estirado nos ombros. A luz das tochas reluz numa longa trança dourada.

É o Lugh.

— É ele, — sussurro. — É o Lugh. Ele tá vivo.

E de repente as lágrimas vêm. Eu tava segurando elas fazia tanto tempo. Eu tava procurando ele tinha tanto tempo.

O Jack me puxa pros braços dele. Apoia o meu rosto no ombro. O meu corpo treme com soluços silenciosos.

— Shhh, — ele sussurra. — Agora não. Num é hora. Para, Saba.

Levanto a cabeça.

— Eu tava com medo de que ele tivesse morto, — falo. — Eu nunca disse isso, mas...

— Eu sei, — Jack diz, — Eu sei. Mas ele tá vivo, e a gente vai tirar ele de lá agora. Tá certo?

Respiro fundo umas duas vezes. Me afasto dele. Enxugo os olhos.

— Desculpa, — falo. — É. Tá certo.

— Ok pessoal, — Jack — Avisa, chegou a hora. Fico com o olhador agora. Se eu e a Epona vamos criar uma distração, vamos precisar acertar o tempo direitinho.

Quando entrego o olhador pro Jack, ele aperta a minha mão. — Boa sorte, todo mundo, — ele continua. — Aproveitem ao máximo todas as chances que vocês tiverem, mas tomem cuidado. A gente se vê nos estábulos.

— Bora pegar os desgraçados, — Ike fala.

O Jack e a Epona vão pra esquerda.

Eu e o Ike seguimos pra direita. A gente tá indo na direção do Palácio. Andano abaixado pelas fileiras de arbustos de chaal a toda velocidade, escondidos. A gente para onde os campos de chaal terminam e os jardins do Palácio começam. Agacha atrás dos arbustos na margem do caminho. Eles vão ter que passar bem na nossa frente pra chegarem no tablado.

O grupo de Tonton que tá carregando o Lugh contorna a fonte. Eles começam a marchar pela trajetória, no meio dos jardins, dois a dois. Quatro carregadores de tochas na frente. Quatro levam o Lugh. Seis na retaguarda. Eles marcham no ritmo dos tambores. E cantam enquanto marcham. O mesmo canto da multidão de escravos.

Os dois Tonton no final do grupo tão um pouco atrás do resto.

— Esses são nossos, — Ike fala.

Os Tonton tão no pomar agora. A gente observa as tochas subindo e descendo. Eles vão passar pela gente em mais ou menos um minuto.

— Pronto? — sussurro.

— Pronto, — Ike responde.

A gente fica bem abaixado. Cada um tira do bolso um pedaço de corda de fibra trançada.

Os quatro carregadores de tocha passam marchando pela gente. As botas fazem o chão tremer. O canto deles enche o ar. Palavras estranhas que nunca ouvi na vida. O manto deles roça nos arbustos. Consigo sentir o calor do corpo deles. Consigo sentir o cheiro deles.

Os quatro seguintes marcham na nossa frente. Os que tão carregando o Lugh. Só vejo um relance. Os olhos dele tão fechados. Ele move a cabeça pros lados, inquieto. Meu coração pula. Parece que ele foi drogado.

Aí vêm os últimos seis Tonton.

A gente espera. Eu conto na minha cabeça.

Dois, quatro.

Uma pausa.

Então os dois últimos Tonton passam.

Eu e o Ike entramos no caminho atrás deles. A gente se move sem fazer um som.

Meu coração tá batendo tão forte no peito que parece que vai esmagar as costelas. Firmo a corda nas mãos.

O Ike faz um gesto pra mim com a cabeça. A gente laça a cabeça dos Tonton com as cordas. Puxano com força pela garganta deles e arrastano eles pra fora do caminho, pro meio dos arbustos. Eles ficam tão surpresos que nem lutam.

O Ike levanta a garrucha dele bem alto. Um, dois — ele dá na cabeça deles com a coronha. Eles apagam.

— O melhor lugar pra fazer confusão, — Ike fala, — É no meio de uma multidão barulhenta.

A gente tira a roupa deles, amarra os dois, enfia um pano na boca deles e esconde eles nos arbustos. A gente cobre a nossa roupa com os mantos negros e os peitorais. Confere as nossas bestas e aljavas num tão visíveis. O meu manto é comprido demais.

— Me permita, — Ike fala.

Ele pega o manto e prende no meu cinto.

Puxo a faca da bainha na minha bota. Escondo ela no cinto. O Ike faz a mesma coisa com a garrucha. Então a gente corre pra alcançar a escolta do Lugh.

O Ike vira pra mim e sorri. Os dentes dele refletem a luz das tochas com um brilho branco. Os olhos faíscam de empolgação. Ele parece perigoso.

— Até aqui, tudo bem. Tá tudo saindo de acordo com o plano. Eu e o Ike conseguimos nos juntar aos Tonton.

— Mas é aqui que o plano termina. De agora em diante, a gente tem que improvisar. Que nem o Jack falou.

A gente marcha pelo caminho, atravessano os campos de chaal na direção do tablado.

A gente chega perto do espaço aberto. Ele tá lotado e pulsano com os corpos quentes e suados dos escravos dançano. Os tambores soam cada vez mais rápido. Os escravos batem os pés e cantam. O barulho é ensurdecedor.

Os quatro Tonton com as tochas vão abrino caminho no meio da multidão, gritano e empurrano os escravos que dançam, liberano o espaço pra passar com o Lugh. Então a gente cerra fileiras e força o caminho pela multidão como uma só unidade, eu e o Ike na retaguarda. Bem de perto, o cheiro acre dos corpos sujos enche as minhas narinas. Tenho ânsia de vômito.

A gente alcança a escadaria do tablado e começa a subir os degraus. Chega no tablado. O Ike e eu nos encolhemos debaixo do capuz. Olho de relance pro Vicar Pinch. Pro Rei. Ele tá sentado na cadeira dourada, olhano pra multidão que pula e canta. Nenhuma expressão no rosto dourado dele.

Os quatro Tonton levano o Lugh marcham até o tanque de areia. Quando colocam ele no chão, os joelhos dele cedem e a cabeça pende pra trás. Eles pegam o Lugh rápido e fazem ele ficar de pé com as costas apoiadas no poste. Amarram ele ali pelas mãos e pelos pés. Então começam a colocar lenha seca embaixo.

O Lugh tá de frente pra multidão. Sem camisa. Vestino só calças e botas. Os olhos dele ainda tão fechados. A cabeça tá pendeno prum lado, mas consigo ver os lábios dele se mexeno. Sem pensar, começo a andar na direção dele.

O Ike me segura.

— Espera, — ele sussurra. — Olha.

Tem movimento por todo o tablado. Os Tonton terminam de amarrar o Lugh no poste. Eles enfiam as tochas acesas em volta do tanque de areia.

Eles então se enfileiram dos dois lados do tanque. Dois grupos de sete, um de cada lado.

Na confusão, o Ike e eu conseguimos ficar no final das fileiras, mais perto do tanque. A gente é quem tá mais perto do Lugh. O Ike dum lado. Eu do outro.

Aproveitem ao máximo todas as chances que vocês tiverem.

Tambores rufam, pés batem, vozes cantam. A terra treme.

O Vicar Pinch, o Rei Sol, tá sentado na cadeira dourada, elevada atrás da gente no tablado pequeno. Ele tá cercado pelo DeMalo e por outro guarda Tonton.

O DeMalo e o Tonton ajudam o Pinch a levantar.

— Agora! — Pinch grita.

Acendam o fogo!

Ele abre bem os braços. Levanta a cabeça pro céu noturno.

Os Tonton do nosso lado batem os pés. Eles cantam e balançam.

O suor desce pela minha nuca. A gente precisa que o Jack e a Epona façam a distração deles. Agora.

Bora, Jack! Cadê você?

Olho pro Ike, escondida pelo capuz do meu manto.

— Acendam o fogo! — Pinch grita de novo.

O Ike acena com a cabeça. A gente entra no tanque de areia. Pega duas tochas. A multidão ainda tá cantano e dançano e bateno tambores. Eles num parecem tá prestando muita atenção no que tá acontecendo no tablado.

— Você consegue me cobrir enquanto eu liberto ele?

Entrego a minha tocha pro Ike. Pra minha sorte, ele é muito grande e me esconde com o manto quando abaixo.

— Vai rápido, — ele fala. — Se a gente num acender esse fogo, eles vão começar a se perguntar qual é o problema.

A minha faca é afiada. Ela corta rapidamente a corda que prende os tornozelos do Lugh.

— Rápido! — Ike cochicha.

— Preciso soltar as mãos dele, — falo.

Bora, Jack. A distração! O que é que você tá esperando?

— Acendam o fogo! — Pinch grita de novo.

Nesse momento, uma sirene grita por todo o vale. A mesma que antes chamou os trabalhadores dos campos.

Olho rápido por cima do ombro. As calhas de irrigação por todo o campo de repente começam a abrir. Rápido. Uma atrás da outra. A água sai em grandes jorros, prateadas sob o luar. Em todos os campos de chaal, as calhas e o canais de água arrebentam, transbordano, desmoronano.

A distração do Jack

É uma enchente.

O fim da safra preciosa do Pinch.

Trabalho nas cordas que prendem os pulsos do Lugh.

O Pinch grita furioso, — Guardas! Guardas! Mexam-se, seus idiotas! Mexam-se!

Em volta da gente, todos os Tonton começam a correr. Correno escada abaixo, saltano do tablado, eles desaparecem nos campos pra tentar impedir aquilo.

Corto a última corda nos pulsos do Lugh. O Ike joga o Lugh em cima do ombro.

— Vai! — falo.

Então tudo acontece duma vez.

O DeMalo e o outro Tonton ainda tão parados do lado do Pinch. De repente percebem o que a gente tá fazendo. Quando o Ike sai correno pelo tablado com o Lugh, o capuz do meu manto cai pra trás.

O DeMalo me vê. Nossos olhos se cruzam. Então ele vira.

Ele vira.

Na mesma hora, o Pinch aponta pra mim e grita, — Peguem-na! Peguem-na!

O outro guarda Tonton pula do tablado. Vem pra cima de mim.

Enquanto isso, pego uma tocha acesa do tanque de areia e jogo nele.

Ele se esquivava.

A tocha cai na barra do manto dourado do Pinch. O fogo espalha pelo tecido. Ele grita e bate nas chamas.

Num paro pra ver o que acontece depois. Salto da escada e vou pro meio da multidão. Os escravos tão muito entupidos de chaal pra fazer qualquer coisa. A maioria deles ainda tá dançano e cantano. Alguns sentam no chão e outros ficam parados em pé, parecem confusos, com sorrisos abobados.

E então eu saio. Corro pelos campos de chaal. Me mantenho abaixada, escondida. Vou na direção do Palácio e dos estábulos.

Quando chego nos estábulos, a Ash já tá com todos os cavalos prontos, esperano. Eles tão agitados por causa dos gritos e das sirenes e do cheiro dos campos inundados. O Jack já tá lá, no lombo dum belo garanhão branco que tá nervoso de empolgação.

O Ike tá levantano o Lugh pra sentar ele na frente do Jack. A cabeça dele pende pra frente, caíno no peito. Corro e pego a mão dele.

— Lugh! — grito.

— A gente num tem tempo pra isso, — Jack fala.

— Saba! Aqui! — Ash joga pra mim as rédeas duma égua preta e pulo pra cima dela. — Conseguimos! Você pegou ele!

Ela e o Ike montam. O Ike segura as rédeas dum cavalo extra pro Lugh montar quando acordar.

— Bora! — chamo.

Enquanto a gente vira os cavalos, a Ash grita, — Espera! Cadê a Epona?

— Ela tava bem atrás de mim! — Jack diz. — Deixa um cavalo pra ela. Ela

alcança a gente!

— A gente num pode ir sem a Epona! — falo.

— Saba! — ele grita comigo. — A gente num pode esperar! Bora!

A gente sai galopano dos estábulos e sobe a colina atrás do Palácio.

Eu vou na retaguarda. No alto da colina, olho pra trás, esperano ver a Epona bem na minha cola.

Ela num tá lá.

Mas lá embaixo, um bando de Tonton tá correno pelo caminho que vai dos campos até o Palácio. Eles tão no pomar, nos jardins, correno em volta da fonte. E tão perseguino alguém.

É a Epona.

Paro o meu cavalo.

— Esperem! — grito pros outros. — Pegaram a Epona!

Eles viram e voltam. Daqui do alto da colina dá pra ver tudo, mas tem bastante árvore pra proteger a gente, então ninguém nos vê.

A Epona alcança o Palácio.

— Vou voltar pra pegar ela, — Ike fala.

O Jack segura as rédeas dele e impede o Ike.

— É tarde demais, — ele diz.

Eu fico olhando, o coração na garganta.

A Epona dá um pulo e agarra numa calha de chuva. Ela começa a escalar bem rápido. Dois Tonton sobem atrás dela. Eles são mais pesados, não tão ágeis. Epona tá desarmada. Ela deve ter perdido a besta.

— A gente tem que fazer alguma coisa! — Ash fala. — A gente num pode simplesmente deixar ela lá, eles vão acabar com ela!

A gente encara um o outro. Posso ver nos olhos do Ike e do Jack o que precisa ser feito. Pego a minha besta.

— Vão na frente, — falo. — Eu alcanço vocês.

— Não, — Ash diz. — Não. Ah, por favor, não.

— Num tem outro jeito, Ash, — Ike argumenta.

— Saba, por que você num me deixa..., — Jack fala.

— Eu já disse que alcanço vocês, — interrompo ele.

Eles hesitam, olham um pro outro.

— Saba, — Ash fala.

— Vão! — digo.

Eles viram os cavalos e partem. Puxo uma flecha da minha aljava e encaixo na corda da besta. As minhas mãos tão tremendo.

A Epona tá no telhado reto. Ela corre dum lado pro outro, procurano qualquer jeito de fugir, mas ela tá cercada. Os dois Tonton já tão no alto da calha. Eles sobem no telhado. Pegam as armas. Começam a andar lentamente na direção dela. Outros Tonton tão chegando embaixo. Eles se espalham pra cercar o Palácio. A Epona olha por cima do ombro. Vê os dois Tonton se aproximando.

A Epona olha por cima do ombro, como se tivesse visto alguma coisa atrás dela. Ela vira de novo. Me vê.

De repente a Epona me avista perto das árvores. O mundo parece breicar. Num existe mais nada nem ninguém. Só a Epona e eu e o som do meu coração.

Bate, bate, bate.

Ela faz um gesto com a cabeça.

E tudo acontece devagar. Tão devagar que consigo ver os olhos dela piscando. Consigo ver os lábios dela se movendo enquanto ela respira.

Ela começa a correr na minha direção. Abre bem os braços e levanta o rosto. Dá

um salto.

Lágrimas atrapalham a minha visão. Eu enxugo os olhos. Levanto a besta. Miro. A Epona sorri. Faz um gesto com a cabeça.

Ela começa a correr na minha direção. Abre bem os braços e levanta o rosto. Pula do telhado. Ela voa. Por um último momento, ela tá livre.

E é aí que eu atiro nela.

Os outros foram embora com o Lugh. A Ash tá me esperano.

As nuvens saem da frente da lua. Vejo as manchas de lágrimas no rosto dela.

— As Gaviãs cuidam umas das outras, — ela fala. — O que quer que isso signifique. Devia ter sido eu, não você. Mas eu... Desculpa, Saba. Desculpa.

— Ela tava aqui por minha causa, — digo. — Tinha que ser eu. Era o certo.

As nuvens dissipam. O vento para. É uma noite bonita e límpida de solstício de verão.

A gente cavalga pro norte num ritmo bom. Ino pro ponto de encontro onde a gente mandou o Tommo e a Emmi esperarem a gente com o Hermes. A gente desce o tempo todo, saíno das montanhas. À medida que a gente desce, o chão muda. Fica mais seco, mais rochoso. As árvores são menores agora. Pinheiros mirrados, zimbros e alguns arbustinhos.

Eu e a Ash num levamos muito tempo pra alcançar o Jack e o Ike. Então troco de cavalo com o Jack pra andar com o Lugh.

Ele ainda num acordou. Tá recostado no meu peito. Sinto a respiração dele, pra dentro e pra fora. Os meus braços doem pra segurar ele.

O Lugh tá aqui. Eu peguei ele de volta. Ele tá salvo. Num consigo acreditar. Sonhei tantas vezes com isso. Vivi pra esse momento, só pra esse momento, por tanto tempo. Com um vazio frio dentro de mim. Um espaço do formato do

Lugh que num dá pra ser preenchido por mais ninguém. E agora que ele tá aqui, de volta comigo, tudo deve ficar bem de novo.

Mas num tá bem.

O meu corpo todo tá dormente.

Epona. Pelo resto da minha vida, toda vez que eu fechar os olhos vou ver ela saltano daquele telhado. Vou ouvir o som da flecha saindo da minha besta na direção do coração dela.

O Jack fica pra trás, pra andar do meu lado.

— Você tá bem? — ele pergunta.

Num falo nada.

— Ninguém jamais devia ter que fazer o que você fez — ele fala. — Eu sei que num parece agora, mas você fez a coisa certa. Você foi caridosa.

— Num tá certo, — digo com a voz grossa, embargada. — Ela taria viva agora se num fosse por mim. Ela nunca devia ter saído do Bosque Escuro.

— A Epona tomou as decisões dela, — Jack fala. — Ela quis vir. Ela conhecia os riscos. Todo mundo conhecia. Ninguém tá culpado você.

— Eu tô cansada de morte, declaro. Já vi muitas.

— Todo mundo viu. Ele coloca a mão na minha. Tudo vai ficar bem, Saba.

— Isso ainda num acabou, — falo. — Eles vão vir atrás da gente. Tô certa, né?

— Provavelmente, — ele responde. — Mas eu e o Ike achamos que temos umas boas duas horas de vantagem. O Pinch num vai a lugar nenhum antes de controlar o alagamento dos campos de chaal.

— Eu taquei fogo nele. Sem querer.

— Mandou bem, — ele fala. — Será que você acabou matano ele?

— O que foi que o Ike falou? O diabo num é tão fácil de matar? Não. Acho que

não.

— Que pena, — ele diz — Mesmo assim, isso pode arranjar pra gente um pouco mais de tempo.

Respiro fundo. Sento mais ereta.

— Deixa ele vir, — falo. — Eu num passei por tudo isso só pra deixar esse desgraçado vencer.

— Assim é que se fala, — Jack diz — Essa é a minha garota.

A gente continua cavalgando em silêncio.

— Saba? — É a voz do Lugh. Rouca. Confusa. — Saba? É você?

Um choque atravessa o meu coração.

— Lugh, — falo. — Sou eu. Tô aqui. Tô com você.

— Você tá aqui de verdade, — ele sussurra.

Ele pega a minha mão e beija. Os meus olhos enchem de lágrimas.

— Ele acordou! — grito. — O Lugh acordou!

Paro o cavalo. A gente tá na retaguarda. Os outros dão meia-volta e vem galopando até a gente. O Jack desmonta.

— Você acha que consegue ficar de pé? — ele pede pro Lugh. — Eu ajudo você.

— Quem é você? — Lugh quer saber.

— Sou Jack Amigo da Saba.

— Eu também, — Ash fala. — Meu nome é Ash.

— E eu, — Ike diz. — Ike Twelvvetrees.

O Lugh olha em volta.

— Eu num sabia que você tinha tantos amigos, ele fala pra mim. Obrigado. Obrigado todos vocês.

O Jackajuda ele a descer. Deslizo pro chão.

— A gente vai deixar vocês dois conversarem, — ele fala.

Depois que eles se afastam, ficamos só eu e o Lugh. A gente se olha. A gente se encara por muito muito tempo sob a forte luz branca da lua do solstício de verão. O rosto dele tá mais magro. Ele parece mais velho. Mais duro. O meu coração aperta.

O meu irmão dourado. Ainda tão bonito. Mas mudado. Ele num é mais aquele garoto da Lagoa da Prata.

— Você tá bem? — pergunto.

— Um pouco zonzinho, — ele fala. — Mas... Sim, eu... Eu tô bem.

— Ótimo. Eu... — As lágrimas enchem os meus olhos. Escorrem pelo rosto. Eu limpo elas rápido. — Desculpa ter demorado tanto tempo, — falo. — Eu... Me atrasei.

Tem lágrimas no rosto dele também. Ele dá uns dois passos na minha direção. Estende os braços.

Eu corro pra ele. Jogo os braços em volta dele. Abraço ele com muita força. Tô chorando.

Os braços do Lugh me envolvem devagar. De leve. Como se ele ainda num tivesse certeza de que eu sou real.

— Eu tô sonhando? — ele quer saber.

— Não, — falo. — Não. É real. Eu sou de verdade. Aqui. Sente. Abraço ele ainda mais forte. Então ele me aperta. A gente fica bem agarrado. — Eu encontrei você, — falo. — Eu disse que ia, e encontrei. Encontrei. Encontrei você.

— Eles disseram pra mim que você tava morta, — Lugh fala. — Disseram que tinham matado você e a Emmi.

— E você acreditou neles? — pergunto.

— No começo não, — ele responde. — No começo, eu ficava pensano...

Ela vai chegar logo. Ela disse que ia me encontrar. Ela sempre cumpre a palavra, vai dar um jeito. Então esperei você. Esperei e tive esperança e continuei com esperança... Por muito tempo. Mas você num veio. E eu pensei... Eu conheço a Saba. Ela é tão cabeçuda que a única coisa que poderia impedir ela de vir é se tivesse morta. Foi aí que comecei a acreditar no que eles tinham me dito. E aí parei de ter esperança. Essa foi a pior parte. Quando pensei que você tivesse morta. Quando num tinha mais esperança.

— Você realmente acha que a morte ia me impedir de encontrar você? Você me conhece bem demais pra isso.

— Conheço mesmo. Acho que num devia ter sido tão impaciente. A Emmi tá bem?

— Tá. Ainda irritante.

Eu toco o rosto dele. A tatuagem de lua igual à minha.

— Eles machucaram você? — pergunto.

— Não. Quer dizer, não... Ninguém encostou um dedo em mim. Nunca comi tão bem na vida.

De repente parece que ele repara em mim direito.

— O que aconteceu com o seu cabelo? — ele pergunta.

Eu esqueci que o meu cabelo tava tão curto. Passo a mão na cabeça. Parece mais comprido, mais macio. Deve ter crescido um pouco desde que saí da Vila Esperança. Mas num vou falar pra ele da Jaula. Nem de nada. Não agora.

— É uma longa história, — falo. — Conto mais tarde.

— Fica bem em você. Uma pausa. Então ele fala, — Você parece diferente.

— Eu sei, — digo. — O cabelo.

— Não. É mais que isso. É... Você. Você mudou, Saba.

— No dia que os Tonton foram pra Lagoa da Prata, tudo mudou, — falo. —

Acho que a gente vai ter que se conhecer tudo de novo.

— Acho que sim, — concordo com ele.

Faz umas duas horas que a gente saiu de Campos da Liberdade. Agora que o Lugh consegue cavalgar, a gente tá percorrendo mais terreno.

— O ponto de encontro tá logo na frente, — Ike fala baixinho.

A gente tá chegando no lixão de pneus dos Devastadores, onde a Emmi e o Tommo tão esperando com o Hermes. É bem grande. A uns trinta metros de distância, as pilhas aparecem bem alto na escuridão, beirando a trilha. O Ike levanta a mão e a gente para.

Ele faz um guincho agudo igual a um morcego. É o sinal pra Emmi saber que é a gente. Quando ela ouvir isso, vai responder com um igual. Foi isso que a gente combinou.

Num tem resposta.

Sinto um calafrio.

— Cadê eles? — Lugh sussurra.

O Ike faz o barulho de novo. Nada.

— Bora, Emmi, — Ash resmunga.

O Ike faz o guincho de morcego mais uma vez.

Dessa vez, tem um relincho baixinho. Um cavalo.

Alguém sai do meio de duas pilhas de pneus. É o Tommo. Ele tá conduzindo o Hermes.

Mas num tem sinal nenhum da Emmi.

O meu coração aperta.

A gente vai até o Tommo. Sou a primeira a desmontar e correr até ele. O resto vem logo atrás de mim.

— Cadê ela? O que aconteceu?

Seguro os braços do Tommo. A cara dele me diz o que eu já sei. Ela num chegou até aqui. Dá pra ver que ele tava chorano.

— Vocês partiram juntos, — Ike fala. — Eu deixei vocês em segurança. O que aconteceu?

— Conta pra gente, Tommo, — digo. — Vai.

— A Emmi me fez voltar, — ele conta. — Ela queria esperar. Ver o Lugh. Num consegui fazer ela vir.

— Maldita seja, — falo. — Por que ela nunca consegue fazer o que mandam?

— Então a gente viu o Lugh, e aí a Emmi disse bora, — Tommo fala. — Mas tinha muito barulho, e o Hermes... Ele ficou assustado e... Foi embora.

— Ele disparou, — concludo. — E a Emmi caiu.

O Tommo faz que sim com a cabeça e enxuga os olhos na manga.

— Eu voltei, — ele fala, — Mas os homens...

— Homens de Campos da Liberdade? — pergunto.

— Eles pegaram ela, — Tommo fala. — Eu queria ir atrás e pegar ela de volta, mas você disse, Ike...

— Eu disse que, o que quer que acontecesse, vocês deviam continuar até chegar no ponto de encontro, — Ike fala. — E foi isso que você fez, filho.

Ele puxa o Tommo e abraça.

— Desculpa, — Tommo diz. — Desculpa.

— Tá tudo bem, — falo. — Você fez a coisa certa.

— A Emmi é boa de briga, — ele fala. — Ela chutou os homens. Ela gritou e socou eles.

Fico cheia de alívio. Olho pros outros.

— Ela tá viva, — falo.

— Você quer dizer que ela tava viva naquela hora, — Lugh fala. — Se aquele desgraçado machucar ela, eu juro...

— Acho que ele num vai fazer isso, — Jack fala. — É mais provável que ele use ela pra barganhar.

— Barganhar pelo quê? — pergunto.

— Eu sei tanto quanto você, — ele fala. Ele olha pra lua. — O tempo tá passano. Eles já devem tá atrás da gente agora, e vão seguir a nossa trilha sem dificuldade. A gente num disfarçou o nosso rastro.

— Eu quero a Emmi de volta, — Lugh fala.

— Todo mundo quer, — Jack responde.

— Então bora encontrar eles, — digo. — Bora encontrar o Vicar Pinch e os Tonton. Bora pegar a Emmi de volta.

— Mas a gente decide onde e quando, — Jack fala. — A gente vai encontrar algum lugar pra firmar posição.

— O que é posição? — Tommo quer saber.

— É quando você encontra o seu inimigo nos próprios termos dele, filho, — Ike fala. — Quando você num deixa ele caçar você feito um bicho.

— Num gosto disso, — Ash fala. — Em Campos da Liberdade, pelo menos eles num tavam esperano a gente.

— O que mais a gente pode fazer? — Lugh diz. — A gente num pode simplesmente marchar até ele e exigir que ele entregue a Emmi. Assim, pelo menos a gente tem uma chance.

— Você acha? — ela pergunta.

Silêncio. Todo mundo tá pensano a mesma coisa. Que essa é uma situação diferente de tudo o que a gente passou até agora. O meu estômago tá bem tenso.

— Num adianta fingir que vai ser fácil, — Jack fala.

— Num é possível, — Ash responde.

— Num é impossível, — ele rebate. — Nada é impossível.

Sem pensar, dou uma olhada no céu. Como se o Nero pudesse tá voando pela lua nesse exato instante. Mas num tem nenhum corvo chegando pra salvar a gente.

— Eu voto que a gente faça isso, — proponho. — Voto em firmar posição.

— Onde? — Lugh quer saber.

— A Colina do Pinhal, — Jack fala. — No norte daqui.

— Se é preciso firmar posição, — Ike diz, — podia ser bem pior.

— Dá pra ver qualquer pessoa se aproximando de longe, — Jack fala. — Tem uma boa encosta nos últimos trinta metros. E, se bem me lembro, é de pedra solta. Terreno ruim pra cavalos. Eles num vão ser capazes de atacar a gente na subida.

— A gente precisa tá bem acomodado lá muito antes deles aparecerem, — Ash fala.

— O que a gente tá esperando? — Lugh diz. — Bora.

A gente cavalga pro norte a noite toda.

O Jack impõe um ritmo forte. Ele num deixa parar até a gente chegar num córrego pequeno. A gente desmonta pra dar água aos cavalos e beber também.

— Tamos quase lá, — ele fala.

O Lugh treme. Ele esfrega os braços e se abraça. As únicas roupas que ele tem no corpo são as calças e as botas.

— Você devia ter dito que tava com frio, — Jack fala. Ele tira a camisa por cima da cabeça. Joga ela pro Lugh. — Desculpa num tá mais limpa. Tô um pouco atrasado com a roupa suja.

— Num posso aceitar a sua única camisa, — Lugh fala.

— Pode usar, — Jack diz.

— Mas agora você vai ficar com frio, — Lugh fala.

— Ah, eu tenho sangue quente. — O Jack sorri. — De qualquer maneira, a Saba gosta de olhar o meu peito.

O Lugh olha pra mim. Franze a testa.

— Isso é verdade? — ele fala.

Sinto que tô ficando toda vermelha.

— Num é verdade, — respondo. — Você é um idiota, Jack.

Todos riem. Quer dizer, todos menos o Lugh. Ele ainda tá franzindo a testa enquanto enfia a camisa do Jack pela cabeça.

Dou um olhar bravo pro Jack e ele pisca pra mim. Fico ainda mais vermelha.

— Viu? — ele fala. — Ela num consegue evitar.

Eu podia dar um chute nele por me fazer de boba. Mas podia dar um beijo nele por levantar um pouco o ânimo.

Considerano o que a gente pode ter adiante, isso é uma coisa boa.

A gente chega na Colina do Pinhal quando o sol tá começando a nascer no leste. Vai ser outro dia quente. Quase dá pra ouvir a terra cansada suspirando pra encerrar o dia.

— Tá aí, — Ike fala.

Uma planície poeirenta de terra vermelha se estende diante da gente. Na nossa frente, uma colina arredondada se eleva da planície. Tem um pequeno bosque de pinheiros mirrados no topo e umas rochas grandes que vão dar uma boa cobertura pra gente. E, como o Jack falou, uma encosta íngreme de pedras soltas e xisto escorregadio.

Se eles forem atacar, vão ter que desmontar dos cavalos e vir pra cima da gente a pé. E a gente vai tá melhor situado.

É um lugar estranho essa planície onde a gente vai firmar a nossa posição. Seca e com jeito de morta, e é vermelha pra todo lado que se olha. Como o coração

dum fogo. Pedras vermelhas, terra vermelha.

Vermelho como a tempestade de poeira na Lagoa da Prata no dia que os Tonton apareceram.

Numa distância pro oeste da colina, um despenhadeiro comprido e escarpado se eleva bem alto acima da planície.

No leste, um grupo de dedos rochosos compridos se ergue, tentano tocar o céu. São muitos, aglomerados. Altos, finos e pontudos. Parecem cruéis. Afiados. Feito dentes. Dentes vermelhos. A minha nuca arrepia.

— Que diabo é aquilo? — pergunto.

— São chamadas de Chaminés do Diabo, — Jack fala.

A Ash estremece.

— Eles me deixam nervosa, — ela comenta.

— A gente vai até a base da Colina do Pinhal o mais rápido possível.

— E os cavalos? — Lugh questiona.

— A gente pode precisar deles, — Jack diz.

Ele num diz, mas todo mundo sabe que ele quer dizer no caso de tudo dar errado e a gente ter que fugir.

— Eu quero o Hermes comigo, — falo. — Eles vão tá bem escondidos naquelas árvores.

Desmonto. Levo o Hermes colina acima, ziguezagueano pelo terreno de xisto solto. As patas dele deslizam e escorregam, mas falo com ele baixinho e ele num reclama. Ele confia em mim. Assim como eu confio nele. Os outros vêm atrás, e a gente vai andano, devagar e com cuidado, até o alto.

O Jack tem razão. A gente vai conseguir ver o Pinch cheganando pela planície bem de longe.

Dou um tapinha no traseiro do Hermes, e a Ash e o Ike conduzem os cavalos pra acomodar eles nas árvores atrás da gente. Enquanto isso, eu, o Jack, o Lugh e o Tommo dividimos a munição. Tem uma boa quantidade de flechas pra cada um, mas ainda assim o meu coração fica apertado ao ver a pilha.

O Tommo olha pro Jack. Os olhos castanhos dele tão sérios, preocupados.

— Num tem suficiente, — ele fala.

— A gente tem bastante, garoto, — Jack diz. — Num se preocupa.

— Eu num tenho arma, — Lugh fala.

O Tommo tira a besta dele por cima da cabeça. Entrega pro Lugh.

— Ela é boa, — Tommo fala. — O Ike fez pra mim.

— Num posso aceitar, — Lugh diz. — O que você vai usar?

— Atiradeira, — Tommo fala, mostram.

— Se você tem certeza, — Lugh fala. — Obrigado, Tommo.

O Ike e a Ash se juntam à gente.

O Jack entrega o olhador pro Tommo.

— Quer ficar de vigia? — ele pergunta.

— Que tal, filho? — Ike fala.

— Vigiar é o trabalho mais importante que existe.

O Tommo abre um sorriso grande.

— É mesmo?

— É mesmo. Agora, vai escolher a árvore com a melhor vista da planície. Sobe até o topo e fica olhando. No instante que você vir alguém chegando, grita. Bem alto. Entendeu?

— Entendi, — Tommo fala.

Ele tá virano pra sair quando o Ike pega o braço dele.

— Se tiver alguma luta, Tommo, fica perto de mim. Num sai por aí sozinho. Entendeu, filho?

— Num se preocupa, Ike. — O Tommo sorri. — Eu protejo você.

Segurano o olhador junto do peito, ele corre pra escolher um ponto de observação.

— Ele me protege, — Ike resmunga. — Uma luta num é lugar pra um garoto que num consegue ouvir. Nunca devia ter trazido ele.

— Ele vai ficar bem, — Jack fala. — Num se preocupa. Você falou pra ele ficar com você e ele vai ficar.

— Então, qual é o plano? — Ash pergunta.

O Jack olha pra mim. Me abre o sorriso torto dele. Sorrio em resposta.

Os olhos de luar prateado do Jack. A calma no centro deles. Como águas tranquilas.

— A gente vai ter que improvisar, — falo.

A Ash revira os olhos.

— Como é que eu sabia que você ia dizer isso?

— E agora? — Lugh fala.

— Agora, — Jack conclui, — a gente espera.

A gente agacha atrás das pedras grandes no alto da colina, de costas pros pinheiros. A planície se abre na nossa frente, grande e nua.

Eu e o Lugh tamos sentados com as costas apoiadas numa pedra grande. Bem juntos. Nossos ombros se tocam.

— Ah, — falo, — Quase esqueci. — Meto a mão no bolso. Tiro o colar. O anelzinho de vidro verde-brilhante amarrado numa tira de couro. Entrego pra ele.

— Achei isso caído na estrada, continuo.

— Eu tava me perguntando onde isso tinha ido parar.

— Sorte sua que eu tava passano por ali.

— É, — ele concorda. — Sorte minha mesmo. A gente fica quieto um tempo, então ele me cutuca com o cotovelo. — Então, e esse Jack?

— O que tem ele?

— Parece que tem alguma coisa entre vocês dois, — ele fala.

Sinto um calor subir pelo meu pescoço e pras minhas bochechas.

— Num tem coisa nenhuma, — respondo.

— Olha só pra você. Que péssima mentirosa. Então. Você gosta dele. Onde você conheceu ele? — A voz dele parece toda tensa. Ele tá espetano o chão com a ponta da besta.

— Na Vila Esperança, — digo. — Eu num teria achado você a tempo se num fosse por ele.

Ele me olha de esguelha.

— Preciso dar uma surra nele?

— Num seja tão imbecil. Não. Você num precisa dar surra nele.

— Ótimo, — ele fala. — Porque eu sou um homem perigoso agora. Um homem duro.

— Homem duro, — repito. — Até parece.

A gente se empurra com os ombros. E fica quieto um tempo.

Então ele fala, — Você sabe o que eu mais detestei? Além de tá longe de você?

— O quê?

— Pensar no Pai. Pensar em como falei com ele naquele último dia. Lembrar todas aquelas coisas horríveis que eu disse pra ele. Que ele morreu acreditano que era aquilo que eu achava dele.

— Ele sabia que você num tava falano sério, — comento.

— É culpa minha que ele morreu, — Lugh fala. — Eu sinto... É como se eu tivesse matado ele.

— Como é que você pode dizer isso? Os Tonton mataram ele, não foi você. Você

amava o Pai e ele amava você. Ele num fala nada. Só fica olhando pro chão. Você num matou ele, — digo. — Nunca mais fala isso.

O sol começa a nascer.

A gente fica quieto.

E espera.

— Eles tão chegando! — Tommo grita do ponto de observação dele no alto da árvore.

— Quantos? — Ike grita.

O Tommo levanta três dedos.

— Que diabo! — Ash fala.

O Tommo desce da árvore rápido que nem um lagarto. Ele se joga no chão do lado do Jack

O Jack pega o olhador e enfia na cara. Abaixa ele devagar.

— É o Pinch, ele fala. Ele tá mesmo com a Emmi. Mas só tem dois Tonton com ele. O que ele tá pensando?

Ele joga o olhador pra mim. — É verdade, só tem três pessoas cruzando a planície a cavalo na nossa direção. Eles cavalgam bem juntos um do outro. O DeMalo e outro Tonton. Um de cada lado do Pinch.

Miro o olhador no Pinch. Ele tá montado num garanhão branco grande. E ainda tá vestido como ontem de noite. Um manto dourado comprido com pedras cintilantes e pedaços de espelho e discos brilhantes. Mas tá todo queimado e esfarrapado. A perna direita dele tá esticada pro lado. Tá envolvida com placas de metal e tiras, quase como uma gaiola. Ele tá com o rosto e a cabeça enrolados numa shima dourada.

E, junto com o Pinch, acomodada no peito dele como se ele tivesse todo o direito

de tá com ela ali, a Emmi. Ela parece tão pequena, tão magrinha, tão pálida. Mas tá com a cabeça erguida. Ela num vai deixar ele ver que tá com medo. Meu coração aperta.

O Lugh agarra o olhador pra ver também.

— Emmi, — ele fala. — Ela parece bem. Parece que ele num machucou ela.

— Se ele tiver feito alguma coisa, eu arranco a cabeça dele, — Ike fala.

— Parece que tá na hora, — Ash diz.

— Todo mundo pronto? — Jack pergunta.

A gente encaixa flechas nas cordas das nossas bestas. Se esconde atrás das rochas e espera. E espera. O meu coração tá batendo feito louco. A minha boca tá seca.

— Eles tão aqui, — Tommo fala.

A gente levanta a cabeça por cima das rochas. E mira.

Eles pararam um pouco afastados do pé da colina. No alcance dum grito.

O Pinch avança um pouco com o garanhão branco dele. O cavalo joga a cabeça e se agita um pouco.

Parece que ele num confia na pessoa montada nele.

— Emmi! — grito. — Você tá bem? Eles machucaram você?

— Não! — A voz dela soa fraca e trêmula. — Eu tô bem!

— Uma tática clássica de batalha, — Pinch grita. — Forçar seu inimigo a atacar em terreno elevado. Mas não existe inimigo aqui. Apenas seu Rei.

— Você num é meu Rei! — Ike grita.

— Ike! — Jack sussurra. — Você num tá ajudando.

— Mas ele num é.

— Vocês deixaram algo para trás, — Pinch grita. — Algo de valor. O Rei achou por bem devolvê-la a vocês.

— Solta ela! — grito.

Ele tira uma garrucha de dentro do manto. Aperta ela na têmpora da Emmi.

— Ele não gosta de crianças, — Rei fala. — Tão barulhentas. Tão sujas.

— Solta ela! — Lugh fala, levantano. — Sou eu que você quer.

Tento puxar ele pra baixo, mas ele me empurra.

— Você desagradou seu Rei gravemente, — Pinch fala. — Ele o escolheu com grande cuidado, mas você é idiota demais para perceber a grande honra que lhe foi concedida. Todos os anos de planejamento... desperdiçados. Suas muitas gentilezas com você... Um convidado em seu Palácio real... E você lhe paga com humilhação. O Rei não está acostumado a ser humilhado.

— Eu volto com você, — Lugh fala. — O que você quiser. Só larga a minha irmã.

— Você feriu o Rei com sua ingratidão, — ele fala. — Mas você não interessa mais a ele.

Dedos frios de medo começam a percorrer a minha espinha.

— Então me leva, — Ike fala. — Fui eu quem mostrou a eles onde encontrar você.

— O gigante valente, — Pinch fala. — Não. Você também não serve.

Para de enrolar, o Lugh fala. — O que você quer?

— Não o quê, — ele responde. — Quem.

Ele aponta pra mim.

— O Rei a quer, — ele fala. — O Anjo da Morte.

— Pra quê? — Ike grita.

— O Rei deseja conferenciar com ela, — Pinch fala. — Ter uma conversinha amigável.

No mesmo instante abaixo a minha besta e dou um passo pra frente.

O Lugh agarra meu braço.

— O que você tá fazendo? Você num pode descer lá.

— Ele pegou a Emmi, — falo. — É claro que vou conversar com ele.

— Ele num quer conversar com você. Olha pra ele. O homem é louco.

— É muito perigoso, Saba, — Ash diz.

— O que ele quer com você afinal? — Lugh pergunta.

— Ela matou os pais dele lá na Vila Esperança, — Jack conta. — Quase matou ele também.

— Foi um acidente, — falo.

O Lugh solta um palavrão.

— Por que você num contou nada?

— Num pensei que fosse importante, — respondo.

— Eu voto pra gente atacar, — Ike fala. — Nós somos seis e eles são só três.

— Ike, ele tá apontando uma arma pra cabeça da Emmi, — digo. — Pra mim, a gente num tem opção. Eu vou descer.

— Não, — Lugh diz — Bora pensar noutra coisa. Você num vai. Eu proibo.

— Ela é a minha irmã, — falo.

O Jack pega a minha mão. Eu olho pra ele. Sei no que ele tá pensando.

— *Se eles tivessem levado a Emmi, a Emmi e não o Lugh... Você teria ido atrás dela?*

Quando ele me fez essa pergunta lá no Bosque Escuro, a resposta era não. Se ele me perguntasse de novo, se me perguntasse agora, eu responderia que sim. Sem parar pra pensar. Sim.

Ele aperta a minha mão e fala, — O que quer que ele disser, num confia nele. A gente tá bem atrás de você.

— Saba! — Lugh diz. — Volta aqui!

Eu começo a descer a colina, meus pés escorregano nas pedras. Paro quando tô a uns dez passos do Pinch e da Emmi.

— Tudo bem, Em? — pergunto.

— Sim, — ela sussurra.

— Essa é a minha garota.

— Que comovente, — Pinch fala. — Jogue suas armas no chão.

Puxo a aljava por cima da cabeça e coloco ela no chão, do lado da minha besta.

— Isso é tudo?

Faço que sim com a cabeça.

— Reviste-a, — ele fala pros homens dele.

Eles desmontam.

O DeMalo caminha na minha direção. Aquele rosto fechado. Aqueles olhos sombrios que miram meu rosto de relance, apenas uma vez, enquanto ele começa a me revistar. A sensação das mãos dele em mim. Rápido. Leve. Frio. Prendo a respiração. Ele acha a faca na bainha da minha bota. Pega ela, junto com a minha besta e a aljava.

— Ela está limpa, — ele avisa pro Pinch.

— Pegue a criança, — Pinch fala. — Se o Anjo aqui tentar alguma coisa, quebre o pescoço dela.

Enquanto o outro Tonton me vigia, o DeMalo pega a Emmi. O Pinch desliza de cima do cavalo dele. Desce desajeitado no chão, apoiado na perna engaiolada, e solta um palavrão.

O DeMalo devolve a Emmi pra ele, que segura ela na frente do corpo, a garrucha na cabeça dela de novo. Ele dá alguns passos na minha direção, mancando. Tá encharcado de suor. Deve tá sentindo muita dor.

Eu sinto o cheiro dele daqui. Aquele cheiro azedo, doce, podre.

— Então, — Pinch fala, — Enfim. O Anjo da Morte. O Rei tem contas pessoais a ajustar com você.

— O quê? Porque peguei o meu irmão antes de você queimar ele?

— Seu irmão, — ele fala. — É claro. Essa tatuagem em sua face. O Rei deveria ter matado você na ocasião e evitado muitos problemas. Não, não é isso.

— Então o quê? — pergunto.

Ele tira a shima do rosto. Tá horrível. Queimado. Pele em carne-viva, vermelha e inflamada. A tinta dourada tá toda descascada e fundida na pele do rosto dele.

Ele me encara, a respiração ofegante. Os olhos negros dele são duros. Cheios de ódio e... E mais alguma coisa. Loucura.

— Veja o que você fez, — ele fala.

Num falo nada.

— Veja o que você fez! — ele grita.

— Foi um acidente, — explico. — Eu num queria fazer isso.

— A perna do Rei. Veja o que você fez à perna dele.

— Você tava perseguindo a gente, — falo, — E o barco de terra virou. Eu num fiz ele virar. Foi um acidente.

— Não! Foram! Acidentes! — ele grita com toda a força.

Todas as veias no pescoço dele saltam, e ele fala cuspindo.

Dou um passo pra trás. A Emmi me encara com olhos arregalados. O rosto dela tá branco.

— O Rei exige sua vida como pagamento, — Pinch fala. — É simples. Você se entrega a ele e todos ficam livres. Seu precioso irmão, sua irmãzinha inocente e seus amigos.

Num falo nada.

— Ninguém a está segurando, — ele fala. — Você é livre para ir embora. Mas, no momento em que fizer isso, o dedo dele irá escorregar e... bam! É o fim de sua irmãzinha.

Eu olho pra ele. Paralisada.

O DeMalo tá me observano, o rosto dele neutro.

Pensa, Saba, pensa!

— Ah, — Pinch fala, — Tantas perguntas passando por sua cabeça. Será que ele tem mais homens? Escondidos esperano? Seus amigos provavelmente lhe disseram para não confiar nele. Você está pensando, como vou saber se ele vai manter a palavra? — Ele faz uma pausa. E então continua, — Você não tem como saber. É o que torna isto tão delicioso.

— Solta ela, seu desgraçado, — falo.

O rosto dele contorce. Ele dá um tabefe com as costas da mão no rosto da Emmi, e ela cai no chão. Ele imediatamente levanta ela pelo braço. Tem uma marca vermelha feia se espalhamo pela bochecha dela.

— A culpa é sua, — ele fala.

A fúria me invade.

— Eu faço o que você quiser, — digo, — Mas primeiro você solta ela.

— Uma demonstração de boa-fê? — Ele balança a cabeça. — Não.

Sinto suor escorreno pelas costas. Olho pra Emmi. Olho pra trás, pro Lugh, pro Ike, pro Tommo, pra Ash. Me observano. Esperano. E o Jack Ah, Jack

Nenhum deles se mexe.

O sangue lateja nos meus ouvidos. O coração tá na garganta. O meu estômago revira.

Viro pro Pinch.

— Você venceu, — falo.

Levanto as mãos devagar.

Ele acena. O DeMalo fica parado e o guarda Tonton corre até mim. Ele puxa as minhas mãos pra trás e amarra com força.

— Agora solta a minha irmã, — digo.

O Pinch num se mexe. Ele fica ali parado, me encarano por um momento muito, muito longo. Então os lábios dele esticam no rosto arruinado. Ele tá sorrino.

— Para cada vencedor, — ele fala, — Deve haver um perdedor.

Ele levanta a mão. O DeMalo leva até os lábios um pedaço retorcido de metal e sopra. Um barulho alto rasga o ar. Um bando de pássaros sai voano.

Olho pra todos lados, o coração acelerado.

Vários Tonton saem do bosque no topo da colina. Bem atrás do Lugh e dos outros. Doze, com bestas e garruchas apontadas e engatilhadas. Eles devem ter dado a volta e chegado na colina pelo norte.

Ouçõ um som estranho. Como... um martelo bateno num prego. Giro.

Atrás do Pinch, da direção de Campos da Liberdade, aparecem mais Tonton, pelo menos cinquenta homens armados. Eles correm na nossa direção, atravessano a planície, manteno o ritmo do outro. O chão treme enquanto eles se aproximam.

Enganada.

Presa.

Sem saída.

Os Tonton se alinham em formação atrás do DeMalo.

Vejo os meus amigos baixando as armas. O Jack e o Ike, o Lugh e a Ash, e o Tommo. Os Tonton na colina fazem eles deitarem no chão com as mãos atrás da cabeça. Quando resistem, levam chute nas costas.

Então.

Depois de tudo o que a gente fez, depois de tudo o que a gente passou, é assim que termina. Nem mesmo a chance de morrer lutando. De morrer juntos.

Doze Tonton na colina. Mais cinquenta aqui embaixo. O Pinch não vai deixar a gente morrer fácil. A minha boca tá seca. A fúria sumiu.

Eu sou pequena. Fraca. Sozinha.

— Saba, — Emmi fala. — Saba, faz alguma coisa.

Ela começa a chorar.

— Por favor, — peço pro Pinch. — Você não tem motivo nenhum pra machucar ela. Deixa ela e o garoto irem. Eles não fizeram mal nenhum pra você.

— Ah, não, — ele diz, — Eles serão os primeiros. Para que vocês outros possam ver o que lhes está reservado.

Fico de joelhos.

— Por favor, — falo. — Deixa eles irem.

Uma longa pausa.

— Não, — ele responde.

Olho pro DeMalo.

Os nossos olhares se cruzam.

Me ajuda.

Os meus lábios se mexem. Mas nenhuma palavra sai.

O Pinch acaricia o rosto da Emmi com a garrucha.

— Devagar ou rápido, — ele fala. — Corte ou tiro.

Ele beija o alto da cabeça dela, olhano pra mim.

— Por favor, — imploro. — Por favor.

Ele respira fundo.

— Não há nada igual, não é? — ele diz. — O cheiro de medo.

De repente um grito rouco ecoa... crá! crá! crá!

Um pássaro preto aparece no despenhadeiro vermelho do oeste.

É um corvo.

O meu coração para.

O tempo para.

Um burburinho de cascos. Uma longa fileira de cavalos e cavaleiros aparece na beirada do despenhadeiro. São as Gaviãs Livres. Mas num são só elas. Deve ter mais uns trinta e tantos que num são do bando. A Maev tá bem no meio. O Nero voa acima de mim, grasnando triunfante.

A fúria toma as minhas entranhas. Me força a agir. Levanto num pulo.

— Nero! — grito.

Um grupo pequeno de Gaviãs Livres, talvez umas dez, sai correndo do bosque na Colina do Pinhal. Elas pegam os Tonton completamente de surpresa. O Lugh, o Jacke e os outros levantam rápido e pegam as armas. A luta começa.

A Maev desce o despenhadeiro a toda numa nuvem de poeira vermelha, com cavaleiros espalhados atrás dela. Eles uivam e gritam e vão direto pros Tonton enfileirados atrás do DeMalo. Flechas saem voando na frente. Os Tonton começam a recuar, gritar, quando as flechas atingem os alvos.

— O quê? — Pinch grita. — O que é isso? Ele olha em volta, frenético.

O DeMalo vem na minha direção. Ele tá com a minha besta e a aljava

penduradas nas costas. Tá segurano a minha faca.

— Isso! — Pinch fala. — Rasgue-a!

O DeMalo para bem na minha frente. Solta a besta e a aljava nos meus pés.

— O que... o que você está fazendo? — Pinch pergunta.

O DeMalo passa os braços em volta de mim. Olha nos meus olhos. Com um gesto, ele corta as amarras que prendem as minhas mãos atrás das costas.

— DeMalo! — Pinch grita.

— Até a próxima, — DeMalo fala baixinho.

Ele joga a faca em cima das minhas outras armas. Vira pra ir embora.

— DeMalo! — Pinch grita. — Você está louco?

O DeMalo monta no cavalo e vai embora, pra longe da luta, voltano na direção de Campos da Liberdade. Alguns Tonton veem ele e correm atrás.

— DeMalo — Pinch berra por ele. — DeMalo! Aonde você está indo?! Ataque! Ataque!

Ele fica rodopiano feito um cachorro louco, balançano a garrucha. Os lábios tão esticados em cima dos dentes. Como um animal selvagem numa armadilha. Ele ainda tá segurano a Emmi junto do peito. Ela parece aterrorizada.

Corro até ele, pulo pra cima numa voadora. Chuto a mão dele e a garrucha sai voano. Ele grita de dor e gira.

— Corre, Emmi! — grito.

O Pinch vem pra cima de mim. Uma flecha assovia pelo ar. Acerta ele no peito. Ele grita. Cambaleia e cai pra trás. Procuro pra ver quem me salvou.

A Maev vem galopano. Ela traz o Hermes atrás dela. Ele empina, relinchano de empolgação.

— Já era hora, — falo. — Quem são os seus amigos?

— Os bandidos da estrada ocidental, — ela conta. — A gente fez uma trégua. Eles são um bando de loucos. Quando ouviram que poderia ter uma luta, eu num consegui deixar eles pra trás. Ela me joga as rédeas do Hermes. Só por

curiosidade, você sai procurando problemas ou os problemas simplesmente encontram você?

— Bem que eu queria saber, — falo.

— Até mais! — ela diz.

Ela vai embora pra entrar na briga.

Monto a Emmi no Hermes. Ponho as rédeas nas mãos dela.

Aponto pro despenhadeiro de onde as Gaviãs acabaram de descer.

— Tá veno aquilo? Vai lá pro alto. Fica fora do caminho até isso aqui acabar e, pela mor de deus, dessa vez fica lá.

— Mas eu quero lutar! — ela fala. — Você precisa me deixar lutar!

— De jeito nenhum! Eia! — Eu bato no traseiro do Hermes e ele dispara feito um tiro. — Ele vai manter você segura.

Na Colina do Pinhal, a luta acabou. Tá tudo quieto. Os doze Tonton ou tão mortos ou fugiram.

Caído no chão, o Pinch num se mexe. Uma flecha brota do peito dele. Ele num vai levantar tão cedo.

O Nero grasna. Ele desce. Estendo o braço e ele pousa. Faço carinho nas penas, beijo a cabeça preta e macia dele, respiro o cheiro poeirento de pássaro.

— Maldito seja, Nero, — falo. — Você num se apressou mesmo.

Ele é um corvo que gosta de animação, o Nero. Se tem alguma coisa acontecendo, ele num vai ficar parado. Ele bate as asas pra mim, grasna e sai voando pra ver a ação lá do alto.

Começo a correr. Vou pro meio da luta. Gaviãs, bandidos da estrada ocidental e os meus amigos contra os Tonton. A empolgação percorre o meu corpo todo, acelera os meus pés.

Puxo uma flecha da aljava enquanto corro. Carrego a besta. Começo a disparar no instante que vejo um manto negro.

O Ike tá na borda da confusão, agitano uma espada longa e assustadora numa das

mãos e uma corrente farpada na outra. O Tommo tá atrás dele, ocupado com a atiradeira. O Ike sorri quando me vê.

— Isso aqui é o que eu chamo de briga! — ele grita.

Avanço pro meio da batalha. A certa altura, o Jack e eu tamos lutando de costas um pro outro. Depois o Lugh e eu. Depois a Ash e eu.

— Olha! — Ash grita. — O Pinch! Ele tá fugindo!

Eu avisto ele. Ele conseguiu arrancar a flecha do peito. Tá subindo no garanhão branco e grande. Devagar, com dificuldade.

— Já vi! — falo.

Corro direto pra cima dele. Enquanto ele monta no cavalo, disparo a minha última flecha. Ela acerta a perna machucada, e ele solta um grito.

Ele tenta puxar a flecha enquanto tateia procurando as rédeas. O cavalo empina. Ele relincha e se sacode pra derrubar o sujeito em quem ele confia.

Pulo pra cima do Pinch. Agarro a perna engaiolada. Ele chuta e a gaiola me acerta embaixo do queixo. Caio pra trás e bato com força no chão. Perco o fôlego.

Enquanto levanto com dificuldade, ele foge galopando. Na direção das Chaminés do Diabo. Olho em volta, frenética. Não tem nenhum cavalo por perto.

Então vejo a Ash galopando na minha direção. No mustangue preto que a gente pegou do estábulo do Pinch. Ele corre feito o vento.

— Rápido! — grito. — Ele tá fugindo! Deixa eu pegar o Titã! Ela desmonta na mesma hora e eu subo no lombo dele.

— Espera! — ela fala, segurando as rédeas. — A gente tá vencendo, Saba. Você recuperou o Lugh. A Emmi tá salva. Deixa ele ir.

— Não, — digo.

— O que importa?

— Importa pra mim. Solta, Ash.

— Então eu vou com você, — ela fala.

— Essa luta é minha. Num conta pros outros aonde eu fui. Me promete, Ash.

— Tá bem, se é isso que você quer.

Ela solta as rédeas. Recua.

Eu viro o Titã.

— Saba! Aqui! A Ash me joga a aljava pela metade dela, e eu pego. — Boa sorte!

— Eu vou voltar. Eia! Eia!

Meto os calcanhares no Titã. E a gente dispara pelas planícies na direção dos dedos vermelhos afiados das Chaminés do Diabo.

Gosto de correr com o Titã. Forte e selvagem. Ele consegue sentir a fúria queimano em mim. Tá queimano nele também.

O Nero voa acima da gente, um pouco adiante. Ele vai explorar o caminho.

As Chaminés do Diabo se erguem na nossa frente. Parecem ainda mais estranhas de perto.

Tem canais fundos escavados nas encostas altas e íngremes. Pontas afiadas. Aglomeradas bem juntas. Começo a ver fendas. Umas poucas árvores finas pendem da terra vermelha e seca.

Eu tava observano o Pinch. Ele desapareceu por uma fresta nas rochas. Passo com o Titã pelo vão. A gente tá numa trilha estreita e desgastada na terra que contorna as rochas. Imediatamente, vejo as pegadas do cavalo do Pinch.

Aqui é sombrio. Parece que tô no fundo dum desfiladeiro.

E é silencioso. Um silêncio pesado. Como se as próprias rochas tivessem prendeno a respiração.

Mas sempre tem alguma coisa pra escutar, mesmo no silêncio.

Adiante, um cavalo nervoso relincha. Bate as patas no chão. Sempre tem alguma coisa pra cheirar. Aí. Um cheirinho bem suave. Ácido, doce, podre. O cheiro do Pinch.

Então, um eco.

Paro o Titã. Espero o som morrer. É o som de pedras caíno. E um som fraco de coisa raspano, do Pinch arrastano a perna ferida.

Desço do Titã.

— Espera aqui, — sussurro.

Tem duas Chaminés mais arredondadas e suaves que as outras. Dá pra ver um caminho subino entre elas. Eu começo a escalar.

A terra é seca e solta. Eu me movo com cuidado, tentano num fazer barulho. O Nero desce pra ver o que eu tô fazeno. Ele pula e voeja de rocha em rocha, sempre na minha frente. Levo o dedo até os lábios pra ele saber que num é pra grasnar.

Chego no topo. Confiro que o Pinch num tá por perto. Termino de subir. Tô no topo duma Chaminé plana. Tem marcas na terra, feitas pela perna dele arrastano. Ele num pode ter ido longe. Deve tá sentino muita dor.

Tiro a besta das costas. Coloco uma flecha na corda. Então vou seguino as marcas no chão. Elas acabam na beirada da minha Chaminé plana.

Faço o Nero voar. Quase na mesma hora ele começa a traçar círculos no ar. Ele achou o Pinch. Parece que ele tá na Chaminé aqui do lado. Ela sobe bem alto.

O Pinch deve tá do outro lado.

Tem um espaço pequeno entre as Chaminés. Menos de um metro. Só tem um pedacinho de rocha plana onde aterrisar, depois uma saliência estreita ino pra esquerda e sumino pela curva.

Ele pode tá logo depois da curva. Ele tem a garrucha. Mas tá ferido. Tá fraco. Talvez até morreno.

O diabo num é assim tão fácil de matar.

Olho pro Nero, ainda voano em círculos. Ele parece calmo.

Pulo por cima da fenda e caio suave. Tô na Chaminé com o Pinch.

A minha respiração fica presa na garganta. Firmo as costas na rocha.

Então começo a percorrer de lado a saliência.

Faço a curva bem devagar.

Fica pronta.

Eu me mexo lentamente. Vou sentino o caminho com o pé direito. Num faço um som. Só vou ter chance se pegar ele de surpresa.

Fica pronta.

A saliência começa a alargar. Mais. Mais. Tô fazeno a curva.

Agora.

Eu me movo rápido. A minha besta engatilhada.

Vejo tudo num relance.

Tô numa saliência larga na lateral da Chaminé. O Pinch tá sentado numa pedra, descansano a perna.

Ele levanta a cabeça, assustado. Tenta alcançar a garrucha.

Atiro a flecha.

Ela raspa na mão dele.

Ele grita, mas continua tentano pegar a garrucha.

Num tenho tempo pra recarregar a besta.

Pulo nele. Derrubo ele da pedra.

De algum jeito ele conseguiu segurar a garrucha. Tenta enfiar ela embaixo do meu queixo. A gente luta e derrubo a arma da mão dele.

Ele me dá um soco embaixo do queixo. Acerta na parte mole.

Num consigo respirar. Ele tá apertano a minha garganta. Agarro a mão dele com as minhas. Tento me livrar. Chuto e me retorço.

Mas ele é mais forte do que podia imaginar.

O fedor rançoso do hálito e do suor dele enche as minhas narinas.

— Não há como fugir desta vez, — ele fala.

Eu puxo o manto. Então arranho o rosto queimado dele.

Ele grita e se afasta de mim.

Pulo pra pegar a minha besta. Deixei a aljava cair quando pulei no Pinch e as minhas flechas tão todas espalhadas. Eu me arrasto pelo chão, tentano pegar uma.

Mas o Pinch tá de pé. Segurano a garrucha com as duas mãos. Apontano direto pra mim.

Recuo o máximo possível. Me aperto contra a rocha.

O Pinch vem na minha direção. O rosto dele tá sangrando onde eu arranhei. Ele tá um estrago terrível. Sangue e carne queimada e tinta dourada descascano.

Alguma coisa afiada tá cortano a minha mão. Eu tô segurano alguma coisa. Um pedacinho de espelho do manto do Pinch. Eu devo ter arrancado.

De repente o sol bate nele. Lança um feixe forte de luz.

O Pinch levanta a mão. Cobre os olhos.

Uma chance. Eu tenho uma chance.

Jogo luz nele de novo. Então me mexo. Rápido. Em silêncio.

Ele aponta a garrucha pra onde acha que eu tô.

Eu me mexo. Jogo luz mais uma vez. Me mexo.

Ele fica virano a garrucha pra todo lado.

— Fique parada! — ele grita.

Eu jogo luz. Me mexo.

Ele atira.

Eu me esquivo.

O tiro passa longe. Ricocheteia na pedra, mandando poeira vermelha pra todo lado.

Enquanto o eco morre, enquanto a poeira assenta, vejo o Pinch.

Ele tá a poucos passos da borda da saliência. Parece surpreso. Tem sangue jorrando do pescoço dele. O disparo rasgou ele. O Pinch põe a mão no pescoço. Olha os dedos vermelhos e molhados como se num pudesse acreditar no que tá veno. Então aperta a ferida.

— Mas eu sou o Rei, — ele fala.

— Você num é Rei nenhum, — digo.

— Eles disseram que você era o Anjo da Morte, — ele fala e dá um passo na minha direção, o sangue escorrendo por entre os dedos. — Eu não acreditei neles.

De repente o Nero mergulha em cima dele, grasnando e batendo as asas. O Pinch levanta os braços. Cambaleia. Recua e pisa no ar.

Corro até a beirada.

Ele tá caído de costas. Os braços e as pernas estendidos. Os olhos arregalados.

Empalado pela ponta afiada da Chaminé lá embaixo.

O Nero desce devagar e pousa no meu ombro.

Era de esperar que eu sentisse alguma coisa. Alegria ou alívio ou triunfo ou...
Alguma coisa. Mas não. Num sinto nada.

O vento uiva por entre os dentes vermelhos das Chaminés do Diabo.

O som de pássaros acima de mim. Eu olho pro céu. Os abutres já tão começam a traçar círculos.

— Vamos dar o fora daqui, — falo.

Quando chego no campo de batalha montada no Titã, já tá tudo seno arrumado.

Eu avisto o Lugh. Ele tá sentado no chão, um pouco afastado, com cara de exausto. Quando me vê, ele levanta a mão. O Jack e a Ash tão ajudando algumas Gaviãs feridas. Por sorte, num parece muito ruim. Mas a gente perdeu duas Gaviãs e um dos bandidos. Eles tão seno amarrados no lombo dos próprios cavalos pra serem levados de volta pro Bosque Escuro e colocados numa pira funerária.

A Emmi chega no Hermes. Ela desmonta, corre até o Lugh e se joga nos braços dele.

Todos os outros tão circulando, recolhendo armas e qualquer coisa que possa ser útil. O Ike tá curvado sobre um Tonton morto, conferindo o que ele tem. O Tommo tá em pé do lado, olhando pra ele.

Um movimento atrai os meus olhos. Um Tonton. Caído no chão não muito distante do Ike e do Tommo. Ele levantou apoiado em um dos cotovelos.

Levanta a garrucha. Mira.

— Ike! — grito.

Ele se endireita. Vira.

Eu puxo a minha besta. Pego uma flecha. Carrego. Atiro.

Tudo acontece ao mesmo tempo. Tudo acontece muito rápido. O Tonton atira no mesmo instante que o Tommo se joga na frente do Ike. Os dois caem.

A minha flecha acerta o Tonton.

— Ike! — grito. — Tommo!

Galopo até lá e pulo do cavalo. Chego na mesma hora que o Jack.

O Tommo tá caído em cima do Ike. Seguro ele nos braços. Ele fica parado, inerte. Os olhos fechados.

— Não! — Eu soluço, sacudindo ele. — Não, Tommo!

Ele estremece e acorda. Os lindos olhos castanhos me encaram, atordoados. Abraço ele, seguro bem forte junto do peito.

O Jack virou o Ike. Ele ajoelha do lado do amigo, sentino o pescoço.

— Droga, — Ike, ele fala baixinho.

Ele olha pra mim e eu sei.

— Ike? — Tommo fala. — Cadê o Ike? Eu quero o Ike!

Eu abraço ele ainda mais forte enquanto ele tenta se soltar de mim. Num quero que ele veja. Num quero que ele saiba.

Percebo o instante que ele avista o Ike. O corpo dele fica paralisado. Eu solto. Ele levanta. Vai até o Ike, senta no chão, do lado dele, e pega na mão dele.

— Não, — ele fala. — Num me deixa, Ike. Você também, não. Lágrimas enormes começam a rolar pelo rosto dele. Ele balança pra frente e pra trás, apertano a mão do Ike no coração. Repetino sem parar, — Num me deixa, num me deixa, num me deixa.

Construímos uma pira no meio do campo de batalha. Uma boa pira, digna dum guerreiro. Colocamos o Ike nela.

O Jack fala algumas palavras. Palavras boas. Sobre amizade. Outras coisas também, mas principalmente amizade. Então ele, eu e a Ash acendemos a pira.

A gente fica ali em silêncio. Todos nós e todas as Gaviãs Livres e todos os bandidos da estrada ocidental. A gente observa as chamas lambeno a madeira, pegano na roupa dele e começam a queimar.

O Tommo tá sozinho, um pouco afastado. Num deixa ninguém tocar nele. Num quer ser consolado. O Lugh passa o braço na Emmi. Ela chora.

O Ike destemido, gentil, engraçado. Com a grande gargalhada e o grande coração dele. Penso na Molly Pratt, a criatura mais gloriosa que já respirou. Ela ainda deve tá esperano por ele. Ele queria que ela conhecesse o Tommo. Achava que podia acabar virano um bom homem de família.

E eu também choro.

Enquanto a gente manda o Ike de volta pras estrelas.

Aperto a mão dele. Creed. Magricelo, descabelado, tatuado. O líder descalço dos bandidos da estrada ocidental. Os novos amigos e aliados da Maev.

— Obrigada, — falo. — A gente num teria conseguido sem vocês.

Ele faz uma reverência profunda pra mim e beija a minha mão.

— Foi divertido, — ele fala. Monta no cavalo. Me dá um sorriso grande de dentes brancos. — Me avisa na próxima vez que você quiser brigar.

Ele esporeia o cavalo e com um ip-ip-ip ele e seus bandidos saem em disparada pela planície.

— Tem certeza de que num quer vir com a gente? — Maev pergunta. Sempre tem lugar pra mais uma.

— Tenho, — falo.

— Foi legal da sua parte ficar com o garoto, — ela fala.

Ela olha pro Tommo ajudano o Lugh a aprontar os cavalos.

— O Jack diz que o Ike ia querer assim, — falo. — E ele vai ser boa companhia pra Emmi. Escuta, Maev, num sei como agradecer. Nenhum de nós ainda taria aqui se num fosse por você.

— Eu devia ter escutado o Jack, — ela fala. — Vindo com você desde o princípio. Mas, como eu sempre digo, antes tarde do que nunca. — Ela monta no cavalo e acena com a cabeça pro Nero. Ele tá empoleirado no ombro da Emmi, e ela tá fazeno um carinho caprichado no bico dele. — Você devia agradecer a esse seu pássaro, — ela continua. — Ele é incrível. Se algum dia você se cansar do Nero, num me incomodo de cuidar dele pra você.

— Acho que num vou me cansar, não, — digo. Me viro pra Ash. Ela sorri. Sinto lágrimas tocarem os meus olhos. — Ash, — falo. Puxo ela pros meus braços e a gente aperta com força. — Obrigada.

Ela num fala nada. A gente fica ali parada por um momento. Então ela recua.

— Num se mete em encrenca, — ela diz.

— Vou tentar.

O Lugh ajuda a Ash a montar e ela senta atrás da Maev. Como elas tão deixano três cavalos pra gente, ela vai voltar pro Bosque Escuro de carona.

O Lugh estende a mão. A Maev aperta.

— Obrigado, — ele fala. — Por isso e... Por ajudar a Saba e a Emmi. Talvez a gente veja vocês de novo um dia.

— Nunca se sabe, — Maev responde. Eles se olham. A minha mão, ela fala. Ele ainda tá segurano.

Ele solta devagar e recua.

— Tchau, — Ash se despede.

— A gente se vê, — Maev fala.

Ela dá meia-volta e as Gaviãs saem num galope pra se juntarem com as outras esperano no despenhadeiro. Quando chegam no topo, param e olham pra baixo. Então a Maev faz o cavalo empinar, pra se despedir, e depois elas vão embora.

O Lugh ainda tá olhano pra elas.

— É uma garota e tanto, — falo. — Você num acha? Lugh?

— Hein?

— A Maev, — digo.

— Uma garota e tanto.

— Ah, — ele fala. — É. Ela parece legal.

Ele começa a preparar os cavalos das Gaviãs pra partida.

— A Maev, legal? — resmungo. — Legal.

— Então, — Lugh fala, — Pra onde a gente vai?

— Que tal Dois Riachos? É tão bonito, Lugh, você num ia acreditar.

— De jeito nenhum. — O Lugh balança a cabeça. — Isso é andar pra trás. Pra mim, isso ficou no passado. A gente já viveu muito no passado com o Pai. A gente tem que ir pra frente, certo?

— Certo, — concordo.

— Eu voto pra gente ir pro oeste, — ele fala. — Pra Água Grande. Lá tem terrarica. Dizem que o ar de lá tem cheiro de m el.

— Quem disse isso? — quero saber.

Ele dá de ombros.

— Num lembro.

— Só quero que a gente fique junto, — falo. — Em algum lugar bem longe daqui. Um lugar seguro. Água Grande. Gosto do nome. O que você acha, Em?

— Pra mim parece bom também, — ela responde. — Tommo? — pergunto.

Ele faz que sim com a cabeça.

— Então é pro oeste que a gente vai, — Lugh confirma. — Num tem por que esperar. Bora logo.

— Espera, — falo, olhando em volta, — Pra onde é que o Jack foi? Alguém viu ele?

O Tommo aponta.

— Lá! — ele fala.

O Jack tá indo embora.

Cruzando a planície no cavalo branco dele. Ele tá indo pro leste.

Sinto a raiva tomar o meu corpo. Pânico. O meu sangue ferve.

— Ah, não, você num vai não, — falo.

Pulo nas costas do Hermes, esporeio ele e a gente dispara feito o vento. O Nero sai voando atrás da gente.

— Saba! — Emmi grita. — Diz pra ele vir com a gente!

Eu alcanço ele logo depois das Chaminés do Diabo. Ele vira quando ouve a gente chegano. Para. Aguarda.

Paro na frente dele e desmonto. Me aproximo e agarro as rédeas do cavalo dele. O sangue tá latejano nos meus ouvidos, a minha respiração tá ofegante. O meu coração bate forte no peito.

— Desce, — falo, fuzilano ele com os olhos.

— Não se você for me matar, — ele fala.

— Eu falei... Desce!

— Tá bem, tá bem, — ele diz, desmontano. — Pronto... Desci.

O Nero grasna quando pousa num arbusto próximo.

— Tô veno que você trouxe reforços, — Jack fala.

— O que você acha que tá fazeno? — pergunto. — Fugino assim. Escondido feito um... Feito um... Sem um tchau, sem um a gente se vê, sem nada. Só... Ino embora.

Ele franze a testa.

— Eu vou voltar, — ele fala.

Fico paralisada.

Encaro ele.

— O quê?

— Eu vou voltar, — ele repete. — Mas primeiro preciso cuidar de alguns negócios.

— Negócios. Mas que negócios? Eu achava que você fosse um ladrão, afinal de

contas.

— Ah! Encantadora! Eu nunca disse isso. Tem... Umas coisas que preciso fazer.

E tem uma pessoa esperano pelo Ike. Ela tem esperado faz muito tempo. Precisa saber o que aconteceu.

— Você quer dizer a Molly, — falo.

— Você sabe dela.

— O Ike me contou.

— Mas, depois de ver ela, eu volto. O plano é esse.

— Porque... Porque eu salvei a sua vida, — falo. — Três... Não, duas vezes. Do incêndio e depois da minhoca infernal. E foi você quem disse, quando você salva a vida de alguém duas vezes...

— Ela se chama regra de três, — ele rebate, — E não regra de dois. Eu devia saber, eu que inventei.

— Sabia!

— Olha, — ele continua. — Duas vezes, três vezes... Num é por obrigação. Num é por isso que eu vou voltar.

— Não?

— Não. É por você. Você.

Ele dá dois passos na minha direção.

— Você tá no meu sangue, Saba. Na minha cabeça. Você tá na minha respiração, nos meus ossos... Que Deus me ajude, você tá em toda parte. Desde o primeiro momento que pus os olhos em você.

O meu coração dá um pulo. Num ousou respirar. A pedra do coração tá queimando a minha pele.

Acho que me lembro, ele prossegue, de quando a gente se conheceu, e você disse... O que foi que você disse?

— Eu disse que... Você num fazia o meu tipo.

— E essa ainda seria... A sua opinião?

Eu olho pro Jack. Pros estranhos olhos prateados dele que vão de luar a granito num segundo, pro nariz torto, o lábio superior com uma covinha.

— Essa... não... seria a minha opinião... ainda, — respondo.

Ele me dá aquele sorriso torto.

— Vem cá, — ele fala.

— Não. Você vem cá.

Ele chega perto. Tem cheiro de artemísia, céu de verão e alguma coisa que é só dele. Só o Jack.

— E agora? — ele pergunta.

— Agora você me beija.

Ele me envolve nos braços e me aperta forte contra o corpo dele. Ele beija os meus lábios, os meus olhos, o meu rosto, os meus lábios. E eu beijo ele. Respiro ele como se fosse ar. Bebo ele como se fosse água.

Enfim ele se afasta, me segura com os braços estendidos.

— Tenho que ir, — ele fala.

— Você podia ir depois, — digo. A gente podia ir junto quando...

— Não, — ele fala. — Eu tenho que ir agora.

Ele começa a andar pra trás enquanto fala. Fica olhando pra mim o tempo todo.

— Mas como você vai me encontrar? — pergunto. — A gente num vai tá aqui. Você nem sabe pra onde a gente vai.

— Vocês tão indo pro oeste, pra Água Grande. Dizem que o ar lá tem cheiro de mel.

Ele monta no cavalo.

— Espera. Fica com isso.

Eu corro até ele, tentano pegar a pedra do coração. Ele inclina pra baixo. Passo

ela pela cabeça dele, em volta do pescoço.

— Ela... Ela vai ajudar você a me encontrar.

— Num preciso de pedra nenhuma pra encontrar você. Eu encontraria você em qualquer lugar. — Ele me beija de novo. Até me deixar tonta. Até as minhas pernas ficarem bambas. Então, — A gente se vê, — ele fala.

Faz um cumprimento com o chapéu, vira o cavalo e sai trotando. E começa a cantar.

Já rodei, perambulei, e o mundo inteiro vi

E muitos beijos provei

Mas só os lábios doces dela me fazem sonhar com ardor

Ó, Annie malvada, Annie cruel, meu amor.

— Saba! É o grito do Lugh. Ele, a Emmi e o Tommo tão vindo me encontrar. — Você tá bem? — Lugh quer saber.

Faço que sim com a cabeça. — Você num pediu pra ele ficar? — Emmi fala.

— Ele precisava ir pra um lugar, — respondo.

Subo no lombo do Hermes. O Nero voa pra pegar carona no meu ombro.

— A gente vai ver ele de novo? — Emmi pergunta.

— Um dia, — digo.

— Um dia em breve, — Tommo fala.

— Espero que sim — falo.

A gente vira os cavalos pro oeste.

— Ah! Quase esqueci! — A Emmi puxa do bolso a atiradeira do Lugh e entrega pra ele. — Eu tava guardano pra você, — ela fala.

Ele estende a mão e despenteia o cabelo dela.

— Obrigado. Vou ensinar você a usar.

— Num precisa, — aviso. — Ela atira bem.

— Ora, quem diria? — Lugh fala. — Acho que vou ter que arranjar outra coisa pra ensinar pra você, Em.

— Ou talvez eu ensine alguma coisa pra você, — Emmi fala. — Você num sabe tudo. Só acha que sabe.

O Lugh balança a cabeça.

— Passei mesmo tempo demais afastado, — ele diz. — Dá pra ver que você precisa aprender bons modos, Emmi. Falar assim com os mais velhos...

Fico um pouquinho pra trás. Vou escutano enquanto eles conversam e o Lugh faz a gente rir. Ele sempre faz.

A gente tá junto de novo.

O Lugh vai primeiro, sempre primeiro, e eu venho atrás.

E assim tá bem.

Assim tá certo.

É assim que tem que ser.

O Lugh vira. Sorri.

— Ei, — ele fala, — O que você tá fazeno aí atrás? Eu num faço ideia de aonde a gente tá ino. Vem pra cá e guia a gente.

E é o que eu faço.